

RAFAEL VILAÇA EPIFANI COSTA



ANGLO-CATOLICISMO

Da Inglaterra ao Brasil

Costa, Rafael Vilaça Epifani

Anglo-Catolicismo – Da Inglaterra ao Brasil -- Recife, PE: Laud;
Kindle Direct Publishing, 2026.

ISBN-13: 9798190291827

ASIN: B0HD79BZ47

1. Anglicanismo 2. Movimento de Oxford.

3. História da Igreja I. Título.

CDU

“Não temos doutrina própria. Possuímos apenas a doutrina católica da Igreja Católica, consagrada nos Cremos Católicos, e esses credos nós os mantemos sem acréscimo ou diminuição. Permanecemos firmes nessa rocha.”

Sua Graça, Revmo. Geoffrey Fisher,
99º Arcebispo de Cantuária

Dedico este livro a todos os anglo-católicos brasileiros, para que continuem perseverando no ensino dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações.

+ + +

Também faço uma menção honrosa à memória dos bispos anglo-católicos brasileiros, que se já se reuniram à *Igreja Triunfante*, e aqueles que ainda permanecem na caminhada da *Igreja Militante*, por todo o seu empenho em preservar o “depósito da fé”, sendo verdadeiras “colunas e baluartes” da Igreja de Nosso Senhor Jesus: Dom Salomão Ferraz; Dom Louis Melcher; Dom Egmont Krischke; Dom Arthur Kratz; Dom Luiz Prado; Dom Sydney Ruiz; Dom Sebastião Gameleira; Dom James Roque; Dom Theodoro Oliveira; Dom James Tavares; Dom Rafael Mendes; Dom César Fernandes; Dom Albertino de Souza; Dom Elias Alves; e Dom Luís Fernando.

Rev. Dr. Rafael Vilaça Epifani Costa+

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
INTRODUÇÃO	13
PARTE I - HISTÓRIA DO MOVIMENTO DE OXFORD	23
O Movimento de Oxford e a Inglaterra do século XIX	24
Os Tractarianos: Keble, Pusey, Newman e outros	30
A Teologia do Movimento de Oxford	43
A crise dos Tractarianos e as conversões ao Catolicismo	50
PARTE II - O ANGLO-CATOLICISMO EM ASCENSÃO	57
O Movimento Ritualista e o ressurgimento das Ordens	58
Nossa Senhora de Walsingham e o novo santuário	75
Os Congressos Anglo-Católicos	83
O Movimento Contínuo e a preservação da Tradição	89
PARTE III - A INFLUÊNCIA ROMANA E ORTODOXA	101
O problema dos anglo-papistas e dos católicos liberais	102
A Ortodoxia e o Anglo-Catolicismo	124
O Movimento Litúrgico e o Concílio Vaticano II	129
A questão dos Ordinariatos Pessoais	139
PARTE IV - O ANGLO-CATOLICISMO NO BRASIL	145
Existe Anglo-Catolicismo no Brasil?	146
Anglo-católicos na Igreja Episcopal Anglicana do Brasil	149
Anglo-católicos nas novas igrejas anglicanas e episcopais	167
Avanços, estagnações e retrocessos	174
PARTE V - SER ANGLO-CATÓLICO NO SÉCULO XXI	179
O Anglo-Catolicismo na atualidade	180
O Tripé Escritura-Tradição-Razão	184
Teologia, Liturgia, Pastoral e a Solução Salomônica	189
Por um Anglo-Catolicismo anglo-brasileiro	193
CONCLUSÃO	198
REFERÊNCIAS	202
ANEXO A – Manifesto Anglo-Católico Brasileiro	205
ANEXO B – Ícone e Oração dos Padres de Oxford	210

APRESENTAÇÃO

O Movimento de Oxford foi um dos catalisadores mais importantes para o desenvolvimento do Anglo-Catolicismo no mundo. Foi o Movimento de Oxford – também conhecido como *Tractarianismo* – que desenvolveu os pressupostos teológicos defendidos por clérigos como John Keble, Edward Bouverie Pusey, John Henry Newman, e outros professores das faculdades de Oxford, que buscaram restaurar as quatro marcas da Igreja de Cristo – Una, Santa, Católica e Apostólica –, dando uma maior ênfase na História da Igreja da Inglaterra, suas raízes patrísticas e sua ligação e autoridade apostólica com a Igreja Primitiva. Eles argumentavam que a Igreja Anglicana deveria se reconhecer e ser reconhecida como parte da Igreja Católica de Cristo.

Já o Anglo-Catolicismo é um termo que se refere a uma corrente dentro do Anglicanismo que enfatiza as características litúrgicas, sacramentais e doutrinárias semelhantes àquelas encontradas na tradição católica inglesa pré-Reforma Protestante. Dentro deste processo de “retorno às raízes”, ocorreu uma “segunda fase” do Movimento de Oxford, marcada pelo Movimento Ritualista. Por sua vez, os anglo-católicos passaram a valorizar cada vez mais a Liturgia da Igreja e a ter um apreço por um cerimonial elaborado, com grande ênfase na administração dos sacramentos (especialmente na Eucaristia), a inclusão da devoção ao exemplo de vida cristã da Virgem Maria e dos Santos, e outros aspectos da espiritualidade tipicamente católica. com a redescoberta, promoção e valorização de práticas litúrgicas mais antigas da tradição cristã, que remontavam aos tempos Pré-Reforma.

O fundamento destas posições e práticas estava voltado como uma reação ao Protestantismo racionalista daquele século e como ele operava dentro da Igreja da Inglaterra. Muitos anglicanos do século XIX estavam preocupados que, a ênfase na Reforma Protestante estava obscurecendo a conexão da Igreja com sua herança histórica, católica e apostólica, e estava transformando a Igreja em um mero departamento da Coroa e das instituições do governo britânico. Indo além das teses defendidas pelos primeiros teólogos do Movimento de Oxford, os anglo-católicos desenvolveram uma corrente teológica dentro do Anglicanismo, firmando um conjunto de práticas e posições que transitavam entre uma posição essencialmente anglicana, distinta daquelas católicas romanas e ortodoxas encontradas em outros lugares da Europa, mas também, em outros momentos, sofrendo forte

influência dessas. Isso incluiu uma apreciação pela riqueza litúrgica da Igreja Católica Romana e a teologia sacramental da Igreja Ortodoxa Oriental, especialmente na primeira metade do século XX.

Ao longo do século passado, novas questões passaram a desafiar o Movimento. O avanço do secularismo europeu, as mudanças culturais oriundas da segunda metade do século XX, os debates sobre os limites da autoridade eclesiástica, a crescente pluralidade teológica e as transformações sociais e econômicas obrigaram o Anglo-Catolicismo a redefinir parte de seu discurso e práticas. Em diversos momentos, surgiram tensões entre grupos mais tradicionais e setores favoráveis a reformas litúrgicas, pastorais e doutrinárias, demonstrando que o movimento continuava em permanente processo de desenvolvimento.

No interior da Comunhão Anglicana, essas discussões adquiriram contornos ainda mais complexos diante da diversidade cultural existente entre as diferentes Províncias. O Anglo-Catolicismo desenvolvido na Inglaterra não foi reproduzido *in totum* na África, Ásia, Oceania ou América Latina. Em cada contexto local, elementos culturais passaram a dialogar com a tradição recebida, produzindo diferentes expressões da espiritualidade anglo-católica sem romper necessariamente com seus princípios fundamentais.

O desenvolvimento do Anglo-Catolicismo em terras brasileiras constitui um exemplo particular desse processo de recepção e adaptação. A chegada das tradições anglo-católicas ao país ocorreu de maneira gradual, influenciada tanto por missionários estrangeiros quanto pela formação teológica de clérigos brasileiros, a exemplo do famoso caso do Reverendo Salomão Ferraz. Ao longo do século XX, diferentes dioceses desenvolveram identidades litúrgicas bastante distintas, variando entre expressões fortemente evangélicas, liberais, carismáticas e anglo-católicas. Isso também gerou divisões, originado diferentes denominações no atual quadro do Anglicanismo nacional.

Para compreender bem o Anglo-Catolicismo brasileiro, é preciso considerar não apenas as suas fontes inglesas, mas também as influências provenientes do catolicismo romano nacional, da religiosidade popular, bastante presentes no Brasil e das diversas transformações ocorridas na própria sociedade brasileira e dentro das denominações anglicanas e episcopais locais. Muitas práticas litúrgicas adotadas em comunidades anglicanas, hoje refletem esse encontro entre tradições religiosas distintas, produzindo características próprias que não podem ser explicadas exclusivamente pela sua matriz inglesa.

Este livro buscará apresentar esta tradição anglicana como uma espécie de “Introdução ao Anglo-Catolicismo”. Essa forma católica de viver a espiritualidade cristã e, particularmente, a anglicana, não está presa no passado, junto com os grandes teólogos de Oxford, nem pode ser reduzida às disputas teológicas e litúrgicas atuais. As novas gerações de clérigos e leigos continuam (e continuarão) reinterpretando sua rica herança diante dos desafios contemporâneos, procurando responder às questões colocadas pela cultura secular, pela fragmentação religiosa e pelas novas formas de evangelização igualmente presentes no Brasil.

Esta obra foi organizada em cinco grandes partes ou capítulos. A primeira parte apresentará o surgimento do Movimento de Oxford, suas bases históricas e teológicas e seus principais líderes. A segunda aprofundará a consolidação do Anglo-Catolicismo como movimento eclesial internacional, analisando sua expansão, espiritualidade, renovação litúrgica e seu impacto na história da Comunhão Anglicana. A terceira investigará as relações estabelecidas com as tradições católica romana e ortodoxa, destacando convergências, influências mútuas e diferenças teológicas. A quarta parte será dedicada ao desenvolvimento do Anglo-Catolicismo no Brasil, analisando sua recepção, suas peculiaridades regionais, seus protagonistas e sua evolução histórica, através das diferentes Igrejas presentes no país. E a quinta parte se propõe a fazer uma reflexão sobre o significado de ser anglo-católico no século XXI, diante das profundas transformações culturais, sociais e eclesiais do mundo contemporâneo.

Nas páginas seguintes, o leitor terá uma visão panorâmica sobre o que é o Anglo-Catolicismo, compreendendo melhor esta corrente do Anglicanismo. Por meio da fidelidade às Escrituras, a preservação e continuidade da Tradição, e o compromisso com a Igreja e a Fé cristã no uso sadio da Razão para “responder a todo aquele que pedir a razão da esperança” (1 Pedro 3:15), este movimento iniciado no século XIX, permanece até os dias atuais oferecendo uma das mais ricas contribuições para a compreensão da identidade cristã e eclesial, tornando-se um tema indispensável para todos aqueles que desejam compreender o passado, interpretar o presente e refletir sobre o futuro do Anglicanismo no Brasil e no mundo.

Rev. Dr. Rafael Vilaça Epifani Costa
Editora Laud

INTRODUÇÃO

O Anglicanismo como tradição religiosa oriunda da Inglaterra nasceu no contexto das profundas transformações religiosas, políticas e sociais que marcaram a Europa durante o século XVI. Embora muitas vezes seja apresentado apenas como um desdobramento da Reforma Protestante, sua formação histórica revela um processo muito mais complexo, no qual elementos da tradição católica medieval, das novas correntes reformadas e das particularidades políticas da monarquia inglesa se entrelaçaram para formar uma identidade eclesial própria.

Diferentemente de outras igrejas oriundas da Reforma, a Igreja da Inglaterra preservou sua estrutura episcopal, sua organização diocesana, boa parte de sua herança litúrgica e a consciência de continuidade histórica com a Igreja dos primeiros séculos. Desde suas origens, portanto, o Anglicanismo desenvolveu-se como uma tradição cristã que buscava conciliar reforma e continuidade, preservando aquilo que entendia como pertencente ao depósito da fé apostólica enquanto promovia mudanças consideradas necessárias para a renovação da vida da Igreja.

O ponto inicial desse processo costuma ser identificado com o reinado de Henrique VIII (1509–1547). Embora sua ruptura com a Sé Romana tenha sido motivada, em grande medida, por questões políticas, dinásticas e jurisdicionais, seus desdobramentos alteraram profundamente a história do cristianismo inglês. Por meio do Ato de Supremacia de 1534, Henrique VIII foi reconhecido como Governador Supremo da Igreja da Inglaterra, encerrando oficialmente a jurisdição papal sobre o reino. Entretanto, durante seu governo, a doutrina, a liturgia e a espiritualidade permaneceram amplamente vinculadas à tradição católica medieval. A missa continuou sendo celebrada em latim, os sacramentos foram preservados, a estrutura episcopal permaneceu intacta e muitos costumes tradicionais continuaram presentes na vida religiosa inglesa. A ruptura promovida por Henrique VIII foi, inicialmente, muito mais institucional do que propriamente doutrinária.

As mudanças teológicas mais profundas ocorreriam durante o reinado de Eduardo VI (1547–1553), quando Thomas Cranmer, Arcebispo da Cantuária, assumiu papel decisivo na formulação da identidade anglicana. Cranmer tornou-se o principal arquiteto da

Reforma Inglesa em sua dimensão litúrgica e doutrinária, procurando elaborar uma forma de culto que unisse a tradição patristica, a simplicidade da Igreja antiga e diversas contribuições da Reforma continental. Sob sua liderança foram publicados o Livro de Oração Comum de 1549 e sua revisão de 1552, obras que moldaram profundamente a espiritualidade anglicana. O LOC não foi criado apenas para ser um manual litúrgico, mas para refletir a Teologia da Igreja por meio da oração do povo, em comunidade, estabelecendo um princípio que permaneceria central no Anglicanismo: *Lex orandi, lex credendi* (A lei da oração é a lei da crença).

A morte de Eduardo VI e a ascensão de Maria I interromperam temporariamente esse processo de reformas. Durante o breve reinado desta Rainha (entre 1553 e 1558) a comunhão com Roma foi restaurada e diversas medidas foram revogadas. O Arcebispo Thomas Cranmer foi preso, julgado por heresia e executado em 1556, tornando-se um dos primeiros mártires da Reforma Inglesa. Apesar da restauração católica promovida por Maria Tudor, muitas das transformações introduzidas nas décadas anteriores permaneceram vivas entre parte significativa do clero e da população inglesa, preparando o caminho para uma nova reorganização da Igreja sob o governo de sua irmã sucessora.

Foi durante o longo reinado de Elizabeth I (1558–1603) que o Anglicanismo adquiriu sua configuração institucional definitiva. O acordo religioso, conhecido como o Estabelecimento Elisabetano (*Elizabethan Settlement*) procurou restaurar a independência da Igreja da Inglaterra em relação à autoridade papal e, simultaneamente, estabelecer uma forma de cristianismo nacional capaz de reunir diferentes sensibilidades religiosas. O novo Ato de Supremacia, promulgado em 1559, reafirmou a autoridade da Coroa sobre a Igreja inglesa, enquanto o Ato de Uniformidade determinou o uso do Livro de Oração Comum como liturgia oficial. A revisão dos Trinta e Nove Artigos de Religião consolidou igualmente uma base doutrinária que preservava elementos fundamentais da tradição católica, ao mesmo tempo em que incorporava princípios essenciais da Reforma.

Essa síntese elisabetana permitiu o surgimento de uma identidade eclesial singular. A Igreja da Inglaterra passou a compreender-se como verdadeiramente reformada, porém igualmente católica e apostólica. Rejeitava a supremacia universal do Bispo de Roma, mas preservava o episcopado histórico; acolhia a autoridade suprema das Escrituras, sem abandonar a importância da tradição;

promovia reformas doutrinárias, mas mantinha uma liturgia profundamente enraizada na herança da Igreja antiga. Essa combinação de continuidade histórica e renovação teológica tornou-se um dos elementos distintivos do Anglicanismo ao longo dos séculos.

Foi precisamente nesse contexto que começou a desenvolver-se aquilo que posteriormente seria conhecido como tradição *High Church*. Inicialmente, o termo não designava um estilo litúrgico ornamentado, mas uma elevada compreensão da natureza da Igreja. Os teólogos dessa corrente sustentavam que a Igreja da Inglaterra não era uma simples instituição criada pelo Estado inglês, mas parte integrante da Igreja Católica de Cristo, possuidora de sucessão apostólica, ministério episcopal e autoridade espiritual própria. Essa concepção fortalecia a autonomia eclesiástica diante das constantes interferências políticas e reafirmava a continuidade da Igreja inglesa com a tradição dos primeiros séculos do cristianismo.

A *High Church* (do inglês, Igreja Alta), é uma das três principais tradições, culturas ou eclesiologias dentro do Anglicanismo, juntamente com a *Broad Church* (ou Igreja Ampla) e a *Low Church* (ou Igreja Baixa). Cada uma dessas tradições tem sua própria ênfase teológica, litúrgica e espiritual, refletindo a diversidade dentro da tradição anglicana. Hoje, o uso do termo *High Church* enfatiza uma abordagem mais sacramental e cerimonial do culto, muitas vezes adotando práticas e rituais que se assemelham mais à Igreja Católica Romana do que à tradição protestante.

A *High Church* teve suas raízes no período carolino do século XVII, que apoiava uma abordagem mais litúrgica do culto e a defesa da hierarquia e da autoridade dos bispos na Igreja. Esse movimento era apoiado pelos *royalistas*, que eram partidários da monarquia e da autoridade episcopal, e muitas vezes buscavam uma maior semelhança na organização e práticas advindas da Igreja Católica Romana. Como oposição a esse movimento, durante o reinado de Carlos I (1625-1649), houve um esforço por parte dos puritanos ingleses, para combater o uso de elementos litúrgicos e cerimoniais mais formais no culto da Igreja da Inglaterra, incluindo a abolição do uso de paramentos litúrgicos, ritos e a extinção do governo e da autoridade dos bispos. Esses esforços foram intensificados durante a Guerra Civil Inglesa e a ascensão da República de Oliver Cromwell, marcada por muitos conflitos políticos e religiosos.

Neste período da Igreja da Inglaterra, muitos bispos foram associados ao partido da Igreja Alta, devido às suas convicções teológicas e práticas litúrgicas que buscavam manter a Igreja Anglicana longe dos extremos de Roma e de Genebra. O fundamento político se encontrava na defesa da monarquia e do poder religioso do rei como Chefe da Igreja da Inglaterra (que derivava do seu Direito Divino de governar), o que significou uma forte oposição aos puritanos, que ocupavam importantes postos na Igreja e no Parlamento.

Entre os bispos defensores da Igreja Alta, se destacam os nomes de Lancelot Andrewes e William Laud. Andrewes foi Bispo de Winchester. Na Igreja da Inglaterra, durante o início do período jacobino, ficou conhecido por sua erudição teológica e sua liturgia elaborada, sendo um dos partidários da Igreja Alta. Andrewes foi ordenado presbítero em 1580 e rapidamente ganhou reputação como um pregador habilidoso e erudito, sendo um defensor da ortodoxia anglicana contra os desafios do catolicismo romano e do puritanismo da época. Ele ocupou várias posições eclesiásticas ao longo de sua carreira, incluindo capelão da Rainha Elizabeth I e do Rei James I, bem como Bispo das Dioceses de Chichester, Ely e Winchester. Suas posições eclesiásticas contribuíram para as suas visões teológicas Altas e em defesa da Igreja e do episcopado anglicano.

Já William Laud foi Bispo de Londres e posteriormente nomeado Arcebispo de Cantuária. Laud foi um defensor ferrenho da Igreja Alta durante o período carolino. Ele promoveu a ritualização do culto anglicano, com o uso de um cerimonial elaborado e procurou reforçar a autoridade episcopal. Ele também era conhecido por sua oposição ao puritanismo e sua tentativa de impor conformidade religiosa na Inglaterra. No entanto, as políticas de Laud provocaram resistência significativa, especialmente entre os puritanos e os parlamentaristas.

Seus esforços para impor uniformidade religiosa e sua atuação na repressão contra dissidentes religiosos levaram a uma crescente oposição e descontentamento. Laud foi acusado de alta traição pelo Parlamento durante a Guerra Civil Inglesa e executado em 1645. Apesar de sua morte prematura, o legado de Laud continua a ser objeto de debate e interpretação na historiografia inglesa. Ele é lembrado como um líder eclesiástico controverso que buscou promover uma visão particular da Igreja da Inglaterra, mas cujas políticas contribuíram para as tensões religiosas e políticas que levaram à Guerra Civil Inglesa.

Já a expressão *Low Church* (ou Igreja Baixa) designa outra corrente histórica do Anglicanismo, que se desenvolveu como consequência do estabelecimento do partido da Igreja Alta. Caracterizada por uma forte ênfase na autoridade das Sagradas Escrituras, na centralidade da pregação, na conversão pessoal e na simplicidade da liturgia. Em contraste com a tradição *High Church*, que valorizava a continuidade histórica da Igreja, a sucessão apostólica e a riqueza da vida sacramental, a *Low Church* desenvolveu uma identidade mais próxima das tradições reformadas da Europa continental, destacando os princípios da Reforma Protestante como elementos fundamentais da vida e da missão da Igreja.

As origens dessa corrente remontam aos séculos XVI e XVII. Embora a Igreja da Inglaterra tenha preservado sua estrutura episcopal e parte significativa de sua herança litúrgica medieval, muitos clérigos e leigos consideravam que a Reforma inglesa permanecera incompleta. Influenciados pelos escritos de João Calvino, Heinrich Bullinger, Martin Bucer e outros reformadores continentais, esses grupos defendiam uma purificação mais profunda da Igreja, eliminando cerimônias, vestimentas, imagens, práticas devocionais e costumes que julgavam incompatíveis com o ensino das Escrituras.

Durante o reinado de Elizabeth I, essas tensões tornaram-se evidentes. Enquanto o Estabelecimento Elisabetano procurava preservar uma posição intermediária entre Roma e Genebra, diversos setores desejavam uma aproximação maior com o protestantismo reformado. Muitos desses grupos passaram posteriormente a ser identificados como puritanos, por defenderem uma reforma mais ampla da Igreja da Inglaterra. Embora nem toda a tradição *Low Church* possa ser identificada com o puritanismo, é inegável que ambos compartilham importantes afinidades históricas e teológicas, especialmente na valorização da Bíblia, da disciplina moral e da simplicidade do culto cristão. Do ponto de vista doutrinário, a Igreja Baixa enfatiza que as Escrituras constituem a autoridade suprema para a fé e a prática da Igreja. A tradição, os concílios e os escritos patrísticos são reconhecidos como importantes testemunhos históricos, mas permanecem subordinados ao texto bíblico. Essa perspectiva encontra respaldo nos próprios Trinta e Nove Artigos de Religião, particularmente no Artigo VI, que afirma serem as Escrituras suficientes para a salvação, e no Artigo XX, que limita a autoridade da Igreja ao ensino conforme a Palavra de Deus.

Na compreensão da *Low Church*, a proclamação do Evangelho ocupa lugar central na vida litúrgica. O sermão muitas vezes assume posição de destaque na celebração, sendo considerado o principal instrumento de instrução doutrinária e edificação espiritual da comunidade. A leitura pública das Escrituras, a exposição bíblica e a catequese recebem especial atenção, refletindo a convicção de que a fé nasce da escuta da Palavra proclamada e compreendida pelos fiéis.

Essa tradição também desenvolveu uma compreensão distinta dos sacramentos. Embora reconheça plenamente o Batismo e a Santa Eucaristia como sacramentos instituídos por Cristo, tende a enfatizar sua dimensão memorial, pedagógica e comunitária. A eficácia sacramental é compreendida em estreita relação com a fé daquele que participa da celebração, evitando interpretações que possam sugerir um automatismo sacramental. Consequentemente, práticas como a adoração eucarística, a exposição do Santíssimo Sacramento ou a bênção com o ostensório, comuns em setores anglo-católicos, geralmente não fazem parte da espiritualidade *Low Church*.

O cerimonial litúrgico da *Low Church* caracteriza-se por sua sobriedade. Historicamente, muitas paróquias limitaram o uso de incenso, velas cerimoniais, imagens religiosas, procissões, vestimentas litúrgicas ornamentadas e outros elementos simbólicos associados ao catolicismo medieval. A mesa da comunhão muitas vezes ocupava posição mais discreta, enquanto o púlpito assumia destaque arquitetônico, refletindo simbolicamente a centralidade da Palavra de Deus na vida da comunidade. Essa organização do espaço litúrgico expressava uma determinada compreensão teológica da adoração cristã.

Outro aspecto marcante da *Low Church* é sua forte ênfase na experiência pessoal da conversão. Influenciada pelo pietismo e, posteriormente, pelos grandes avivamentos evangélicos dos séculos XVIII e XIX, essa tradição passou a valorizar intensamente o novo nascimento, a decisão consciente pela fé em Cristo, a santificação pessoal e o compromisso missionário. O Cristianismo não era compreendido apenas como pertencimento institucional à Igreja, mas como uma relação viva e transformadora com Jesus Cristo.

Nesse contexto, a atuação de clérigos anglicanos como os Reverendos John Wesley e George Whitefield exerceu influência significativa sobre diversos setores da Igreja Baixa, ainda que o metodismo tenha seguido posteriormente um caminho institucional próprio, dando origem a novas denominações como a Igreja Metodista.

O avivamento evangélico despertou renovado interesse pela evangelização, pelas missões, pela educação cristã e pela assistência social, elementos que se tornaram marcas permanentes da espiritualidade evangélica anglicana. Influenciado pelo movimento de renovação religiosa que percorreu a Inglaterra entre os séculos XVIII e XIX, esse despertar procurava reacender a vida espiritual da Igreja por meio da centralidade das Sagradas Escrituras, da conversão pessoal, da pregação expositiva e do compromisso missionário. Embora muitos de seus líderes permanecessem dentro da Igreja da Inglaterra, defendiam uma religiosidade mais prática e voltada para a transformação moral do indivíduo e da sociedade.

Entre as figuras mais influentes destacou-se William Wilberforce, parlamentar anglicano ligado ao chamado Grupo de Clapham (*Clapham Sect*). Embora leigo, Wilberforce tornou-se símbolo da aplicação prática da fé cristã à vida pública. Seu trabalho pela abolição do tráfico negreiro, consolidado com a aprovação da *Slave Trade Act* (1807) e posteriormente da *Slavery Abolition Act* (1833), demonstrou que a espiritualidade evangélica não se limitava à conversão individual, mas possuía profundas implicações sociais e políticas. Ao seu redor reuniu-se um grupo de políticos, clérigos e intelectuais que compreendiam a evangelização como inseparável da promoção da dignidade humana.

O impulso missionário produzido pelo avivamento resultou também na criação de importantes sociedades missionárias. Entre elas destacam-se a *Church Missionary Society* (CMS), fundada em 1799, voltada principalmente para a evangelização da África e da Ásia, e a *British and Foreign Bible Society* (1804), dedicada à tradução e distribuição das Sagradas Escrituras em diversos idiomas. Essas instituições desempenharam papel decisivo na expansão mundial do Anglicanismo durante o século XIX, levando missionários a diferentes continentes e contribuindo para o surgimento de numerosas províncias da futura Comunhão Anglicana.

A educação cristã tornou-se igualmente uma prioridade. Escolas paroquiais, escolas dominicais, programas de alfabetização e distribuição de literatura religiosa passaram a integrar a ação pastoral das comunidades evangélicas anglicanas. A convicção de que todo cristão deveria conhecer diretamente as Escrituras estimulou o ensino da leitura e da catequese bíblica, fortalecendo uma cultura de estudo e

formação religiosa que influenciou profundamente a vida paroquial inglesa.

Ao lado da evangelização e da educação, a assistência social ocupou posição central. Hospitais, orfanatos, casas de acolhimento, programas de auxílio aos pobres e iniciativas voltadas à melhoria das condições de vida das populações urbanas passaram a ser organizados por clérigos e leigos ligados ao movimento evangélico. A ação social era entendida como consequência natural da fé cristã, expressão concreta do amor ao próximo e testemunho do Evangelho em uma sociedade profundamente transformada pela Revolução Industrial.

Ao mesmo tempo Europa vivia as consequências sociais e morais da Revolução Francesa, ocorrida pouco tempo antes, em 1789. A queda da monarquia francesa, a secularização dos bens eclesiásticos, a perseguição ao clero e a tentativa de subordinar a Igreja ao Estado por meio da *Constituição Civil do Clero* (1790) foram interpretadas na Inglaterra como exemplos dos perigos representados pelo racionalismo iluminista e pelo liberalismo revolucionário. Para muitos membros da Igreja da Inglaterra, os acontecimentos na França demonstravam que a ruptura entre Igreja e Estado poderia conduzir não apenas ao colapso da ordem política, mas também à destruição da própria religião cristã enquanto fundamento moral da sociedade.

Nesse contexto, consolidou-se uma estreita relação entre a tradição *High Church* e o *Partido Tory*, principal representante do conservadorismo britânico durante os séculos XVIII e início do XIX. A máxima *Church and King* (Igreja e Rei) sintetizava a identidade política de grande parte do clero da Igreja da Inglaterra da época, que via na monarquia constitucional e na Igreja Estabelecida dois pilares inseparáveis da nação inglesa. Os *tories* defendiam a preservação das instituições históricas, da sucessão monárquica, do episcopado e do caráter confessional do Estado, enquanto muitos clérigos da *High Church* consideravam que a estabilidade política dependia diretamente da manutenção da Igreja como religião oficial do reino.

Essa aproximação possuía também fundamentos teológicos. Os teólogos da *High Church* entendiam que a Igreja da Inglaterra não era uma simples criação do Parlamento ou da Coroa, mas uma Igreja apostólica providencialmente estabelecida na nação inglesa. Embora reconhecessem o papel constitucional do soberano como Governador Supremo da Igreja, insistiam que sua autoridade espiritual derivava da sucessão apostólica dos bispos e da continuidade da fé católica recebida

da Igreja antiga. Dessa forma, o apoio ao Partido Tory não significava uma submissão irrestrita ao poder político, mas a defesa de uma ordem social que preservasse a autonomia espiritual da Igreja e sua missão religiosa. Entretanto, as primeiras décadas do século XIX colocaram essa aliança sob crescente tensão. As reformas parlamentares, a emancipação dos católicos romanos em 1829, a ampliação do eleitorado e a crescente intervenção do Parlamento em assuntos eclesiásticos fizeram muitos membros da *High Church* perceberem que até mesmo um governo conservador poderia limitar a liberdade da Igreja.

Esse contexto de contraposição a tais reformas e à filosofia e pensamento liberal, junto com um reavivamento do nacionalismo inglês, fez surgir um Movimento liderado por clérigos e professores oriundos do Oriel College, uma das faculdades da Universidade de Oxford. A partir de teses apresentadas ora em sermões, panfletos e debates públicos, originou-se um movimento de renovação espiritual que marcaria não apenas o Anglicanismo, mas outras denominações cristãs ao redor do mundo, até os dias atuais.

A partir do trabalho de teólogos como John Keble, Edward Pusey, John Henry Newman e outros colegas, o Movimento de Oxford fez renascer um sentimento de pertença histórica nas Igrejas Anglicanas e Episcopais espalhadas pelo mundo, de que são parte da Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica de Cristo.

PARTE I

HISTÓRIA DO MOVIMENTO DE OXFORD

O Movimento de Oxford e a Inglaterra do século XIX

O Movimento de Oxford (também conhecido como Movimento Tractariano ou Tractarianismo) foi um movimento de renovação espiritual dentro da Igreja de Inglaterra, que teve sua origem na Universidade de Oxford, na Inglaterra, liderado por um grupo de professores e clérigos desta instituição, como John Keble, Edward Bouverie Pusey, John Henry Newman e outros.

Para compreender a importância do Movimento, é preciso situar a importância desta Universidade para o país e a Igreja. Oxford tem o seu marco de fundação no ano de 1096. Embora nenhuma bula papal oficial tenha estabelecido a universidade, ela surgiu no século XII como parte do sistema educacional católico da Europa Ocidental. Sendo organizada em 36 *Colleges* (ou faculdades), o mais famoso deles é o Christ Church College, fundado em 1546, pelo Rei Henrique VIII.

Porém, foi através de professores ligados ao Oriel College, que o Movimento de Oxford iniciou o seu desenvolvimento. Fundado em 1326, pelo rei Eduardo II e por Adam de Brome, reitor da Igreja de St. Mary este College nasceu em um período em que a Universidade de Oxford consolidava-se como um dos mais importantes centros de ensino da Europa medieval. Durante séculos, o Oriel destacou-se pela excelência acadêmica, formando clérigos, juristas, administradores e intelectuais que exerceram significativa influência sobre a vida religiosa e política da Inglaterra. No início do século XIX, contudo, o colégio passaria a desempenhar um papel ainda mais importante, tornando-se o principal núcleo intelectual da renovação teológica que culminaria no Movimento de Oxford.

No início do século XIX, a Universidade de Oxford atravessava um período de profundas transformações. A influência do Iluminismo, o crescimento do racionalismo, o avanço das ciências naturais e o desenvolvimento de novas correntes filosóficas desafiavam as antigas estruturas universitárias inglesas. Ao mesmo tempo, a Igreja da Inglaterra enfrentava questionamentos decorrentes das reformas parlamentares, da emancipação dos católicos e do fortalecimento do liberalismo político. Muitos professores passaram a perceber que a identidade religiosa da universidade encontrava-se enfraquecida, reduzindo a formação clerical a um exercício predominantemente intelectual, distante da espiritualidade, da tradição patrística e da vida sacramental da Igreja.

Assim como a Universidade de Oxford e suas escolas de teologia estavam sendo impactados pelas mudanças epistemológicas dos tempos modernos, do mesmo modo a histórica relação entre a Igreja da Inglaterra e o Estado britânico estava passando por intensas transformações institucionais. Para os teólogos de Oxford, as ameaças enfrentadas pela Igreja não provinham apenas das novas correntes teológicas liberais ou por causa do crescimento do racionalismo religioso entre os universitários ou do esfriamento espiritual dos pregadores locais, mas devido à crescente intervenção do Parlamento na vida e na organização eclesiástica, especialmente na Igreja da Irlanda.

Desde a Reforma Inglesa, a Igreja da Inglaterra desenvolveu-se como uma Igreja Estabelecida, mantendo uma estreita ligação constitucional com a monarquia e com o Estado. Desde Henrique VIII, o monarca inglês ocupava a posição de Governador Supremo da Igreja nacional, enquanto bispos integravam a Câmara dos Lordes e diversas decisões eclesiásticas dependiam da aprovação parlamentar. Essa estrutura permitia à Igreja exercer significativa influência sobre a sociedade inglesa, mas também a tornava vulnerável às mudanças políticas ocorridas no governo e no Parlamento.

Durante os séculos XVII e XVIII, essa relação entre Igreja e Estado foi relativamente estável. Entretanto, a Revolução Industrial, o crescimento das cidades, a expansão do Liberalismo político e econômico, e as reformas parlamentares modificaram profundamente a sociedade britânica. O Parlamento passou a ser composto por um número crescente de representantes que não pertenciam necessariamente à Igreja Anglicana. Católicos romanos, protestantes dissidentes (*Não Conformistas*) e políticos liberais passaram gradualmente a exercer influência sobre decisões que afetavam diretamente a Igreja estabelecida. E isso incomodava os ingleses conservadores.

Outro fator decisivo foi a aprovação da Lei de Emancipação Católica de 1829. Essa legislação permitiu que católicos romanos ocupassem cargos públicos e fossem eleitos ao Parlamento, encerrando séculos de restrições legais. Embora representasse um importante avanço na liberdade religiosa, muitos membros do partido *High Church* enxergaram a medida como o primeiro sinal de que o Estado deixava de considerar a Igreja Anglicana como fundamento exclusivo da identidade nacional inglesa. A partir desse momento, aumentou o receio de que o Parlamento passasse a legislar sobre assuntos internos da Igreja sem compartilhar de sua fé ou de sua tradição.

Poucos anos depois, outra decisão agravou ainda mais esse sentimento. Em 1833, o governo dos Whigs aprovou a Lei dos Bens Temporais da Igreja na Irlanda, a qual suprimiu diversos bispados e reorganizou a estrutura administrativa da Igreja da Irlanda, reduzindo significativamente sua presença institucional na sociedade local. Embora essa igreja fosse parte integrante da Igreja Anglicana estabelecida, sua reorganização ocorreu por iniciativa do Parlamento, sem consulta efetiva à autoridade episcopal. Para muitos clérigos, tratava-se de uma perigosa demonstração de que o Estado considerava a Igreja apenas um órgão administrativo sujeito às conveniências políticas do governo.

Essa percepção provocou grande inquietação entre diversos professores, sacerdotes e estudantes da Universidade de Oxford. Eles acreditavam que a Igreja possuía origem e autoridade divinas, não podendo ser reorganizada conforme interesses políticos circunstanciais. Em sua compreensão, Cristo era o verdadeiro Cabeça da Igreja, enquanto o episcopado representava a continuidade da missão apostólica recebida dos Apóstolos. Se o Parlamento pudesse modificar livremente dioceses, extinguir bispados ou interferir na disciplina eclesiástica, a própria natureza da Igreja estaria sendo comprometida.

Foi nesse contexto de disputas políticas e religiosas que no domingo, 14 de julho de 1833, na Igreja Universitária de Santa Maria, em Oxford, o Reverendo John Keble – pároco local e professor do Oriel College – pregou o famoso sermão intitulado *Apostasia Nacional*¹, diante de uma platéia composta por juízes de assize². O sermão de Keble denunciava aquilo que ele considerava ser o abandono, por parte da nação, dos princípios cristãos que haviam sustentado historicamente a Igreja da Inglaterra e o Estado britânico. Para o sacerdote, quando o governo submetia a Igreja aos interesses do Parlamento e relativizava a sua autoridade espiritual, a Inglaterra caminhava para uma forma de apostasia nacional, isto é, para um progressivo afastamento de sua identidade cristã.

¹ O nome completo é *Apostasia Nacional – Considerado em um sermão pregado em St. Mary's, Oxford, diante dos Juizes de Assize de sua Majestado, no domingo, 14 de julho de 1833, por John Keble, M.A. fellow do Oriel College, e professor de Poesia na Universidade de Oxford*. O texto foi traduzido para o português pelo Reverendo Melque Ambrósio, da Igreja Anglicana Tradicional (IAC), e publicado pela Editora Anglo-Católica em 2024.

² Os juízes de assize eram magistrados itinerantes na Inglaterra e no País de Gales que viajavam por regiões específicas para julgar crimes graves e disputas civis.

A palavra *apostasia*, empregada por Keble, possuía forte significado bíblico e teológico, cujo texto bíblico foi retirado, principalmente, o Primeiro Livro de Samuel capítulos 8, 12 e 15. Aqui, o termo *apostasia* não indicava simplesmente decadência moral ou enfraquecimento da instituição Igreja, mas uma ruptura consciente com a soberania de Deus sobre a sociedade. Em sua perspectiva, uma nação que tratava a Igreja como mera instituição estatal colocava a autoridade humana acima da autoridade divina. O verdadeiro problema, portanto, não era administrativo, mas profundamente espiritual e eclesiológico.

Keble defendia que a Igreja da Inglaterra não existia por concessão do Parlamento nem por privilégio da Coroa. Sua existência fundamentava-se na sucessão apostólica, nos sacramentos e na missão recebida de Cristo. O Estado poderia protegê-la e colaborar com ela, mas jamais redefinir sua natureza ou determinar sua missão espiritual. Essa compreensão retomava princípios clássicos da tradição dos teólogos carolinos e dos partidários da Igreja Alta do século XVII, especialmente William Laud e Lancelot Andrewes, bispos que haviam defendido a autonomia espiritual da Igreja durante o período mais turbulento da Inglaterra até então. O sermão ficou conhecido entre clérigos, estudantes e professores. O fogo havia queimado em Oxford.

O sermão de Keble, naquela manhã de 1833, é amplamente reconhecido como o marco inaugural do Movimento de Oxford. John Henry Newman, em sua *Apologia Pro Vita Sua*, aponta o impacto que esta homilia teve para o Movimento.

No domingo seguinte, 14 de julho, o Sr. Keble pregou o Sermão do Tribunal no púlpito da Universidade. Foi publicado sob o título de 'Apostasia Nacional'. Sempre considerei e guardei esse dia como o início do movimento religioso de 1833 (NEWMAN, 1967, p. 43).

O impacto do sermão foi imediato entre um pequeno grupo de estudiosos de Oxford. Homens como John Keble, Edward Pusey, John Newman, Richard Froude, William Palmer e Isaac Williams, logo compreenderam que a Igreja atravessava uma crise muito mais profunda do que simples disputas parlamentares. Para eles, tornava-se necessário reafirmar a identidade histórica e apostólica da Igreja da Inglaterra, restaurando a consciência de sua catolicidade e recordando aos anglicanos que estes pertenciam à Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica, professada pelos Credos antigos.

Poucos dias após o sermão, esse grupo iniciou uma série de encontros na reitoria de Hadleigh, em Suffolk, do professor e clérigo Hugh James Rose. As reuniões tinham o objetivo de refletir sobre o atual estado e o futuro da Igreja.

Duas semanas depois, realizou-se uma reunião de alguns amigos na reitoria do Sr. Rose, em Hadleigh (de 25 a 29 de julho), para examinar os perigos urgentes que ameaçavam a Igreja. E, de fato, pareciam urgentes. “Se eu acreditasse que poderíamos resistir por dez ou quinze anos como estamos, eu não teria grandes receios”, disse o Sr. Rose. Sua ideia era que, nesse intervalo, as pessoas pudessem ser esclarecidas sobre os verdadeiros princípios da Igreja, e o perigo passaria [...] A reunião, por si só, não levou a resultados muito duradouros. O Sr. Palmer sugeriu a criação de uma “Associação” de Amigos da Igreja; contudo, a ideia, embora tenha sido adotada, nunca se concretizou efetivamente na realidade. Um segundo resultado da reunião foi uma declaração de 7.000 membros do clero, apresentada ao Arcebispo em fevereiro de 1834, assegurando-lhe sua devoção à doutrina e à disciplina da Igreja. Uma declaração semelhante, assinada por 230.000 chefes de família, foi apresentada em maio do ano seguinte (PATTERSON, 1937, p. 406).

Desses debates surgiu a ideia de publicar pequenos tratados teológicos destinados ao clero e aos fiéis. Esses textos, conhecidos como *Tracts for the Times*, ou *Tratados para os Tempos*, circularam entre 1833 e 1841 e se tornaram o principal instrumento de divulgação das ideias do Movimento de Oxford. Seus autores ficaram conhecidos como Tractarianos, justamente em razão dessa coleção de publicações.

A inspiração para eles veio de Newman, autor do primeiro tratado. Newman considerava que obras de autoria conjunta careciam de força. O que o momento exigia eram folhetos breves — obra de escritores unidos por um consenso geral quanto aos princípios, mas impregnados da vida e da individualidade de cada autor (PATTERSON, 1937, p. 407).

Os *Tracts* procuravam demonstrar que o Anglicanismo possuía uma herança muito mais antiga do que a Reforma do século XVI. Seus

autores recorriam constantemente aos Padres da Igreja, aos credos ecumênicos, aos concílios antigos e à tradição litúrgica para defender que a Igreja da Inglaterra permanecia parte da Igreja Católica histórica. Ao fazê-lo, pretendiam fortalecer a identidade anglicana diante das pressões do liberalismo religioso, do racionalismo teológico e da crescente secularização da sociedade inglesa.

É importante observar que, em sua fase inicial, o Movimento de Oxford não era essencialmente ritualista. As grandes transformações litúrgicas que posteriormente caracterizariam o Anglo-Catolicismo ainda não haviam ocorrido. Os primeiros teólogos tractarianos preocupavam-se, sobretudo, com questões doutrinárias e eclesiológicas: a sucessão apostólica, a autoridade episcopal, a natureza sacramental da Igreja, a interpretação da tradição patrística e a independência espiritual da Igreja diante do Estado. A renovação litúrgica e cerimonial somente seria desenvolvida a partir das décadas de 1840 e 1850, especialmente com o surgimento do Movimento Ritualista.

As principais características e objetivos do Movimento de Oxford incluíram uma maior ênfase na Tradição Apostólica. Isso significava que os líderes do movimento buscavam dar uma maior importância à sucessão apostólica como elemento primordial para a continuidade da Igreja da Inglaterra com a Igreja primitiva, através do governo dos bispos. Da mesma forma buscaram reabilitar a compreensão, prática e teologia da Igreja dos primeiros séculos, que via na Liturgia e nos Sacramentos, particularmente na Eucaristia, como elementos centrais da adoração cristã.

Como consequência da manutenção ininterrupta do governo episcopal, preservação da sucessão apostólica e da liturgia, e administração dos sacramentos, os líderes do Movimento de Oxford defendiam veementemente a autoridade temporal e espiritual da Igreja, expressa em sua doutrina e teologia. Defendiam uma visão mais “Alta” da autoridade eclesiástica, especialmente em relação à interpretação da Escritura e à formulação da doutrina, não submetendo-a a um exame ou subordinação política ao Estado. Assim, a Igreja da Inglaterra deveria ser livre, como prescrevia o famoso artigo da Magna Carta, de 15 de junho de 1215: *Anglicana ecclesia libera sit*. Estas posições também adotavam a rejeição do Protestantismo em sua forma radical.

Os teólogos de Oxford rejeitaram os excessos do Protestantismo e argumentaram contra a ideia de que a Reforma deveria levar a uma ruptura completa com a tradição católica e

apostólica. A partir dessas teses, o Movimento de Oxford teve um impacto significativo na Igreja da Inglaterra e no Anglicanismo ao redor do mundo, através do trabalho pastoral e dos textos publicados pelos principais líderes do movimento, principalmente o trio composto por John Keble, Edward Pusey e John Henry Newman.

Os Tractarianos: Keble, Pusey, Newman e outros

Embora John Henry Newman tenha se tornado o mais conhecido principal porta-voz intelectual do Movimento de Oxford e Edward Bouverie Pusey seu maior sistematizador teológico, foi o Reverendo John Keble quem forneceu o impulso que deu origem ao Movimento. Ao contrário de muitos intelectuais de sua geração, Keble nunca buscou protagonismo público ou influência política. Sua preocupação principal era com a santidade da Igreja e a formação espiritual do clero e do povo inglês, convicção que permeou toda a sua produção literária, poética e teológica.



Retrato de John Keble, por George Richmond (1863)

John Keble nasceu em 25 de abril de 1792, na pequena localidade de Fairford, no condado de Gloucestershire. Era filho do Reverendo John Keble, sacerdote da Igreja da Inglaterra, que exerceu profunda influência sobre sua formação religiosa e intelectual. Desde a infância recebeu uma educação clássica rigorosa, baseada no estudo das Escrituras, da literatura grega e latina e dos autores patrísticos. Em uma época em que muitos jovens ingressavam precocemente nas universidades inglesas, Keble destacou-se pelo extraordinário domínio das línguas clássicas e pela maturidade intelectual demonstrada ainda na adolescência.

Em 1806 ingressou no Corpus Christi College de Oxford, onde rapidamente conquistou reconhecimento como um dos estudantes mais brilhantes de sua geração. Obteve distinção em diversas áreas do conhecimento clássico e, poucos anos depois, foi eleito Fellow do Oriel College, então considerado o mais prestigiado centro intelectual da universidade. Embora sua permanência como professor associado do Oriel tenha sido relativamente breve, o contato com o espaço acadêmico permitiu-lhe estabelecer relações duradouras com teólogos que mais tarde participariam do Movimento de Oxford.

Sua reputação acadêmica cresceu rapidamente. Em 1815 recebeu importantes distinções universitárias em estudos clássicos, especialmente pela excelência em literatura grega. Embora fosse um homem tímido e reservado, o profundo conhecimento da cultura clássica influenciaria decisivamente sua compreensão mais ampla da teologia cristã, levando-o a valorizar a unidade entre fé, cultura, filosofia e literatura, rejeitando a visão limitante dos formulários de sua época. Para Keble, a tradição cristã não poderia ser separada da herança intelectual da Antiguidade, razão pela qual sempre insistiu na necessidade de uma sólida formação humanística para o clero.

Apesar do sucesso universitário, Keble jamais desejou construir uma carreira exclusivamente acadêmica. Em 1816 foi ordenado diácono e, no ano seguinte, sacerdote da Igreja da Inglaterra. Desde então passou a compreender sua vocação prioritariamente como ministério pastoral. A vida paroquial oferecia-lhe a oportunidade de colocar em prática aquilo que considerava essencial para a vida cristã: oração constante, celebração reverente da liturgia, cuidado pastoral e ensino das Escrituras. Essa experiência direta com o povo diferenciava-o de muitos teólogos universitários e conferia grande autenticidade às suas reflexões espirituais.

Richard William Church, em sua famosa obra *The Oxford Movement – Twelve Years: 1833-1845*, traça o perfil de John Keble como um autêntico representante do partido da Igreja Alta e de seus distintivos, como a defesa e uso do Livro de Oração Comum, opondo-se aos metodistas e calvinistas de sua época.

Ele era um anglicano profundamente convicto, encontrando seu padrão e modelo de doutrina e devoção na sóbria seriedade e dignidade do Livro de Oração Comum, e contemplando com grande e ponderada desaprovação o ensino e a prática do sistema mais popular que, sob o nome de Cristianismo Evangélico, aspirava a dominar a opinião religiosa e que, muitas vezes combinando algumas das características mais questionáveis do metodismo e do calvinismo, condenava com feroz intolerância tudo aquilo que se afastasse de suas fórmulas e palavras de ordem. E, como sua lealdade à Igreja da Inglaterra era profunda e intensa, todos os que haviam compartilhado de sua sorte, boa ou má, ou que professavam servi-la, ocupavam um lugar em sua estima; e qualquer política que ameaçasse prejudicá-la ou oprimi-la, bem como quaisquer princípios hostis à sua influência e ao seu ensino, despertavam sua indignação e sua resistência. Era um Tory convicto e, por convicção e disposição religiosa, um autêntico representante da tradição *High Church* (CHURCH, 1970, p. 24).

A fama de John Keble espalhou-se por toda a Inglaterra com a publicação de sua obra mais conhecida, *The Christian Year* (O Ano Cristão, publicado em 1827). O livro reunia poemas destinados a acompanhar os domingos e as principais festas do calendário litúrgico anglicano. Muito mais do que uma coletânea literária, a obra procurava conduzir o leitor à contemplação dos mistérios da fé ao longo do Ano Cristão, demonstrando que a liturgia constituía o ritmo natural da espiritualidade cristã. O enorme sucesso editorial surpreendeu o próprio autor, tornando *The Christian Year* um dos livros religiosos mais lidos em língua inglesa durante todo o século XIX, atrás apenas da Bíblia e do Livro de Oração Comum em diversas edições.

Outra característica marcante de seu pensamento era a valorização da Igreja como comunidade visível fundada por Cristo. Keble rejeitava qualquer tentativa de reduzir o cristianismo a uma experiência meramente individual ou privada. Para ele, a fé era vivida na

comunhão da Igreja, sob a autoridade do episcopado histórico e na continuidade da sucessão apostólica. Essa eclesiologia encontrava inspiração constante nos escritos dos Padres da Igreja, cuja leitura recomendava insistentemente aos jovens sacerdotes.

Seu interesse pela Patrística levou-o a participar da organização da famosa coleção da Biblioteca dos Pais da Santa Igreja Católica (*Library of the Fathers of the Holy Catholic Church*), iniciada em 1838. Ao lado de Pusey e Newman, Keble colaborou na seleção, revisão e tradução de importantes textos patrísticos para a língua inglesa. O projeto refletia sua convicção de que a renovação da Igreja inglesa só seria possível mediante o retorno às fontes da Igreja antiga, permitindo que o clero estudasse autores como Santo Atanásio, Santo Agostinho, São João Crisóstomo e São Basílio.

A influência patrística sobre Keble manifesta-se igualmente em sua compreensão da tradição. Para ele, a Igreja não podia ser interpretada apenas à luz das controvérsias da Reforma do século XVI. Era necessário voltar aos primeiros séculos do cristianismo, quando a Igreja permanecia indivisa e os grandes concílios ecumênicos definiam as doutrinas fundamentais da fé. Esse retorno aos Padres não significava desprezo pela Reforma Inglesa, mas seu correto enquadramento dentro da história mais ampla da Igreja Católica.

Apesar de sua posição de fundador espiritual do Movimento, Keble sempre manteve perfil discreto. Nunca buscou assumir liderança política nem ocupar posição de destaque institucional. Preferia dedicar-se à vida paroquial, à direção espiritual e à produção de obras devocionais. Sua influência exercia-se principalmente por meio do exemplo pessoal, da amizade e da autoridade moral conquistada por sua vida de simplicidade, disciplina e oração.

Entre suas demais obras destacam-se *Lyra Innocentium* (1846), coleção de poemas religiosos voltados à espiritualidade infantil; *Praelectiones Academicæ* (1844), resultado de suas conferências sobre poesia na Universidade de Oxford; e sua edição crítica das obras de Richard Hooker (*The Works of Richard Hooker*, 1836), importante contribuição para a recuperação da tradição teológica anglicana clássica. Essas publicações demonstram a amplitude de seus interesses intelectuais, que abrangiam literatura, teologia, espiritualidade, patrística e história eclesiástica.

A relação de Keble com John Henry Newman permaneceu marcada por profundo respeito mútuo, mesmo após a conversão deste

ao Catolicismo Romano em 1845. Embora lamentasse sua saída da Igreja da Inglaterra, Keble jamais rompeu os laços pessoais de amizade. Permaneceu convencido de que a vocação do Anglicanismo consistia em preservar sua identidade católica sem romper com sua história nacional, posição que continuou defendendo até o fim da vida.

Nos últimos anos de seu ministério, estabeleceu-se em Hursley, Hampshire, onde exerceu o sacerdócio paroquial durante mais de três décadas. Ali tornou-se conhecido por sua dedicação pastoral, pelo cuidado com os pobres, pela regularidade dos ofícios litúrgicos e pela intensa vida de oração. A pequena paróquia transformou-se em referência para numerosos sacerdotes e estudantes que buscavam orientação espiritual, refletindo o ideal pastoral que sempre inspirou sua atuação. John Keble faleceu em 29 de março de 1866, deixando um legado que ultrapassava em muito suas publicações.

Se John Keble é muitas vezes lembrado como o inspirador espiritual do movimento e John Henry Newman como seu mais brilhante apologista, Edward Bouverie Pusey tornou-se responsável por conferir consistência doutrinária às ideias defendidas pelos tractarianos. Pusey nasceu em 22 de agosto de 1800, no condado de Berkshire, pertencente a uma família tradicional. Recebeu uma educação refinada desde a infância, caracterizada pelo estudo das línguas clássicas, da literatura antiga e das Sagradas Escrituras.

Em 1819 ingressou no Christ Church, o principal College da Universidade de Oxford, onde rapidamente conquistou distinção nos estudos clássicos e teológicos. Diferentemente de Newman e Keble, cuja formação esteve mais diretamente ligada ao Oriel College, Pusey construiu sua carreira acadêmica principalmente em Christ Church, embora mantivesse estreita colaboração intelectual com o círculo dos futuros tractarianos. Seu talento para os estudos orientais e bíblicos chamou a atenção das autoridades universitárias, que reconheceram precocemente sua excepcional competência filológica.

Entre 1825 e 1827 realizou um período de estudos na Alemanha, frequentando importantes centros universitários como Göttingen e Berlim. A experiência alemã exerceu profunda influência sobre sua metodologia acadêmica. Ali entrou em contato com o desenvolvimento da crítica histórica, da filologia bíblica e da pesquisa científica aplicada aos estudos teológicos.



Retrato de Edward Bouverie Pusey, por George Richmond (1890)

Embora admirasse o rigor intelectual dos estudiosos alemães, Pusey também percebeu os riscos representados pelo racionalismo e pelo crescente Liberalismo teológico que caracterizavam parte da produção acadêmica daquele período. Essa experiência convenceu-o de que a erudição moderna deveria ser colocada a serviço da fé histórica da Igreja, jamais utilizada para enfraquecê-la. Entre os tractarianos, Pusey é o que mais se destacou no combate ao Liberalismo, tornando isto uma das características do Movimento de Oxford e de seus seguidores.

Em 1828 foi nomeado Regius Professor de Hebraico da Universidade de Oxford, uma das mais prestigiosas cátedras acadêmicas da Inglaterra. O cargo permitiu-lhe dedicar-se intensamente ao estudo do Antigo Testamento, das línguas semíticas e da exegese bíblica. Sua atuação como professor caracterizou-se pelo elevado rigor científico, pela precisão filológica e pelo profundo respeito às Escrituras como Palavra de Deus. Durante décadas, formou sucessivas gerações de clérigos anglicanos, consolidando Oxford como um dos principais centros de estudos bíblicos da Europa, opondo-os ao Liberalismo.

Inicialmente, Pusey não participou diretamente das primeiras reuniões do Movimento de Oxford. Enquanto Newman e Keble iniciavam a publicação dos Tratados para os Tempos, Pusey mantinha certa distância de ambos, concentrando-se em suas responsabilidades universitárias. Entretanto, compartilhava plenamente das preocupações relativas à crescente interferência do Estado na vida da Igreja e da necessidade de reafirmar sua identidade apostólica. Em pouco tempo aproximou-se do grupo, tornando-se um de seus principais colaboradores intelectuais.

Newman, em sua *Apologia Pro Vita Sua*, aponta o ingresso de Pusey no grupo como um dos grandes catalisadores que conferiram Movimento a autoridade que ele ganhou com o passar dos tempos.

O Dr. Pusey [escreve ele] deu-nos imediatamente uma posição e um nome. Sem ele, não teríamos tido qualquer possibilidade, especialmente já em 1834, de oferecer uma resistência séria à ofensiva liberal. Mas o Dr. Pusey era Professor e Cônego da Christ Church; exercia enorme influência em razão de sua profunda seriedade religiosa, da generosidade de suas obras de caridade, de seu prestígio como professor, de suas relações familiares e de sua facilidade de relacionamento com as autoridades universitárias. Ele representou para o movimento tudo aquilo que o Sr. Rose poderia ter sido, acrescido de um elemento indispensável que faltava ao Sr. Rose: a amizade íntima e o convívio cotidiano com aqueles que haviam iniciado o movimento. Além disso, possuía um direito especial ao afeto deles, decorrente de sua presença viva, fiel e leal. A partir de então, havia um homem que podia tornar-se a cabeça e o centro das pessoas zelosas, espalhadas por todas as partes do país, que estavam adotando as novas opiniões; e, mais do que isso, havia alguém que conferia ao movimento uma face pública diante do mundo e lhe assegurava reconhecimento entre os demais grupos da Universidade (NEWMAN, 1967, p. 136).

A entrada de Pusey no Movimento de Oxford ocorreu em 1835, quando passou a colaborar ativamente com os tractarianos. A partir desse momento, sua reputação acadêmica fortaleceu enormemente a credibilidade do movimento diante da comunidade universitária. Ao mesmo tempo, lhe deu uma projeção que o tornou, desde o começo, o chefe do grupo. Nas palavras de Richard William Church:

Não é exagero dizer isso sobre o efeito da adesão do Dr. Pusey. Ela deu ao movimento um segundo líder, em estreita sintonia com o seu líder original, mas, sob muitos aspectos, muito diferente dele. O Dr. Pusey tornou-se, por assim dizer, seu chefe oficial aos olhos do mundo. Tornou-se também, em notável medida, uma garantia de sua estabilidade e firmeza: uma garantia de que seus principais líderes sabiam o que estavam fazendo e não tinham outro propósito senão o bem da Igreja da Inglaterra. 'Ele era', lemos na Apologia, 'um homem de grandes desígnios; possuía um espírito esperançoso e confiante; não tinha medo...' (CHURCH, 1970, p. 95)

Se alguns críticos consideravam Newman excessivamente especulativo ou Keble demasiadamente devocional, Pusey apresentava sólida formação científica, domínio das línguas antigas e profundo conhecimento da literatura patrística, tornando-se uma autoridade praticamente incontestável nos estudos históricos da Igreja. Uma de suas maiores contribuições foi a promoção da Teologia Patrística como fundamento indispensável para a compreensão da identidade anglicana. Em sua perspectiva, os primeiros séculos da Igreja ofereciam o critério mais seguro para interpretar corretamente as Escrituras, compreender a natureza dos sacramentos, definir a organização eclesíastica e preservar a continuidade da sucessão apostólica.

Os Padres da Igreja representavam, para Pusey, a ponte entre o testemunho apostólico e a vida da Igreja ao longo dos séculos. Essa convicção levou-o a assumir papel central na organização da *Library of the Fathers of the Holy Catholic Church*. Entre suas contribuições mais importantes para esse projeto destaca-se a tradução das *Confissões* de Santo Agostinho (1838). A publicação ofereceu aos ingleses uma tradução elegante, fiel ao texto latino e acompanhada de notas explicativas que auxiliavam a compreensão do pensamento agostiniano. Muito além de um simples trabalho filológico, essa tradução aproximou uma geração inteira da espiritualidade patrística, despertando interesse pela teologia de Santo Agostinho e pela tradição da Igreja antiga.

No campo doutrinário, Pusey dedicou especial atenção à teologia sacramental. Em diversos sermões e tratados defendeu a presença real de Cristo na Eucaristia, a eficácia objetiva dos

sacramentos e a centralidade da comunhão eucarística na vida cristã. Para ele, os sacramentos não constituíam apenas símbolos ou recordações da graça divina, mas meios reais pelos quais Cristo continua agindo em sua Igreja. Essa compreensão encontrava respaldo tanto na Patrística quanto na Liturgia do Livro de Oração Comum.

Sua defesa da Eucaristia levou-o a envolver-se em diversas controvérsias. Em 1843 pregou um sermão sobre a Eucaristia, o que provocou forte reação entre setores evangélicos da Universidade de Oxford. Como consequência, foi temporariamente suspenso da atividade de pregação universitária durante dois anos. O episódio revelou a intensidade das tensões existentes dentro da Igreja da Inglaterra e demonstrou que as propostas do Movimento de Oxford encontravam crescente resistência por parte daqueles que temiam uma aproximação excessiva com o Catolicismo Romano.

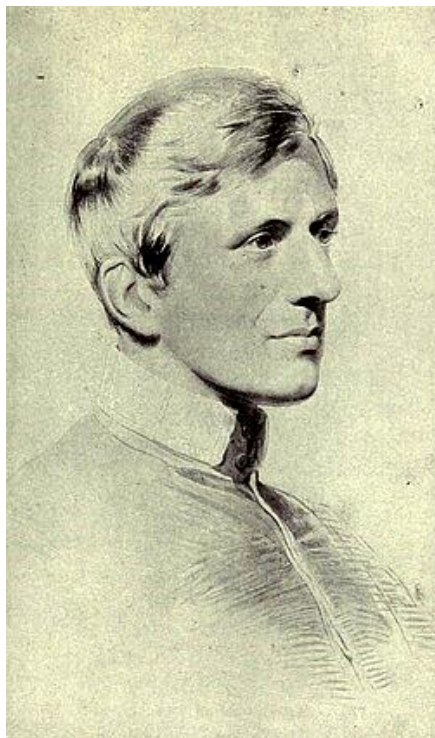
Apesar dessas dificuldades, Pusey permaneceu fiel à Igreja da Inglaterra. Diferentemente de Newman, jamais concluiu que a coerência de suas convicções exigia ingresso na Igreja Católica Romana. Pelo contrário, acreditava firmemente que o Anglicanismo possuía todos os elementos essenciais da Igreja Católica: sucessão apostólica, episcopado histórico, sacramentos válidos, credos ecumênicos e continuidade com a tradição dos Padres.

Após a conversão de Newman ao Catolicismo Romano em 1845, muitos críticos imaginaram que o Movimento de Oxford desapareceria. Entretanto, Edward Pusey assumiu sua liderança dentro da Igreja da Inglaterra. Durante as décadas seguintes tornou-se o mais importante representante de uma das correntes internas de Oxford, originando o “Puseyismo”, expressão muitas vezes utilizada por adversários e simpatizantes para designar o desenvolvimento posterior do Movimento de Oxford sob sua influência teológica.

Entre as suas principais publicações destacam-se *Scriptural Views of Holy Baptism* (1836), *The Holy Eucharist, a Comfort to the Penitent*³ (1843), *The Doctrine of the Real Presence* (1855) e diversos volumes de sermões, comentários bíblicos e tratados pastorais. Em todas essas obras permanece evidente sua preocupação em demonstrar que a doutrina anglicana encontrava sólido fundamento nas Escrituras, na Patrística e na tradição da Igreja indivisa.

³ *A Eucaristia é um Conforto para o Penitente* foi traduzida para o português pelo reverendo Melque Ambrósio e publicada pela Editora Anglo-Católica, em 2024.

Edward Pusey faleceu em 16 de setembro de 1882. Sua morte marcou o fim da “primeira geração” dos teólogos e *Padres de Oxford*. Porém, sua influência continuou presente na vida da Igreja Anglicana. Em sua homenagem, foi criada, em 1884, a Pusey House, instituição destinada à preservação de sua biblioteca, de seus manuscritos e da tradição teológica do Movimento de Oxford.



Retrato de Newman na sua juventude, por George Richmond (1844)

John Henry Newman, sem dúvida, foi o mais brilhante intelectual do Movimento de Oxford e uma das figuras mais influentes da história do Cristianismo moderno. Embora a sua conversão ao Catolicismo Romano, em 1845, tenha alterado profundamente o curso de sua vida, sua contribuição para o desenvolvimento do Movimento de Oxford e do Anglo-Catolicismo permanece marcada na história. John Henry Newman nasceu em Londres, em 21 de fevereiro de 1801, filho de John Newman, banqueiro, e Jemima Fourdrinier. Sua família pertencia à Igreja da Inglaterra e proporcionou-lhe sólida formação religiosa e intelectual.

Ainda jovem demonstrou grande interesse pela literatura, pela filosofia e pela Bíblia, desenvolvendo uma disciplina de estudos que o acompanharia durante toda a vida. Aos quinze anos viveu uma profunda experiência de conversão religiosa, influenciada pelo evangelicalismo anglicano, episódio que marcou definitivamente sua compreensão da fé cristã e despertou sua vocação para o ministério ordenado.

Em 1817 ingressou no Trinity College da Universidade de Oxford, onde rapidamente destacou-se pelo brilhantismo acadêmico. Apesar de enfrentar algumas dificuldades em seus primeiros exames, sua capacidade intelectual logo foi reconhecida. Em 1822 foi eleito Fellow do Oriel College, distinção reservada aos estudantes mais promissores da universidade. O Oriel era, naquele período, o principal centro de excelência acadêmica de Oxford, reunindo professores e pesquisadores de elevado prestígio. A convivência nesse ambiente moldou profundamente seu pensamento e ofereceu-lhe contato direto com homens como Richard Whately, Edward Hawkins, John Keble e Richard Hurrell Froude. O estudo sistemático da Patrística levou-o à convicção de que a identidade da Igreja somente poderia ser compreendida mediante o retorno aos primeiros séculos do cristianismo. Essa mudança representou um ponto decisivo em sua evolução teológica e preparou o terreno para sua futura participação no Movimento de Oxford.

Em 1825 Newman foi ordenado sacerdote da Igreja da Inglaterra. Pouco depois assumiu a função de vigário da Igreja Universitária de Santa Maria, em Oxford. Sua atuação como pregador tornou-se rapidamente célebre. Seus sermões atraíam estudantes, professores e membros da sociedade inglesa, impressionados pela profundidade espiritual, pelo rigor lógico e pela clareza de sua exposição. Diferentemente de muitos pregadores da época, Newman evitava discursos emocionalmente exaltados, preferindo desenvolver cuidadosamente argumentos teológicos que conduzissem seus ouvintes à conversão interior e ao aprofundamento da vida cristã, à semelhança do que os pregadores evangélicos da corrente *Low Church* faziam. Os sermões universitários de Newman exerceram enorme influência sobre toda uma geração de estudantes de Oxford, sendo reunidos em obras como *Parochial and Plain Sermons* (1834–1843) e *Fifteen Sermons Preached Before the University of Oxford* (1843). Mesmo após sua conversão ao

Catolicismo, essas obras continuaram sendo amplamente lidas por anglicanos devido à sua extraordinária profundidade espiritual.

A aproximação de Newman com John Keble consolidou sua adesão às ideias que posteriormente caracterizariam o Movimento de Oxford. O sermão *Apostasia Nacional* foi interpretado por Newman como um chamado à renovação da Igreja Anglicana diante da crescente interferência do Estado em assuntos eclesiásticos. Convencido de que a Igreja deveria recuperar sua consciência apostólica, Newman tornou-se imediatamente um dos principais organizadores dos Tratados.

Paralelamente, Newman participou ativamente da organização da coleção da Biblioteca dos Pais da Igreja, junto com Pusey e Keble. Sob uma forte influência dos textos patrísticos que se debruçava, Newman intensificou seus estudos sobre a controvérsia ariana do século IV. Em *The Arians of the Fourth Century* (1833), uma de suas primeiras grandes obras publicadas, analisou o desenvolvimento da doutrina cristológica durante os concílios da Igreja antiga. O livro revelou não apenas sua impressionante erudição histórica, mas também sua preocupação em compreender como a Igreja preservou a sua integridade diante das heresias dos seus tempos. Essa investigação histórica lançaria as bases de sua posterior teoria sobre o desenvolvimento doutrinário da fé cristã.

Nos seus primeiros *Tracts*, Newman procurava demonstrar que a Igreja da Inglaterra possuía autoridade espiritual própria, derivada da sucessão apostólica e não da aprovação parlamentar. Para ele, a Igreja da Inglaterra era a Igreja verdadeira e puramente católica, isenta da corrupção de Roma e das Igrejas Protestantes. O episcopado histórico constituía elemento essencial da constituição legítima da Igreja inglesa, enquanto os sacramentos representavam os meios ordinários pelos quais Cristo comunicava sua graça aos fiéis. Essas ideias retomavam aspectos da tradição *High Church*, mas eram agora fundamentadas mediante ampla pesquisa histórica e patrística.

Newman, o mais capacitado deles, acreditava firmemente, inicialmente, ser a Igreja da Inglaterra uma espécie de ponte áurea entre o Protestantismo e Roma, a nossa já conhecida Via Média. No entanto, à medida que os *tracts* iam sucedendo, como os escritores desejavam enfatizar a catolicidade da Igreja da Inglaterra, cada vez mais, talvez inconscientemente, iam se identificando com Roma (OLIVEIRA, 2017. p. 326).

O momento mais controverso de sua permanência na Igreja Anglicana ocorreu com a publicação do célebre *Tratado 90* (publicado em 1841)⁴. Nesse tratado, Newman propôs uma nova interpretação dos Trinta e Nove Artigos de Religião, sustentando que eles não condenavam necessariamente toda a doutrina católica romana, mas apenas determinados abusos e interpretações específicas existentes no século XVI. Seu objetivo era demonstrar que um anglicano poderia aceitar plenamente os Artigos e, ao mesmo tempo, reconhecer a continuidade da tradição católica da Igreja da Inglaterra. O que ele não imaginava era que a reação a este texto, iria desencadear mudanças no Movimento de Oxford, na Igreja da Inglaterra e inclusive em sua própria vida e trajetória religiosa.

Além de Keble, Pusey e Newman, outros membros proeminentes do Movimento de Oxford incluíram Richard Hurrell Froude, que foi um amigo próximo de Newman e um dos primeiros defensores das ideias tractarianas. Embora tenha falecido precocemente em 1836, Froude contribuiu com quatro dos *Tracts* publicados formulando algumas das ideias centrais do movimento, especialmente em relação à autoridade da Igreja, da sucessão apostólica e a importância da Tradição no Anglicanismo.

Também foi muito importante a atuação de Thomas Arnold, que embora não tenha sido um defensor direto do Movimento de Oxford, como historiador e educador, influenciou indiretamente o movimento através de seu trabalho na Universidade de Oxford. Sua ênfase na história e na tradição como parte do ensino e da vida universitária contribuiu para o clima intelectual em que o movimento surgiu. William Palmer foi um estudioso e clérigo anglicano que compartilhava muitas das preocupações e ideias do Movimento de Oxford. Ele escreveu extensivamente sobre a sucessão apostólica e a autoridade da igreja, ajudando a articular as posições do movimento.

Outros nomes, como William George Ward, também tiveram um papel ativo no Movimento de Oxford. Ele foi um dos autores dos “Tratados para os Tempos”. Junto com Ward, Charles Marriott se juntou aos tractarianos e se tornou um defensor ativo das ideias do

⁴ O *Tratado 90 - Uma visão católica dos artigos anglicanos* foi publicado em 2022, em português, pela Editora Senso Comum. A obra é endossada pelo bispo católico Antônio C. R. Keller, e pelo reverendo anglicano Gyordano Montenegro.

Movimento, escrevendo alguns dos tratados e ensaios, defendendo a visão católica do Anglicanismo. Arthur Penrhyn Stanley também era outro clérigo que estava envolvido com o Movimento durante os seus anos em Oxford. Todavia, ele ficou mais conhecido por suas opiniões liberais e ecumênicas. Por fim, outro Henry teve o seu nome presente entre os grandes teólogos do Movimento de Oxford. Henry Edward Manning foi um dos líderes, junto com seus colegas de Academia.

Os líderes do Movimento acreditavam que seus escritos poderiam transformar a consciência da nação, sobre as origens, a importância e o verdadeiro papel da Igreja da Inglaterra, cuja autoridade se encontra espiritualmente nos sacramentos, visivelmente no governo dos bispos, através da sucessão apostólica e da vida devocional, pela compreensão de que ela era parte da Santa Igreja de Cristo, e não apenas uma repartição do Estado britânico.

A Teologia do Movimento de Oxford

O sucesso do Movimento de Oxford deve-se a três fatores: Descentralização da liderança, uma vez que não havia um único porta-voz do grupo, mostrando que o trabalho poderia sempre crescer e receber novos apoiadores; a fidelidade à Igreja, como ponte entre os críticos e os apoiadores, sem deixar de considerar que, precisavam também ter o apoio dos seus superiores (ou ao menos não serem interditados); e consistência teológica, uma vez que, os tractarianos não apenas escreviam bem, mas fundamentavam bem as suas teses, usando como método (conscientemente ou não) o chamado Tripé de Hooker: As Escrituras, a Tradição e a Razão.

Ainda há um quarto elemento que pode ser adicionado, que foi o fato de não escreverem obras como polemistas, mas sim pequenos tratados que poderiam ser facilmente impressos, lidos e distribuídos, o que facilitou a difusão das ideias do Movimento, da universidade aos grandes centros. Das catedrais às pequenas paróquias do interior.

Os papéis utilizados para impressão eram bastante baratos, e eles alcançaram todo o clero da Inglaterra, principalmente os apoiadores do Movimento. Alguns dos tractarianos chegaram a viajar para o interior do país, expondo suas ideias (OLIVEIRA, 2017, p. 325).

Ainda assim é importante frisar que o Movimento de Oxford era em suma composto por lideranças da elite acadêmica e religiosa local e exposto ao mesmo círculo, possuindo contornos conservadores e estando alheio – ao menos na sua primeira fase –, do que estava acontecendo na sociedade inglesa da época.

Ao Movimento de Oxford, são atribuídas características de acadêmico, clericalista e conservador. Os trabalhadores das fábricas da Revolução Industrial Inglesa estavam extremamente distantes dos debates propostos pelo Movimento. E esses debates foram extremamente calorosos. O Movimento de Oxford foi predominantemente clerical e destinado, diretamente, ao clero. No entanto, no transcorrer do mesmo, também interessaria a leigos eruditos. Pode parecer estranho para nós, mas este Movimento precisava ser clerical, pois se nem mesmo o clero aceitasse os seus princípios, quem poderia fazê-lo? O seu êxito em atrair clérigos para si foi um fator preponderante para o sucesso do Movimento (OLIVEIRA, 2017, p. 328).

Uma das conclusões mais importantes alcançadas por esse grupo foi a percepção de que muitos debates contemporâneos somente poderiam ser resolvidos mediante um retorno às fontes do cristianismo primitivo. Em vez de fundamentar suas posições exclusivamente nas controvérsias da Reforma do século XVI, os estudiosos de Oxford passaram a consultar sistematicamente os escritos dos Padres da Igreja. Neles encontravam testemunhos de uma Igreja indivisa, anterior às divisões entre Oriente e Ocidente e muito anterior às disputas confessionais da modernidade.

Dessa convicção nasceu a publicação da coleção Biblioteca dos Padres da Santa Igreja Católica. Iniciada em 1838, a coleção tinha como objetivo traduzir para o inglês importantes obras patrísticas originalmente escritas em grego e latim, tornando-as acessíveis ao clero, aos estudantes e aos leigos instruídos da Igreja da Inglaterra. Tratava-se de um empreendimento acadêmico sem precedentes no Anglicanismo.

A coordenação da *Biblioteca Patrum* envolveu o trabalho de todos os intelectuais do grupo. Cada volume era cuidadosamente traduzido, anotado e acompanhado por introduções históricas e teológicas que situavam o leitor no contexto da obra. O projeto buscava oferecer traduções rigorosas, preservando o pensamento original dos autores

antigos e evitando adaptações excessivamente modernas, que pudessem dar margem a interpretações mais amplas, como feitas pelos liberais.

Entre os autores publicados encontravam-se Santo Atanásio, São João Crisóstomo, Santo Agostinho, São Cipriano de Cartago, São Cirilo de Jerusalém, São Gregório Nazianzeno, São Basílio Magno, Santo Ambrósio de Milão e diversos outros escritores fundamentais da tradição cristã. Ao disponibilizar essas obras em língua inglesa, os tractarianos democratizaram o acesso à literatura patrística, até então restrita aos especialistas que dominavam as línguas clássicas.

A Patrística tornou-se um dos pilares metodológicos do Movimento de Oxford. Em vez de fundamentar suas posições exclusivamente na escolástica medieval ou na teologia reformada, os tractarianos voltaram-se aos primeiros cinco séculos do cristianismo ao mesmo tempo que buscaram criar uma ponte direta entre os primeiros pensadores da Igreja e os teólogos carolinos (*Caroline Divines*). Essa escolha possuía profundo significado eclesiológico: se a Igreja Anglicana desejava reafirmar sua catolicidade, deveria demonstrar continuidade doutrinária com a Igreja dos Padres, e não apenas com as decisões isoladas oriundas da Reforma Inglesa.

Longe de propor uma ruptura com a história da Igreja da Inglaterra, os tractarianos procuraram demonstrar que a renovação católica do século XIX era, na realidade, uma continuação da tradição representada por teólogos e clérigos como Lancelot Andrewes, John Cosin, Jeremy Taylor, George Bull, William Beveridge, Herbert Thorndike e Thomas Wilson. Para esses teólogos, o Anglicanismo possuía uma identidade católica própria, fundamentada nas Escrituras, na Patrística e na tradição da Igreja indivisa.

Essa intenção comum torna-se evidente nos próprios Tratados do Movimento de Oxford. Os Tratados 27 e 28 reproduziam trechos da *History of Popish Transubstantiation* de John Cosin; os Tratados 37, 39, 44 e 46 traziam excertos das obras de Thomas Wilson; o Tratado 64 publicava textos de George Bull; enquanto o Tratado 72 apresentava escritos de James Ussher. Outros textos reuniam extensas citações sobre temas como a sucessão apostólica, o sacrifício eucarístico, a regeneração batismal e a autoridade da Igreja, evidenciando que os tractarianos buscavam restaurar doutrinas que, embora tradicionais no Anglicanismo, haviam perdido espaço diante da influência do racionalismo e do evangelicalismo.

Paralelamente à *Library of the Fathers*, também surgiu a coleção *Library of Anglo-Catholic Theology*⁵, organizada por estudiosos ligados ao Movimento de Oxford, como William Josiah Irons e John Fuller Russell. O objetivo da série era reeditar importantes obras dos teólogos anglicanos dos séculos XVI e XVII, tornando novamente acessível um patrimônio teológico praticamente esquecido. Russell também publicou *The Judgment of the Anglican Church on the Sufficiency of Holy Scripture and the Authority of the Holy Catholic Church in Matters of Faith*, reunindo numerosos textos históricos que demonstravam como a tradição anglicana sempre compreendeu as Escrituras em diálogo com a Tradição Apostólica, os Padres da Igreja e os Concílios Ecumênicos.

Sobre os Concílios, há uma questão interessante. Para Pusey, Keble e os primeiros tractarianos, o padrão de fé e autoridade dogmática repousava nos artigos dos primeiros seis Concílios Ecumênicos, de Nicéia I (325) a Constantinopla II (553). O sétimo concílio – aceito pelas Igrejas Ortodoxas e Católica Romana –, era visto com reservas por ser posterior às fraturas teológicas do Oriente e do Ocidente, e por não ter recebido uma aceitação universal imediata e inequívoca por parte dos bispos espalhados pelo mundo.

Para Newman, esse retorno às fontes patrísticas demonstrava que a Igreja da Inglaterra era herdeira legítima da Igreja antiga. Antes de sua conversão ao Catolicismo Romano, sustentava que o Anglicanismo representava uma autêntica *via media*, preservando a fé católica sem os excessos que atribuía ao Catolicismo Romano pós-medieval e sem as reduções promovidas por parte do Protestantismo. Edward Bouverie Pusey, por sua vez, permaneceu convencido de que essa identidade católica poderia continuar sendo vivida plenamente dentro da Igreja da Inglaterra, aprofundando a espiritualidade sacramental, a liturgia e o estudo da Patrística sem abandonar a comunhão anglicana. John Keble compartilhava essa mesma visão, insistindo que a renovação da Igreja deveria ocorrer mediante a recuperação da tradição histórica e não pela introdução de novidades doutrinárias.

⁵ Uma iniciativa semelhante foi feita em tempos mais recentes, através da editora estadunidense de membros da Igreja Episcopal, Seminary Street Press, que passou a publicar a série *The Library of Anglican Theology*. Dentre as publicações, têm-se a edição dos Tratados para os Tempos (do 1º ao 46º), obras de Jeremy Taylor, Charles Gore, Vida Scudder, Felicia Skinner, Absalom Jones e William Douglass, e os Formulários e documentos da época de Henrique VIII e Thomas Cranmer, como os 10 Artigos de 1536, o Livro dos Bispos, o Livro do Rei e outros textos.

Essa continuidade foi destacada também pelo teólogo contemporâneo dos tractarianos, Arthur West Haddan, em seu ensaio *English Divines of the Sixteenth and Seventeenth Centuries* (1870), que identificou os teólogos carolíngios como uma escola teológica coerente e contínua dentro do Anglicanismo. Segundo Haddan, teólogos do período Carolino como Cosin, Sancroft, Sparrow e Thorndike exerceram influência decisiva sobre o Acordo da Restauração e sobre o Livro de Oração Comum de 1662⁶, consolidando uma tradição marcada pela centralidade dos sacramentos, pelo episcopado de direito divino, pela sucessão apostólica e pela autoridade interpretativa dos Padres da Igreja e dos Concílios Ecumênicos. Em sua avaliação, essa corrente não foi substituída pelo Movimento de Oxford, mas encontrou nele sua continuidade natural.

Haddan ainda afirmava que o predomínio dessa escola teológica por cerca de três séculos constituía forte argumento para sua permanência como referência doutrinária da Igreja da Inglaterra. O próprio Movimento de Oxford representaria a revitalização desse patrimônio teológico diante de uma época em que temas como o sacrifício eucarístico, a presença real de Cristo na Eucaristia, a sucessão apostólica e a regeneração batismal haviam praticamente desaparecido da consciência de muitos anglicanos.

O trabalho arqueológico dos tractarianos e seus sucessores é digna de comentário, porque não se restringiu a estudar apenas os bispos da Igreja da Inglaterra. John Henry Parker, em 1852, publicou a vida e a obra de John Bramhall, Arcebispo de Armagh e Primaz da Igreja da Irlanda no século XVII. A grande coleção, composta por cinco volumes (escritos em 2800 páginas) dá a dimensão do que foi o trabalho editorial do Movimento de Oxford. Sobre o conteúdo, o Bispo Bramhall, naquela mesma época, reafirmava o valor da Eucaristia para a Igreja e procurava esclarecer a doutrina anglicana clássica sobre o caráter sacrificial da Eucaristia

Reconhecemos todo o poder necessário para o exercício do ofício pastoral. Reconhecemos um Sacrifício Eucarístico de louvor e ação de graças; um Sacrifício

⁶ Para entender sobre a influência dos bispos John Cosin e William Sancroft sobre o LOC de 1662 e a liturgia anglicana clássica, leia o capítulo *O Laudianismo e a Beleza da Santidade*, na obra *Temas de Anglicanismo – Volume 2* (2026), publicada pelo mesmo autor deste livro.

comemorativo, ou um memorial do Sacrifício da Cruz; um Sacrifício representativo, ou uma representação da Paixão de Cristo diante dos olhos de seu Pai Celestial; um Sacrifício impetratório, ou uma impetração dos frutos e benefícios de sua Paixão por meio da verdadeira oração; e, por fim, um Sacrifício aplicativo, ou uma aplicação de seus méritos às nossas almas. Que aquele que ousar vá um passo além do que nós e diga que se trata de um Sacrifício supletório, destinado a suprir as deficiências do Sacrifício da Cruz. Caso contrário, que se cale e não fale mais contra nós neste ponto acerca do Sacrifício para sempre (PARKER, 1852, p. 276).

Nesse pequeno trecho da obra, percebemos que Bramhall admite que a Eucaristia é verdadeiramente um sacrifício — de louvor e ação de graças, memorial, representação, impetração e aplicação dos méritos de Cristo —, mas rejeita categoricamente a ideia de que ela seja um “sacrifício supletório”, isto é, um sacrifício que complete ou acrescente algo ao único e perfeito sacrifício de Cristo realizado na Cruz. Essa distinção foi característica da teologia anglicana clássica do século XVII e aparece com frequência nos escritos dos bispos carolinos, e mostra que não somente na Igreja da Inglaterra, mas também na Igreja da Irlanda já se tinha essa visão teológica

Os tractarianos não estavam elaborando uma nova corrente teológica, mas procuravam recuperar uma teologia que havia sido desenvolvida e esquecida pelos altos dignitários da Igreja do século XIX. O retorno a essas fontes também influenciou o estudo das antigas liturgias orientais e ocidentais revelou a centralidade da Eucaristia, da oração comum, do calendário litúrgico e da vida sacramental na Igreja primitiva. Diversas práticas posteriormente restauradas nas paróquias anglicanas encontravam fundamento não apenas na tradição medieval, mas nos testemunhos patrísticos traduzidos pela Biblioteca dos Padres da Igreja.

Do ponto de vista acadêmico, estes estudos e publicações elevaram significativamente o nível dos debates no mundo acadêmico de língua inglesa. Até então, muitos textos permaneciam inacessíveis à maioria dos estudantes ou eram simplesmente ignorados pela ala evangélica da Igreja da Inglaterra. A publicação, comentários e debates teológicos estimulou novas pesquisas em história da Igreja, teologia dogmática, liturgia e espiritualidade cristã.

Seu impacto ultrapassou amplamente os limites do Anglicanismo, sendo utilizada por estudiosos protestantes, católicos romanos e ortodoxos até hoje. As traduções e publicações feitas em conjunto pelos intelectuais do Oriel College, do Corpus Christi College e do Christ Church, se consolidaram como uma das maiores contribuições do Movimento para sua época. Da mesma forma, a influência dos seus líderes cresceu a tal ponto, que o grupo ficou dividido.

Começaram a surgir diferentes tendências teológicas entre seus principais líderes e seguidores. Os chamados “puseyitas” eram aqueles que se identificavam com o pensamento de Edward Bouverie Pusey, defendendo a restauração da vida sacramental, da liturgia e da espiritualidade católica sem romper com a Igreja da Inglaterra. Pusey acreditava que o Anglicanismo permanecia como um verdadeiro ramo da Igreja Católica (a Teoria dos Ramos⁷) e que sua renovação deveria ocorrer a partir da recuperação da Patrística, da sucessão apostólica e da tradição da Igreja primitiva. Já os “newmanitas” eram os seguidores de John Henry Newman, que, especialmente após a publicação do *Tract 90* (1841), passaram a considerar cada vez mais difícil sustentar a posição da *via media*.

As diferenças que inicialmente se manifestavam apenas como ênfases teológicas entre os líderes do Movimento de Oxford tornaram-se cada vez mais profundas ao longo da década de 1840. A ideia de que o grupo dos tractarianos estava dividido em duas facções, iria se concretizar ainda mais com a saída de alguns de seus cabeças.

⁷ A Teoria dos Ramos (*Branch Theory*) foi uma formulação eclesiológica desenvolvida sobretudo por teólogos do partido *High Church* e posteriormente aprofundada pelo Movimento de Oxford, especialmente por seu maior promotor, William Palmer, seguido por John Henry Newman em sua fase anglicana, e Edward Bouverie Pusey. Segundo essa teoria, a Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica subsiste historicamente em diferentes “ramos” que preservaram a sucessão apostólica, os sacramentos e a fé dos antigos Concílios Ecumênicos. Esses ramos seriam, principalmente, a Igreja Anglicana, a Igreja Católica Romana e as Igrejas Ortodoxas, que, apesar de estarem separadas em comunhão, continuariam pertencendo à única Igreja de Cristo. A Teoria dos Ramos tornou-se um dos pilares da eclesiologia anglo-católica do século XIX, servindo como fundamento para a defesa da identidade católica do Anglicanismo sem submissão ao papado. Posteriormente, essa posição foi abandonada por Newman após sua conversão ao Catolicismo Romano em 1845, mas permaneceu influente entre Pusey e muitos teólogos anglo-católicos que continuaram a defender a Igreja Anglicana como um autêntico ramo da Igreja Católica histórica.

A crise dos Tractarianos e as conversões ao Catolicismo

A repercussão negativa do *Tract 90*, publicado em 1841, foi o catalisador para a crise que se iniciou entre os tractarianos. Professores e diversos representantes da corrente evangélica acusaram Newman de desvirtuar o sentido histórico dos Artigos e de tentar romanizar o Anglicanismo. A controvérsia alcançou a liderança da Igreja inglesa e o Bispo de Oxford proibiu a escrita e da publicação dos Tratados. Embora Newman jamais tenha sido condenado formalmente, percebeu que sua posição dentro da Igreja da Inglaterra tornava-se insustentável.

O ano de 1845 encerrou o Movimento de Oxford. A partir daí, a opinião pública pesou sobre os tractarianos remanescentes. Três eventos em Oxford marcaram essa oposição: Issac Williams, autor de um dos tracts, havia se candidatado para professor de poesia em Oxford, mas, apesar de sua qualificação para tal, não foi aceito; outro tractariano, Mr. McMullen sofreu uma iniciativa que tentava impedir que ele recebesse o seu grau em bacharel na Universidade. E o terceiro foi a suspensão de Pusey de pregar em Oxford por dois anos, como resultado de um sermão seu, pregado na Igreja de Cristo (uma paróquia), no qual ele declarava que nada impedia que a Igreja da Inglaterra considerasse a Eucaristia como um sacrifício comemorativo (OLIVEIRA, 2017, p. 331).

Após a crise provocada pelo *Tract 90*, Newman retirou-se para Littlemore, pequena comunidade próxima de Oxford, onde passou vários anos em intensa oração, estudo e reflexão. Esse período foi decisivo para sua evolução intelectual. O aprofundamento dos estudos patrísticos convenceu-o de que muitas doutrinas desenvolvidas ao longo da história da Igreja representavam crescimento orgânico da fé apostólica e não simples corrupções posteriores. Essa percepção conduziria diretamente à elaboração de sua teoria do desenvolvimento doutrinário.

Em 1845 publicou a sua obra teológica mais profunda Ensaio sobre o Desenvolvimento da Doutrina Cristã. Nela, Newman argumentava que a doutrina cristã, embora permaneça essencialmente idêntica ao depósito da fé apostólica, desenvolveu-se historicamente sob a ação do Espírito Santo em diferentes períodos históricos. O livro foi concluído poucos dias antes de sua recepção oficial na Igreja

Católica Romana pelo Padre Domenico Barberi, tornando-se a síntese intelectual de sua longa jornada espiritual.

Após ingressar na Igreja Católica Romana, John Henry Newman foi ordenado sacerdote católico em 1847 e tornou-se membro da Congregação do Oratório de São Filipe Néri. Também fundou o Oratório de Birmingham, dedicando-se ao ensino, à pregação e à formação intelectual dos leigos. Entre suas principais obras destacam-se *Apologia Pro Vita Sua* (1864), autobiografia espiritual escrita em resposta a críticas recebidas por sua conversão ao Catolicismo; *A Ideia de uma Universidade* (1852), reflexão clássica sobre a educação superior; e *Ensaio a Favor de uma Gramática do Assentimento* (1870), uma contribuição sua à Filosofia da Religião e à Epistemologia.

Em reconhecimento à sua contribuição intelectual e pastoral, o Papa Leão XIII elevou Newman ao cardinalato em 1879, mesmo sem que tivesse exercido funções episcopais (uma exceção à época). Até sua morte, ocorrida em 11 de agosto de 1890, Newman permaneceu uma das figuras mais respeitadas do catolicismo inglês, sendo admirado inclusive por muitos anglicanos que continuavam lendo suas obras.

Outros episódios de dissidência na Igreja da Inglaterra se seguiram a Newman, levando outros apoiadores do Movimento de Oxford às fileiras romanas, a exemplo de Henry Edward Manning, que se converteu ao Catolicismo Romano após o desfecho do Caso Gordham. George Cornelius Gorham era um sacerdote de orientação evangélica que havia sido indicado para uma paróquia na Diocese de Exeter. Durante o exame canônico realizado pelo Bispo Henry Phillpotts, Gorham afirmou posições consideradas incompatíveis com a doutrina tradicional sobre o Batismo, especialmente ao negar que a regeneração espiritual estivesse necessariamente vinculada ao Sacramento. Para o bispo, tais afirmações contrariavam o ensinamento histórico da Igreja e, por essa razão, recusou-se a instituí-lo como pároco local.

Gorham apelou da decisão, e o processo chegou ao Comitê Judicial do Conselho Privado (*Judicial Committee of the Privy Council*), um órgão civil do Estado britânico. Em 1850, o tribunal decidiu favoravelmente a Gorham, determinando que suas posições eram compatíveis com a doutrina da Igreja da Inglaterra e obrigando o Bispo de Exeter a aceitá-lo em sua diocese. A decisão representou, na prática, a intervenção definitiva de um tribunal secular em uma questão estritamente doutrinária e sacramental.

Para Manning, esse julgamento era uma nova apostasia por parte do Estado e uma submissão da Igreja, como uma espécie de cesaropapismo inglês. Para ele, mais importante do que a discussão sobre a regeneração batismal era o princípio estabelecido pela sentença: um tribunal composto por leigos, nomeado pelo Estado, havia assumido autoridade para definir quais doutrinas poderiam ou não ser consideradas legítimas dentro da Igreja. Manning concluiu que, se a doutrina da Igreja podia ser determinada pelo poder civil, então a Igreja da Inglaterra não possuía independência espiritual nem autoridade magisterial própria. Diferente de Henry Newman, que havia se convertido por causa de seus estudos, Henry Manning se converteu por causa de sua visão, que a Igreja Anglicana estava submetida ao Estado.

Convencido de que a Igreja necessitava de uma autoridade capaz de preservar a integridade da fé sem subordinação ao Estado, Henry Edward Manning foi recebido na Igreja Católica Romana em 1851. A sua esposa, Caroline Sargent, havia falecido em 1837. Diante da sua viuvez e conversão, ele decidiu abraçar o sacerdócio. Após breves estudos em Roma, foi ordenado sacerdote católico em 1851 e, poucos meses depois, tornou-se Arcebispo de Westminster em 1865, sendo também criado cardeal pelo Papa Pio IX, uma década depois, em 1875.

Henry Manning sucedeu a Nicholas Wiseman, o primeiro Arcebispo de Westminster, após o restabelecimento da hierarquia católica romana na Inglaterra e no País de Gales, em 1850. Manning foi responsável pela construção da catedral católica de Westminster e pela introdução do sistema de educação católica, e pelo estabelecimento do Colégio Universitário Católico em Kensington.

As conversões de Newman e Manning mexeram com as bases do Movimento de Oxford e suas lideranças. À medida que Newman aprofundava suas obras, no mesmo período outros clérigos passaram a questionar a autonomia espiritual da Igreja Anglicana e se de fato ela tinha uma ligação concreta com a Igreja do tempo dos Apóstolos. Clérigos como Frederick Oakeley e William George Ward figuram entre os mais importantes representantes do Movimento de Oxford. Embora não tenham alcançado a mesma notoriedade de John Henry Newman, John Keble ou Edward Bouverie Pusey, ambos exerceram influência sobre o desenvolvimento do Tractarianismo em sua fase inicial.

Frederick Oakeley formou-se na Christ Church, em Oxford, e destacou-se por seu interesse pela Patrística e pela tradição *High Church*. Influenciado por John Keble e John Henry Newman, aproximou-se do

Movimento de Oxford, defendendo uma compreensão mais sacramental da Igreja e da Eucaristia. Como responsável pela *Margaret Street Chapel*, em Londres, transformou-a em um dos centros mais importantes do Tractarianismo. Esta igreja, na segunda fase do Movimento de Oxford, promoveu a renovação litúrgica anglo-católica na Inglaterra, realizando celebrações mais solenes, intensa atividade pastoral e catequética. Também se destacou como escritor e tradutor, sendo autor da célebre versão inglesa do hino latino *Adeste Fideles*, intitulada *O Come, All Ye Faithful*. Posteriormente, diante da saída de Newman, Oakeley também ficou convencido de que a Igreja da Inglaterra não preservava plenamente a autoridade católica, e converteu-se à Igreja Católica Romana em 1845.

Já William George Ward, também formado em Oxford, destacou-se inicialmente como matemático e filósofo, tornando-se um dos mais radicais defensores do Movimento de Oxford. Influenciado diretamente por Newman, passou a sustentar que a restauração da catolicidade do Anglicanismo deveria conduzir ao reconhecimento da autoridade papal. Ele pode ser considerado o primeiro “anglo-papista”. Essa posição foi apresentada em sua obra *The Ideal of a Christian Church* (1844), que provocou forte controvérsia e levou à sua condenação pela Universidade de Oxford. Privado de suas funções acadêmicas, Ward ingressou na Igreja Católica Romana pouco depois, dedicando-se à apologética e ao ensino da filosofia e da teologia.

As conversões de Oakeley e Ward, assim como as de Newman e Manning, representaram um momento de profunda crise para o Movimento de Oxford. Ao mesmo tempo, seus escritos levaram Edward Bouverie Pusey, John Keble e outros líderes que permaneceram na Igreja da Inglaterra a formular uma defesa mais consistente da identidade católica do Anglicanismo independente de Roma. Suas trajetórias evidenciam a principal tensão do Movimento: enquanto alguns concluíram que a plenitude da catolicidade exigia a comunhão com a Igreja Católica Romana, outros permaneceram convencidos de que a Igreja Anglicana continuava sendo um verdadeiro ramo da Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica.

Com a saída de Newman, Pusey passou a redefinir os objetivos do Movimento de Oxford. Ao contrário de Newman, Pusey permaneceu convencido de que a Igreja da Inglaterra conservava a sucessão apostólica, a validade dos sacramentos e a continuidade histórica com a Igreja antiga. Em sua compreensão, os problemas

existentes no Anglicanismo não justificavam um rompimento com a Igreja nacional. Pelo contrário, acreditava que a verdadeira vocação dos Tractarianos consistia em promover uma renovação interna da Igreja da Inglaterra, recuperando sua herança patrística, litúrgica e sacramental sem abandonar sua identidade própria.

Embora a conversão de Newman tenha provocado um inevitável afastamento institucional, a amizade entre ele e Pusey jamais foi completamente rompida. Ambos continuaram nutrido profundo respeito intelectual um pelo outro. Newman reconhecia em Pusey um dos maiores teólogos anglicanos de seu tempo, enquanto Pusey jamais deixou de admirar a integridade espiritual e a extraordinária capacidade teológica de seu antigo companheiro de Oxford. Mesmo pertencendo agora a Igrejas distintas, ambos continuaram acompanhando atentamente os escritos e a atuação um do outro.

Essa relação tornou-se particularmente evidente na década de 1860, quando Pusey publicou sua obra *The Church of England a Portion of Christ's One Holy Catholic Church, and a Means of Restoring Visible Unity* (1865), mais conhecida como *Eirenicon*. Nesse livro, Pusey procurava defender a possibilidade de uma futura aproximação entre anglicanos e católicos romanos, argumentando que muitos dos conflitos históricos poderiam ser superados mediante um diálogo fundamentado na tradição da Igreja antiga. Ao mesmo tempo, expressava reservas quanto a alguns desenvolvimentos da doutrina mariana no Catolicismo.

Newman respondeu de maneira respeitosa, porém firme, por meio da célebre *Letter to the Rev. E. B. Pusey, D.D., on the Occasion of His Eirenicon* (1866). A carta constitui um dos mais importantes documentos do diálogo anglicano-católico do século XIX. Newman descreveu a doutrina católica sobre a veneração da Virgem Maria, distinguindo cuidadosamente entre adoração (*latria*), devida somente a Deus, e veneração (*hyperdulia*), prestada à Mãe de Cristo. Também explicou a lógica do desenvolvimento da doutrina que para ele, justificava definições posteriores da Igreja, como a Imaculada Conceição.

Apesar das diferenças, o tom da correspondência permaneceu marcadamente fraterno. Newman evitou ataques pessoais ou polêmicas desnecessárias, dirigindo-se a Pusey como um antigo amigo cuja sinceridade jamais colocava em dúvida. Da mesma forma, Pusey recebeu a resposta com respeito, reconhecendo a profundidade das argumentações apresentadas, ainda que permanecesse convencido das posições anglicanas. Essa troca de cartas demonstrou que o diálogo

teológico poderia ser conduzido com elevado nível acadêmico, caridade cristã e mútuo reconhecimento.

Em questões teológicas, Henry Newman também tinha diferenças com os recém-convertidos ao Catolicismo, a exemplo das posições de Henry Manning, que era a favor da declaração formal da doutrina da infalibilidade papal. Newman, embora fosse pessoalmente convicto, em termos teológicos, acerca do tema da infalibilidade, opôs-se à sua definição como dogma, temendo que a definição pudesse ser expressa em termos muito amplos e sujeitos a mal-entendidos.

Enquanto Newman se consolidava como um dos maiores teólogos do Catolicismo Romano do século XIX – sendo criado cardeal pelo Papa Leão XIII em 1879 –, Pusey tornou-se a principal referência do Anglo-Catolicismo dentro da Igreja da Inglaterra. Sob sua liderança, o movimento abandonou gradualmente as discussões sobre uma possível submissão a Roma e concentrou seus esforços na renovação litúrgica, na recuperação da vida sacramental, no ressurgimento das ordens religiosas e no fortalecimento da identidade católica do Anglicanismo. O chamado Ritualismo, que floresceria nas décadas seguintes, deve muito à estabilidade proporcionada por Pusey após a crise e as dissidências a partir de 1845.

Uma questão que é preciso ser observada é a evolução dos termos ligados ao Movimento de Oxford. Entre 1833 a 1841, o movimento começou a ser tachado de Tractarianismo e seus membros de tractarianos, devido à publicação dos *Tratados para os Tempos*. Diante do histórico apresentado, é notório que o Movimento de Oxford não possuía uma unidade de pensamento, mas posições específicas ou ênfases dadas por diferentes teólogos. Isso fazia com que se criassem grupos, cujos criticamente, os rotulavam a partir de seus cabeças. Os “puseyitas” eram aqueles seguidores do pensamento de Pusey e os “newmanitas” eram os seguidores de Newman.

Desde 1838, John Henry Newman passou a usar o termo Anglo-Catolicismo em seus escritos e correspondências para definir a *via-media* histórica do Anglicanismo como uma espécie de *catolicismo inglês*. Em seus termos, ele chamou de Anglo-Catolicismo “a religião de Andrews, Laud, Hammond, Butler e Wilson” (NEWMAN, 1838, p. 22). Após 1845, quando Newman se converteu ao Catolicismo Romano, os Tractarianos restantes como Edward Bouverie Pusey e John Keble e seus sucessores popularizaram explicitamente o termo

“anglo-católico” como o descritor padrão para a renovação litúrgica e espiritual contínua do movimento.

Do mesmo modo, George Ayliffe Poole na sua obra *Sobre o Estado Atual dos Partidos na Igreja da Inglaterra* (1841), identificava os anglo-católicos como o grupo que sucedeu o Bispo John Jebb, um clérigo do partido da Igreja Alta irlandesa do século XVIII ao início do século XIX, que teve uma influência bastante significativa sobre os membros do renascimento católico.

A igreja de fato tem o poder de decretar cerimônias e de decidir em questões controversas, mas que para o clérigo inglês, a Igreja da Inglaterra é, para tais assuntos, A Igreja; e que ele deve recorrer aos registros da igreja universal não para condenar sua própria santa mãe, mas para apoiar e confirmar sua autoridade; e para provar, não questionar, seus ensinamentos. (POOLE, 1841, p. 5)

A definição de Anglo-Catolicismo de George Poole pressupõe uma lealdade à Tradição e ao Patrimônio Anglicano, o que significaria, que ser anglo-católico é ser um membro leal da Igreja Anglicana, seguindo os passos dos grandes teólogos do passado.

A permanência de Pusey a frente dos trabalhos foi decisiva para impedir que o Movimento de Oxford desaparecesse com a saída de Newman. Se Newman forneceu ao movimento sua estrutura intelectual inicial, Pusey garantiu sua continuidade institucional e pastoral. Graças à sua liderança, o Anglo-Catolicismo deixou de ser apenas um círculo de estudiosos universitários e transformou-se em uma ampla corrente eclesial, presente em paróquias, seminários, comunidades religiosas e missões sociais em toda a Comunhão Anglicana.

Com o encerramento dessa primeira fase, de cunho tractariano, o acirramento das tensões aumentou, não por causa da saída de Newman da Igreja Anglicana, mas por causa do desenvolvimento de uma segunda fase no Movimento de Oxford, na qual podemos passar a falar propriamente de um Anglo-Catolicismo ou de um movimento anglo-católico como corrente teológica e litúrgica.

Essas tensões causaram não apenas disputas teológicas, como naturalmente aconteceram na primeira fase do Tractarianismo, mas debates que envolveram o Estado e o uso das instituições para suprimir, perseguir e, em alguns casos, prender clérigos que estavam promovendo o Movimento Ritualista na Igreja da Inglaterra.

PARTE II

O ANGLO-CATOLICISMO EM ASCENSÃO

O Movimento Ritualista e o ressurgimento das Ordens

O Movimento Ritualista na Igreja da Inglaterra é considerado como a “segunda fase” do Movimento de Oxford. Desde a segunda metade do século XIX, fundamentados nas teses, no senso histórico e no resgate das fontes patrísticas pelos tractarianos, diferentes clérigos anglicano buscaram reintroduzir práticas litúrgicas e cerimoniais que haviam sido suprimidas ou abandonadas após a Reforma Protestante.

Os anglo-católicos dessa “segunda geração”, chamados de ritualistas, buscaram dar uma ênfase em uma Liturgia mais elaborada e com um cerimonial voltado para práticas pré-Reforma, inspiradas na Liturgia da Igreja Universal. Isso incluía o uso de ornamentos litúrgicos, velas, incenso e gestos rituais durante a adoração. Da mesma forma era dada uma ênfase nos sacramentos. Os ritualistas valorizavam os sete sacramentos, como estabelecidos pela Igreja indivisa, especialmente a Eucaristia, como central para a vida da Igreja e da adoração cristã. Eles enfatizavam a presença real de Cristo na Eucaristia e buscavam restaurar a reverência e a devoção associadas a esse sacramento.

Todavia, estas práticas eram vistas de forma muito negativa pelos bispos locais, especialmente porque viam nelas uma tentativa de retorno ao que tachavam de “romanismo”⁸. De debates acadêmicos, discussões em ambientes universitários ou eclesiais, até charges publicadas em jornais da época, as tensões subiram ao ponto de clérigos serem processados em cortes judiciais por causa de práticas ritualísticas consideradas “estranhas ao culto, doutrina e disciplina da Igreja”. O caso mais famoso da época foi, sem dúvida, o julgamento do Reverendo Arthur Tooth.

Em 1874, o Parlamento aprovou a Lei de Regulamentação do Culto Público, buscando restringir a liberdade nas práticas de culto de sacerdotes anglicanos identificados com o Movimento Ritualista. Entre os principais alvos encontrava-se o Reverendo Arthur Tooth, cujas práticas litúrgicas eram consideradas excessivamente “romanizadas” ou “papistas” por seus opositores. Ele foi formalmente acusado de utilizar incenso durante a celebração da Eucaristia, empregar vestimentas litúrgicas tradicionais, com o uso da casula, manter velas sobre o altar e adotar outras cerimônias associadas ao Anglo-Catolicismo nascente.

⁸ Vale lembrar, que, infelizmente, mesmo após a superação dessas questões, ainda hoje, as práticas anglo-católicas são tachadas, por alguns anglicanos, de “romanismo”.



Padre Arthur Tooth, SSC (esquerda). A charge “O Mártir Cristão”, de Leslie Mark, retratando a prisão de Tooth após o julgamento (direita).

O processo foi submetido ao Tribunal das Arcadas, presidido pelo juiz James Plaisted Wilde, Lord Penzance, cuja audiência ocorreu no Palácio de Lambeth em 13 de julho de 1876. Tooth recusou-se a comparecer, pois não reconhecia a legitimidade de um tribunal civil para julgar questões relacionadas à doutrina, à liturgia e à disciplina interna da Igreja (à semelhança das teses defendidas no início do Movimento de Oxford, sobre a intervenção do Estado em questões eclesiásticas). Em sua compreensão, somente a autoridade eclesiástica – o bispo –, poderia decidir sobre assuntos referentes ao culto cristão.

Mesmo após sucessivas advertências e determinações judiciais, Arthur Tooth continuou exercendo normalmente seu ministério sacerdotal, apesar das frequentes interrupções provocadas por opositores que compareciam às celebrações com o propósito de impedir a realização dos ofícios. Diante da persistente recusa em cumprir as determinações judiciais, Tooth foi preso em 22 de janeiro de 1877 por desacato à Corte e encaminhado à prisão de Horsemonger Lane, Londres.

O encarceramento de um sacerdote por questões litúrgicas provocou grande repercussão em toda a Inglaterra e tornou-se um dos episódios mais emblemáticos das Controvérsias Ritualistas do século XIX. Em fevereiro de 1877, o famoso caricaturista britânico, Sir Leslie Matthew Ward, de pseudônimo Spy, publicou uma charge retratando Arthur Tooth atrás das grades da prisão, intitulada “O Mártir Cristão”. De fato, a condenação e prisão do sacerdote o transformou, aos olhos dos anglo-católicos, em um mártir, ao invés de um rebelde da lei eclesial, e sua história se tornou notícia de primeira página nacional.

Após o julgamento de Arthur Tooth, o Tribunal das Arcadas reforçou as restrições sobre as práticas litúrgicas associadas ao Movimento de Oxford e ao Anglo-Catolicismo nascente na Igreja da Inglaterra. Isso teve um impacto negativo na liberdade litúrgica de alguns clérigos anglo-católicos, que se sentiram ameaçados ou constantemente vigiados na forma como conduziam o culto. Na prática, em algumas dioceses onde o Movimento não era influente, os clérigos ficavam à mercê da simpatia (ou não) de seus bispos e colegas, fazendo com que tivessem muita cautela em suas práticas. Em 1880, outros clérigos foram novamente processados por questões ritualistas.

Em dezembro de 1878, o Reverendo Thomas Pelham Dale foi processado pelo Lord Penzance no Tribunal das Arcadas pelo uso de vestes eucarísticas no culto, prática adotada desde o Natal de 1873. Dois dias depois, da sentença, Dale foi preso e encarcerado na prisão de Holloway.

Tempos depois, outro clérigo anglo-católico da "segunda geração", Richard William Enraght, foi denunciado por suas práticas litúrgicas, que incluíam a adoração do Santíssimo Sacramento, o uso de velas eucarísticas, o uso de casula e alva, o uso de hóstia na Sagrada Comunhão, a mistura cerimonial de água e vinho da comunhão, a prática do sinal da cruz em direção à congregação durante o serviço da Sagrada Comunhão, a inclinação da cabeça no *Gloria in Excelsis* e a permissão para que o *Agnus Dei* fosse cantado. Todas estas práticas, à época, eram proibidas pelo seu bispo.

Essas práticas resultaram em um processo contra Enraght movidos pelos advogados da Associação da Igreja (de orientação evangélica) e sendo apoiado e defendido pelos membros da União da Igreja Inglesa (que promovia as práticas anglo-católicas na Igreja da Inglaterra). Em 27 de novembro de 1880, Enraght foi preso em sua casa paroquial e levado para a prisão de Warwick.

As condenações de Tooth, Dale e Enraght geraram debates públicos significativos sobre questões teológicas, litúrgicas e acerca da liberdade religiosa na Inglaterra vitoriana. Os casos levantaram questões sobre os limites da relação entre a Igreja e o Estado, bem como sobre a natureza da autoridade eclesiástica e a liberdade de consciência dos clérigos, tão cara à própria Reforma Inglesa.

Em protesto às prisões 1880, foi publicada uma charge na revista *Punch* que mostrava o Arcebispo de Cantuária Archibald Tait tentando controlar as “ovelhas negras ritualistas” com seu projeto de lei fraudulento chamado “Projeto de Lei de Regulamentação do Culto Público”.⁹ Uma cópia deste cartaz foi fixada numa parede perto do Palácio de Lambeth, irritando o então Arcebispo Tait.

O julgamento de Arthur Tooth marcou bastante opinião pública sobre a Igreja e desmascarou as divisões teológicas e litúrgicas que existiam dentro da comunidade anglicana na época. Após estes episódios, podemos dizer que o Movimento Ritualista alcançou seu objetivo, que era garantir a liberdade de culto e cerimonial por parte dos clérigos. Desde então, as novas práticas ritualísticas e cerimoniais ganharam espaço entre os anglicanos, inclusive chegando a outros continentes e estabelecendo o Anglo-Catolicismo como um fenômeno teológico, litúrgico, pastoral e social global.

O Movimento Ritualista teve influência nos Estados Unidos principalmente através de sacerdotes missionários que foram influenciados pelo Movimento de Oxford e pelas práticas litúrgicas mais elaboradas associadas aos ritualistas na Inglaterra. A imigração para os Estados Unidos, de alguns clérigos e leigos ritualistas, fez com que estas ideias e práticas litúrgicas chegassem ao continente norte-

⁹ A charge intitulada *A PERSEGUIÇÃO VITORIANA: A HISTÓRIA SE REPETE*, apresentava o seguinte conteúdo escrito: Antes de Cristo, 533: Três judeus foram lançados numa fornalha ardente por causa da sua consciência. 583: Daniel foi lançado na cova dos leões por causa de sua consciência. Ano do Senhor, 28: São João Batista foi lançado na prisão por causa de sua consciência. 33: Nosso Senhor bendito foi crucificado por reivindicar "a Lei". 51: São Pedro e São João foram lançados na prisão por pregarem Cristo. 55: Santo Estêvão foi apedrejado até a morte por questões de consciência. 68: Os santos Pedro e Paulo foram mortos por causa da consciência. Em 155: Hooper, Ridley e Latimer foram queimados por questões de consciência. Em 1556: Cranmer foi queimado por questões de consciência. Em 1876, Arthur Tooth foi preso por questões de consciência. 1880: T. Pelham Dale, RW Enraght, por amor à consciência, estão na prisão agora, neste ano de 1880 de Nosso Senhor, e 43º de Vitória, e, pela graça de Deus, que eles acendam uma vela que jamais se apague.

americano e se estabelecessem congregações e comunidades onde podiam praticar sua fé de acordo com as tradições, com muito mais facilidade do que os anglo-católicos na Inglaterra na primeira fase do Movimento.

Missionários anglicanos que foram influenciados pelo Movimento Ritualista introduziram essas práticas em suas comunidades nos Estados Unidos. Semelhante aos tractarianos, eles escreveram livros, ensaios e sermões defendendo uma abordagem mais católica da liturgia e da teologia anglicanas. Várias congregações e paróquias da Igreja Episcopal nos Estados Unidos foram receptivas às práticas ritualistas, sem maiores problemas, uma vez que, havia um ambiente favorável na cultura estadunidense da época. Sua influência ajudou a moldar a diversidade de práticas litúrgicas e teológicas dentro da Igreja Episcopal e outras denominações anglicanas nos Estados Unidos, especialmente em grandes Dioceses como Nova York, Flórida, Los Angeles e Chicago, assim como pequenas, como a Diocese de Fond Du Lac, Albany e Porto Rico (um Estado Associado dos Estados Unidos).

O Movimento Ritualista provocou controvérsia dentro da Igreja da Inglaterra e da sociedade britânica em geral. Muitos anglicanos mais protestantes se opuseram às práticas ritualistas, considerando-as papistas ou contrárias aos princípios da Reforma Protestante. Isso levou a disputas legais, processos judiciais e até mesmo a prisões de clérigos ritualistas. Apesar das controvérsias e oposição, o Movimento Ritualista teve um impacto duradouro na Igreja da Inglaterra, influenciando a liturgia, a teologia e a prática religiosa dentro da comunidade anglicana. Suas ideias e práticas continuam a ser debatidas e estudadas até os dias de hoje.

As lideranças do Movimento Ritualista nos Estados Unidos foram diversas e incluíram clérigos, teólogos e leigos que foram influenciados pelas práticas litúrgicas e teológicas do Movimento Ritualista na Inglaterra. Entre as lideranças nos Estados Unidos que contribuíram para o estabelecimento das idéias do Movimento na Igreja Episcopal, foi John Henry Hobart, da Diocese de Nova York, que no início do século XIX promoveu uma abordagem mais sacramental e litúrgica dentro da Igreja Episcopal. Ele enfatizou a importância dos sacramentos e da sucessão apostólica na vida da igreja.

Outro bispo importante da época foi William Croswell Doane, da Diocese de Albany, que influenciou na promoção de práticas litúrgicas mais ricas e sacramentais dentro da Igreja Episcopal. Ele era

conhecido por suas liturgias elaboradas e seu compromisso com o ensino e a pregação da fé católica dentro do contexto anglicano. E também temos o Bispo Arthur Cleveland Coxe, Diocese Oeste de Nova York, o qual defendia uma abordagem mais sacramental e católica da teologia e da liturgia dentro da Igreja Episcopal. Ele foi influente na promoção das práticas ritualistas e sacramentais em sua diocese. Embora alguns bispos proeminentes defendessem e promovessem estas práticas, assim como na Inglaterra também houve muita resistência em terras estadunidenses.

William Augustus Muhlenberg foi um dos principais defensores da liberdade de culto e ritual na Igreja nos Estados Unidos. Ele fundou a Igreja do Bom Pastor em Nova York, conhecida por suas liturgias elaboradas e seu compromisso com o serviço social, através da educação entre as classes menos abastadas. Ele foi o primeiro sacerdote episcopal a realizar uma eucaristia semanal e ofícios diários. Ele era conhecido como um inovador do culto divino, mas nunca foi um verdadeiro “ritualista”. O ritualismo que ele introduziu nas capelas de sua escola tinha um propósito: imprimir nas mentes de seus meninos as grandes doutrinas do Cristianismo. O conceito funcionou com bons resultados. Era uma ideia tanto lockiana quanto anglo-católica: ele queria dar impressões vívidas às mentes jovens. Alguns dos artigos escritos por Muhlenberg foram publicados em dois volumes de 1875 a 1877, por Anne Ayres, sob o título *Evangelical Catholic Papers*.

Embora vários dos ex-alunos e seguidores de Muhlenberg tenham se tornado anglo-católicos, ele ficou consternado quando Newman se converteu ao Catolicismo Romano em 1845. Em 1853, ele apresentou uma resolução à Convenção Geral da Igreja Episcopal que ficou conhecida como *Memorial de Muhlenberg*. A resolução apela à abertura de espírito e à liberdade do clero paroquial para responder às necessidades dos paroquianos, especialmente no que diz respeito ao culto de domingo de manhã. O *Memorial de Muhlenberg* tornou-se um símbolo do Anglo-Catolicismo nos Estados Unidos e influenciou várias paróquias devotas, que apreciavam a ênfase na liturgia, nos sacramentos e na devoção religiosa. No entanto, suas práticas ritualistas provocaram controvérsia entre alguns setores da Igreja Episcopal americana, levando a disputas e divisões dentro da comunidade religiosa.

Se na Inglaterra, a Universidade de Oxford e outros Colleges menores atuaram na divulgação das ideias do Movimento de Oxford e das práticas anglo-católicas, nos Estados Unidos, as instituições de

ensino da Igreja responsáveis foram o General Theological Seminary, em Nova York, e a Nashotah House, em Delafield, Wisconsin. Estes seminários foram peças-chave no ensino e influência do Movimento Ritualista na Igreja Episcopal, criando sua imagem de uma *Igreja Alta*.

O seminário de orientação anglo-católica mais importante na história dos Estados Unidos é o General Theological Seminary (GTS). Concebido pelo Bispo John Hobart, em maio de 1817, a Convenção Geral da Igreja Episcopal aprovou duas resoluções: a primeira, de fundar um seminário episcopal a ser apoiado por toda a igreja; a segunda, que este seria estabelecido na cidade de Nova York.

[...] será estabelecido no estado de Nova York, sob a direção ou pela autoridade da Convenção Geral da Igreja Episcopal Protestante nos Estados Unidos da América, ou da Convenção da Igreja Episcopal Protestante no Estado de Nova York, uma faculdade, academia, escola ou seminário, para a educação de jovens designados para ordens sagradas na Igreja Episcopal Protestante.

Nos primeiros anos, o seminário era conhecido por sua afinidade com o Movimento de Oxford e o Anglo-Catolicismo. Isso se refletiu em sua liturgia e teologia, que eram mais sacramentalmente ricas e cerimoniais do que as de muitas outras instituições protestantes da Igreja Episcopal. Entre os seus alunos nos primeiros anos, estiveram Phillips Brooks, que se tornou reitor da Igreja da Trindade, em Boston, e depois bispo da Diocese de Massachusetts; William Meade, bispo da Diocese da Virgínia e difusor das idéias do Movimento de Oxford; e James Lloyd Breck, um missionário que desempenhou um papel na expansão da Igreja nos estados do meio-oeste dos Estados Unidos e na fundação da Nashotah House.

Fundada em 1842 por três jovens diáconos da Igreja Episcopal, James Lloyd Breck, William Adams e John Henry Hobart, Jr., a Nashotah House é uma das escolas teológicas mais antigas na Comunhão Anglicana a receber alunos de outras Províncias. Desde o seu início, esta Casa de formação teológica se tornou um centro acadêmico da tradição anglo-católica. Breck, o seu primeiro reitor, estava alinhado com as teses do Movimento Oxford. Mais tarde, professores como James DeKoven trariam o culto e a prática litúrgica anglo-católica para o seminário. Isto começou com a celebração diária da Eucaristia, bem como com o uso de vestimentas, velas e incenso.

Entre seus alunos mais notáveis, estão Frank Weston, bispo da Igreja Anglicana na África do Sul e uma figura proeminente no movimento anglo-católico. Weston foi conhecido por seu trabalho missionário e sua defesa dos direitos dos pobres e oprimidos. Outro aluno proeminente foi William Cabell Brown, eleito bispo nos Estados Unidos, após realizar um trabalho missionário em solo brasileiro, ajudando a estabelecer a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil.

Outros bispos que passaram pela Nashotah House foram Charles Chapman Grafton e Reginald Heber Weller, ambos defensores das práticas do movimento ritualista e do Anglo-Catolicismo, os quais desempenharam um papel importante na vida da Igreja Episcopal. Weller foi ordenado e sagrado bispo por Grafton no famoso episódio que ficou conhecido como “O Circo de Fond Du Lac”.

Charles Grafton foi um dos cinco filhos nascido em uma família que veio da Inglaterra para os Estados Unidos. À época, ele frequentava a Igreja do Advento, em Boston, onde mais tarde tornou-se o seu quarto Reitor. Nesta comunidade, fortemente marcada pelas ideias e práticas do Movimento de Oxford, começou a seguir os impulsos de uma vocação ao sacerdócio, bem como um grande interesse nas teses dos tractarianos. Em 1865 ele viajou para a Inglaterra para se encontrar com um dos líderes do Movimento de Oxford, Edward Pusey. Após isto, fundou a Sociedade de São João Evangelista (SSJE), junto com Richard Benson e Samuel O’Neill. Mais tarde, o grupo ficou conhecido como os “Padres Cowley” (oriundos da cidade de Cowley), onde eles viviam em comunidade. Após três anos, Grafton foi eleito bispo da Diocese de Fond du Lac, uma das menores e mais pobres circunscrições da Igreja estadunidense.

Seu episcopado foi marcado por ricas contribuições à liturgia, ao movimento ecumênico e à vida religiosa. Um dos eventos mais notáveis e controversos foi a ordenação de Reginald Heber Weller, como bispo coadjutor, em 08 de novembro de 1900, na Catedral de São Pedro, em Fond du Lac. Dois grandes clérigos (e hoje santos) da Igreja Ortodoxa Russa, São Tikhon (Patriarca de Moscou), então bispo do Alasca e da América do Norte, e João Kochurov (jovem sacerdote e mais tarde hieromártir durante a Revolução Bolchevique), foram, a convite de Grafton, participantes do rito de sagração. Um grupo de bispos episcopais, partidários do movimento anglo-católico, junto com Anthony Kozłowski um bispo da Igreja Católica Nacional Polonesa, também estavam presentes.

Após o ofício religioso, a foto do grupo foi tirada, sendo, provavelmente, a primeira vez que bispos episcopais da “Igreja Alta” foram fotografados com trajes completos. A foto causou grande agitação em toda a Igreja, especialmente entre os episcopais da “Igreja Baixa”, que consideravam tais vestimentas demasiadamente “romanas”. Assim, o evento passou a ser conhecido na história e pela mídia da época como o “Circo de Fond du Lac”.



Foto da Consagração de Reginald Heber Weller como bispo anglicano na Catedral de São Paulo, Diocese Episcopal de Fond du Lac. Sentados (da esquerda para a direita): Dom Isaac Lea Nicholson, Bispo Episcopal de Milwaukee; Dom Charles Chapman Grafton, Bispo Episcopal de Fond du Lac; Dom Charles P. Anderson, Bispo Coadjutor Episcopal de Chicago. Em pé (da esquerda para a direita): Dom Anthony Kozłowski, da Igreja Católica Nacional Polonesa; Dom G.M. Williams, Bispo Episcopal de Marquette; Dom Reginald Weller; Dom Joseph M. Francis, Bispo Episcopal de Indianápolis; Dom William E. McLaren, Bispo Episcopal de Chicago; Dom Arthur L. Williams, Bispo Coadjutor Episcopal de Nebraska; São João Kochurov, mártir ortodoxo russo do Regime da URSS; São Sebastião (Dabovich); São Tikhon Bellavin, Bispo do Alasca e das Ilhas Aleutas, e futuro Patriarca de Moscou.

Bispos como Grafton, Weller e Weston representam o início da “terceira geração” de anglo-católicos, iniciada em 1900, indo até o fim da Segunda Guerra Mundial. Este período foi marcado por uma agenda

missionária intensa, com a fundação de paróquias e dioceses com ampla liberdade da espiritualidade anglo-católica, e o restabelecimento da vida religiosa, através de ordens contemplativas, cujo trabalho na periferia das grandes cidades e entre os marginalizados teve um papel significativo para que a Igreja cumprisse com a sua função social.

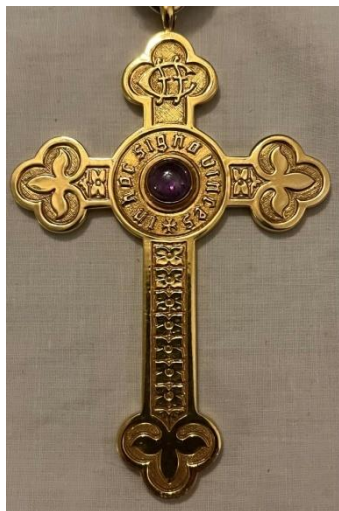
Um dos desdobramentos mais importantes do Movimento de Oxford e do Anglo-Catolicismo foi a restauração da vida religiosa comunitária no Anglicanismo. Desde a Dissolução dos Mosteiros promovida por Henrique VIII entre 1536 e 1541, a Igreja da Inglaterra permaneceu, por cerca de três séculos, sem ordens religiosas. Os líderes anglo-católicos compreenderam que a renovação da Igreja não poderia restringir-se à liturgia e à teologia, mas deveria incluir a recuperação da tradição monástica presente desde os primeiros séculos do cristianismo.

Inspirados pelos Padres da Igreja, por São Bento, Santo Agostinho e pelas antigas comunidades monásticas do Oriente e do Ocidente, diversos anglicanos passaram a defender o restabelecimento da vida consagrada. Para eles, monges e religiosas não representavam uma inovação romana, mas uma herança da Igreja indivisa, anterior à Reforma Inglesa. Assim, o ressurgimento das ordens religiosas fazia parte do projeto de recuperação da identidade católica do Anglicanismo. Inicialmente, essas iniciativas encontraram forte oposição de setores protestantes e evangélicos, que associavam o monaquismo aos abusos medievais combatidos pela Reforma. Entretanto, as novas comunidades conquistaram respeito por meio de sua atuação pastoral e social, dedicando-se ao cuidado dos pobres, dos enfermos, da educação e das missões urbanas, especialmente nas grandes cidades inglesas transformadas pela Revolução Industrial.

Entre as primeiras organizações masculinas destacou-se a Sociedade da Santa Cruz (*Society of the Holy Cross* – SSC)¹⁰, fundada em 1855 por Charles Fuge Lowder e outros sacerdotes anglo-católicos. Embora não seja uma ordem religiosa propriamente dita, mas uma sociedade sacerdotal, tornou-se uma das instituições mais influentes do Anglo-Catolicismo. Seu objetivo era fortalecer a vida espiritual, sacramental e pastoral dos sacerdotes comprometidos com os ideais do Movimento de Oxford. Os membros da SSC assumiam uma disciplina rigorosa de oração, celebração frequente da Eucaristia, direção espiritual e dedicação ao ministério paroquial. Muitos atuaram em

¹⁰ No Brasil, o Rev. Melque Ambrósio (TAC) está em processo de ingresso na SSC.

bairros operários e extremamente pobres de Londres e de outras cidades, tornando-se conhecidos pela defesa da liturgia tradicional e pela assistência às populações marginalizadas. Sua atuação foi decisiva para a consolidação do Ritualismo anglicano durante o século XIX.



Padre Charles Fuge Lowder, fundador da Sociedade da Santa Cruz (esquerda).
Ao lado, a cruz, símbolo da SSC, com as inscrições em latim: Sob este signo vencerás.

A primeira comunidade religiosa masculina estável do Anglicanismo após a Reforma foi a Sociedade de São João Evangelista (*Society of Saint John the Evangelist* – SSJE), fundada em 1866 por Richard Meux Benson, em Cowley, Oxford. Seus membros professavam votos religiosos e organizavam sua vida em torno da oração comunitária, da Eucaristia diária, do estudo das Escrituras e da missão evangelizadora, seguindo uma regra inspirada na tradição monástica clássica. Por causa da sua origem, ficaram conhecidos como os “Padres Cowley”.

A influência dos Padres Cowley ultrapassou rapidamente os limites de Oxford e alcançou diversas partes da Comunhão Anglicana. Além de sua intensa vida religiosa, esses missionários dedicaram-se à fundação e ao fortalecimento de paróquias marcadas pela espiritualidade anglo-católica, contribuindo para a difusão da renovação litúrgica promovida pelo Movimento de Oxford. Seu ministério combinava profunda vida sacramental, pregação, direção espiritual, assistência aos pobres e formação do clero, tornando-se um modelo para inúmeras comunidades anglicanas.

Nos Estados Unidos, a atuação dos Padres Cowley exerceu influência decisiva sobre o desenvolvimento do Anglo-Catolicismo na Igreja Episcopal. Entre as paróquias mais representativas desse legado destaca-se a Igreja do Advento, em Boston, Massachusetts. Fundada em 1844 e posteriormente vinculada à espiritualidade anglo-católica, a paróquia tornou-se um dos principais centros da liturgia solene nos Estados Unidos, preservando até hoje o uso do canto litúrgico tradicional, da missa cantada, do incenso e das vestimentas clássicas.

Outra comunidade profundamente associada ao florescimento do Anglo-Catolicismo norte-americano é a Igreja de São Clemente, na Filadélfia, Pensilvânia. Desde o final do século XIX, a paróquia consolidou-se como uma das mais importantes referências da tradição anglo-católica, destacando-se pela liturgia tradicional, pela centralidade da Eucaristia, pela devoção ao Santíssimo Sacramento e por um intenso ministério pastoral. Embora cada uma dessas comunidades possua sua própria história, ambas refletem a influência espiritual e missionária exercida pelos Padres Cowley pioneiros nos EUA, cujo trabalho contribuiu significativamente para estabelecer o Anglo-Catolicismo como uma das expressões mais marcantes da Igreja Episcopal¹¹.



Os “Padres Cowley”, sacerdotes da Sociedade de São João Evangelista (SSJE), ligados à Igreja Episcopal de São Clemente, na Filadélfia, EUA.

¹¹ Em 2025 a Editora Laud publicou *Os Padres Cowley na América – Os primeiros anos*.

No campo feminino destacou-se a Sociedade de Santa Margarida (*Society of Saint Margaret* – SSM), fundada em 1855, em East Grinstead, Sussex, Inglaterra, sob a inspiração de John Mason Neale, foi a primeira ordem de freiras da Comunhão Anglicana. A comunidade de irmãs dedicou-se especialmente ao cuidado dos enfermos, à educação de meninas, aos orfanatos e à assistência social, respondendo às necessidades surgidas com a rápida urbanização da Inglaterra vitoriana. A espiritualidade da SSM combinava intensa vida de oração com serviço ao próximo. Suas irmãs organizavam a rotina comunitária em torno da Liturgia das Horas, da celebração eucarística, da leitura das Escrituras e da tradição patrística, demonstrando que a vida religiosa poderia desenvolver-se plenamente dentro da tradição anglicana. Atualmente, a SSM possui conventos e priorados independentes em locais como Boston, Londres e Walsingham, na Inglaterra.



Padre John Mason Neale (esquerda), paramentado com vestes eucarísticas. Uma freira da Sociedade de Santa Margarida – SSM (direita), vestindo o hábito da Ordem.

O ressurgimento dessas comunidades marcou profundamente o desenvolvimento do Anglo-Catolicismo. Além de restaurarem a tradição da vida consagrada, contribuíram para a renovação litúrgica, missionária e pastoral da Igreja Anglicana. A SSC, a SSJE e a SSM

permanecem até hoje como importantes expressões da espiritualidade anglo-católica, dando continuidade à tradição milenar do ideal de vida equilibrada oriundo do monasticismo cristão: oração, estudo e trabalho. Aqui, o trabalho é visto, a partir da Teologia da Encarnação, como a inserção do cristão na sociedade para transformá-la, através da ajuda aos mais necessitados, sendo a Igreja o principal instrumento para isso.

Um dos equívocos mais frequentes acerca do Anglo-Catolicismo consiste em reduzi-lo a uma simples renovação litúrgica ou a um movimento preocupado apenas com a recuperação de antigas cerimônias e práticas sacramentais. Embora a valorização da liturgia e da tradição cristã dos primeiros séculos tenha sido uma de suas principais características, seus frutos estenderam-se muito além do espaço celebrativo. Para os anglo-católicos, a liturgia deveria conduzir à missão, e a celebração dos sacramentos encontrava seu prolongamento natural no serviço aos pobres, aos enfermos e às populações marginalizadas. Em outras palavras, o altar e a rua não constituíam realidades opostas, mas dimensões inseparáveis da mesma vocação.

A Inglaterra da primeira metade do século XIX vivia profundas transformações provocadas pela Revolução Industrial. O rápido crescimento das cidades produziu bairros operários superlotados, marcados pela pobreza, pelo desemprego, pelas epidemias e por condições precárias de habitação. Enquanto a riqueza industrial aumentava, milhares de trabalhadores viviam em situação de extrema vulnerabilidade. Muitos sacerdotes anglicanos passaram a perceber que a Igreja precisava responder a essa nova realidade, não apenas com a pregação do Evangelho, mas também mediante ações concretas de assistência, educação e promoção da dignidade humana.

Nesse contexto destacou-se o sacerdote anglicano e professor do King's College de Londres, Frederick Denison Maurice. Ele foi um cristão considerado na época progressista, sendo o principal representante do chamado Cristianismo Social ou Socialismo Cristão (do inglês, *Christian Socialism*). Em sua obra *The Kingdom of Christ* (1838), Maurice defendia que o Reino de Deus possuía consequências concretas para a vida econômica e social. A Igreja deveria denunciar as injustiças produzidas pela industrialização, promover a solidariedade entre as classes sociais e testemunhar o Evangelho por meio do compromisso com os mais pobres. Embora não fosse adepto do Movimento de Oxford, suas ideias exerceram significativa influência sobre o desenvolvimento da ação social no Anglo-Catolicismo.

O movimento do Socialismo Cristão foi liderado por Maurice, que em 1838, publicou um livro chamado *O Reino de Cristo*, também conhecido em inglês como *Letters to a Quaker concerning the principles, conceptions and ordinances of the Catholic Church* (Cartas para um Quaker a respeito dos princípios, concepções e determinações da Igreja católica). No livro, ele afirmava que Cristo veio para estabelecer um reino, não uma seita religiosa ou uma nova sociedade. Este reino é para todos e o mundo, como tal, deve ser trazido plenamente para a liderança (direção) de Cristo. Este reino propugna pelo ideal: não há distinção de classes, não há ricos nem pobres, não há opressor nem oprimido. A lei de Cristo deveria governar a todos. Com esta obra, Maurice estabeleceu as bases teológicas e filosóficas do Socialismo Cristão entre os anglicanos (OLIVEIRA, 2017, 341).

Ao mesmo tempo em que Maurice desenvolvia uma reflexão sobre a responsabilidade social da Igreja, muitos sacerdotes anglo-católicos chegavam a conclusões semelhantes por caminhos diferentes. Para eles, a recuperação da tradição litúrgica, da sucessão apostólica e da vida sacramental exigia igualmente uma renovação da missão pastoral. A Eucaristia celebrada diariamente deveria produzir uma comunidade comprometida com a caridade cristã, refletindo a prática da Igreja primitiva descrita nos Atos dos Apóstolos.

Foi nesse ambiente que surgiram os chamados *Slum Priests* (ou “padres da favela” ou “padres do cortiço”, em livre tradução), um grupo de sacerdotes anglo-católicos que decidiu abandonar o conforto das paróquias tradicionais para viver e exercer seu ministério entre os bairros mais pobres das grandes cidades inglesas, especialmente Londres. Inspirados pelos ideais do Movimento de Oxford, esses sacerdotes compreendiam que a presença sacramental da Igreja deveria alcançar precisamente aqueles que haviam sido esquecidos tanto pelo Estado quanto pelas próprias instituições religiosas.

Os Padres da Favela celebravam diariamente a Eucaristia, administravam os sacramentos, visitavam os doentes, organizavam escolas paroquiais, distribuíam alimentos, fundavam hospitais, cuidavam de órfãos e acompanhavam trabalhadores submetidos às duras condições da industrialização. Sua atuação demonstrava que o chamado Ritualismo não consistia apenas na introdução de incenso, velas ou vestimentas litúrgicas, mas na convicção de que a beleza da

liturgia deveria transformar-se em serviço concreto ao próximo. A solenidade do culto encontrava sua continuidade natural nas ruas, nos hospitais e nas casas dos mais pobres.

Entre os mais conhecidos representantes desse movimento destacaram-se Charles Fuge Lowder, Arthur Tooth e Alexander Heriot Mackonochie. Lowder, como fundador da Sociedade da Santa Cruz (SSC), tornou-se célebre por seu trabalho na região portuária de Wapping e em St. Peter's, London Docks, onde enfrentou epidemias de cólera, extrema pobreza e forte hostilidade anticatólica. Sua dedicação pastoral valeu-lhe o reconhecimento popular como um verdadeiro “padre dos pobres”, demonstrando que os sacerdotes anglo-católicos encontravam sua autenticidade tanto no altar quanto no cuidado cotidiano das populações marginalizadas.

A experiência dos *Padres da Favela* contribuiu decisivamente para modificar a imagem pública do Anglo-Catolicismo. Muitos críticos acusavam os ritualistas de se preocuparem apenas com cerimônias elaboradas e detalhes litúrgicos. Entretanto, o trabalho desenvolvido nos bairros operários demonstrava exatamente o contrário. A renovação litúrgica caminhava lado a lado com a evangelização, a assistência social, a educação popular e a defesa da dignidade humana. Em diversas regiões da Inglaterra, as paróquias anglo-católicas tornaram-se importantes centros de acolhimento para trabalhadores, imigrantes, viúvas e crianças abandonadas.

Essa convergência entre liturgia e ação social criou o ambiente propício para o ressurgimento das ordens religiosas anglicanas. As novas comunidades masculinas e femininas compreenderam que a oração comum, a vida comunitária e a disciplina espiritual encontravam sua expressão mais autêntica no serviço aos necessitados. Inspiradas tanto pelo ideal patrístico quanto pelo exemplo dos *Padres da Favela*, essas ordens passaram a atuar em hospitais, escolas, orfanatos, missões urbanas e instituições de caridade, tornando-se um dos mais importantes frutos do Movimento de Oxford.

A restauração da vida religiosa não representou apenas a recuperação de uma tradição interrompida desde a Reforma Inglesa, mas a consolidação de uma espiritualidade profundamente encarnada na realidade social. A experiência do Cristianismo Social de Frederick Denison Maurice, o testemunho pastoral dos “Padres da Favela”, e o ressurgimento das comunidades religiosas demonstraram que o Anglo-Catolicismo não pretendia apenas restaurar a beleza do culto cristão,

mas reafirmar a missão integral da Igreja. Tudo isso só foi possível graças a ousadia e insistência de alguns sacerdotes em levar adiante o trabalho pastoral e social já instituído nas suas paróquias, mas também por causa do apoio dado pelos bispos que passaram a apoiar as crenças e práticas do Anglo-Catolicismo

Um desses apoios episcopais veio de uma das figuras mais importantes na virada do século XIX para o XX, o Bispo Charles Gore. Ele foi um proeminente teólogo e bispo da Igreja da Inglaterra, tendo presenciado a transição da segunda para a terceira geração de anglo-católicos, desempenhando um papel significativo no Movimento Ritualista e no desenvolvimento da Teologia da Encarnação.

Charles Gore estudou no Balliol College, em Oxford, onde teve contato com as ideias do Movimento de Oxford. Junto com Edward Pusey, foi um dos fundadores do Keble College, em Oxford, quatro anos após a morte de John Keble, em 1866, tendo lecionado na mesma faculdade, sendo reitor de sua capela. Gore foi ordenado na Igreja da Inglaterra em 1878.

Diferente de outros colegas da época, que ficaram fechados nas suas respectivas cátedras universitárias, Gore passou a desenvolver uma forte atuação em questões sociais e políticas de seu tempo, incluindo questões de justiça social, educação e reforma social. Gore defendia uma abordagem mais liberal e inclusiva da teologia, enfatizando a importância do pensamento crítico e da interpretação histórica na compreensão da fé cristã, algo o colocava em uma linha tênue entre o Liberalismo Teológico e a Ortopraxia pregada pelo próprio Movimento de Oxford.

Ele escreveu muitos livros, ensaios e sermões ao longo de sua vida, abordando uma ampla gama de questões teológicas, sociais e éticas dentro do contexto do anglicanismo e da fé cristã. A mais importante de suas obras é *A Encarnação do Filho de Deus* (1891). Nesta obra, Gore explora a doutrina da Encarnação, discutindo a natureza de Cristo como Deus e homem, e a importância dessa doutrina para a fé cristã. Em *A Igreja e o Ministério* (1889) examina o papel da igreja e do ministério dentro da comunidade cristã, discutindo questões relacionadas à autoridade eclesiástica e à ordenação sacerdotal. Em *O Corpo de Cristo: Uma Investigação sobre a Instituição e Doutrina da Sagrada Comunhão* (1901) Gore examina a doutrina e a prática da Eucaristia na tradição cristã, discutindo sua importância como um sacramento central da fé cristã.

Em 1902, Charles Gore foi nomeado Bispo de Worcester, e em 1905, tornou-se Bispo de Birmingham. Ele foi conhecido por seu trabalho pastoral e teológico dentro da Igreja da Inglaterra, o que permitiu uma rápida expansão do movimento anglo-católico dentro da Igreja da Inglaterra e dos Estados Unidos através de sua influência intelectual. Sua influência na vida da Igreja da Inglaterra é tanta que ele pode ser considerado uma ponte no pensamento anglo-católico entre o século XIX e o início do século XX, ou marcando o fim da segunda geração de anglo-católicos para uma terceira, que viu o fim das perseguições ao Movimento Ritualista e abriu caminho para uma expansão das práticas e a fundação de novas igrejas, dioceses e até mesmo ordens religiosas, que supriram demandas do povo, em nível pastoral, espiritual e social.

Essa terceira fase do Movimento de Oxford – ou os anglo-católicos de “terceira geração” – foi marcada pelo surgimento de Ordens Religiosas e pelo trabalho missionário em outros países, como os Estados Unidos, países da África, como a África do Sul, Moçambique e Gana, e da Oceania, como a Austrália e Melanésia, testemunhou a expansão da Igreja Anglicana e Episcopal através de outra dimensão: a social.

Desse modo, a “beleza da santidade”, expressa por uma Liturgia bem elaborada, sóbria e que promovesse a participação e inserção do povo na vida sacramental da Igreja, naturalmente conduzia à caridade, e a contemplação encontrava sua plenitude no serviço ao próximo, fazendo do altar a fonte permanente da ação missionária e social da Igreja Anglicana. Isto fez com que surgisse uma “religiosidade popular” anglicana, despertando antigas devoções do povo local, a exemplo das devoções marianas, desaguando no renascimento e reconstrução de um antigo local de devoção: o Santuário de Nossa Senhora de Walsingham, no interior da Inglaterra.

Nossa Senhora de Walsingham e o novo santuário

A devoção a Nossa Senhora de Walsingham ocupa um lugar singular na história do Cristianismo inglês e, particularmente, na tradição anglo-católica. Muito antes do surgimento da Reforma Inglesa, o pequeno vilarejo de Walsingham, localizado no condado de Norfolk, tornou-se um dos maiores centros de peregrinação da Europa Ocidental, sendo muitas vezes chamado de “Nazaré da Inglaterra”.

Durante séculos, reis, bispos, monges, camponeses e peregrinos dirigiram-se ao santuário para venerar a Virgem Maria, tornando Walsingham um símbolo da identidade espiritual da Inglaterra medieval.

Segundo a tradição, a origem do santuário remonta ao ano de 1061, durante o reinado de Eduardo, o Confessor, poucos anos antes da Conquista Normanda de 1066. A nobre saxônica Richeldis de Faverches, senhora da propriedade de Walsingham, teria recebido uma série de visões da Virgem Maria. Nessas aparições, Maria conduziu Richeldis, de maneira milagrosa, à cidade de Nazaré e mostrou-lhe a casa onde ocorrera a Anunciação do anjo Gabriel e a Encarnação de Cristo. A Virgem pediu que uma réplica daquela casa fosse construída em Walsingham como memorial permanente da Encarnação do Verbo.

De acordo com a narrativa tradicional, Richeldis encontrou dificuldades para reproduzir as dimensões da Santa Casa. Após uma noite de oração, a pequena construção teria sido miraculosamente transferida por intervenção angélica para outro local da propriedade, onde deveria permanecer definitivamente. Independentemente da historicidade literal desse relato, a tradição rapidamente difundiu-se por toda a Inglaterra, fazendo de Walsingham um importante centro de espiritualidade mariana ainda no século XI.

A devoção desenvolveu-se em torno da chamada Santa Casa (*Holy House*), construída em madeira e posteriormente protegida por uma igreja de pedra. Seu simbolismo era profundamente cristológico: mais do que exaltar Maria em si mesma, o santuário recordava o mistério da Encarnação, celebrado na humildade da casa de Nazaré. Ao longo dos séculos XII e XIII, a fama de Walsingham cresceu extraordinariamente. Os Cônegos Regulares de Santo Agostinho assumiram a administração do santuário e promoveram sua expansão arquitetônica e pastoral. Novas igrejas, capelas, hospedarias e espaços destinados aos peregrinos foram construídos, transformando Walsingham em um dos principais destinos religiosos da Inglaterra medieval, comparável, em prestígio, aos grandes santuários europeus de Roma, Santiago de Compostela e Cantuária.

A peregrinação a Walsingham tornou-se prática comum entre todas as classes sociais. Reis ingleses como Eduardo I, Henrique V e Henrique VIII visitaram o santuário, oferecendo preciosas doações à imagem de Nossa Senhora. A presença da monarquia reforçava o papel de Walsingham como centro religioso nacional, demonstrando que a

devoção mariana ocupava posição central na espiritualidade inglesa muito antes das divisões provocadas pela Reforma.

No centro do santuário encontrava-se a célebre imagem de Nossa Senhora de Walsingham, representando Maria entronizada com o Menino Jesus. A iconografia enfatizava simultaneamente a dignidade régia da Virgem e sua maternidade divina, reforçando a dimensão cristológica da devoção. Milhares de peregrinos dirigiam-se ao local para receber os sacramentos na Missa, cumprir promessas e pedir a intercessão da Mãe de Deus diante das dificuldades da vida cotidiana.

Durante toda a Baixa Idade Média, Walsingham exerceu profunda influência sobre a espiritualidade inglesa. A peregrinação integrava elementos litúrgicos, penitenciais e devocionais, fortalecendo a vida sacramental da Igreja. Diversas confrarias foram organizadas em torno do santuário, e numerosas igrejas passaram a dedicar altares e capelas à Virgem de Walsingham, evidenciando a ampla difusão dessa devoção em todo o reino.

Essa longa tradição foi abruptamente interrompida durante o reinado de Henrique VIII. Após o rompimento com Roma e a instituição da supremacia real sobre a Igreja da Inglaterra, iniciou-se o processo conhecido como Dissolução dos Mosteiros (1536–1541). Além da reorganização administrativa das casas religiosas, a política da Coroa buscava eliminar importantes centros de devoção considerados incompatíveis com a nova orientação religiosa do reino.

Em 1538, o Priorado de Walsingham foi oficialmente dissolvido. Seus monges foram expulsos, os bens confiscados pela Coroa e as construções religiosas progressivamente destruídas. A célebre imagem de Nossa Senhora de Walsingham foi retirada do santuário e levada para Londres, onde, segundo as fontes históricas, foi publicamente queimada em Chelsea juntamente com outras imagens religiosas consideradas objetos de superstição. A destruição da imagem tornou-se um dos símbolos mais marcantes da Reforma Inglesa.

Pouco tempo depois, a própria Santa Casa foi demolida, seguida pela maior parte do complexo monástico. O local que durante quase cinco séculos acolhera milhares de peregrinos transformou-se em ruínas. A interrupção das peregrinações representou não apenas a destruição de um edifício religioso, mas o rompimento de uma das mais importantes tradições espirituais da Inglaterra medieval. Durante aproximadamente quatrocentos anos, a devoção pública a Nossa Senhora de Walsingham permaneceu praticamente extinta.

Apesar da destruição física do santuário, sua memória jamais desapareceu completamente. Relatos históricos, documentos medievais, antigas canções religiosas e referências literárias preservaram a lembrança da antiga peregrinação. Em alguns círculos anglicanos ligados à tradição *High Church* permaneceu vivo o interesse pela história de Walsingham, especialmente durante o século XIX, quando o Movimento de Oxford passou a redescobrir aspectos esquecidos da espiritualidade pré-reforma.



Padre Alfred Hope Patten, vestido com sua batina e barrete.

O renascimento efetivo da devoção ocorreu apenas no início do século XX, graças ao ministério do Padre Alfred Hope Patten. Nomeado em 1921 como vigário da Igreja de Santa Maria e Todos os Santos, em Little Walsingham, Patten era um entusiasta da tradição anglo-católica e ao chegar ao local, se comprometeu com a recuperação da herança espiritual da Igreja da Inglaterra anterior à Reforma.

Convencido da importância histórica de Walsingham, o Padre Patten iniciou um amplo projeto de restauração da antiga peregrinação mariana. Em 1922, ele encomendou uma nova imagem de Nossa Senhora de Walsingham, inspirada na iconografia medieval preservada no antigo selo do Priorado de Walsingham. A imagem representava Maria coroada e entronizada como uma rainha anglo-saxã, sustentando o Menino Jesus no seu colo, apontando com uma mão para o seu Filho, enquanto Ele abençoa aos peregrinos. Esta imagem foi instalada primeiramente na igreja paroquial de *St. Mary and All Saints*, tornando-se objeto de crescente veneração entre os anglo-católicos.

Sob a liderança de Alfred Patten, as peregrinações cresceram rapidamente. Sacerdotes, bispos, religiosos e milhares de leigos passaram a visitar anualmente a pequena vila de Walsingham para participar das missas, das procissões, das bênçãos do Santíssimo Sacramento e das festas que eram dedicadas a Cristo, a Virgem e aos santos. Walsingham logo se converteu em um centro do renascimento anglo-católico, demonstrando que a devoção mariana podia coexistir plenamente com a identidade anglicana. O entusiasmo despertado pela restauração da imagem levou o sacerdote a reconstruir também uma réplica da antiga Santa Casa. Patten e seus apoiadores organizaram a campanha *Holy House Appeal* para arrecadar fundos e construir um novo santuário dedicado exclusivamente à Virgem Maria, sendo um empreendimento inédito na história da Igreja da Inglaterra.

Em 15 de outubro de 1931 aconteceu a inauguração do novo Santuário Anglicano de Walsingham, construído por Alfred Patten. Dentro da Igreja do santuário, uma nova Santa Casa (*Holy House*) foi dedicada, e a estátua de Nossa Senhora foi translada da igreja paroquial de Santa Maria para a igreja do santuário com grande solenidade, numa procissão que foi relatada pelos jornais da época, com a presença do povo, do clero e do Bispo Stephen Mowbray O'rorke.

Caminhei pelo ambulatório sul e, olhando através do pequena janela (a única janela da casa tradicional), vi que estava em pé diretamente em frente ao altar. O interior da casa era realmente muito pequeno. As paredes estavam nuas e aproximadamente terminado. Velas estavam acesas em um castiçal. Ao lado deste e do altar, com seu crucifixo e suas cortinas vermelhas e douradas, a pequena casa estava bastante vazia. Acima do altar havia um nicho, no qual se encontrava a figura de Nossa

Senhora, cópia exata da original, retirado de um selo do Priorado, deveria ser colocado. Então voltei para a igreja de Walsingham, que encontrei tão cheia de pessoas quanto antes. A oração foi feita pelo Rev. Alban Baverstock, e isso foi seguido pelo serviço da Bênção. Então a grande procissão foi formada. Enquanto caminhava com os outros peregrinos pelas ruas da vila de Walsingham, eu estava fiquei impressionado com o pensamento de que ali estava acontecendo um encontro memorável entre passado e presente. Há quase mil anos, o primeiro santuário foi erguido em Walsingham. Agora, no século XX Inglaterra, ingleses de todo o país vieram para a renovação do santuário. A procissão – e quão semelhante deve ter sido às procissões de antigamente, e ainda assim quão diferente! – cresceu em tamanho à medida que os moradores, que haviam deixado seus trabalhos, e os que chegaram mais tarde se juntaram a ela do lado de fora da igreja. A cruz liderou o caminho, depois seguiram as crianças de Walsingham, vestidas de branco, e membros das guildas de Nossa Senhora, com seus véus azuis e brancos. A imagem da Virgem e o Menino foram carregados por quatro diáconos de honra e cercados por cinco guardiões, Rev. AH Baverstock, Rev. HJ Fynes-Clinton, Rev. EH Lury, Rev. H Whitby e Sir William Milner. Atrás do santuário, dois a dois, em ordem aberta, vinha a longa fila de oitenta sacerdotes, cada um com uma vela acesa. Seguindo-os estava o Abade de Nashdom e Bispo O'Rorke. Agora a procissão ultrapassou toda a extensão da rua da aldeia; e ainda atrás do Bispo havia um grande número de leigos, alguns dos quais mal tinham saído da igreja. Todos carregavam uma vela acesa (CHURCH TIMES, 23 out. 1931).

A igreja principal foi construída de modo a abrigar uma igreja menor, que reconstitui a Santa Casa de Walsingham. No seu interior, revestido por tijolos escurecidos pelo tempo, nas paredes laterais ardem inúmeras velas com pedidos de oração por clérigos, peregrinos e igrejas ao redor do mundo. Ao centro da Santa Casa, ergue-se o altar-mor com a imagem da Virgem que o Padre Patten mandou esculpir em 1922.

Ela está entronizada em um nicho dourado, acima do altar, sempre adornada com um manto que segue a cor litúrgica do calendário da Igreja. A mesma imagem é levada nas procissões durante as solenidades e festas dedicadas à padroeira, que ocorrem no dia 15 de outubro, dia da transladação da imagem e dedicação do santuário.



A imagem do Santuário Anglicano, encomendada pelo Padre Alfred Patten, em 1922.
Foto: The Shrine of Our Lady of Walsingham.

Ao longo do interior da grande igreja do santuário, encontram-se quinze capelas laterais dedicadas aos mistérios do Rosário, para a meditação sobre a vida de Cristo, além de espaços destinados à oração silenciosa, à reconciliação e à celebração da Eucaristia. Entre as capelas mais significativas do complexo encontra-se a Capela Ortodoxa, construída como sinal da profunda estima que muitos anglo-católicos desenvolveram pela tradição das Igrejas Ortodoxas, sendo um local de acolhimento de imigrantes ortodoxos que chegaram à Inglaterra por causa da Segunda Guerra Mundial.

O altar-mor constitui o centro litúrgico da igreja do santuário. Ele se eleva sob um elaborado baldaquino, cercado por velas e por uma abóbada, que tem um afresco representando a Virgem sendo coroada por Cristo. Ao redor do presbitério encontram-se diversas efígies esculpidas em pedra representando sacerdotes que se destacaram na defesa da renovação litúrgica do Anglicanismo durante o século XIX, dentre elas, a figura Arthur Tooth. Essas esculturas funcionam como um memorial permanente daqueles que sofreram perseguições em defesa da liberdade litúrgica e da recuperação da tradição católica dentro da Igreja da Inglaterra. Após a morte do Padre Patten, em 1958, o próprio fundador do moderno Santuário de Walsingham passou a

integrar essa memória histórica, com uma efígie sua. Seu túmulo encontra-se nos jardins do próprio santuário.

O renascimento da espiritualidade mariana em Walsingham exerceu profundo impacto sobre a recuperação da vida litúrgica anglicana. Peregrinações, procissões, canto gregoriano, bênção do Santíssimo Sacramento, uso do rosário e celebrações solenes passaram a integrar a rotina de numerosas paróquias anglo-católicas. O santuário tornou-se igualmente importante centro de retiros espirituais, formação litúrgica e fortalecimento da identidade do clero anglo-católico e de milhares de fiéis dentro e fora da Comunhão Anglicana.

Embora o Santuário Anglicano tenha sido restaurado primeiro, a Igreja Católica Romana também retomou sua presença em Walsingham no final do século XIX e início do século XX. Atualmente coexistem na cidade outro importante Santuário Anglicano e um Santuário Católico Romano, ambos dedicados à Virgem de Walsingham. Essa convivência tornou o local um significativo espaço de diálogo ecumênico, reunindo peregrinos provenientes de diferentes tradições cristãs.

A devoção ultrapassou rapidamente os limites da Inglaterra. Igrejas, capelas, confrarias e sociedades dedicadas a Nossa Senhora de Walsingham foram fundadas em diversos países da Comunhão Anglicana, especialmente nos Estados Unidos, Canadá, Austrália, Nova Zelândia e África. A imagem da Virgem de Walsingham tornou-se um dos principais símbolos da espiritualidade anglo-católica internacional, muitas vezes presente em paróquias dessa tradição. Altares, réplicas de imagens e ícones podem ser encontrados em diversas Igrejas¹².

¹² Entre os exemplos de igrejas anglicanas e episcopais que possuem altares dedicados a Nossa Senhora de Walsingham estão a *St. Magnus the Martyr*, localizada em Lower Thames Street, Londres; a *Grace Episcopal Church*, em Sheboygan, da Diocese de Fond du Lac; a *Church of the Resurrection*, localizada no Upper East Side de Manhattan, Nova York; a *Good Shepherd Episcopal Church*, localizada em Rosemont, Pensilvânia. Da mesma forma tem-se a representação em vitrais, como a *Igreja de St. David*, da Diocese de Barbados, cuja imagem da Virgem e do Menino possuem traços e a cor da pele da etnia negra da população de Barbados. Na Nashotah House, há um relevo em pedra cuja inscrição abaixo diz: “Para a maior glória de Deus, para a honra de Nossa Senhora de Walsingham e em ação de graças pela presidência e decanato do Reverendíssimo Edmondson John Masters Nutter, 1925, AD”. No Brasil, algumas igrejas também possuem pequenas réplicas da imagem ou quadros entronizados em altares. Em terras brasileiras temos a *Catedral Anglicana de Votorantim*, pioneira em trazer uma pequena imagem ao Brasil, presenteada ao bispo Dom James Tavares, pelo

Atualmente a Nossa Senhora de Walsingham continua sendo considerada a principal devoção mariana do Anglo-Catolicismo¹³. Sua história sintetiza o percurso da própria tradição anglicana: uma rica herança medieval, a ruptura provocada pela Reforma, séculos de esquecimento e, finalmente, a redescoberta promovida pelo Padre Alfred Patten. Walsingham tornou-se um testemunho permanente da continuidade histórica do Anglicanismo com a Igreja antiga e da convicção anglo-católica de que a veneração da Virgem Maria, corretamente compreendida, conduz sempre ao mistério da Encarnação e ao seguimento de Jesus Cristo.

Os Congressos Anglo-Católicos

Os Congressos Anglo-Católicos constituíram alguns dos acontecimentos mais importantes da história do Movimento de Oxford e do Anglo-Catolicismo no século XX. Realizados em Londres, esses grandes encontros reuniam bispos, sacerdotes, religiosos e milhares de leigos provenientes de diferentes partes da Comunhão Anglicana com o objetivo de fortalecer a identidade católica da Igreja Anglicana, promover a renovação litúrgica, incentivar a vida sacramental e refletir sobre os desafios pastorais enfrentados pelo movimento. Além das celebrações solenes, os congressos incluíam conferências, debates teológicos, encontros missionários e grandes procissões públicas que evidenciavam a vitalidade do Anglo-Catolicismo.

O primeiro Congresso Anglo-Católico foi realizado em 1920, em Londres, sendo convocado por um grupo de destacados líderes anglo-católicos, entre eles os bispos Frank Weston, de Zanzibar, e Charles Fiske, da Diocese Central de Nova York, além de importantes sacerdotes ligados à Sociedade da Santa Cruz (SSC) e à União Inglesa da Igreja (*English Church Union*).

bispo de Quincy, Juan Alberto Morales, da Igreja Anglicana da América do Norte (ACNA); na *Paróquia Anglicana de São Jorge*, em Rio Claro, o reverendo Julian Godoy erigiu um altar para uma pequena imagem da Virgem, adquirida em Walsingham. O reverendo Elias Alves da *Paróquia da Misericórdia*, em Olinda, possui um estandarte da Virgem com o Menino, doado pela *Paróquia Anglicana da Ascensão* da IEAB, no Recife. E na coleção particular do Reverendo Rafael Vilaça, existe a maior imagem de Nossa Senhora de Walsingham no Brasil, esculpida em madeira e adquirida em 2024.

¹³ Para conhecer melhor a história da devoção à Virgem de Walsingham leia a obra *Nossa Senhora de Walsingham – Da Inglaterra ao Brasil* (2025), do autor deste livro.



Bispos Frank Weston, SSC (esquerda), e Charles Fiske, SSC (direita).
Responsáveis pela convocação do Primeiro Congresso Anglo-Católico de 1920.

A grande procissão realizada na manhã de 29 de junho, por ocasião da Festa de São Pedro e São Paulo, rumo à Igreja de St. Alban's, Holborn, em Londres, constituiu um dos momentos mais marcantes do Congresso Anglo-Católico e demonstrou a força alcançada pelo movimento nas primeiras décadas do século XX. Favorecida pelo bom tempo, a cerimônia atraiu milhares de espectadores, despertando enorme interesse da população londrina, que se reuniu ao longo das ruas para acompanhar o impressionante cortejo litúrgico.

A procissão era formada por cerca de 1.200 sacerdotes, organizados em filas de quatro, precedidos por um grande crucifixo processional. Todos estavam paramentados de maneira uniforme, usando batina, sobrepeliz e barrete, conferindo ao desfile uma notável solenidade e unidade visual. Logo atrás seguia o cortejo episcopal, composto por vinte bispos revestidos com capas pluviais e mitras, cada um acompanhado por dois diáconos vestidos com dalmáticas, além de crucíferos e turiferários que precediam os prelados, ressaltando o

caráter litúrgico e cerimonial da celebração. Numa descrição breve da grande cerimônia, feita por Charles E. Lee tem-se uma dimensão do evento, que parou a cidade de Londres e chamou a atenção, tanto de simpatizantes, quanto de críticos.

O Congresso foi inaugurado em 29 de junho de 1920, com uma missa solene na Igreja de Santo Albano, em Holborn — uma igreja, convém notar, que tem sido o centro do catolicismo na Inglaterra desde os tempos de seu primeiro vigário, o Padre Mackonochie. Sobre seu trabalho pioneiro, o Padre Russell, decano dos sacerdotes católicos, escreveu recentemente: — "Sobre o terreno que ele, com outros, conquistou e manteve, todos os avanços posteriores foram continuamente feitos. Nós, desta época, somos herdeiros de sua vitória, portanto, guardiões para aqueles que vierem depois de nós, para transmitir intactos a fé pela qual eles sofreram, sua coragem e sua esperança paciente." Mil e duzentos sacerdotes, organizados em grupos de quatro e precedidos por um grande crucifixo (proveniente da Basílica de São Mateus, em Westminster), compunham o corpo da procissão. Vinte e dois bispos seguiam atrás, entre os quais representantes da Escócia, África, Ásia e Austrália. Os bispos de Atlanta e da Pensilvânia representavam os Estados Unidos da América, e o arcebispo de Chipre, a Igreja Ortodoxa Oriental. O Padre Ross, vigário de St. Alban's, foi ordenado, auxiliado pelo venerável Padre Russell, Cura em St. Alban's por 50 anos, como diácono, e pelo Padre Whitley como subdiácono. (LEE, 1920).

Participaram da procissão bispos provenientes de diversas partes da Comunhão Anglicana, evidenciando o alcance internacional do Congresso Anglo-Católico. Estavam presentes os bispos de Antígua, Labuan, Nassau, Atlanta, Kalgoorlie, Barbados, Accra, Zululândia, Grantham, o bispo coadjutor da Cidade do Cabo, os bispos da Coreia, Pensilvânia, Argyll e das Ilhas, Kimberley, Noroeste da Austrália, além dos bispos de Hook, Goldsmith e Hornby.

Em reconhecimento à importância histórica das Igrejas do Oriente, o lugar de honra foi concedido ao Metropolita de Chipre, cuja presença simbolizava os estreitos vínculos que o Anglicanismo buscava cultivar com a Ortodoxia, buscando restabelecer a unidade presente na Igreja indivisa dos primeiros séculos.

As sessões do Congresso aconteceram no Royal Albert Hall, um dos maiores teatros de Londres.

A primeira sessão do Congresso foi realizada no Albert Hall na tarde de terça-feira, sob a presidência do Bispo de Zanzibar [Frank Weston]. O espaçoso edifício estava lotado, com a presença de leigos, e a maioria do clero ocupando assentos na plateia. O tema em discussão foi “A Mensagem da Igreja”, e quatro trabalhos foram apresentados abordando seus diversos aspectos. O Dr. Weston afirmou que aqueles que se juntaram ao Congresso não tinham a menor intenção de exercer qualquer pressão sobre o corpo episcopal. Novamente, não havia qualquer ideia de realizar uma manifestação para defender a fé católica. A razão suprema do Congresso era esta: todos estavam conscientes de que a Santa Igreja de Cristo na Terra estava perdendo a lealdade de homens e mulheres no mundo e queriam se colocar aos pés de Jesus Cristo e perguntar-Lhe: “O que queres que eu faça?” (MICHAEL, 20 jul. 2020).

O Congresso tinha, em primeira instância, o objetivo de agrupar e congregar os anglo-católicos espalhados na Inglaterra e também no mundo. Em um segundo objetivo, estava clara a intenção de evangelizar o povo inglês, através daquela presença pública da Igreja através do clero e dos fiéis reunidos. Na prática, o Congresso buscava chamar a atenção do povo para a relevância da Igreja inglesa.

O Professor CH Turner (Professor Irlandês de Exegese, Universidade de Oxford) leu o primeiro artigo, cujo tema era “A Fé e a Crítica Moderna”. O Bispo de Zululândia [Wilmot Vyvyan] prosseguiu com um discurso sobre “A Fé e a Evangelização do Mundo”. A posição da Igreja da Inglaterra subjugada ao controle estatal era responsável, disse o Bispo, por muitos mal-entendidos. Os presentes naquele dia não acreditavam em uma Igreja estatal. O Bispo pediu mais obreiros, especialmente para a Missão Universitária na África Central. Além de obreiros, precisava-se de dinheiro, e ele solicitou que fosse feita, antes do final do Congresso, antes do início da Conferência de Lambeth, uma oferta para missões que fosse uma prova real para um público incrédulo de que o movimento católico não estava morto, mas vivo e em movimento... (MICHAEL, 20 jul. 2020).

Outra posição defendida pelo Congresso – à semelhança da tese originária do Movimento de Oxford – era de que a Igreja não era uma simples repartição pública do Estado britânico, mas antes parte do corpo místico de Cristo, cuja missão era evangelizar locais em que o próprio Estado estava presente, mas que era ineficaz na transformação da sociedade local, especialmente em regiões colonizadas da África.

Do mesmo modo, o tema do Ecumenismo entre as Igrejas separadas foi apresentado como uma necessidade para dar um testemunho da fé concreto. Pela primeira vez, em três séculos, clérigos do alto escalão da Igreja Anglicana, falaram em uma unidade com a Igreja de Roma, e também com outras Igrejas cristãs.

O Bispo de Nassau [Roscow Shedden] presidiu a sessão da noite. O Reverendo EM Milner-White, do King's College de Cambridge, em um artigo sobre a Igreja Católica Romana, afirmou que, por mais que fossem necessárias pessoas para criar uma disputa, bastavam duas para se fazer a paz. A união existente entre Roma e Cantuária, em sua opinião, era subestimada. Tratava-se de uma força viva, que sobrevivera à fome e ao isolamento de três séculos. O Reverendo G.C. Clayton, do Peterhouse, em Cambridge, discursou sobre “Reunião com outros Corpos Cristãos”. Após mencionar os evidentes inconvenientes da desunião entre os falantes de inglês, ele afirmou que nossa principal razão para desejar a união com os não-conformistas era o fato de ambos termos recebido o Espírito Santo e, portanto, devermos ser um só corpo. Contudo, nenhuma reunião poderia ser concebida se fosse contrária à ordem católica. Ele sustentou que o reconhecimento formal ou a sua ausência não eram necessários. (MICHAEL, 20 jul. 2020).

Sob o lema “A Doutrina Católica da Igreja da Inglaterra” os congressistas reafirmaram a continuidade histórica do Anglicanismo com a Igreja dos tempos apostólicos, defendendo a centralidade da Eucaristia, a sucessão apostólica, a vida sacramental, a missão social da Igreja e a evangelização do mundo contemporâneo.

O Congresso de 1920 inspirou outras edições subseqüentes, reunindo mais clérigos de várias partes da Comunhão Anglicana. No Congresso de 1923, uma das falas mais importantes sobre a presença e relevância do movimento anglo-católico, veio do Bispo Frank Weston,

de Zanzibar. À semelhança do primeiro Congresso, voltou a defender a presença cada vez mais constante da Igreja na vida pública e sua presença junto ao povo, através do uso da Liturgia para atrair as pessoas a Cristo, através da Eucaristia.

A grande lição que a Inglaterra precisa aprender é que Cristo se encontra na matéria e em meio a ela – o Espírito através da matéria – Deus em carne, Deus no Sacramento. Mas eu lhes digo, e digo-lhes com toda a sinceridade que tenho, que se vocês estão preparados para lutar pelo direito de adorar Jesus em seu Santíssimo Sacramento, então vocês precisam sair do seu Tabernáculo e caminhar com Cristo, misticamente presente em vocês, pelas ruas deste país. (MICHAEL, 20 jul. 2020).

O Congresso de 1933 marcou os cem anos do Movimento iniciado pelos tractarianos. Os congressos tiveram enorme importância para mostrar que o Anglo-Catolicismo havia deixado de ser apenas uma corrente minoritária surgida na Igreja da Inglaterra para tornar-se uma expressão consolidada da Comunhão Anglicana, presente em diversos continentes. No mesmo ano, o clérigo Geoffrey Faber publicou a obra *Oxford Apostles* (do inglês, *Os Apóstolos de Oxford*).

O Sexto Congresso Anglo-Católico foi realizado em Londres, em julho de 1948, com foco no tema central "A Igreja". Originalmente planejado para 1940, foi adiado devido à Segunda Guerra Mundial. O evento coincidiu com a reunião dos bispos anglicanos de todo o mundo para Conferência de Lambeth que também ocorrera naquele ano.

Em meio as debates, surgiram algumas tensões de ordem ecumênica: Os delegados pediram forte cautela da ala anglo-católica em relação à proposta de intercomunhão com a nova Igreja do Sul da Índia, formada da união de anglicanos, metodistas e reformados, o que poderia afetar a validade das ordens em questão. No mesmo Congresso houve o reforço de ensinamentos tradicionais sobre os sacramentos, a sucessão apostólica e a continuidade da tradição católica na Igreja.

Após esta edição, não foram mais realizados encontros nessa magnitude, devido aos altos custos para a sua realização. Todavia, a experiência de duas décadas nestes eventos, reforçou o compromisso dos anglo-católicos em manter a unidade em práticas e doutrinas, frente às mudanças que se sucederam nas décadas seguintes no Ocidente.

O Movimento Contínuo e a preservação da Tradição

O período posterior à Segunda Guerra Mundial marcou o surgimento de uma “quarta geração” de anglo-católicos, caracterizada por profundas transformações teológicas, litúrgicas e pastorais. Se as gerações anteriores concentraram seus esforços na recuperação da tradição patrística, da sucessão apostólica, da liturgia e da vida sacramental, os anglo-católicos do pós-guerra passaram a enfrentar novos desafios impostos pela modernidade, pela secularização crescente das sociedades ocidentais e pelas mudanças culturais do século XX. Nesse contexto, procurou-se conciliar a herança católica do Anglicanismo com questões contemporâneas relacionadas aos direitos civis, ao diálogo ecumênico, às transformações sociais.

Entre 1921 e 1926, coincidindo com o período do Congresso Anglo-Católico, ocorreram as chamadas Conversações de Malines, uma série de encontros informais entre representantes da Igreja da Inglaterra e da Igreja Católica Romana, realizados na cidade de Malines (Mechelen), na Bélgica, com o objetivo de explorar possibilidades de aproximação e de uma futura reunificação entre as duas tradições cristãs. As conversas ocorreram sob o patrocínio do cardeal belga Désiré-Joseph Mercier e contaram com a participação de importantes anglicanos, entre eles Lord Halifax, um destacado líder anglo-católico, e do sacerdote Charles Lindley Wood.

Os participantes discutiram temas como a natureza da Igreja, a sucessão apostólica, o episcopado, a autoridade papal e a validade das ordens anglicanas. Embora não tenham produzido acordos oficiais, as Conversações de Malines estabeleceram um clima de confiança e respeito mútuo inédito desde a Reforma Inglesa, inaugurando uma nova etapa no relacionamento entre anglicanos e católicos romanos.

As Conversações foram interrompidas após a morte do cardeal Mercier, em 1926, e também devido às reservas existentes em Roma quanto à continuidade do diálogo. Ainda assim, seu legado permaneceu significativo, pois abriram caminho para o ecumenismo do século XX e influenciaram iniciativas posteriores, especialmente após o Concílio Vaticano II. Muitos estudiosos consideram as Conversações de Malines um dos antecedentes diretos da Comissão Internacional Anglicano-Católica Romana (ARCIC), criada em 1967, que retomaria oficialmente o diálogo teológico entre as duas Igrejas.

As reformas litúrgicas ocorridas após a década de 1960 exerceram forte impacto sobre o movimento. Inspiradas, em parte, pelo Movimento Litúrgico internacional e também pelas mudanças promovidas pelo Concílio Vaticano II (1962–1965), diversas províncias anglicanas substituíram progressivamente o tradicional Livro de Oração Comum por novos livros litúrgicos em linguagem contemporânea. Embora muitos anglo-católicos tenham participado ativamente dessas reformas, outros passaram a considerar que a simplificação dos ritos, a flexibilização das rubricas e a introdução de novas orações comprometiam a continuidade histórica da tradição litúrgica anglicana.

Paralelamente às reformas litúrgicas, o movimento ecumênico aproximou a Comunhão Anglicana da Igreja Católica Romana, das Igrejas Ortodoxas e de diversas denominações protestantes. O estabelecimento da Comissão Internacional Anglicano-Católica Romana (ARCIC), em 1967, representou um dos mais importantes esforços de diálogo teológico do século XX. Muitos anglo-católicos acolheram positivamente essas iniciativas, entendendo-as como expressão natural da vocação católica do Anglicanismo. Outros, entretanto, passaram a manifestar preocupação com possíveis concessões doutrinárias em nome da unidade cristã.

As maiores tensões, contudo, surgiram em torno das mudanças relacionadas ao ministério ordenado e à moral sexual. A partir da década de 1970, diversas províncias da Comunhão Anglicana iniciaram o processo de ordenação de mulheres ao presbiterato e, posteriormente, ao episcopado.

Entre os anglo-católicos tradicionalistas consolidou-se a convicção de que tais mudanças representavam uma ruptura com a tradição apostólica e com a eclesiologia sacramental herdada da Igreja antiga. Para esse grupo, a sucessão apostólica não dizia respeito apenas à continuidade histórica do episcopado, mas também à preservação da doutrina e da disciplina recebidas ao longo dos séculos. A introdução de alterações consideradas incompatíveis com essa tradição passou a ser interpretada como um obstáculo à continuidade da identidade católica do Anglicanismo. Como uma reação a essas mudanças doutrinárias, litúrgicas e disciplinares promovidas pela Igreja Episcopal dos Estados Unidos no início da década de 1970, organizou-se o que viria a ser o Movimento Anglicano Contínuo.

Embora diferentes grupos tradicionalistas já manifestassem descontentamento desde os anos 1960, o movimento passou a existir

oficialmente em 17 de setembro de 1977, durante o Congresso de Saint Louis, realizado no estado do Missouri. O estopim para o surgimento do movimento foi a Convenção Geral da Igreja Episcopal de 1976, que aprovou a ordenação de mulheres ao presbiterato e ao episcopado. Poucos anos depois, em 1979, a Igreja Episcopal promulgou uma nova edição do Livro de Oração Comum, introduzindo mudanças significativas na linguagem litúrgica, na estrutura dos ofícios e na teologia sacramental. Para muitos anglo-católicos e membros da tradição *High Church*, essas decisões representavam uma ruptura com a herança doutrinária e litúrgica recebida da Reforma Inglesa e consolidada ao longo dos séculos.

Reunidos no Congresso de St. Louis, centenas de bispos, sacerdotes e leigos aprovaram a chamada Declaração de Saint Louis, documento que reafirmava a fidelidade às Escrituras, aos credos ecumênicos, aos Concílios da Igreja, ao episcopado histórico e ao Livro de Oração Comum tradicional. A declaração rejeitava explicitamente a ordenação feminina, as reformas litúrgicas recentes e outras mudanças consideradas incompatíveis com a tradição católica do Anglicanismo. Esse documento tornou-se a base doutrinária do Movimento Anglicano Contínuo (também chamado *Anglican Continuum*).

A principal liderança que conduziu esse processo foi o bispo emérito da Diocese Episcopal de Springfield, Albert Arthur Chambers, Convencido de que era necessário garantir a continuidade da sucessão apostólica para as novas comunidades tradicionais, Chambers aceitou participar da consagração de novos bispos para o Movimento. Em janeiro de 1978, juntamente com o Bispo Francisco Pagtakhan, da Igreja Filipina Independente, consagrou quatro novos bispos: James O. Mote, Peter F. Watterson, Robert S. Morse e Charles Dale Doren. As sagrações também receberam o consentimento do Bispo Mark Pae, da Igreja Anglicana da Coreia, ainda que este não estivesse presente fisicamente na cerimônia.

Os bispos consagrados aqui ontem representam quatro dos cinco dioceses – a quinta, na Virgínia, ainda não escolheu um bispo – da nova Igreja Anglicana na América do Norte. A igreja, que pretende ter abrangência nacional e incluir algumas partes do Canadá, realizará uma convenção para adotar uma constituição e estatutos em algum momento no próximo ano, disse um porta-voz ontem. O rito de consagração contou com a

presença de 1.200 pessoas. A cerimônia foi encerrada com um almoço presidido pelos novos bispos, trajados com brilhantes vestes escarlates e cerejas (THE WASHINGTON POST, 28 jan. 1978).

Essas consagrações garantiram a continuidade do episcopado histórico entre os grupos dissidentes e permitiram a rápida expansão do Movimento Anglicano Contínuo. Os novos bispos passaram a ordenar diáconos, sacerdotes e outros bispos, estabelecendo dioceses e províncias em diferentes países. Em muitos aspectos, esse processo recorda a atitude adotada, uma década depois, por dom Marcel Lefebvre e dom Antônio de Castro Mayer ao consagrarem quatro bispos para a Fraternidade Sacerdotal São Pio X, em 1988. Embora pertençam a tradições e contextos distintos, ambos os movimentos nasceram da resistência às reformas litúrgicas e doutrinárias implementadas por suas respectivas comunhões e procuraram preservar aquilo que consideravam a tradição histórica da Igreja.

A expansão do Movimento Anglicano Contínuo rapidamente ultrapassou as fronteiras dos Estados Unidos. A América Latina tornou-se um dos principais campos missionários graças à atuação do arcebispo colombiano Victor Manuel Cruz-Blanco, que organizou diversas comunidades vinculadas à Província Católica de Rito Anglicano da América Latina. Ao longo das décadas seguintes, novas jurisdições foram estabelecidas em diversos países, preservando a liturgia tradicional, o episcopado histórico e uma identidade fortemente anglo-católica.

A partir desse núcleo inicial surgiram diversas jurisdições independentes, entre elas a *Anglican Catholic Church* (ACC), muitas vezes chamada de "Província Original", a *Anglican Province of America* (APA), a *Anglican Church in America* (ACA) e outras Igrejas pertencentes ao chamado Movimento Anglicano Contínuo. Embora possuam estruturas administrativas distintas, essas denominações compartilham, em grande medida, a fidelidade à Declaração de Saint Louis e a rejeição das reformas promovidas pela Igreja Episcopal e, posteriormente, por outras províncias da Comunhão Anglicana.

Na década de 1990, também surgiu a Comunhão Anglicana Tradicional (*Traditional Anglican Communion* – TAC). Fundada em como uma comunhão internacional de Igrejas pertencentes ao Movimento Anglicano Contínuo, reunia diversas jurisdições tradicionais da América

do Norte, América Latina, Europa, África, Ásia e Oceania. Seu objetivo era promover maior unidade entre as Igrejas Contínuas surgidas após o Congresso de St. Louis (1977), preservando a sucessão apostólica, a teologia anglo-católica, o episcopado histórico e a liturgia clássica do Anglicanismo. Desde sua fundação, a TAC adotou a Declaração de St. Louis sua principal referência doutrinária, reafirmando seu compromisso com a fé católica histórica, o Livro de Oração Comum tradicional e a rejeição das reformas teológicas e litúrgicas implementadas por diversas províncias da Comunhão Anglicana.

A TAC ganhou projeção internacional na primeira década do século XXI ao intensificar o diálogo com a Igreja Católica Romana. Em 2007, seus bispos assinaram uma petição solicitando a possibilidade de ingresso corporativo em plena comunhão com Roma, preservando elementos da tradição litúrgica e espiritual anglicana. Essa iniciativa contribuiu para o ambiente que culminou na publicação da Constituição Apostólica *Anglicanorum Coetibus* (2009), do Papa Bento XVI, que criou os Ordinariatos Pessoais para grupos oriundos do Anglicanismo. Embora parte de seu clero e de suas comunidades tenha ingressado no sistema dos Ordinariatos, a TAC se reorganizou não mais como Comunhão mas como a Igreja Anglicana Tradicional, mantendo sua identidade anglo-católica e estrutura episcopal, e a missão de preservar a tradição clássica do Anglicanismo em diversas partes do mundo. É a única das Igrejas do Movimento Contínuo presentes no Brasil, através das Dioceses Anglicanas do Natal e de São Paulo e Paraná.

A preservação da liturgia histórica tornou-se uma das marcas mais visíveis do Movimento Anglicano Contínuo. Ao rejeitar as reformas litúrgicas implementadas por diversas províncias da Comunhão Anglicana a partir da segunda metade do século XX, as Igrejas Contínuas buscaram restaurar e manter o cerimonial desenvolvido pelo Movimento Ritualista dos séculos XIX e XX. Essa recuperação não foi entendida apenas como uma questão estética, mas como uma expressão concreta da continuidade da fé católica no Anglicanismo. Assim, o culto passou a refletir uma profunda preocupação com a dignidade da celebração, a reverência diante da Eucaristia e a fidelidade às rubricas tradicionais.

Embora o Movimento Anglicano Contínuo seja composto por diferentes jurisdições independentes, observa-se entre elas uma notável uniformidade litúrgica. O uso do Livro de Oração Comum de 1928 ou de edições anteriores, muitas vezes enriquecido pelo *Anglican Missal* ou

pelo *English Missal*, favoreceu o desenvolvimento de um padrão cerimonial relativamente homogêneo. A influência das antigas paróquias anglo-católicas inglesas e norte-americanas, especialmente aquelas ligadas à Sociedade da Santa Cruz (SSC) e aos Padres Cowley (SSJE), contribuiu para estabelecer uma identidade litúrgica facilmente reconhecível em grande parte das Igrejas Contínuas.

A celebração da Santa Eucaristia segue, em geral, o modelo clássico do cerimonial da Igreja ocidental. O altar é normalmente disposto *ad orientem*, isto é, com o sacerdote e a assembleia voltados para o Oriente litúrgico durante a Oração Eucarística, expressando que toda a Igreja dirige sua adoração a Deus. Esse modo de celebração é compreendido como um sinal da centralidade do sacrifício eucarístico e da dimensão transcendente da liturgia, distinguindo-se das celebrações voltadas predominantemente para a assembleia ou *versus populum*.

Também se preserva o uso dos paramentos tradicionais próprios de cada ordem do ministério. Os diáconos vestem habitualmente dalmáticas, os presbíteros celebram com casulas e, em muitas comunidades, utilizam ainda o manípulo, retomando uma prática que desapareceu em grande parte das Igrejas ocidentais após as reformas litúrgicas do século XX. Os bispos celebram com mitra, báculo e capa pluvial nas procissões e ofícios solenes, preservando um conjunto cerimonial que remonta à tradição medieval inglesa e foi recuperado pelo Movimento Ritualista.

Outro elemento característico é a presença dos ministros sagrados em suas funções próprias. Nas celebrações mais solenes, a Missa é muitas vezes presidida por um presbítero assistido por diácono e subdiácono, seguindo a estrutura clássica da Missa Solene. Cada ministro exerce atribuições específicas durante a liturgia, evidenciando a riqueza simbólica do rito e a compreensão de que a celebração eucarística é uma ação de toda a Igreja, organizada segundo a diversidade dos ministérios ordenados.

Essa valorização do cerimonial está associada a uma espiritualidade marcada pela sobriedade, pela reverência e pelo senso de continuidade histórica. Em consequência, muitas comunidades do Movimento Anglicano Contínuo rejeitam a introdução de elementos característicos de celebrações carismáticas, como improvisações litúrgicas, expressões espontâneas durante a Missa ou formas contemporâneas de louvor. Da mesma forma, privilegiam a hinologia clássica do Anglicanismo, os antigos hinos traduzidos do latim ou

compostos em inglês nos séculos XVIII e XIX, o canto coral e, sempre que possível, o acompanhamento por órgão de tubos, preservando uma tradição musical cristã milenar, considerada parte integrante do patrimônio litúrgico anglicano.

Nas últimas décadas, o Movimento Anglicano Contínuo tem buscado fortalecer a cooperação entre suas diversas jurisdições, preservando sua identidade tradicional enquanto promove maior unidade entre Igrejas que compartilham a mesma herança litúrgica e doutrinária. Entre as principais lideranças contemporâneas destaca-se o Arcebispo Shane B. Janzen, Primaz da Igreja Anglicana Tradicional (TAC), Metropolitano da *Anglican Catholic Church of Canada* e Bispo da Diocese de Canada West. Sob sua liderança, a TAC tem incentivado a formação teológica, o fortalecimento da vida litúrgica e o diálogo entre as diferentes Igrejas do Movimento Contínuo, buscando preservar a sucessão apostólica, a liturgia tradicional e a identidade anglo-católica.

Outra importante liderança é o Arcebispo Chandler Holder Jones, Bispo Presidente da *Anglican Province of America* (APA) e Bispo da Diocese do Leste dos Estados Unidos. Conhecido por sua sólida formação em história do Anglicanismo e liturgia, Jones tornou-se uma das principais vozes na defesa da tradição anglo-católica clássica. Membro da Sociedade da Santa Cruz (SSC), o Bispo Chandler tem tido uma atuação pastoral presente nas redes sociais, defendendo a continuidade da fé e do patrimônio católico no Anglicanismo, a centralidade da Eucaristia, e a fidelidade à liturgia tradicional.

Um dos acontecimentos mais importantes ocorreu em 2022, quando a *Traditional Anglican Church* e a *Anglican Province of America* firmaram um acordo de plena comunhão (*communio in sacris*), reconhecendo as ordens e os sacramentos de ambas as jurisdições, permitindo, inclusive a celebração entre seus sacerdotes. O documento assinado pelos Arcebispos Shane B. Janzen e Chandler Holder Jones representou um importante passo na aproximação entre duas das maiores jurisdições do Movimento Anglicano Contínuo.

O acordo reafirmou o compromisso comum com a fé católica e a ordem apostólica milenar da Igreja. Do mesmo modo, o culto anglicano em sua forma tradicional deveria ser mantido, expressando a doutrina ortodoxa que o Anglicanismo mantinha desde o seu desenvolvimento na Inglaterra. Esse acordo refletia a tendência de que, apesar das divisões ocorridas desde o Congresso de Saint Louis, suas teses permanecem entre as suas Igrejas estabelecidas.



Bispos Shane B. Janzen (esquerda) e Chandler Holder Jones, SSC (direita).

Embora o Movimento Anglicano Contínuo tenha sido pioneiro a romper e reorganizar Igrejas e novas jurisdições fora da Comunhão Anglicana, ele não foi o único a fazer isso. Paralelo ao Continuum, desde a Conferência de Lambeth de 1998, o mundo anglicano passou por um fenômeno chamado Realinhamento. Durante a Conferência, os bispos da Comunhão Anglicana aprovaram a Resolução 1.10, que reafirmava o casamento cristão como união entre um homem e uma mulher, considerava incompatível com as Escrituras a prática homossexual e desaconselhava a ordenação de pessoas envolvidas em relações homoafetivas. Embora a resolução tenha sido aprovada por ampla maioria, diversas províncias, especialmente a Igreja Episcopal dos Estados Unidos e partes da Igreja Anglicana do Canadá, passaram a adotar posições divergentes, aprofundando as tensões entre os setores conservadores e liberais da Comunhão Anglicana.

A crise atingiu seu ponto mais crítico em 2003, quando a Igreja Episcopal elegeu e sagrou como bispo da Diocese de New Hampshire Gene Robinson, um sacerdote assumidamente homossexual que vivia em união estável com seu parceiro. Sua sagração provocou forte reação entre inúmeras províncias anglicanas, sobretudo na África, Ásia e América do Sul, que consideraram a decisão incompatível com a doutrina cristã histórica e uma violação dos compromissos assumidos em Lambeth. Como consequência, diversas dioceses e paróquias romperam com a liderança da Igreja Episcopal, buscando abrigo pastoral junto a províncias consideradas teologicamente ortodoxas.

Nos Estados Unidos, esse processo resultou na criação da Igreja Anglicana na América do Norte (ACNA), oficialmente fundada em 2009, reunindo dioceses, paróquias e grupos que haviam deixado a Igreja estadunidense e canadense. Embora não tenha sido inicialmente reconhecida como província pela Comunhão Anglicana, a ACNA recebeu o apoio e a comunhão de diversas Igrejas do Sul Global. Paralelamente, em 2008, realizou-se em Jerusalém a primeira *Global Anglican Future Conference* (GAFCON), reunindo bispos, clérigos e leigos de diferentes continentes comprometidos com a ortodoxia doutrinária. A conferência aprovou a Declaração de Jerusalém, reafirmando a autoridade das Sagradas Escrituras, os Credos históricos, os Trinta e Nove Artigos, o Livro de Oração Comum e a missão evangelizadora da Igreja. Desde então, a GAFCON tornou-se a principal expressão do Realinhamento Anglicano, reunindo províncias de perfil majoritariamente evangélico e conservador, oferecendo uma alternativa de comunhão para Igrejas que entendem preservar a fé histórica do Anglicanismo diante das mudanças promovidas por setores liberais da Comunhão Anglicana.

Apesar de compartilharem críticas às tendências teológicas liberais, os dois movimentos diferem significativamente em sua identidade. O Movimento Anglicano Contínuo organizou-se fora da Comunhão Anglicana oficial, formando jurisdições independentes que reivindicam a continuidade da tradição anglicana histórica. Já o Realinhamento Anglicano, por sua vez, procurou inicialmente reformar a própria Comunhão Anglicana e oferecer uma estrutura alternativa de comunhão para províncias e dioceses que permanecessem fiéis à Declaração de Jerusalém (2008) e à doutrina anglicana clássica. Assim, enquanto o Movimento Contínuo preserva principalmente a herança litúrgica e sacramental do Anglo-Catolicismo, o Realinhamento Anglicano concentra-se na reafirmação da ortodoxia bíblica e da identidade evangélica do Anglicanismo contemporâneo.

Outras diferenças importantes residem em suas características pastorais e litúrgicas. O Movimento Anglicano Contínuo possui, em sua maioria, orientação anglo-católica, valorizando a sucessão apostólica, a centralidade da Eucaristia, a liturgia tradicional, além de um cerimonial fortemente influenciado pelo Ritualismo do século XIX. Em contraste, o Realinhamento Anglicano, representado principalmente pela GAFCON e por muitas de suas províncias integrantes, possui perfil predominantemente evangélico e reformado, enfatizando a autoridade

suprema das Escrituras, a pregação expositiva, a evangelização e formas litúrgicas geralmente mais simples, ainda que existam dioceses e paróquias de tradição anglo-católica dentro desse movimento. Ao mesmo tempo, este último promove a ordenação de mulheres ao diaconato e ao presbiterato (embora não ao episcopado), ao passo que no Movimento Contínuo, a Ordenação Feminina é vetada nos três graus das Sagradas Ordens.

É preciso também considerar que o Movimento Contínuo ou o Realinhamento Anglicano criaram um problema para as comunidades tradicionais na Comunhão Anglicana. A contínua saída de clérigos e lideranças conservadores e tradicionais da Comunhão Anglicana tem produzido um efeito sobre o equilíbrio interno de diversas Províncias.

À medida que paróquias, dioceses, clérigos e leigos optam por integrar o Movimento Anglicano Contínuo, a GAFCON, a ACNA ou mesmo ingressar na Igreja Católica Romana por meio dos Ordinariatos Pessoais, isto diminui a presença de vozes em defesa da ortodoxia e da tradição litúrgica dentro das estruturas oficiais da Comunhão Anglicana. Em muitas Igrejas e Províncias históricas, esse processo tem favorecido a consolidação de setores mais liberais e progressistas nos órgãos de governo e nas instâncias de decisões eclesiais, tornando cada vez mais difícil a permanência de comunidades identificadas com a tradição anglo-católica ou evangelical clássica.

Em alguns casos, especialmente em Províncias marcadas pelo declínio numérico e pelo envelhecimento de suas congregações, isto tem contribuído para a fusão e o fechamento das congregações, ou com a descontinuidade do trabalho desenvolvido durante anos em paróquias historicamente tradicionais, realidade observada em diferentes partes da Comunhão, inclusive no Brasil. O Bispo Dom Robinson Cavalcanti – que compôs por muito tempo o Realinhamento Anglicano e a GAFCON –, alertava sobre a saída de clérigos e lideranças conservadoras. Embora o contexto à época fosse diferente do de hoje – marcado pela ascensão de progressistas na cúpula das grandes Províncias da Comunhão Anglicana, e até mesmo no Arcebispado de Cantuária –, a maioria do mundo anglicano ainda é conservador.

Não dá para os conservadores simplesmente deixarem a Comunhão Anglicana, por duas razões: a *primeira* é que nós somos os continuantes do que o Anglicanismo sempre representou; e, a *segunda*, é que nós somos a imensa maioria, e nunca majorias deixam instituições.

São as minorias que deixam, ou são deixadas, como aconteceu com as heresias dos primeiros séculos. Com a falta de poder jurisdicional por parte dos Instrumentos de Unidade/Instrumentos de Comunhão, e a autonomia de Províncias e Dioceses, o processo segue necessariamente lento, mas segue (CAVALCANTI, 2009, p. 163.)

As crises e divisões contemporâneas atingiram não apenas a Comunhão Anglicana, mas também o Anglo-Catolicismo, que deixou de constituir um movimento teologicamente homogêneo. Em contrapartida ao Anglo-Catolicismo tradicional – que constitui a sua versão original –, um grupo de anglo-católicos da quarta geração desenvolveu uma interpretação distinta da Tradição anglicana histórica. Os chamados anglo-católicos liberais ou afirmativos passaram a defender que a fidelidade à catolicidade da Igreja não exigia imobilismo histórico, mas a capacidade de responder pastoralmente às novas realidades sociais e culturais. Inspirados por uma hermenêutica mais dinâmica da tradição, defenderam em primeira mão que a inclusão de mulheres e de pessoas LGBT+ nos ministérios ordenados poderia ser compreendida como desenvolvimento legítimo da missão da Igreja.

Atualmente, anglo-católicos convivem com espectros praticamente opostos, sob a mesma designação. Em uma mesma Província da Comunhão Anglicana, é possível encontrar paróquias anglo-católicas tradicionais, que preservam posições clássicas sobre ministério e moral cristã, e comunidades progressistas, que entendem a tradição católica em diálogo permanente com as transformações culturais da sociedade contemporânea.

Todavia isso cria um dilema: como ser ao mesmo tempo tradicional e inclusivo? Ou como ser um anglicano tradicional em uma Província extremamente liberal – como a TEC ou a IEAB? Isso cria um problema de identidade e de pertença, seja nas gerações mais antigas ou na geração dos *millennial*. Nas últimas décadas, diversos estudiosos têm observado um interesse crescente de parte dos jovens por formas mais tradicionais de culto cristão, especialmente aquelas marcadas pela solenidade, pela beleza litúrgica e pela continuidade histórica. No contexto anglicano, esse fenômeno pode ser percebido no renovado apreço pela liturgia do Livro de Oração Comum, pela celebração *ad orientem*, pelo canto coral, pelo uso de paramentos tradicionais e por uma espiritualidade centrada na Eucaristia.

Tendências semelhantes também têm sido identificadas em outras tradições cristãs, como a Igreja Católica Romana e a Ortodoxia, sugerindo que muitos jovens procuram comunidades que ofereçam maior profundidade doutrinária, reverência no culto e um sentido de pertencimento a uma tradição histórica. Estudos recentes e reportagens sobre o tema indicam que essa busca está muitas vezes associada ao desejo de encontrar estabilidade espiritual, formação consistente e uma experiência litúrgica que transcenda os modelos contemporâneos mais informais.

Embora, historicamente as paróquias anglo-católicas mais importantes tenham sido estabelecidas na Igreja da Inglaterra, Igreja Anglicana do Canadá, Igreja Episcopal dos Estados Unidos, Igreja Anglicana da Austrália, dentre outras Províncias, a preservação do Patrimônio Anglicano e do Anglo-Catolicismo é vista de forma mais uniforme e menos tensionada nas Igrejas e Dioceses do Movimento Contínuo do que nas Províncias da Comunhão Anglicana ou da GAFCON. Devido às atuais disputas em torno de temas ligados à Inclusividade e ao Progressismo, vários fiéis de perfil anglo-católico estão preferindo se filiar a comunidades em que estas questões não irão mais suscitar as tensões que são vividas em sua antiga pertença.

Por tais razões, a quarta geração do Anglo-Catolicismo caracteriza-se até hoje pela falta de uma uniformidade mínima em questões doutrinárias e pastorais, quando falamos da Comunhão Anglicana, e ainda luta por uma unidade institucional, quando nos debruçamos a história atual do Movimento Anglicano Contínuo.

PARTE III

A INFLUÊNCIA ROMANA E ORTODOXA

O problema dos anglo-papistas e dos católicos liberais

Ao longo da história do Anglo-Catolicismo, algumas questões produziram debates intensos que perduram até hoje, a exemplo da definição dos limites da identidade do Anglicanismo em sentido lato, e da identidade anglo-católica, em sentido estrito. E essa identidade pode ser traçada de forma bastante clara, com referenciais que remontam à “segunda geração”.

Desde o século XIX, especialmente após o Movimento de Oxford, surgiu uma tensão permanente entre aqueles que compreendiam o Anglicanismo como uma expressão autêntica da Igreja Católica histórica e aqueles que passaram a considerá-lo apenas uma etapa transitória rumo à plena comunhão com Roma. Paralelamente, sobretudo a partir da segunda metade do século XX, outro grupo passou a defender uma aproximação cada vez maior com as transformações culturais modernas, reinterpretando a tradição anglicana segundo critérios ecumênicos e liberais. Esses dois movimentos, embora situados em extremos distintos, produziram desafios significativos para a consolidação do Anglo-Catolicismo clássico.

O primeiro desses desafios surgiu com um grupo que ficou conhecido como anglo-papismo (um neologismo inglês, *anglo-papalism*). Historicamente, o termo designa um segmento do Anglo-Catolicismo que passou a considerar a Igreja de Roma como a expressão plena da catolicidade e a figura do Papa como o verdadeiro chefe visível da Igreja universal. É importante lembrar que a maioria dos anglo-papistas permaneceram nas fileiras do Anglicanismo, porém interpretando as suas práticas litúrgicas, sua teologia e sua espiritualidade como um caminho preparatório para uma futura união com a Igreja de Roma. Essa posição, embora minoritária entre os anglo-católicos, nunca representou o cerne do Movimento de Oxford, mas ao mesmo tempo tornou-se influente em determinados círculos ingleses durante o final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX.

É importante reafirmar também que a própria origem do Movimento de Oxford não possuía esse objetivo. John Keble, Edward Bouverie Pusey, e diversos outros líderes procuravam reafirmar a identidade católica da Igreja da Inglaterra sem romper sua continuidade histórica. O caso de John Henry Newman foi excepcional justamente porque sua conversão ao Catolicismo Romano, em 1845, provocou enorme impacto entre os anglicanos da época. A decisão de Newman

passou a inspirar outros clérigos e leigos que passaram a enxergar Roma como destino natural da jornada de um anglo-católico.

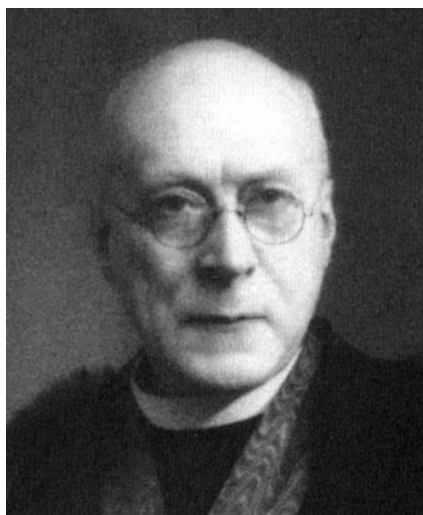
Entretanto, a tradição anglicana clássica sempre distinguiu claramente o reconhecimento da catolicidade da Igreja do reconhecimento da supremacia jurisdicional do Bispo de Roma. Os Trinta e Nove Artigos de Religião, a tradição da Reforma Inglesa e autores como Richard Hooker preservaram uma compreensão segundo a qual a Igreja da Inglaterra fazia parte da Igreja Católica una, santa, católica e apostólica sem depender da autoridade papal. O Anglo-Catolicismo histórico procurou recuperar precisamente essa dimensão patrística e sacramental, e não simplesmente reproduzir integralmente a eclesiologia romana.

O problema surge quando determinadas comunidades passam a identificar a autenticidade do Anglo-Catolicismo apenas pela aproximação crescente com Roma. Nesses ambientes, elementos próprios da tradição anglicana acabam sendo substituídos por práticas, devoções e formulações exclusivamente romanas, produzindo uma gradual descaracterização da identidade anglicana. Em vez de preservar uma tradição própria, cria-se uma espiritualidade cuja referência principal deixa de ser o patrimônio histórico do Anglicanismo para tornar-se o modelo contemporâneo do catolicismo romano. Alguns exemplos dessas práticas anglo-papistas, podem ser vistas a partir de figuras importantes no Anglo-Catolicismo inglês do início do século XX, como Spencer Jones, Dom Gregory Dix e Henry Fynes-Clinton.

O Padre Spencer Jones foi um desses primeiros anglo-papista. Embora mantivesse sua vinculação à Igreja da Inglaterra, Jones entendia que o desenvolvimento do Anglo-Catolicismo passava pela recuperação da herança litúrgica do Ocidente, favorecendo o uso do Missal Romano como complemento ou mesmo substituição prática do Livro de Oração Comum em muitas paróquias ritualistas. Entre suas obras destaca-se *The Church of England and the Catholic Church* (1932), na qual procurou demonstrar a continuidade histórica entre as Igrejas da Inglaterra e de Roma.

A sua participação nas Conversações de Malines – ocorrida entre 1921 e 1926 e que deu início ao diálogo entre anglicanos e católicos romanos – reforçou essa perspectiva de aproximação com Roma, característica de muitos anglo-papistas, que viam na catolicidade do Anglicanismo uma convergência cada vez maior com o patrimônio litúrgico romano, de modo a reproduzir as suas práticas.

No campo das Ordens Religiosas anglicanas temos a figura ímpar de Dom Gregory Dix, OSB, que foi um monge beneditino da Comunidade da Ressurreição, em Nashdom. Embora sua principal preocupação fosse a história da liturgia cristã e não propriamente da versão pró-papismo da tradição anglo-católica, sua obra exerceu grande influência sobre os círculos anglo-católicos que defendiam o uso do Missal Romano entre os anglicanos. Em *The Shape of the Liturgy* (1945), Dix demonstrou que havia uma continuidade histórica da celebração eucarística desde os primeiros séculos da Igreja, fortalecendo entre muitos ritualistas a convicção de que o cerimonial romano tradicional preservava melhor os elementos antigos da Liturgia da Igreja ocidental. Seus estudos foram utilizados por sacerdotes anglo-papistas na defesa da celebração *ad orientem*, do uso da casula romana, das dalmáticas, do manípulo, do incenso e de um cerimonial mais próximo ao rito romano clássico, influenciando não apenas o Anglicanismo, mas também o Movimento Litúrgico que antecedeu o Concílio Vaticano II.



Padre Henry Fynes-Clinton. O anglo-papista mais famoso da Igreja da Inglaterra.

No século XX, talvez o mais famoso anglo-papista tenha sido o Padre Henry Fynes-Clinton. Sacerdote, historiador e membro da Sociedade da Santa Cruz (SSC), Fynes-Clinton defendia que a tradição litúrgica do Anglicanismo encontrava sua expressão mais completa mediante a recuperação das práticas cerimoniais do rito romano tradicional.

Fynes-Clinton era favorável ao uso da casula de formato romano, das cerimônias previstas no Missal Romano. Sua amizade com o Padre Alfred Hope Patten foi decisiva para o renascimento do Santuário Anglicano de Nossa Senhora de Walsingham, também colaborando para estabelecer no santuário um padrão litúrgico e cerimonial fortemente inspirado no anglo-papismo, incorporando o uso do Missal Romano em inglês, procissões, bênçãos do Santíssimo Sacramento, devoções marianas e um elaborado cerimonial romano adaptado ao contexto anglicano, algo que perdura até os dias atuais.

Esse fenômeno tornou-se ainda mais evidente após a criação dos Ordinariatos Pessoais por meio da Constituição Apostólica *Anglicanorum Coetibus* (2009). Muitos anglo-católicos compreenderam a iniciativa como uma solução legítima para aqueles que desejavam ingressar em plena comunhão com Roma preservando parte de seu patrimônio litúrgico. Outros, porém, interpretaram o processo como uma espécie de esvaziamento do próprio movimento Anglo-Católico, já que parte de suas lideranças – a exemplo de alguns bispos e sacerdotes tradicionais – passou a abandonar definitivamente o Anglicanismo na Inglaterra, Estados Unidos e Austrália.

Sob a perspectiva do anglicanismo clássico, o problema não está na conversão individual de fiéis ou clérigos à Igreja Católica Romana, decisão que pertence ao foro da consciência. A dificuldade aparece quando se afirma que o verdadeiro destino do Anglo-Catolicismo consiste necessariamente em deixar de ser anglicano. Tal interpretação esvazia a própria razão de existir do Movimento de Oxford, cujo objetivo era precisamente demonstrar que o Anglicanismo possuía plena identidade católica sem romper sua continuidade histórica.

Outro aspecto muitas vezes criticado sobre a orientação teológica de alguns anglo-papistas, está na tendência de minimizar elementos fundamentais da Tradição Reformada presentes no Patrimônio Anglicano. A centralidade das Escrituras, a autoridade dos Trinta e Nove Artigos em seu contexto histórico, a importância do Livro de Oração Comum e a teologia dos grandes divinos anglicanos acabam recebendo pouca atenção diante da crescente assimilação de documentos, práticas e categorias exclusivamente romanas.

Em sentido oposto encontra-se outro desafio contemporâneo: o Anglo-Catolicismo liberal. Diferentemente do anglo-papismo, que busca sua referência principal em Roma, o liberalismo procura adaptar continuamente a tradição cristã às mudanças culturais, sociais e

filosóficas da modernidade. Essa tendência ganhou força principalmente após a Segunda Guerra Mundial e passou a influenciar significativamente diversas províncias da Comunhão Anglicana.

O movimento ecumênico trouxe contribuições importantes para o diálogo entre as Igrejas cristãs, favorecendo a superação de preconceitos históricos e promovendo cooperação pastoral em inúmeras áreas. Contudo, em determinados contextos, o ecumenismo passou a ser compreendido não apenas como diálogo, mas como relativização das diferenças doutrinárias. Em consequência, algumas comunidades passaram a considerar secundários temas relacionados à sucessão apostólica, à sacramentalidade, à moral cristã e à própria identidade confessional.

Dentro de algumas províncias anglicanas, essa perspectiva foi acompanhada por profundas reformas litúrgicas e disciplinares. Novos livros litúrgicos substituíram o Livro de Oração Comum tradicional, orações passaram por extensas revisões, alterações na linguagem litúrgica foram introduzidas e novas interpretações da teologia sacramental ganharam espaço. Embora muitas dessas mudanças buscassem tornar o culto mais acessível ao contexto contemporâneo, elas também despertaram forte resistência entre setores anglo-católicos.

As mudanças relacionadas ao ministério ordenado representaram talvez o ponto de maior tensão. A ordenação feminina ao presbiterato e ao episcopado, posteriormente seguida por debates envolvendo casamento entre pessoas do mesmo sexo, identidade de gênero e revisão da ética sexual cristã, tornou-se um divisor de águas dentro do Anglicanismo mundial. Para muitos anglo-católicos, tais decisões ultrapassavam questões meramente disciplinares e alcançavam aspectos considerados pertencentes à própria tradição apostólica.

Outra consequência do liberalismo ecumenista foi a crescente diversidade teológica dentro de algumas províncias anglicanas. Em diversas dioceses passaram a coexistir interpretações bastante distintas acerca da autoridade bíblica, da natureza dos sacramentos, da cristologia, da moral sexual e da própria compreensão da Igreja. Embora essa pluralidade fosse vista por alguns como expressão da abrangência anglicana, outros passaram a enxergá-la como fator de enfraquecimento da identidade doutrinária.

Foi justamente nesse contexto que surgiram movimentos como o Anglicanismo Contínuo e, posteriormente, o movimento de realinhamento anglicano representado pela GAFCON. Ambos

reagiram às mudanças ocorridas em parte da Comunhão Anglicana, embora o tenham feito por caminhos distintos. Enquanto o Movimento Contínuo enfatizou principalmente a preservação da liturgia tradicional e da sucessão apostólica histórica, a GAFCON concentrou sua resposta, sobretudo na autoridade das Escrituras e na manutenção da doutrina moral tradicional.

Entretanto, também surgiram tensões entre esses dois segmentos. Em determinados ambientes ligados ao realinhamento anglicano, práticas tipicamente anglo-católicas, como o uso de imagens, devoções marianas, celebrações solenes, incenso, reserva eucarística ou liturgias mais elaboradas, foram recebidas com certa desconfiança. Por outro lado, muitos anglo-católicos passaram a considerar algumas expressões do anglicanismo reformado excessivamente marcadas por influências evangélicas contemporâneas, distanciando-se da tradição litúrgica clássica.

Essa realidade demonstra que os desafios do Anglo-Catolicismo não decorrem apenas de pressões externas, mas também das diferentes interpretações existentes dentro do próprio universo anglicano. Entre a assimilação quase completa do modelo romano e a adaptação contínua às tendências culturais modernas, o Anglo-Catolicismo clássico procura manter um caminho próprio, fundamentado na tradição patrística, na sucessão apostólica, na liturgia histórica e na teologia dos grandes autores anglicanos.

No contexto brasileiro essas tensões tornaram-se particularmente evidentes. A reduzida presença histórica do Anglo-Catolicismo fez com que comunidades tradicionais muitas vezes precisassem definir sua identidade em relação tanto ao liberalismo presente em determinados setores da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil quanto às características predominantemente reformadas de outras jurisdições anglicanas. Essa dupla tensão contribuiu para o surgimento de diversas igrejas independentes, dioceses do Movimento Contínuo e comunidades de orientação tradicional.

Ao mesmo tempo, o cenário brasileiro revela que essas categorias não podem ser utilizadas de forma simplista. Existem comunidades vinculadas à Comunhão Anglicana que preservam significativa riqueza litúrgica e sacramental, assim como existem igrejas independentes cujas práticas diferem substancialmente entre si. Da mesma forma, nem todo diálogo ecumênico implica relativização doutrinária, assim como nem toda aproximação com Roma caracteriza

automaticamente uma postura anglo-papista. Cada comunidade desenvolveu sua própria trajetória histórica, exigindo análises específicas e contextualizadas.

Em perspectiva histórica, o principal desafio permanece o mesmo enfrentado pelos primeiros líderes do Movimento de Oxford: conservar simultaneamente a identidade católica e a identidade anglicana. Essa tarefa exige fidelidade à tradição patrística, respeito à herança da Reforma Inglesa, valorização da sucessão apostólica, centralidade das Escrituras, preservação da liturgia histórica e abertura ao diálogo cristão sem perda da própria identidade. O equilíbrio entre esses elementos constitui talvez a característica mais distintiva do Anglo-Catolicismo clássico e continua sendo um dos maiores desafios para as gerações contemporâneas. Quem soube responder bem, algumas dessas questões do ponto de vista prático, foi um sacerdote inglês chamado Percy Dearmer.

Embora muitas vezes lembrado por suas contribuições litúrgicas e musicais, a importância do Reverendo Percy Dearmer ultrapassa o campo do cerimonial, alcançando a própria definição da identidade anglo-católica. Em uma época em que muitos setores do Movimento de Oxford caminhavam para uma crescente romanização das práticas litúrgicas, Dearmer procurou demonstrar que era possível celebrar uma liturgia profundamente católica sem abandonar o patrimônio próprio da Igreja da Inglaterra. Seu trabalho representou, portanto, uma tentativa consciente de estabelecer critérios para distinguir o autêntico Anglo-Catolicismo daquilo que passou a ser conhecido como anglo-papismo.

No final do século XIX, muitas paróquias anglo-católicas passaram a adotar cerimônias, vestimentas e rubricas inspiradas quase exclusivamente no rito romano contemporâneo. Em diversos lugares, o Missal Romano tornou-se a principal referência prática para a celebração da Eucaristia, muitas vezes substituindo o Livro de Oração Comum como norma litúrgica efetiva. Esse processo era compreensível diante da escassez de estudos sobre a liturgia medieval inglesa e da intenção de restaurar a solenidade do culto cristão. Entretanto, para Dearmer, essa tendência apresentava um problema fundamental: ela corria o risco de descaracterizar a tradição litúrgica anglicana, transformando-a em mera reprodução do cerimonial romano.

Foi nesse contexto que surgiu a Sociedade de São Dunstano (*Society of St. Dunstan*), uma associação litúrgica anglo-católica fundada

na Inglaterra no início do século XX, dedicada ao estudo, preservação e promoção das tradições cerimoniais próprias da Igreja da Inglaterra. Ela recebeu esse nome em homenagem a São Dunstano, Arcebispo de Cantuária, por ele ter sido um reformador monástico e uma das figuras mais importantes da Igreja inglesa antes da Reforma.

A Sociedade surgiu nesse contexto, em que o Movimento de Oxford já havia restaurado a teologia católica do Anglicanismo, mas persistiam divergências sobre a forma correta de celebrar a liturgia. Muitos sacerdotes anglo-católicos utilizavam diretamente o cerimonial romano do período pós-tridentino, enquanto outros defendiam a recuperação das antigas tradições litúrgicas inglesas. A Sociedade de São Dunstano posicionou-se claramente a favor desta segunda perspectiva. Seu principal objetivo era promover aquilo que ficou conhecido como o Uso Inglês (*English Use*), incentivando o estudo do Livro de Oração Comum, do Uso de Sarum, das antigas rubricas inglesas e dos costumes litúrgicos medievais da Igreja da Inglaterra. Dessa forma, buscava demonstrar que o Anglicanismo possuía uma tradição cerimonial própria, sem necessidade de reproduzir integralmente os ritos romanos.

Essa visão foi sistematizada por Dearmer em sua obra mais conhecida, *The Parson's Handbook* (ou o Manual do Pároco), publicada pela primeira vez em 1899. O livro tornou-se rapidamente um dos mais influentes manuais litúrgicos do Anglicanismo. Nele, Dearmer apresenta orientações detalhadas sobre arquitetura eclesiástica, disposição do altar, paramentos, vasos sagrados, procissões, gestos litúrgicos, ornamentação, música sacra e celebração da Santa Eucaristia. Contudo, seu objetivo não era apenas ensinar cerimônias; pretendia estabelecer um padrão autenticamente anglicano de culto, fundamentado tanto na história quanto na legislação litúrgica da Igreja da Inglaterra.

A resposta de Dearmer foi construída a partir de sólida pesquisa histórica. Em vez de tomar como modelo a liturgia romana pós-tridentina, ele voltou sua atenção para os usos litúrgicos medievais da própria Inglaterra, especialmente o Uso de Sarum (oriundo da Catedral de Salisbury), desenvolvido antes da Reforma Inglesa. Seu argumento era simples, porém profundo: se a Igreja da Inglaterra reivindicava continuidade histórica com a Igreja pré-Reforma, então seu patrimônio litúrgico deveria ser buscado prioritariamente em suas próprias tradições nacionais, e não nas adaptações posteriores realizadas por Roma após o Concílio de Trento.



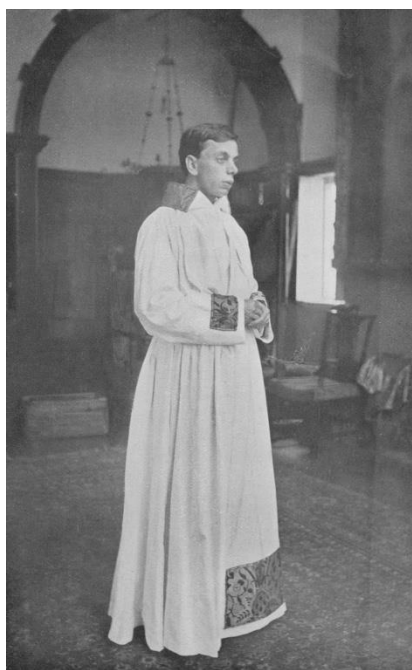
Reverendo Percy Dearmer, trajado com as vestes de passeio de um clérigo anglicano (esquerda) e trajado as vestes corais (direita). Em suma, o conjunto é composto pela batina (cassock), a sobrepeliz inglesa, o capelo, o tippet preto e o chapéu de Cantuária.

Para Dearmer, a primeira autoridade litúrgica permanecia sendo o Livro de Oração Comum. Todas as cerimônias adicionais deveriam ser interpretadas à luz de suas rubricas e do chamado *Ornaments Rubric*, que preservava determinados usos tradicionais anteriores à Reforma. Assim, o cerimonial anglo-católico e da Alta Liturgia deveria desenvolver-se organicamente a partir do próprio patrimônio inglês, evitando importar indiscriminadamente práticas romanas que jamais haviam pertencido à tradição anglicana.

Essa postura não significava rejeição ao caráter católico da Igreja. Pelo contrário, Dearmer defendia vigorosamente a sucessão apostólica, a centralidade dos sacramentos, a presença real de Cristo na Eucaristia, o calendário litúrgico, a dignidade do culto e a continuidade histórica da Igreja da Inglaterra. Seu ponto era outro: ser católico não significava necessariamente ser romano. A catolicidade da Igreja

manifestava-se na fidelidade à tradição apostólica comum, compartilhada pelos diversos ramos históricos da Igreja, e não exclusivamente na adoção dos costumes desenvolvidos posteriormente pela Igreja de Roma.

Foi justamente essa distinção que fez de Dearmer um dos principais críticos do chamado anglo-papismo. Para ele, existia uma diferença substancial entre recuperar elementos católicos da tradição inglesa pré-Reforma e substituir progressivamente a identidade anglicana (de base nacional) por formas exclusivamente romanas (o que seria uma espécie de estrangeirismo litúrgico, práticas estranhas à liturgia e à espiritualidade própria do povo inglês). Para Dearmer, quando paróquias anglicanas utilizavam rubricas romanas ignorando o Livro de Oração Comum, ou introduziam devoções incompatíveis com a tradição anglicana (como a Adoração ao Santíssimo Sacramento) ou justificavam suas práticas apenas pelo fato destas existirem em Roma, deixavam de desenvolver o jeito de ser do Anglo-Catolicismo para caminhar em direção a práticas do que se chamava de anglo-papismo.



Dearmer em vestes feitas pela *Society of St. Dunstan* (esquerda) e um acólito com paramentos do *Uso Inglês*. Note as barras nos ombros, mangas e base da alva (direita).

Dearmer também compreendia que a liturgia possuía importante dimensão pedagógica. A forma como a Igreja celebra transmite sua teologia. Uma liturgia coerente com a tradição anglicana deveria ensinar, por meio dos próprios ritos, a continuidade histórica da Igreja da Inglaterra, sua fidelidade à fé dos primeiros séculos e sua identidade como parte da Igreja Católica de Cristo. Se a liturgia passasse simplesmente a imitar modelos estrangeiros, essa função catequética seria enfraquecida, produzindo confusão quanto à própria natureza do Anglicanismo de ser uma Igreja Nacional para o povo inglês. Assim, a visão de Dearmer, era ao mesmo tempo conservadora e nacionalista.

Outro aspecto relevante de seu pensamento foi a valorização da simplicidade aliada à dignidade. Dearmer não defendia cerimônias extravagantes nem um ritualismo excessivamente teatral. Para ele, a beleza litúrgica deveria nascer da harmonia, da reverência e da fidelidade às rubricas, evitando tanto o minimalismo dos ambientes *Low Church* quanto os excessos cerimoniais que buscavam impressionar visualmente os fiéis. O objetivo da liturgia era glorificar a Deus e conduzir a assembleia à oração, e não demonstrar erudição ritualística.

Sua influência do pensamento de Percy Dearmer se estendeu igualmente ao campo da música sacra. Em colaboração com Ralph Vaughan Williams, ele participou da organização do *The English Hymnal* (1906), obra que renovou profundamente a música litúrgica anglicana. Assim como em suas propostas cerimoniais, também aqui procurou recuperar o patrimônio musical inglês, valorizando melodias medievais tradicionais, o canto congregacional e a riqueza da hinologia histórica. Liturgia, arquitetura, música e cerimonial eram compreendidos como partes inseparáveis de uma mesma cosmovisão teológica.

Embora nem todos os anglo-católicos tenham seguido integralmente suas orientações, a influência de Dearmer tornou-se duradoura. Muitas paróquias passaram a adotar um estilo litúrgico conhecido posteriormente como *English Use*, caracterizado pelo uso do Livro de Oração Comum, pela recuperação do patrimônio medieval inglês, pela valorização do Uso de Sarum e pela rejeição da simples reprodução do cerimonial romano. Essa tradição tornou-se uma alternativa consistente tanto ao ritualismo excessivamente romanizante quanto às tendências litúrgicas mais simplificadas.

Seu pensamento também oferece importante contribuição para os debates contemporâneos. Em diversos países, inclusive no Brasil, comunidades anglo-católicas muitas vezes enfrentam a tentação de

medir sua identidade pela proximidade estética com o catolicismo romano. A obra de Dearmer recorda que a riqueza do Anglicanismo não consiste em copiar outra tradição eclesial, mas em preservar sua própria herança histórica. A identidade anglo-católica fortalece-se quando aprofunda as fontes litúrgicas, teológicas e espirituais do próprio Anglicanismo.

Ao mesmo tempo, sua proposta evita outro extremo igualmente problemático: a descaracterização protestantizante da liturgia. Para Dearmer, a recuperação do patrimônio católico da Igreja da Inglaterra era indispensável para a integridade da fé anglicana. Portanto, sua crítica ao anglo-papismo jamais significou aproximação ao puritanismo ou ao evangelicalismo litúrgico. Seu objetivo consistia em preservar simultaneamente a identidade católica e a identidade anglicana.

Sob essa perspectiva, Percy Dearmer tornou-se um dos principais arquitetos daquilo que hoje pode ser chamado de Anglo-Catolicismo clássico. Seu legado demonstra que a tradição anglo-católica não depende da reprodução do modelo romano, mas da fidelidade ao patrimônio litúrgico, histórico e espiritual da própria Igreja da Inglaterra. Sua obra continua sendo uma referência para comunidades que desejam celebrar uma liturgia solene, sacramental e profundamente católica, sem perder de vista a singularidade da herança anglicana.

O trabalho de Dearmer estabeleceu um princípio metodológico que permanece atual: a norma do cerimonial anglicano deve ser buscada, antes de tudo, nas fontes históricas do próprio Anglicanismo. O Livro de Oração Comum, os antigos Usos litúrgicos ingleses como Sarum, os costumes do cerimonial anterior à Reforma e a tradição patrística oferecem os fundamentos necessários para uma autêntica renovação litúrgica. Dessa forma, o Anglo-Catolicismo permanece fiel à sua vocação original: ser plenamente católico, autenticamente anglicano e conscientemente distinto tanto do romanismo quanto das tendências que diluem sua identidade histórica.

Em sua essência, como já foi apresentado através da sua história, o Anglo-Catolicismo é conservador. Busca conservar as bases da Fé, doutrina, organização eclesial, liturgia e tradição como um todo da Igreja Anglicana. Todavia, ao mesmo tempo ele nunca foi um movimento monolítico. Desde o surgimento do Movimento de Oxford, em 1833, seus integrantes compartilharam uma mesma preocupação em recuperar a dimensão católica da Igreja da Inglaterra, mas divergiram

profundamente quanto à forma de compreender a tradição, a autoridade e a relação da Igreja com o mundo moderno. Enquanto uma corrente procurou conservar a doutrina, a liturgia e a disciplina eclesiástica herdadas da Igreja antiga, outra passou a interpretar essa herança de maneira mais dinâmica, procurando harmonizar a tradição anglicana com as transformações intelectuais, sociais e culturais do século XX. Dessa tendência surgiu o que convencionou-se chamar de Anglo-Catolicismo liberal ou, em termos de membros, católico liberal.

O Anglo-Catolicismo liberal preservou muitos dos elementos externos característicos do Movimento de Oxford. Suas paróquias continuaram celebrando a Eucaristia com grande solenidade, utilizando incenso, casulas, dalmáticas, procissões, imagens, cruz processional, velas, canto coral, celebrações *ad orientem* em algumas comunidades e forte valorização do calendário litúrgico. Também manteve elevada compreensão sacramental da Igreja, reconhecendo a importância da sucessão apostólica, do episcopado histórico e da espiritualidade patrística. Contudo, diferentemente dos anglo-católicos tradicionais, passou a entender que a tradição deveria dialogar continuamente com a cultura contemporânea, permitindo revisões doutrinárias e pastorais em temas antes considerados imutáveis.

Essa mudança começou a ganhar força, sobretudo, após a Segunda Guerra Mundial. O desenvolvimento da crítica bíblica, da Arqueologia, da Sociologia, da Psicologia e das novas correntes filosóficas influenciou significativamente diversos teólogos anglicanos. Muitos passaram a compreender que a Igreja deveria reinterpretar determinadas doutrinas à luz do conhecimento contemporâneo. A Tradição deixava de ser entendida apenas como conservação do passado para tornar-se um processo permanente de atualização, no qual cada geração seria chamada a reinterpretar a fé cristã diante das novas circunstâncias históricas.

Um dos primeiros e mais conhecidos representantes desse novo espírito foi James Albert Pike. Bispo da Diocese Episcopal da Califórnia entre 1958 e 1966, Pike tornou-se uma das figuras mais controversas do Anglicanismo do século XX. Embora mantivesse apreço pela Liturgia e pela tradição da Igreja Episcopal, passou a questionar publicamente diversas doutrinas clássicas do Cristianismo, entre elas a interpretação nicena e patrística da Santíssima Trindade, o nascimento virginal de Cristo, a existência histórica de Adão e Eva e alguns aspectos da Cristologia clássica. Seu pensamento foi fortemente

influenciado pela crítica histórica e pelo desejo de tornar a fé cristã intelectualmente aceitável ao homem moderno.

O Bispo Pike defendia que a Igreja deveria abandonar interpretações que, em sua avaliação, não poderiam mais ser sustentadas diante do desenvolvimento científico e histórico. Essa postura gerou um grande conflito dentro da Igreja Episcopal dos Estados Unidos, uma vez que ele era uma figura pública. Diversos bispos o acusaram de abandonar a fé cristã e seus fundamentos. Embora nunca tenha sido formalmente condenado por heresia (e até tenha escrito um livro em 1967 sobre o tema, intitulado *If This Be Heresy*), Pike tornou-se símbolo de uma geração de clérigos anglicanos que defendia ampla revisão teológica dentro da Igreja.

Outro nome muitas vezes associado ao Anglo-Catolicismo liberal foi John A. T. Robinson, Bispo de Woolwich e autor da influente obra *Honest to God* (1963). Robinson permaneceu identificado com muitos aspectos da espiritualidade anglo-católica, porém propôs releituras profundas acerca da compreensão de Deus, da revelação e da linguagem religiosa. Influenciado por Dietrich Bonhoeffer, Paul Tillich e principalmente Rudolf Bultmann, argumentava que a Igreja precisava abandonar determinadas categorias metafísicas tradicionais para comunicar o Evangelho ao mundo secularizado.

Embora Robinson nunca tenha rejeitado explicitamente a Tradição da Igreja, sua proposta abriu espaço para muitos bispos e sacerdotes anglicanos buscarem uma compreensão mais flexível sobre a doutrina cristã. Em vez de apresentar definições dogmáticas aos moldes da Teologia clássica, enfatizava a necessidade de reinterpretar continuamente os símbolos da fé.

No campo da teologia sistemática, tempos depois destacou-se o Arcebispo de Cantuária Rowan Williams. Embora Williams seja uma figura muito mais complexa do que mais um representante do liberalismo teológico atual, diversos estudiosos identificam nele importantes características do Anglo-Catolicismo liberal, principalmente acerca da forma como lidou com as eleições episcopais de clérigos abertamente homossexuais, como Gene Robinson na Igreja Episcopal (eleito e sagrado como o primeiro bispo gay da Comunhão Anglicana), e Jeffrey John na Igreja da Inglaterra (de cuja indicação declinou diante da polêmica que vinha acontecendo com Robinson na Igreja dos EUA).

No campo ecumênico, diversos anglo-católicos liberais passaram a compreender que as antigas diferenças confessionais

poderiam ser gradualmente superadas mediante diálogo teológico. O Concílio Vaticano II foi recebido com entusiasmo por muitos deles, favorecendo intensa aproximação entre anglicanos e católicos romanos. A criação da Comissão Internacional Anglicano-Católica Romana (ARCIC) representou um dos principais frutos dessa nova mentalidade. A unidade da Igreja deixou de ser vista apenas como retorno institucional a uma única jurisdição e passou a ser entendida como convergência doutrinária construída por meio do diálogo.

A Liturgia também sofreu importantes transformações. Embora as cerimônias continuassem visualmente muito semelhantes às celebrações anglo-católicas clássicas, novos livros litúrgicos substituíram progressivamente o tradicional Livro de Oração Comum em diversas Províncias. A adoção da chamada “linguagem inclusiva”, novos prefácios, revisões do calendário litúrgico e adaptações pastorais passaram a integrar a vida de inúmeras paróquias anglo-católicas que por décadas foram tradicionais, e após estas inovações, se tornaram liberais. Para seus defensores, essas mudanças permitiam maior participação da assembleia e melhor comunicação do Evangelho.

Todavia, a mudança teológica e pastoral mais delicada, tanto para os anglo-católicos quanto para outras correntes dentro e fora da Comunhão Anglicana, foi a Ordenação Feminina. A discussão sobre a ordenação de mulheres constitui um dos temas mais significativos da história recente do Anglicanismo. Embora existissem precedentes de mulheres exercendo funções pastorais, missionárias e diaconais desde o século XIX, o debate acerca de seu acesso ao sacerdócio ganhou força especialmente após a Segunda Guerra Mundial. As transformações sociais, a ampliação da participação feminina na vida pública e os movimentos em defesa da igualdade de direitos influenciaram também as Igrejas anglicanas, levando diversas províncias a reexaminar sua tradição à luz de novos argumentos bíblicos, históricos e teológicos. Enquanto alguns defendiam que a ordenação feminina representava um desenvolvimento legítimo da doutrina, outros sustentavam que a Igreja não possuía autoridade para alterar uma prática recebida desde os tempos apostólicos.

Durante as décadas de 1960 e 1970, a discussão intensificou-se na Igreja Episcopal dos Estados Unidos. Comissões teológicas foram criadas para estudar o tema, bispos passaram a manifestar posições divergentes e o assunto tornou-se frequente nas Convenções Gerais da Igreja. Os defensores da mudança argumentavam que não existia

impedimento teológico e bíblico definitivo para a prática da ordenação de mulheres, enquanto seus opositores enfatizavam a continuidade da Tradição, a prática ininterrupta da Igreja e a necessidade de consenso mais amplo dentro da Comunhão Anglicana.

O episódio que alterou definitivamente os rumos desse debate ocorreu em 29 de julho de 1974, na Igreja do Advogado (Church of the Advocate), na Filadélfia, quando onze mulheres foram ordenadas sacerdotes por três bispos aposentados ou eméritos sem autorização formal da Igreja Episcopal. O ato tornou-se conhecido como a ordenação das “Onze da Filadélfia”¹⁴ (*Philadelphia Eleven*) e rapidamente ganhou repercussão internacional. Embora considerada irregular pelas autoridades eclesiásticas da época, a cerimônia colocou enorme pressão sobre a liderança da Igreja para que enfrentasse definitivamente a questão.

Os bispos responsáveis pelas ordenações foram Daniel Corrigan, Robert DeWitt e Edward Welles. Embora todos fossem bispos legitimamente consagrados, o ato foi considerado irregular pela norma canônica, por não possuir a autorização exigida para a realização do rito, costume esse sempre adotado pela Igreja Episcopal. Inicialmente, as ordenações foram declaradas inválidas do ponto de vista disciplinar, mas o impacto pastoral e político do episódio tornou praticamente inevitável uma revisão da posição oficial da denominação.

A controvérsia alcançou seu ponto decisivo na Convenção Geral da Igreja Episcopal realizada em Minneapolis, em 1976. Após longos debates, os delegados aprovaram alterações canônicas permitindo oficialmente a ordenação de mulheres ao sacerdócio e ao episcopado. A decisão representou uma das maiores mudanças na história da Igreja Episcopal e marcou profundamente toda a Comunhão Anglicana. Ao mesmo tempo em que foi celebrada por muitos como um avanço na participação das mulheres na vida da Igreja, também provocou forte oposição de setores anglo-católicos e evangélicos conservadores.

Um pároco de uma igreja em Washington convidou a uma presbítera para celebrar a Eucaristia em sua comunidade e, no mesmo ano, a Igreja Americana o

¹⁴ As onze mulheres ordenadas foram Merrill Bittner, Alla Bozarth, Alison Cheek, Emily Hewitt, Carter Heyward, Suzanne Hiatt, Marie Moorefield Fleischer, Jeannette Piccard, Betty Bone Schiess, Katrina Swanson e Nancy Wittig.

condenou por ter violado a lei canônica. Atitudes similares de desafio, no entanto, continuaram a acontecer até que no ano de 1975, uma nova Convenção Geral votou que *“ninguém teria o acesso negado à ordenação para o diaconato, o presbiterato ou o episcopado, tendo como causa o seu sexo”*. A partir daí, aquelas presbíteras que tiveram a sua ordenação considerada irregular foram regularizadas e, ao final deste ano, já havia cerca de cem mulheres presbíteras. Mesmo assim, embora houvesse bispos que se recusassem a ordenar mulheres, já por volta de 2004, havia somente três dioceses americanas que não reconheciam a ordenação feminina (OLIVEIRA, 2017, p. 388).

A aprovação da ordenação feminina tornou-se um dos principais fatores que contribuíram para o surgimento do Movimento Anglicano Contínuo. Muitos clérigos e leigos entenderam que a Igreja Episcopal havia ultrapassado os limites de sua autoridade ao modificar uma prática recebida da tradição universal da Igreja. Essa percepção levou à realização do Congresso de Saint Louis, em 1977, à assinatura da Declaração de Saint Louis e, posteriormente, ao nascimento de diversas jurisdições anglicanas continuantes que preservaram exclusivamente o sacerdócio masculino.

Os anglo-católicos tradicionais fundamentaram sua oposição principalmente na continuidade da sucessão apostólica, na tradição litúrgica e patrística e na compreensão sacramental do sacerdócio. Em sua perspectiva, a questão não dizia respeito à dignidade espiritual da mulher nem à igualdade entre homens e mulheres, mas à fidelidade da Igreja àquilo que havia recebido ao longo de quase dois milênios de história. Diversos teólogos argumentaram que uma mudança dessa natureza somente poderia ocorrer mediante consenso da Igreja Católica em sentido amplo, envolvendo também as Igrejas Ortodoxas e a Igreja Católica Romana, e não por decisão isolada de uma única província anglicana.

Com o passar dos anos, outras províncias da Comunhão Anglicana seguiram caminhos semelhantes. A Igreja Episcopal Escocesa aprovou a ordenação de mulheres ao presbiterato em 1994. A Igreja da Inglaterra autorizou a ordenação de mulheres sacerdotes no mesmo ano de 1994, realizando as primeiras ordenações em março daquele ano, enquanto a ordenação de mulheres ao episcopado foi aprovada em 2014, com a consagração da primeira bispa em 2015. No

Brasil, a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB) aprovou a ordenação feminina ao presbiterato em 1984, tornando-se uma das primeiras províncias anglicanas a adotar essa prática, e realizou a sagração de sua primeira mulher ao episcopado em 2018¹⁵.

Desde então, a Ordenação Feminina permanece um dos principais temas de divergência dentro do Anglicanismo mundial. Algumas Províncias a consideram parte integrante de seu desenvolvimento eclesial, enquanto outras continuam rejeitando essa possibilidade por razões doutrinárias e sacramentais. Para acomodar essas diferenças, surgiram mecanismos de supervisão episcopal diferenciada, como aqueles atualmente exercidos por grupos católicos tradicionais, como a associação *The Society* na Igreja da Inglaterra (a qual será tratada na última parte desta obra). Ainda assim, a questão continua influenciando o diálogo ecumênico, a unidade da Comunhão Anglicana e o relacionamento entre suas diferentes tradições teológicas, permanecendo como um dos marcos mais significativos da história anglicana contemporânea.

Posteriormente, debates semelhantes envolveram a ética sexual cristã. Diversas lideranças anglo-católicas liberais defenderam o reconhecimento pastoral de casais do mesmo sexo, a ordenação de pessoas LGBTQ+ e novas interpretações da moral cristã tradicional. Essas posições produziram profundas divisões dentro da Comunhão Anglicana e contribuíram para o surgimento do Movimento Anglicano Contínuo e, mais tarde, da GAFCON, ambos entendendo que tais mudanças ultrapassavam os limites legítimos do desenvolvimento doutrinário.

Um aspecto que muitas vezes surpreende observadores externos é que muitas dessas comunidades permaneceram extremamente tradicionais em sua liturgia. Em várias catedrais inglesas e norte-americanas, sacerdotes favoráveis às mudanças doutrinárias continuaram celebrando missas solenes com incenso, paramentos históricos, canto gregoriano, veneração da cruz, imagens, procissões e rica música coral. Isso demonstra que, no Anglicanismo, a identidade litúrgica nem sempre corresponde automaticamente ao posicionamento teológico.

¹⁵ A primeira mulher ordenada na Igreja foi a Reverenda Carmen Etel, em 1984, e a primeira Bispa Marinez Bassoto, em 2018. Ambas, assim como a totalidade do clero feminino da IEAB, são de linha liberal-ativista e assumidamente feministas.

Essa realidade explica por que o Anglo-Catolicismo liberal constitui uma corrente particularmente complexa. Diferentemente do Evangelicalismo liberal, ele não abandona a estética sacramental nem reduz a liturgia a simples reunião comunitária. Pelo contrário, conserva profunda reverência pelos sacramentos e pela beleza do culto cristão, ao mesmo tempo em que propõe releituras significativas da doutrina e da disciplina eclesiástica.

No contexto brasileiro, essa tendência encontrou maior expressão em setores da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB), especialmente após as últimas décadas do século XX. A adoção de reformas litúrgicas, a ordenação feminina, a crescente participação no movimento ecumênico e, posteriormente, a aceitação de novas interpretações sobre sexualidade e casamento foram recebidas por muitos anglo-católicos tradicionais como sinais claros de um progressivo afastamento da teologia clássica do Movimento de Oxford e da própria Tradição do Anglicanismo histórico. Essa percepção contribuiu para o surgimento de diversas jurisdições independentes e continuantes no país¹⁶.

Os defensores do Anglo-Catolicismo liberal afirmam que essas mudanças representam o desenvolvimento natural da tradição cristã diante das exigências pastorais do mundo contemporâneo. Argumentam que a Igreja sempre reinterpreto sua linguagem, suas estruturas e sua disciplina ao longo da história e que o mesmo processo continua ocorrendo na atualidade. Para eles, fidelidade à tradição não significa repetição literal do passado, mas capacidade de anunciar o Evangelho em cada geração. Isso cria uma posição paradoxal, que ficou conhecida no meio anglicano como ortodoxo-inclusivo, defendida por grupos como a Sociedade dos Sacerdotes Católicos (*Society of Catholic Priests – SCP*), uma irmandade sacerdotal anglo-católica progressista da Igreja Episcopal dos Estados Unidos, que apoia pautas como a Inclusividade LGBT+ e a Ordenação Feminina entre o clero.

Durante a última década, houve um grupo de cristãos cada vez maior e com uma voz cada vez mais crescente que rejeita a ideia de que o ensino cristão tradicional e credal e um programa social, político e econômico progressivo são opostos e mutuamente exclusivos. Esse

¹⁶ Para entender melhor este processo, leia a obra *Igreja Episcopal Anglicana do Brasil – Identidade e(m) números* (2025), publicada pelo mesmo autor.

grupo “inclusivo e ortodoxo” quer afirmar as ideias sobre o Cosmos, reunidas pela biologia, química e física contemporâneas, sem abandonar a crença robusta nos aspectos mais “sobrenaturais” da fé cristã histórica, como milagres, anjos e demônios, o nascimento virginal, ou a ressurreição corporal. Tais cristãos não vêem razão para que o fato de abraçar o conteúdo dos credos e (não acriticamente) se envolver com as tradições da Igreja deva impedir que as mulheres e as pessoas LGBTQ+ tenham acesso total à vida sacramental e à liderança da Igreja. Posições teológicas “tradicionais” ou “conservadoras” são, portanto, não apenas compatíveis com políticas “progressistas”, como a justiça racial e a igualdade econômica, mas, para muitos, tais posições sociais, econômicas e políticas realmente fluem desses compromissos teológicos (CORBIN, 06 jan. 2020).

Os críticos, entretanto, sustentam que parte dessas revisões ultrapassa o histórico desenvolvimento doutrinário da Igreja e modifica elementos pertencentes ao depósito histórico da fé¹⁷.

Em 1991 um grupo de seis sacerdotes da Diocese Episcopal de Maryland, nos Estados Unidos, publicou a Declaração de Baltimore, como resposta às profundas transformações doutrinárias e litúrgicas que estavam ocorrendo na Igreja Episcopal. O documento procurava reafirmar os princípios da ortodoxia cristã histórica, enfatizando a autoridade das Sagradas Escrituras e a continuidade da Tradição. Embora seus autores tenham permanecido na Igreja Episcopal, a declaração expressava preocupação com aquilo que consideravam um afastamento da fé histórica. A concepção da Declaração veio do Padre Alvin F. Kimel Jr., que repassou a ideia aos seus colegas de clero, como ele mesmo narra:

Era uma noite de sábado, 11 de maio de 1991. Eu tinha optado por faltar ao último dia da convenção anual da Diocese Episcopal de Maryland. Ao fim da tarde, o telefone tocou. Do outro lado estava o meu bom amigo Phil Roulette. "A Diocese de Maryland negou o nosso Senhor", sussurrou ele. "Temos de fazer alguma coisa."

¹⁷ O próprio Newman defendeu na obra *Ensaio sobre o Desenvolvimento da Doutrina Cristã* (1845) que o pensamento cristão evolui e aprofunda-se ao longo dos séculos de forma orgânica, porém, mantendo a identidade e a continuidade com a revelação original de Cristo sem se corromper. Isso, por si só, já contradiz as posições católicas-liberais.

Eu não fazia ideia do que Phil estava a falar. Aparentemente, uma resolução pedindo à diocese que afirmasse Jesus como o caminho, a verdade e a vida tinha sido submetida à convenção; e a maioria dos delegados tinha-a rejeitado. As três semanas seguintes foram um turbilhão. O Philip e eu fazíamos parte de um grupo mensal de apoio ao clero, com outros quatro padres. Pusemo-nos imediatamente a trabalhar para compor uma resposta ao fracasso da nossa diocese em reafirmar um artigo central da fé cristã. Eu escrevi o rascunho inicial e depois distribuí-o pelos outros membros do grupo. Foi um esforço de colaboração. Dentro de algumas semanas finalizámos o documento. Intitulámo-lo "A Declaração de Baltimore". Enviámo-lo a todos os bispos e padres ativos da Igreja Episcopal, bem como aos guardiães seniores da nossa própria diocese. O nosso pequeno mundo eclesástico explodiu (DECLARAÇÃO DE BALTIMORE, 1991).

Dentre as suas confissões mais importantes, têm-se o seu ponto de partida "Confessamos a revelação única e definitiva de Deus em Jesus Cristo.". Os clérigos signatários reafirmavam que Jesus Cristo não era apenas uma entre várias manifestações do divino, mas a revelação definitiva de Deus para a humanidade, rejeitando interpretações pluralistas da fé cristã. Outro ponto trazia afirmações como "Jesus Cristo é o único Salvador do mundo" e "Afirmamos a autoridade das Sagradas Escrituras". Embora a declaração pública de Cristo como Senhor e Salvador ou que a Bíblia é a autoridade normativa para a fé da Igreja, o contexto em que a Declaração de Baltimore foi escrita mostrava uma tendência da denominação a ceder a pressões culturais contemporâneas ou às ideologias do momento, como aconteceu anos depois com a abertura sem limites à Inclusividade. Por fim, a declaração conclui conclamando a Igreja Episcopal a permanecer fiel à fé recebida: "Conclamamos a Igreja ao arrependimento e à renovação".

Com o passar dos anos, a Declaração de Baltimore tornou-se uma importante referência para setores anglicanos conservadores e anglo-católicos tradicionais, sendo frequentemente citada como um chamado à renovação da identidade cristã clássica dentro da Igreja Episcopal e da Comunhão Anglicana¹⁸.

¹⁸ Uma análise da Declaração de Baltimore pode ser lida no capítulo sobre o tema em *Temas de Anglicanismo – Volume 2* (2026), obra publicada pelo presente autor.

Na perspectiva do Anglo-Catolicismo clássico, a tradição patrística, a ideia e natureza da sucessão apostólica, os documentos dos Concílios Ecumênicos, o edifício da moral cristã e a compreensão sacramental da Igreja são parâmetros que estabelecem limites que não podem ser alterados simplesmente em razão das transformações culturais. Assim, embora reconheçam a importância do diálogo com o mundo moderno, entendem que a Igreja não possui autoridade para redefinir aspectos considerados constitutivos da fé católica e apostólica.

Estamos agora a assistir a uma revisão profunda da fé inconsistente com o testemunho evangélico, apostólico e católico, uma revisão cada vez mais abraçada pelos líderes eclesiais, tanto ordenados como leigos. Em nome da inclusividade e do pluralismo, é-nos apresentado um novo paradigma teológico que rejeita, explícita ou implicitamente, as normas doutrinárias dos credos históricos e dos concílios ecumênicos, e que procura relativizar, se não abolir, a autoridade formativa e evangélica das Sagradas Escrituras (DECLARAÇÃO DE BALTIMORE, 1991).

Atualmente, o Anglo-Catolicismo em sua versão liberal permanece como uma das correntes mais influentes dentro da Igreja Episcopal dos Estados Unidos, embora não tenha conseguido alcançar outras Províncias da Comunhão Anglicana do mesmo modo. A tentativa de conciliar a rica tradição litúrgica anglicana, aliada a uma abertura ao diálogo não só ecumênico, mas também inter-religioso – sem limites claros – e de adaptação às mudanças culturais produziu algumas das maiores divisões vividas não apenas entre os anglo-católicos, mas também na própria Comunhão Anglicana.

A tendência é que o número de anglo-católicos liberais diminua, à medida que as suas congregações vão também diminuindo no número de membros, enquanto que a versão tradicional do Anglo-Catolicismo vem ganhando força com novos sacerdotes, à medida que há uma busca por retornar aos princípios do Movimento de Oxford e às bases de uma Teologia anglicana que enfatize os elementos católicos esta tradição cristã, um esforço por manter a fidelidade da missão nas Igrejas Anglicanas e Episcopais ao redor do mundo.

A Ortodoxia e o Anglo-Catolicismo

Desde o surgimento do Movimento de Oxford, em 1833, uma das maiores aspirações dos anglo-católicos foi demonstrar que a Igreja da Inglaterra permanecia parte da Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica, não apenas em relação ao Ocidente latino, mas também ao cristianismo oriental. Diferentemente de muitos protestantes do século XIX, os líderes anglo-católicos voltaram seus olhos para a Ortodoxia Oriental como uma expressão legítima da Igreja Católica indivisa, preservadora da fé dos sete Concílios Ecumênicos e da tradição patrística. Essa aproximação marcou o desenvolvimento da teologia anglo-católica e permanece até hoje como um dos aspectos mais característicos de sua identidade.

Os primeiros Tractarianos encontraram na Ortodoxia um importante argumento para sustentar a chamada Teoria dos Ramos. Segundo essa formulação, desenvolvida especialmente por William Palmer e aprofundada por diversos teólogos do Movimento de Oxford, a Igreja Católica histórica encontrava-se visivelmente dividida em três grandes ramos: a Igreja Católica Romana, as Igrejas Ortodoxas e a Comunhão Anglicana. Embora separadas administrativamente, essas três tradições conservariam a sucessão apostólica, os sacramentos e a fé essencial da Igreja antiga. A Ortodoxia, portanto, não era vista como uma igreja estrangeira, mas como uma igreja irmã.

Essa compreensão levou diversos anglo-católicos a estudarem profundamente a história do cristianismo oriental. Os escritos dos Padres Gregos – como Santo Atanásio, São Basílio Magno, São Gregório Nazianzeno, São João Crisóstomo e São Gregório de Nissa – passaram a ocupar lugar privilegiado na formação teológica anglo-católica. Enquanto muitos debates confessionais da Reforma concentravam-se em autores medievais latinos, os anglo-católicos procuravam fundamentar suas posições na patrística comum ao Oriente e ao Ocidente, reforçando a ideia de continuidade com a Igreja dos primeiros séculos.

Ao longo do século XIX ocorreram diversos contatos oficiais entre anglicanos e ortodoxos. Com isso, foi criada a Associação das Igrejas Anglicana e Oriental (*Anglican and Eastern Churches Association*), fundada em 1864. Seu objetivo consistia em promover conhecimento mútuo, intercâmbio acadêmico, cooperação missionária e aproximação entre as duas tradições. A associação publicou traduções de

documentos ortodoxos, organizou conferências e estimulou o diálogo entre bispos, teólogos e monges de ambos os lados.

Outro momento significativo ocorreu durante as chamadas Conversações de Bonn, realizadas em 1874 e 1875. Embora o foco principal fosse a aproximação entre anglicanos, veterocatólicos e ortodoxos, esses encontros permitiram discutir temas da Ortodoxia, como a autoridade dos Concílios Ecumênicos, a doutrina da Santíssima Trindade, o Credo Niceno, a sucessão apostólica e a validade dos sacramentos. Mesmo sem alcançar plena comunhão, as conversações demonstraram que havia considerável convergência doutrinária entre anglo-católicos e ortodoxos em diversos aspectos fundamentais da fé.

No início do século XX, a participação anglicana no movimento ecumênico fortaleceu ainda mais essas relações. Os ortodoxos historicamente consideram os anglicanos seus aliados no Ocidente. Em 1920, Constantinopla enviou uma delegação à Conferência de Lambeth. E em 1922, as ordens anglicanas foram a certa altura reconhecidas como válidas pelo Patriarca Ecumênico de Constantinopla Meletius IV.

O Santo Sínodo estudou o relatório do Comitê e nota: 1. Que a ordenação de Matthew Parker como Arcebispo de Cantuária por quatro bispos é um fato estabelecido pela história. 2. Que nesta e em subseqüentes ordenações são encontráveis os elementos ortodoxos e indispensáveis, visíveis e sensíveis em sua plenitude de uma ordenação episcopal válida, a saber, a imposição das mãos, a *epiclesis* do Santíssimo Espírito e também a finalidade de transmitir o carisma do ministério episcopal. 3. Que os teólogos ortodoxos que cientificamente examinaram a questão quase unanimemente chegaram à mesma conclusão e declararam que aceitam a validade das ordens anglicanas. 4. Que a prática da Igreja não oferece indício de que a igreja Ortodoxa jamais tenha posto em dúvida a validade das ordens anglicanas, de modo a indicar uma reordenação do clero anglicano como sendo necessária no caso da união entre as duas igrejas (BETTENSON, 2001. p. 429-430).

A prova deste reconhecimento é que, desde o início do século XX, bispos ortodoxos estiveram presentes como co-sagrantes em sagrações episcopais de bispos anglicanos ao redor do mundo, como foi o caso de Tikhon de Moscou na sagração de Reginald Weller no episódio do “Circo de Fond du Lac”.

As relações entre o Anglicanismo e a Ortodoxia Ocidental envolvem diretamente a história do Anglo-Catolicismo. Muitos que se converteram à Ortodoxia Oriental compartilharam que o maior problema que eles enfrentaram, não é o uso do Filioque, não é a veneração de ícones, mas o monolítico "orientalismo" da Igreja Ortodoxa no Ocidente. Há uma espécie de "conflito" com a comemoração de dias santos em datas diferentes, já que todos os outros cristãos celebram o Natal, a Páscoa, veneram o dia dos santos orientais e dos ocidentais, em dias diferentes. Para alguém nascido na Rússia, isso não é problema para alguém nascido nos Estados Unidos, isso é um grande problema.

O nome oficial da tradição comumente chamada de Ortodoxia Oriental é Igreja Católica Ortodoxa. De acordo com o nome, a Igreja deve ser ortodoxa (aderir à crença correta) e católica (aderir à tradição universal). Portanto, "Oriental" é uma descrição que foi acrescentada devido à formação cultural das Tradições e não uma qualidade inerente ao Cristianismo como um todo. A igreja como um todo não é obrigada a ser oriental para ser a verdadeira Igreja. Os ortodoxos orientais reconheceram isso, pelo menos parcialmente, no passado, um exemplo é quando os ortodoxos russos integraram a cultura nativa local do Alasca no culto atual nas paróquias ortodoxas do Alasca.

Existe uma expressão ocidental da liturgia ortodoxa chamada Rito Ocidental (o qual, a Igreja Ortodoxa deve à atuação do Patriarca e santo russo Tikhon de Moscou, durante sua estadia nos Estados Unidos da América). Quando surgiu o desejo por uma expressão mais ocidental da Ortodoxia, os ortodoxos procuraram ajuda nos anglicanos, eles pegaram emprestado o livro anglicano de oração comum e adaptaram-no para suas liturgias. Infelizmente, o Rito Ocidental teve uma aceitação lenta na Igreja Ortodoxa.

A influência ortodoxa também alcançou a espiritualidade anglo-católica. Muitos sacerdotes passaram a estudar a tradição hesicasta, a literatura monástica oriental e os escritos dos Padres do Deserto. Embora sem abandonar sua identidade anglicana, diversas comunidades passaram a valorizar práticas como a oração contemplativa, o jejum litúrgico mais rigoroso, a leitura contínua da Filocalia e o estudo da teologia dos Padres gregos. Esse enriquecimento espiritual tornou-se particularmente evidente em mosteiros e comunidades religiosas anglicanas.

No campo litúrgico, as influências foram igualmente significativas. Embora o Anglo-Catolicismo tenha preservado sua estrutura litúrgica ocidental baseada no Livro de Oração Comum e no rito inglês, diversos elementos da tradição oriental passaram a despertar interesse, como o uso mais frequente de ícones, a recuperação da oração do coração, o emprego de algumas antífonas orientais, a valorização do ciclo festivo patrístico e maior atenção à dimensão mistagógica da liturgia. Essas influências nunca substituíram o Patrimônio Anglicano, mas contribuíram para ampliar sua compreensão da tradição católica.

Um dos temas centrais do diálogo sempre foi a sucessão apostólica. Os anglo-católicos sustentavam que a Igreja da Inglaterra preservara validamente o episcopado histórico após a Reforma, enquanto muitos teólogos ortodoxos reconheciam a seriedade dessa reivindicação, embora sem emitir consenso definitivo. Em diversas ocasiões, patriarcados ortodoxos estudaram cuidadosamente as Ordens Anglicanas, produzindo pareceres que variavam entre avaliações favoráveis, prudentes ou reservadas, sem alcançar posição uniforme para toda a Ortodoxia.

Durante o século XX ocorreram importantes comissões oficiais de diálogo entre a Comunhão Anglicana e as Igrejas Ortodoxas. Esses encontros produziram documentos sobre cristologia, eclesiologia, sacramentos, autoridade, tradição e missão. Embora a plena comunhão jamais tenha sido alcançada, constatou-se ampla concordância acerca da doutrina trinitária, da Cristologia calcedoniana, da sucessão apostólica, do episcopado histórico e da natureza sacramental da Igreja. As principais dificuldades permaneceram concentradas em questões relacionadas à autoridade e às mudanças ocorridas posteriormente em algumas províncias anglicanas.

Entre os grandes admiradores da Ortodoxia destacou-se William Palmer, um dos primeiros teólogos do Movimento de Oxford a viajar para a Rússia em busca de diálogo com a Igreja Ortodoxa Russa. Palmer esperava demonstrar que a Igreja da Inglaterra poderia ser reconhecida como parte da Igreja Católica histórica. Embora sua tentativa não tenha produzido o reconhecimento esperado por parte dos anglicanos, abriu importante precedente para futuras aproximações entre as duas tradições.

Outro nome importante foi o anglo-católico John Mason Neale, profundo conhecedor da liturgia oriental. O Padre Neale traduziu

inúmeros hinos bizantinos para o inglês, tornando acessível ao mundo anglicano parte significativa da riqueza espiritual do Oriente cristão. Muitos de seus hinos continuam presentes em hinários anglicanos até hoje, contribuindo para aproximar espiritualmente o Anglicanismo da tradição ortodoxa.

No século XX, diversos sacerdotes e teólogos ortodoxos também demonstraram interesse pelo Anglo-Catolicismo. Entre eles destacou-se Georges Florovsky, cuja obra patrística exerceu influência considerável sobre estudiosos anglicanos. Ainda que o Padre Florovsky mantivesse reservas quanto à eclesiologia anglicana, reconhecia a importância do retorno às fontes patrísticas promovido pelo Movimento de Oxford. Outros pensadores, como o bispo ortodoxo inglês, o Metropolita Kallistos Ware, também participaram de diálogos acadêmicos com teólogos anglicanos ao longo das últimas décadas.

Entretanto, essa aproximação sofreu forte impacto a partir da segunda metade do século XX. A ordenação de mulheres ao sacerdócio e ao episcopado em diversas províncias anglicanas, seguida pelas mudanças relativas à moral sexual e ao casamento, criou novos obstáculos para o diálogo com as Igrejas Ortodoxas. Como a Ortodoxia preserva a disciplina tradicional acerca do ministério ordenado e da ética cristã, muitos bispos ortodoxos passaram a considerar que determinadas decisões da Comunhão Anglicana dificultavam significativamente qualquer perspectiva de reconhecimento recíproco.

Essas mudanças afetaram especialmente o relacionamento entre a Ortodoxia e os setores liberais do Anglicanismo. Em contrapartida, grupos ligados ao Movimento Anglicano Contínuo, à Igreja Anglicana Tradicional e a outras jurisdições anglo-católicas tradicionais continuaram buscando diálogo com bispos ortodoxos, justamente por manterem posições doutrinárias mais próximas da tradição histórica compartilhada pelas duas igrejas.

Com o renascimento do Anglicanismo conservador desde a década de 1970, muitos pontos de acordo entre anglicanos e ortodoxos foram restabelecidos, por exemplo: a) Uma rejeição ao abuso de poder do Papa; b) Um episcopado de estilo autocéfalo; c) Adesão aos Credos históricos e aos Concílios; d) A prática dos sacramentos na vida cotidiana da Igreja, incluindo, mas não limitado ao Batismo, a Eucaristia e a Confissão e a Absolição; e) Um profundo apreço pelo misticismo; f) Crença de que a Grande Tradição patrística e as tradições locais têm autoridade na Igreja.

Ao mesmo tempo, é preciso considerar que, muitos entraves ainda existiam e permanecem no diálogo anglicano-ortodoxo. Até hoje, nem todos os fiéis ortodoxos se sentirão em casa nas igrejas anglicanas. Enquanto algumas paróquias variam em sua forma de lidar com a herança apostólica e com a tradição, a maioria das comunidades anglicanas conservadoras são totalmente ortodoxas em sua doutrina e católicas em suas práticas litúrgicas. Conforme observado por São Cipriano em sua obra *A unidade da Igreja Católica*, um ofício apostólico válido é aquele em que a ordenação foi transmitida através da imposição de mãos e em que a crença correta também é respeitada. Anglicanos conservadores possuem ambos, sendo completamente católicos e ortodoxos.

O Movimento Litúrgico e o Concílio Vaticano II

O Movimento Litúrgico foi uma das mais importantes correntes de renovação cristã dos séculos XIX e XX, influenciando a vida das Igrejas Católica Romana, Anglicana, Luterana e outras tradições cristãs históricas. Seu objetivo principal era promover uma participação mais consciente dos fiéis na liturgia, incentivar o estudo das antigas fontes litúrgicas da Igreja e recuperar aspectos da celebração cristã dos primeiros séculos. Muito antes do Concílio Vaticano II, o movimento já despertava interesse entre teólogos, monges e liturgistas que compreendiam a liturgia como a principal expressão da vida da Igreja.

Embora possua antecedentes anteriores, um dos marcos históricos do Movimento Litúrgico foi a atuação do beneditino belga Dom Lambert Beauduin. Em 1909, durante o Congresso Nacional de Malines, na Bélgica, Beauduin apresentou uma conferência defendendo a participação ativa dos fiéis na liturgia e a necessidade de aproximar novamente o povo das celebrações da Igreja. Sua intervenção costuma ser considerada o início oficial do Movimento Litúrgico moderno e exerceu enorme influência sobre os estudos litúrgicos das décadas seguintes.

Outro importante centro desse renascimento foi a Abadia de Maria Laach, na Alemanha, onde monges como Dom Odo Casel aprofundaram a chamada "teologia do mistério". Casel defendia que a liturgia não era apenas uma recordação simbólica dos acontecimentos da salvação, mas uma atualização sacramental do mistério pascal de

Cristo na vida da Igreja. Paralelamente, mosteiros como Solesmes, na França, desenvolveram importantes pesquisas sobre o canto gregoriano e a restauração das antigas formas do culto romano.

No Anglicanismo, o Movimento Litúrgico encontrou terreno fértil graças ao trabalho iniciado décadas antes pelo Movimento de Oxford e pelo Ritualismo da segunda geração dos anglo-católicos. Desde o século XIX, os sucessores dos líderes tractarianos e os sacerdotes ligados à Sociedade da Santa Cruz (SSC) já haviam promovido a recuperação da liturgia medieval inglesa, do uso frequente da Eucaristia, da centralidade do altar e do estudo da Patrística. Assim, muitos dos princípios posteriormente defendidos pelo Movimento Litúrgico já estavam presentes em grande parte do Anglo-Catolicismo.

Ao longo da primeira metade do século XX, liturgistas anglicanos passaram a dialogar intensamente com estudiosos católicos e ortodoxos. A redescoberta das liturgias antigas, o estudo das fontes patrísticas, das anáforas orientais e da rica história do Livro de Oração Comum estimularam importantes revisões litúrgicas em diversas províncias anglicanas. Esse diálogo favoreceu uma aproximação entre diferentes tradições cristãs no campo da liturgia, ainda que permanecessem importantes diferenças doutrinárias. Um exemplo disso foi a proposta do Livro de Oração Comum de 1928.

Na Inglaterra, uma proposta de revisão do Livro de Oração Comum foi apresentada ao Parlamento em 1927 e novamente em 1928, buscando atualizar a liturgia de 1662 e incorporar práticas que já eram comuns em muitas paróquias da tradição *High Church* e anglo-católica. Entretanto, em ambas as ocasiões, o projeto foi rejeitado pela Câmara dos Comuns, sobretudo pela oposição de parlamentares de orientação protestante, que consideravam algumas das alterações excessivamente próximas da tradição católica. Como consequência, o Livro de Oração Comum de 1662 permaneceu como o único padrão litúrgico oficialmente autorizado pela Igreja da Inglaterra, até os dias de hoje.

Nos Estados Unidos, porém, a situação foi diferente. Em 1892, a Convenção Geral da Igreja americana propôs uma revisão e segunda edição do LOC, desde a edição de 1789. Oficialmente aprovado, o novo livro preservou a estrutura clássica da tradição anglicana, promovendo apenas alterações moderadas na linguagem litúrgica, pequenas revisões nas rubricas e maior flexibilidade para a leitura das Escrituras no Ofício Diário. Diferentemente das reformas litúrgicas que marcariam o século XX, a edição de 1892 manteve-se profundamente

vinculada à tradição do Livro de Oração Comum, tornando-se uma importante referência para a vida litúrgica da Igreja Episcopal.

Entre os anglo-católicos norte-americanos do final do século XIX e das primeiras décadas do século XX, entretanto, o Livro de Oração Comum de 1892 raramente era utilizado de forma isolada. Embora permanecesse como o livro litúrgico oficial da Igreja, muitos sacerdotes complementavam suas celebrações com manuais devocionais, livros de ofícios e missais que enriqueciam a prática sacramental e eucarística segundo a tradição do Movimento de Oxford e do Ritualismo inglês. O objetivo não era substituir o Livro de Oração Comum, mas aprofundar suas possibilidades litúrgicas por meio da recuperação do patrimônio cerimonial da Igreja antiga.

Durante esse período, difundiu-se amplamente o uso de livros complementares, como o *Holy Cross Missal*, o *Book of Offices* e outros manuais destinados ao clero anglo-católico. Essas obras continham missas votivas, missas pelos fiéis defuntos (Réquiem), próprios para festas específicas, bênçãos e diversos textos litúrgicos que não figuravam na edição oficial do Livro de Oração Comum. Dessa forma, preservava-se a estrutura normativa da liturgia anglicana ao mesmo tempo em que se enriquecia sua expressão sacramental e devocional.

No que diz respeito à celebração da Santa Eucaristia, os sacerdotes anglo-católicos utilizavam o rito previsto no Livro de Oração Comum de 1892, mas muitas vezes acrescentavam elementos cerimoniais característicos da tradição católica ocidental. O uso de incenso, velas, cruz processional, vestes litúrgicas tradicionais, canto coral e uma celebração mais solene da Missa refletia a convicção de que a liturgia deveria manifestar visivelmente a dignidade do culto divino e a centralidade do sacramento do altar.

Historicamente, o Livro de Oração Comum de 1892 desempenhou um papel de transição entre a tradição clássica dos livros de oração do século XVIII e a revisão de 1928, considerada por muitos estudiosos e anglo-católicos como a expressão mais madura da tradição litúrgica episcopal norte-americana.

A Igreja Episcopal dos Estados Unidos aprovou o seu terceiro Livro de Oração Comum com a edição de 1928, que preservava a estrutura tradicional da liturgia anglicana, mas incorporava diversas revisões pastorais e litúrgicas. Essa edição tornou-se uma das mais apreciadas da história do Anglicanismo estadunidense, sendo amplamente utilizada até a publicação do Livro de Oração Comum de

1979. Ainda hoje, o Livro de Oração Comum de 1928 continua em uso nas Igrejas do Movimento Anglicano Contínuo, na ACNA (em algumas dioceses e paróquias) e em diversas comunidades anglo-católicas, que o consideram uma das expressões mais equilibradas e clássicas da tradição litúrgica anglicana norte-americana.

Na prática, os antigos Livros de Oração Comum, especialmente a edição inglesa de 1662, deixaram de ser o principal modelo litúrgico da maior parte das províncias da Comunhão Anglicana. Ao longo do século XX, muitas Igrejas nacionais aprovaram novos livros de oração adaptados às suas realidades pastorais, culturais e missionárias, de modo que o texto de 1662 passou a exercer uma influência sobretudo histórica, e não normativa. Por essa razão, a utilização exclusiva desse livro como parâmetro para definir uma suposta "ortodoxia litúrgica", como ocorre em algumas Igrejas do Movimento Anglicano Contínuo ou em jurisdições independentes, não corresponde à diversidade litúrgica que historicamente caracterizou o Anglicanismo.

Um exemplo dessa pluralidade encontra-se na Igreja Episcopal Reformada da Espanha. Em vez de simplesmente traduzir ou reproduzir o Livro de Oração Comum inglês, essa Igreja preservou elementos da tradição litúrgica ibérica por meio do Rito Hispânico, inspirado no antigo Rito Moçárabe. Essa opção produz diferenças significativas em relação ao padrão litúrgico predominante em outras províncias anglicanas. Enquanto a maioria das Igrejas do Ocidente celebra um Advento composto por quatro domingos antes do Natal, o calendário hispânico mantém seis domingos dedicados à expectativa da Parusia e da Segunda Vinda de Cristo, demonstrando que a diversidade ritual sempre fez parte da experiência anglicana.

Ao mesmo tempo, diversas comunidades da tradição anglo-católica passaram a utilizar livros litúrgicos complementares ao LOC, geralmente chamados de missais. Entre os mais conhecidos está o Missal Inglês (*English Missal*), uma adaptação do Missal Romano para o inglês em estilo elizabetano, preservando a linguagem tradicional do Anglicanismo. Sua publicação foi acolhida pelo Movimento Ritualista, especialmente entre os clérigos de orientação *High Church*, que consideravam as rubricas do Livro de Oração Comum insuficientes para expressar toda a riqueza da tradição litúrgica católica. O *English Missal* possibilitou conciliar o uso da língua inglesa com a estrutura cerimonial e as orações do rito romano tradicional.

Outro exemplo é o Missal Anglicano (*Anglican Missal*), publicado pela primeira vez pela *Society of SS. Peter and Paul*, em 1921. Concebido como suplemento ao Livro de Oração Comum, o missal oferecia uma forma de celebrar a Eucaristia segundo o rito romano tradicional, adaptado às particularidades da tradição anglicana. Amplamente difundido entre paróquias anglo-católicas, o *Anglican Missal* exerceu profunda influência sobre o cerimonial do século XX e permanece em uso em diversas comunidades da Comunhão Anglicana e, sobretudo, nas Igrejas do Movimento Anglicano Contínuo, onde continua sendo uma das principais referências para a celebração da Santa Eucaristia.

Claro que o Livro de Oração Comum (LOC), enquanto regra e prática, é um fator de união entre as diferentes dioceses e províncias episcopais e/ou anglicanas. Afinal de contas, os LOCs são *Lex Orandi, Lex Credendi* (a lei de quem ora é a lei de quem crê): declarações do que cremos e de quem adoramos. Entretanto, ao longo do século XX, sobretudo após o movimento litúrgico, vieram a proliferar grandemente os textos alternativos (livros ou compêndios que não substituem LOCs mais antigos) e revisões de LOCs provinciais. Com novas discussões em torno de enculturação, simplificação da linguagem e renovação litúrgica, tanto a prática quanto os textos passaram a ter maior variação ao redor da Comunhão Anglicana. Nem o LOC inglês de 1622, tampouco os livros escoceses dos séculos XVIII e XIX, ou o livro norte-americano de 1928, são o padrão litúrgico da maior parte das pessoas que adoram a Deus na tradição anglicana (COELHO FILHO, 2020, p. 100).

Na prática, havia não só uma tentativa de estabelecer padrões altos para a Liturgia Anglicana, mas, consciente ou inconscientemente, os seus defensores se espelhavam e se aproximavam cada vez mais da Tradição católica romana, talvez pela própria força e peso histórico que esta exerceu sobre o Anglicanismo desde o seu surgimento.

Com o fortalecimento do movimento ecumênico nas décadas de 1930 a 1950. Congressos internacionais, encontros acadêmicos e comissões litúrgicas passaram a reunir especialistas de diferentes confissões cristãs. Muitos anglicanos participaram ativamente dessas discussões, levando para suas Igrejas o interesse pela reforma litúrgica,

pela simplificação de alguns ritos e pela maior participação da assembleia nas celebrações.

Enquanto essas transformações ocorriam, a Igreja Católica Romana preparava o seu maior concílio ecumênico desde o Concílio Vaticano I. Em 25 de janeiro de 1959, o Papa João XXIII anunciou sua intenção de convocar um novo concílio destinado não à condenação de heresias, mas ao diálogo da Igreja com o mundo contemporâneo. O anúncio surpreendeu grande parte do episcopado e marcou o início de um dos acontecimentos mais importantes da história do cristianismo moderno.

O Concílio Vaticano II foi realizado entre 1962 e 1965, dividido em quatro sessões. A primeira ocorreu sob a presidência de João XXIII, falecido em junho de 1963. Seu sucessor, o Papa Paulo VI, conduziu as três sessões restantes e foi responsável pela promulgação da maior parte dos documentos conciliares. Participaram aproximadamente 2.500 bispos provenientes de todos os continentes, tornando-o o maior concílio da história da Igreja Católica.

A primeira obra completa do Vaticano II foi a Constituição sobre a Sagrada Liturgia. Edificando sobre o trabalho do movimento litúrgico, ela proporcionou a revisão do rito da missa colaborando para sua celebração mais comunitária (WALKER, 2015, p. 817).

Ao final dos trabalhos, foram promulgados dezesseis documentos conciliares: quatro constituições, nove decretos e três declarações. Entre os textos mais importantes destacam-se a Constituição sobre a Liturgia *Sacrosanctum Concilium* (1963), a Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (1964), a Constituição Dogmática *Dei Verbum* (1965) e a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (1965). Esses documentos redefiniram diversos aspectos da vida pastoral, missionária, litúrgica e ecumênica da Igreja Católica.

Outros dezesseis textos foram adotados pelos padres do concílio, variando em tamanho desde a Declaração sobre o Relacionamento da Igreja com Religiões Não Cristãs, que tinha pouco mais de mil palavras, até a Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo Moderno, de mais de vinte e três mil palavras. A primeira se referia primariamente à sensível área das relações judeo-cristãs e tem sido criticada como parcialmente frágil e algo

obscura. Ela de fato deplorou toda forma de anti-semitismo e toda discriminação ou molestamento por causa de raça, cor, condição de vida ou religião, e encorajou o diálogo com membros de religiões não cristãs e cooperação com eles visando ao bem comum. A Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo Moderno foi direcionada não apenas aos fiéis, mas a “toda a humanidade”, e conscientemente dirigiu a igreja ao serviço da família humana. Ela instruiu o clero e o laicato a colaborarem em um ministério de serviço, do qual possa emergir um mundo mais humano e misericordioso, apesar dos aspectos desumanizantes da sociedade tecnológica. Muitas nuances das “encíclicas sociais” ecoaram no texto (WALKER, 2015, p. 817).

A *Sacrosanctum Concilium* estabeleceu os princípios fundamentais da renovação litúrgica. O documento incentivou a participação ativa dos fiéis, ampliou o uso das línguas vernáculas, promoveu a revisão dos livros litúrgicos e recomendou a simplificação de determinados ritos. Embora mantivesse o latim como língua própria do rito romano, abriu espaço para um uso muito mais amplo das línguas nacionais nas celebrações.

Como consequência dessas decisões, foi promulgado pelo Papa Paulo VI o novo Missal Romano de 1969, cuja utilização tornou-se obrigatória a partir de 1970. Conhecido popularmente como “Missal de Paulo VI” ou *Novus Ordo Missae*, o novo rito reorganizou diversas partes da Missa, introduziu novas Orações Eucarísticas, ampliou significativamente o Lecionário e adaptou diversos elementos da celebração à realidade pastoral contemporânea. A reforma representou a maior revisão da liturgia romana desde o Concílio de Trento.

Durante o processo de elaboração da reforma litúrgica atuou o *Consilium ad exsequendam Constitutionem de Sacra Liturgia*, presidido pelo cardeal Giacomo Lercaro e coordenado por Dom Annibale Bugnini. Em algumas etapas dos trabalhos participaram observadores de diferentes comunidades cristãs, incluindo representantes anglicanos e de outras Igrejas protestantes, convidados em razão do espírito ecumênico inaugurado pelo Concílio. Embora esses observadores não possuísem direito de voto nem autoridade deliberativa sobre o texto final, sua presença tornou-se objeto de intensos debates posteriores, especialmente entre setores tradicionalistas da Igreja Católica, a exemplo da Fraternidade Sacerdotal São Pio X (FSSPX).

As reformas litúrgicas católicas romanas logo repercutiram no Anglicanismo. Diversas províncias anglicanas iniciaram processos de revisão de seus próprios Livros de Oração Comum, buscando maior participação da assembleia, linguagem contemporânea, novos lecionários e uma estrutura eucarística inspirada nas pesquisas litúrgicas então disponíveis. Em muitos casos, as novas liturgias anglicanas revelaram pontos de contato com a reforma romana, sobretudo na organização das Orações Eucarísticas e na ampliação das leituras bíblicas.

No interior do Anglo-Catolicismo, entretanto, a recepção dessas mudanças foi bastante diversificada. Alguns setores acolheram positivamente o novo ambiente ecumênico e passaram a adaptar suas celebrações às reformas litúrgicas contemporâneas. Algumas dessas mudanças ocorreram na forma ou posição do celebrante durante a Liturgia Eucarística. A forma *versus Deum* (“voltado para Deus”, com o sacerdote celebrando voltado para o altar, na mesma direção do povo), é considerada a forma original e tradicional de celebração da Missa no Anglicanismo anglo-católico por razões históricas, litúrgicas e teológicas enraizadas na continuidade com a tradição católica. Desde os tempos antigos, tanto no Ocidente quanto no Oriente, a celebração da Eucaristia era feita com o sacerdote e o povo voltados na mesma direção, geralmente para o leste (*ad orientem*), simbolizando a espera do retorno de Cristo e a direção da oração comum a Deus. No Ocidente, essa prática permaneceu praticamente inalterada até as reformas litúrgicas do século XX.

As raízes da forma anglo-católica de celebrar remontam ao Uso de Sarum (o cerimonial da Catedral de Salisbury), que foi predominante na Inglaterra antes da Reforma, e seguia a tradição ocidental com a Missa celebrada com o altar posicionado para o oriente (*ad orientem*). Era um rito ricamente cerimonial, com procissões, uso de incenso, vestes litúrgicas e forte ênfase sacramental, refletindo a teologia católica. Com a Reforma Inglesa, o Livro de Oração Comum de 1549 procurou simplificar e traduzir o culto para o vernáculo, mas, mantendo a disposição da celebração na posição *versus Deum* como era o costume.

Com o Movimento Litúrgico surgindo na Igreja da Inglaterra, os anglo-católicos adotaram não apenas a espiritualidade católica, mas também resgataram os paramentos, o cerimonial e a posição *versus Deum* como parte da reverência e da solenidade do culto. Isso refletia uma teologia centrada no sacrifício eucarístico, na transcendência de Deus e

na continuidade com a tradição litúrgica pré-reformada. Além disso, teologicamente, a Missa na forma *versus Deum* dava uma ênfase ao altar, o símbolo comum da presença de Deus. Assim, todo ato litúrgico feito pelo celebrante e a assembleia, tornava-se orientado para Deus, em contraste com a celebração *versus populum*, que pode ser interpretada (mesmo que não intencionalmente) como um diálogo horizontal, mais voltado à comunidade do que ao culto divino.

A influência das mudanças litúrgicas trazidas pelo Concílio Vaticano II foram sentidas não só na forma de celebrar, mas também na arquitetura sacra. Do lado católico, temos inúmeras histórias de altares colados à parede que foram demolidos (e em alguns casos, feitos em mármore, dinamitados). Se do ponto de vista católico romano isso parece um absurdo, na tradição anglicana não aconteceu de forma diferente. Muitas igrejas tiveram os seus altares originais removidos. Na Inglaterra, em catedrais históricas como Cantuária e Nottingham, seus altares *ad orientem* foram removidos. Nos Estados Unidos, na Catedral de São João, o Teólogo também não foi diferente. O caso da Catedral de Nova York é interessante, porque, diante da sua grandiosidade, nota-se que falta algo no altar, ladeado por altas e grossas colunas, mas com um vazio que foi preenchido apenas por uma cruz suspensa.

Em fotos antigas, é possível ver o retábulo imenso que existia ao final do presbitério, o qual foi demolido no início dos anos de 1950. Da mesma forma, em Cantuária, o altar que se localizava ao final das escadas do presbitério foi retirado, deixando um vazio preenchido pela cátedra de Santo Agostinho (que é móvel e sua função é servir de cátedra nas cerimônias de instalação dos Arcebispos de Cantuária). Poucas catedrais históricas tiveram seus altares da Era Tudor ou da Era Vitoriana preservados, a exemplo da Catedral de York, embora hoje, sirvam apenas de elementos decorativos, uma vez que as celebrações eucarísticas ocorrem em uma mesa, posicionada de forma central.

Embora ao longo da história do Anglicanismo outras formas de celebrar tenham sido adotadas (como o Lado Norte do altar, pelos reformados e clérigos de cultura *Low Church*), a forma *versus Deum* também era adotada por estes. Um exemplo disso são as paróquias e catedrais mais antigas da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB). Fabricados em madeira ao invés de pedra, por mais de 60 anos estes altares foram utilizados por clérigos de orientação evangélica em celebrações usando o LOC (seja sua versão de 1925, 1930 ou 1950). Isto reforça que o cerimonial original adotado no Brasil era *versus Deum*.

É preciso pontuar que, embora não seja a única forma correta de se celebrar os Santos Mistérios no Anglicanismo, é a forma original. Isto se deve à Teologia que apontava a forma como Jesus retornaria. Segundo as próprias palavras de Cristo no Evangelho de Mateus: “Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até ao ocidente, assim será também a vinda do Filho do homem” (24:27). Historicamente as Igrejas eram construídas voltadas para o oriente, e o oriente era voltado para Jerusalém, para o Monte das Oliveiras, onde se acredita, pelas Escrituras e pela Tradição, que será o local geográfico da volta de Cristo (Atos 1:6-11). Daí o costume dos altares *ad orientem*.

É verdade que, desde o Movimento Ritualista, os anglo-papistas passaram a usar outros manuais litúrgicos, como o Missal Romano. Outros, porém, preferiram conservar o patrimônio ritual desenvolvido pelo Movimento de Oxford, mantendo o uso do *English Missal*, do *Anglican Missal* e das formas clássicas do Livro de Oração Comum. Essas diferenças tornaram-se ainda mais evidentes durante as décadas de 1970 e 1980. Enquanto algumas províncias adotavam liturgias experimentais, linguagem inclusiva e revisões substanciais dos antigos livros de oração, comunidades anglo-católicas continuavam celebrando segundo o cerimonial tradicional, preservando a orientação *ad orientem*, o uso do incenso, das vestes clássicas e da música litúrgica histórica.

As reformas do período também influenciaram o diálogo ecumênico entre anglicanos e católicos romanos. Em 1966, o Arcebispo de Cantuária Michael Ramsey visitou o Papa Paulo VI, na cidade de Roma. Esse evento histórico marcou o início de uma série de encontros ecumênicos entre as duas denominações. Dez anos depois, em 1967, foi criada a Comissão Internacional Anglicano-Católica Romana (*Anglican-Roman Catholic International Commission* – ARCIC), responsável por importantes declarações conjuntas sobre Eucaristia, ministério e autoridade na Igreja. O ambiente inaugurado pelo Vaticano II tornou possível um diálogo teológico muito mais intenso do que aquele existente nas décadas anteriores.

Entretanto, as reformas litúrgicas e pastorais também contribuíram para o surgimento de movimentos de resistência em ambas as tradições. No Catolicismo Romano, grupos ligados ao rito tridentino criticaram diversos aspectos da reforma pós-conciliar. No Anglicanismo, especialmente entre os anglo-católicos, cresceu a preocupação com a perda da continuidade litúrgica e com o abandono de elementos tradicionais do culto histórico.

A questão dos Ordinariatos Pessoais

A criação dos Ordinariatos Pessoais para antigos anglicanos representa um dos acontecimentos mais relevantes das relações entre o Anglicanismo e a Igreja Católica Romana no século XXI. Instituídos pelo Papa Bento XVI por meio da Constituição Apostólica *Anglicanorum Coetibus*, promulgada em 04 de novembro de 2009, os Ordinariatos surgiram como uma estrutura canônica destinada a acolher grupos inteiros de clérigos e leigos provenientes das Igrejas Anglicanas e Episcopais que desejavam ingressar em plena comunhão com Roma sem abandonar o patrimônio espiritual, litúrgico e pastoral desenvolvido ao longo de séculos dentro da tradição anglicana. Diferentemente de uma conversão individual, tratava-se da possibilidade de preservar uma identidade eclesial coletiva, mantendo elementos da herança anglicana incorporados à vida da Igreja Católica.

A criação dessa estrutura não ocorreu de forma repentina. Ao longo do século XX, novas circunstâncias fortaleceram esse movimento. O diálogo ecumênico entre Roma e Cantuária, especialmente após o Concílio Vaticano II e a criação da Comissão Internacional Anglicano-Católica Romana (ARCIC), aproximou as duas tradições em diversos pontos doutrinários. Contudo, paralelamente às aproximações teológicas, a Comunhão Anglicana iniciou um período de profundas transformações internas que produziram novas tensões entre seus diversos setores. Questões relacionadas à autoridade doutrinária, às reformas litúrgicas e às mudanças disciplinares passaram a dividir províncias inteiras.

Um dos primeiros sinais concretos desse processo ocorreu nos Estados Unidos. Em 1980, durante o pontificado de São João Paulo II, foi criado o chamado *Pastoral Provision*, um mecanismo especial que permitia a recepção de sacerdotes episcopais casados na Igreja Católica, bem como a formação de paróquias utilizando o chamado *Anglican Use*. Essa experiência constituiu um verdadeiro laboratório para aquilo que, quase trinta anos depois, seria institucionalizado em escala internacional pela *Anglicanorum Coetibus*. Muitas das comunidades posteriormente incorporadas ao Ordinariato norte-americano tiveram origem justamente nesse período.

Durante as décadas de 1970 e 1980, outro fator acelerou esse movimento: a aprovação da ordenação feminina em diversas províncias da Comunhão Anglicana. A Igreja Episcopal dos Estados Unidos

autorizou a ordenação de mulheres ao sacerdócio em 1976, seguida por outras províncias nos anos seguintes. Para numerosos anglo-católicos, essa decisão representava uma ruptura com a tradição sacramental recebida da Igreja antiga, levando parte do clero e do laicato a procurar alternativas fora da própria Comunhão Anglicana.

As tensões aumentaram ainda mais a partir da década de 1990. Os debates sobre ética sexual, autoridade das Escrituras e revisão da moral cristã tornaram-se cada vez mais intensos. Com a eleição de Gene Robinson como Bispo de New Hampshire, em 2003, muitos setores conservadores das alas evangélica e anglo-católica da Igreja assinalaram o episódio como um estopim para uma crise e um ponto de ruptura. Nos anos seguintes, a discussão sobre bênçãos de uniões homoafetivas e casamento entre pessoas do mesmo sexo ampliou o número de comunidades que passaram a considerar seriamente a possibilidade de ingressar na Igreja Católica.

Foi nesse contexto que Bento XVI respondeu às inúmeras solicitações vindas de grupos anglicanos espalhados pelo mundo. Em vez de acolher apenas indivíduos isolados, a Santa Sé decidiu criar uma estrutura jurídica capaz de preservar aquilo que a própria Constituição Apostólica chamou de Patrimônio Anglicano. A intenção não era absorver simplesmente antigos anglicanos, mas reconhecer que séculos de espiritualidade, música sacra, literatura devocional, tradição pastoral e riqueza litúrgica poderiam enriquecer a própria Igreja Católica.

A Constituição *Anglicanorum Coetibus*, promulgada em 4 de novembro de 2009, estabeleceu juridicamente essa nova realidade. Inspirados no modelo dos Ordinariatos Militares, os Ordinariatos Pessoais não possuem território próprio, sendo organizados em torno das pessoas e comunidades. Seus fiéis permanecem plenamente católicos, mas possuem uma organização administrativa própria, subordinada diretamente à Santa Sé e governada por um Ordinário.

Outra característica importante foi a preservação da liturgia anglicana. Os novos Ordinariatos receberam autorização para utilizar uma forma própria de culto, inicialmente conhecida como *Anglican Use* e posteriormente consolidada no livro litúrgico *Divine Worship: The Missal* (2015). Essa liturgia conserva a linguagem clássica do Livro de Oração Comum, elementos do Missal Inglês, do Missal Anglicano e diversas tradições cerimoniais desenvolvidas pelo Movimento de Oxford e pelo Ritualismo inglês, agora plenamente inseridas na comunhão da Igreja Católica.

Quanto ao clero, a Constituição estabeleceu normas específicas. Muitos sacerdotes anglicanos casados puderam ser ordenados sacerdotes católicos mediante dispensa concedida pelo Papa, continuando à frente de suas comunidades. Entretanto, em razão da disciplina da Igreja Católica e da doutrina sobre o episcopado, antigos bispos anglicanos não são ordenados bispos católicos, permanecendo no grau do presbiterado. Essa exigência decorre, entre outros fatores, da posição oficial expressa por Leão XIII na bula *Apostolicae Curae* (1896), que declarou inválidas as ordens anglicanas.

Entre 2011 e 2012 foram criados três Ordinariatos Pessoais. O primeiro foi o Ordinariato Pessoal de Nossa Senhora de Walsingham, erigido em 15 de janeiro de 2011 para a Inglaterra e o País de Gales. Seu primeiro Ordinário foi o antigo bispo anglicano Keith Newton, recebido na Igreja Católica juntamente com outros bispos, centenas de sacerdotes e milhares de fiéis provenientes principalmente da ala anglo-católica da Igreja da Inglaterra. Em 2024, o Papa Francisco nomeou o Padre David Waller como novo Ordinário, sendo ele ordenado bispo em junho de 2024, na Catedral católica de Westminster. Como é celibatário, ele era elegível para ser consagrado como bispo ordinário, ao contrário de seu antecessor¹⁹.

Poucos meses depois, em 1º de janeiro de 2012, foi criado o Ordinariato Pessoal da Catedral de São Pedro, abrangendo os Estados Unidos e o Canadá. Diferentemente do caso inglês, esse Ordinariato reuniu tanto comunidades oriundas do *Pastoral Provision* quanto novos grupos provenientes da Igreja Episcopal e de outras jurisdições anglicanas. Sua rápida expansão transformou-o no mais numeroso e estruturado dos Ordinariatos existentes.

¹⁹ Em 1964, o bispo brasileiro Dom Salomão Ferraz, enviou um memorando ao Papa Paulo VI, sobre a disciplina do celibato, pedindo a sua flexibilização para casos específicos de sacerdotes que desejassem entrar em comunhão plena com Roma. Em suas palavras: “Concorrerá para facilitar a integração dos grupos cristãos separados, e que desejariam viver sob a influência benfazeja de Pedro, de acordo com a sagrada missão que o Senhor lhe confiou e aos seus sucessores. ‘Confirma fratres tuo’. Padres e bispos anglicanos, e também pastores evangélicos, nunca pensariam em separar-se de suas famílias cristãmente constituídas” (FERRAZ, 1964, p. 2). Do mesmo modo, Dom Salomão apontava pontos de contribuição para o Ecumenismo na visão de Roma: “Sem um reajustamento na disciplina do celibato, será inútil qualquer esforço em prol do Ecumenismo. Nenhuma corporação religiosa, cônica de suas responsabilidades, se disporá a aliar-se com uma situação que reputa em desacordo com os direitos humanos, na sua aplicação sem limites” (FERRAZ, 1964, p. 4-5).

No mesmo ano, em 15 de junho de 2012, foi erigido o Ordinariato Pessoal de Nossa Senhora da Cruz do Sul, destinado à Austrália, posteriormente estendendo sua atuação também ao Japão e a outras regiões da Ásia. Embora numericamente menor, ele igualmente preservou o patrimônio litúrgico anglicano e acolheu sacerdotes e comunidades interessados em ingressar na plena comunhão com Roma.

Os primeiros grupos recebidos pelos Ordinariatos eram compostos, em sua maioria, por anglo-católicos tradicionais. Muitos deles já utilizavam o Missal Inglês, o Missal Anglicano ou formas altamente ritualizadas do Livro de Oração Comum. Assim, a transição litúrgica foi relativamente natural, uma vez que a espiritualidade, a música, o calendário e o cerimonial possuíam grande proximidade com o rito romano tradicional.

Entre os três Ordinariatos, o da Catedral de São Pedro destacou-se pelo crescimento institucional. Sua sede foi estabelecida na Catedral de Nossa Senhora de Walsingham, em Houston, Texas, um templo construído especificamente para servir como uma espécie de réplica do Santuário original destruído na Inglaterra na época de Henrique VIII. Ao redor da Catedral desenvolveu-se uma intensa vida pastoral, litúrgica e formativa, com a construção de uma escola voltada para a Educação Infantil e também a preservação do Patrimônio Anglicano.

Desde 2016, o Ordinariato norte-americano é governado por Dom Steven J. Lopes, o primeiro bispo católico ordenado especificamente para um Ordinariato Pessoal. Sua nomeação marcou uma nova etapa de consolidação institucional. Sob sua liderança, ampliaram-se os programas de formação sacerdotal, a criação de novas paróquias, o fortalecimento da identidade litúrgica do Ordinariato e a publicação de materiais catequéticos próprios. Dom Lopes tornou-se uma das principais referências internacionais para a preservação do Patrimônio Anglicano dentro da Igreja Católica.

Uma das características do Ordinariato da Catedral de São Pedro é a valorização do chamado Patrimônio Anglicano. Nas celebrações litúrgicas permanecem presentes elementos como a linguagem sacra do inglês clássico, o uso da rica tradição coral, a solenidade cerimonial com a missa sendo celebrada *ad orientem*, o uso de sobrepelizes inglesas para os acólitos, canto congregacional e diversas devoções herdadas do Anglo-Catolicismo, a exemplo de Nossa Senhora de Walsingham entre os católicos.

Apesar de seu êxito institucional, os Ordinariatos enfrentam desafios semelhantes aos encontrados por outras dioceses católicas. O número relativamente reduzido de sacerdotes, a necessidade de formar novas vocações, a manutenção financeira das comunidades e a integração das novas gerações constituem questões permanentes. Além disso, muitas comunidades ainda dependem do ingresso contínuo de antigos anglicanos para garantir seu crescimento. Nesse sentido, o Ordinariatos de Nossa Senhora da Cruz do Sul e de Nossa Senhora de Walsingham ainda possuem uma dificuldade em se estabelecerem nos seus respectivos países, enquanto que o Ordinariato da Cátedra de São Pedro conseguiu criar raízes em solo norte-americano.

Com a eleição do Papa Francisco, a política adotada por Bento XVI tomou um rumo inverso. Ao invés de incentivar o ingresso de ex-anglicanos na comunhão da Igreja Católica, o então Papa tinha uma postura menos proselitista neste sentido. Ao assumir o seu pontificado, Bergoglio em um almoço com o Bispo Gregory Venables, primaz anglicano do Cone Sul (de quem era amigo pessoal em Buenos Aires) expôs sua posição sobre os Ordinariatos. Lembra o Bispo Venables que Francisco “disse-me muito claramente que o ordinariato era algo absolutamente desnecessário e que a Igreja precisava de nós como anglicanos” (IHU Unissinos, 03 fev. 2015).

A atual relação entre o Papa Leão XIV e a Arcebispa de Cantuária, Sarah Mullally, tem sido marcada por um tom de respeito institucional e de continuidade do diálogo ecumênico entre a Igreja Católica e a Comunhão Anglicana, embora tenha sido bastante pontual, diferente de como era a atuação conjunta entre o Papa Francisco e o ex-Arcebispo de Cantuária Justin Welby. Logo após sua instalação como Arcebispa de Cantuária, em março de 2026, o Papa enviou uma mensagem na qual assegurou suas orações e reafirmou o compromisso de prosseguir o diálogo “na verdade e no amor”, recordando o caminho iniciado pelo encontro histórico entre o Papa Paulo VI e o Arcebispo Michael Ramsey, em 1966.

Posteriormente, durante a audiência privada realizada no Vaticano, em abril de 2026, Leão XIV reconheceu os frutos alcançados pelo diálogo ecumênico nas últimas décadas, mas observou que novos desafios surgidos recentemente – se referindo de forma bastante diplomática à própria eleição da Arcebispa – tornaram mais difícil o caminho rumo à plena comunhão.

Do ponto de vista ecumênico, a criação dos Ordinariatos provocou reações distintas. Muitos católicos viram na iniciativa um gesto pastoral de grande sensibilidade, capaz de acolher comunidades inteiras sem exigir a renúncia de seu patrimônio espiritual e litúrgico. Em diversos setores da Comunhão Anglicana, entretanto, a decisão foi recebida com críticas, sendo interpretada por alguns como uma interferência nas relações entre Roma e Cantuária, e no caso da Igreja Anglicana Tradicional, um problema de ordem disciplinar, uma vez que vários clérigos da mesma pediram seu ingresso na estrutura criada nos Estados Unidos. Já outros compreenderam a medida como uma resposta aos pedidos apresentados por grupos que, havia décadas, buscavam uma forma de comunhão plena com a Igreja Católica.

Passada mais de uma década desde que a *Anglicanorum Coetibus* foi promulgada, os Ordinariatos Pessoais já se tornaram uma realidade na vida da Igreja Católica Romana. Embora numericamente modestos quando comparados às grandes dioceses ou às Igrejas Católicas de Rito Oriental, eles representam uma experiência singular de integração e preservação da herança litúrgica anglicana. Sua criação, ao mesmo tempo em que mostrou a visão holística que Bento XVI tinha não só da Igreja de Roma, mas também do mundo cristão, em movimento, demonstrou também que a aproximação entre Roma e parte do mundo anglicano não ocorreu pela simples assimilação de indivíduos, mas pela valorização de uma tradição espiritual que, nas palavras de Ratzinger, possui riquezas capazes de contribuir para a edificação de toda a Igreja.

PARTE IV

O ANGLO-CATOLICISMO NO BRASIL

Existe Anglo-Catolicismo no Brasil?

Essa pergunta é difícil de responder. Sob um primeiro aspecto, pode-se responder afirmativamente. Entretanto, a resposta também pode ser negativa quando se toma como referência o desenvolvimento histórico do Anglo-Catolicismo em outros países. Diferentemente do contexto inglês, onde o Movimento de Oxford influenciou dioceses inteiras, seminários, universidades, ordens religiosas e milhares de paróquias ao longo de quase dois séculos, o Brasil nunca conheceu um processo semelhante. O Anglo-Catolicismo brasileiro permanece fragmentado, quantitativamente pequeno e institucionalmente recente, não tendo alcançado ainda uma estabilidade capaz de moldar profundamente a identidade do Anglicanismo nacional.

Outro fator importante para esta reflexão é que, o Anglo-Catolicismo se estabeleceu basicamente de duas formas em outras Igrejas: *Missão* ou *Absorção*. Via *Missão* é fácil de compreendermos, pois foi realizado um esforço missionário de padres influenciados pelo Movimento de Oxford, a realizarem missão em outros países, os quais fundaram paróquias ou comunidades religiosas, nas quais aplicaram as teses de Oxford. O outro meio foi a *Absorção* das ideias, por meio de seminaristas ou clérigos que estudaram em casas de formação de orientação anglo-católica, sejam seminários como o General em Nova York, ou o Nashotah House, em Wiscosin. Ou até mesmo nos Colleges ingleses, fundados no século XIX ou XX.

No Brasil, o estabelecimento da Igreja Anglicana se deu primeiramente no século XIX, através de capelanias voltadas para atender somente a súditos ingleses presentes em terras tupiniquins. Uma vez que os capelães da Coroa britânica, chegaram nas principais cidades portuárias do Brasil antes do estabelecimento e difusão das ideias do Movimento de Oxford por outros lugares – e por serem adeptos da *Low Church* –, não poderiam ter influenciado de alguma forma o estabelecimento do Anglo-Catolicismo no Brasil.

Da mesma forma, com a chegada da Missão da Igreja Episcopal dos Estados Unidos ao estado do Rio Grande do Sul, em 1890, e pelo fato de os clérigos do Seminário de Virgínia serem patrocinados por uma agência de missão protestante, não foi possível trazer as ideias do Movimento de Oxford para o nosso país, período este, em que elas já estavam consolidadas, inclusive com a sua segunda fase, marcada pela renovação litúrgica. Assim, a Igreja Anglicana, voltada para o público

brasileiro, foi marcada por uma característica fortemente protestante, de viés americanista, e com uma pobreza ritualista que não a diferenciava muito de uma comunidade luterana, presbiteriana ou congregacional.

Um dos fatores que contribuiu para essa realidade foi a própria história da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB). Embora tenha conhecido importantes lideranças anglo-católicas ao longo do século XX, especialmente em determinados períodos e dioceses, a província caminhou progressivamente para um modelo teológico mais plural, no qual diferentes correntes passaram a coexistir.

Nas últimas décadas, sobretudo após sucessivas reformas litúrgicas e mudanças disciplinares, consolidou-se uma orientação mais liberal em diversos setores da Igreja. Essa evolução levou parte do clero e dos fiéis de perfil anglo-católico a entender que sua identidade tradicional havia perdido espaço institucional, favorecendo o surgimento de novas jurisdições independentes ou vinculadas ao Movimento Anglicano Contínuo.

Outro elemento muitas vezes apontado pelos próprios grupos tradicionais foi a dificuldade de continuidade das lideranças. Muitas comunidades dependeram fortemente da atuação de um único sacerdote ou bispo, tornando-se vulneráveis quando ocorriam aposentadorias, falecimentos, mudanças de jurisdição ou novas divisões. Como consequência, diversas iniciativas promissoras desapareceram poucos anos após sua fundação, enquanto outras passaram por sucessivas reorganizações administrativas e canônicas. Esse fenômeno dificultou a formação de instituições duradouras, de centros de formação teológica e de uma produção litúrgica contínua capaz de consolidar uma tradição nacional.

Também merece destaque o reduzido número de seminários, mosteiros, ordens religiosas e instituições acadêmicas voltadas especificamente para a tradição anglo-católica. Em países onde essa identidade floresceu, houve intensa produção intelectual, formação sistemática do clero e criação de uma cultura eclesial própria. No Brasil, ao contrário, muitos clérigos precisaram construir sua formação de maneira autodidata ou por meio de contatos internacionais, o que limitou a transmissão orgânica dessa herança às novas gerações.

Outro desafio reside na própria fragmentação do Anglicanismo brasileiro. Nas últimas décadas surgiram no Brasil diversas comunidades, dioceses e igrejas que se identificam explicitamente com a tradição anglo-católica. Essas jurisdições preservam o uso histórico do

Livro de Oração Comum, mantêm uma liturgia de caráter sacramental, valorizam a sucessão apostólica, celebram a Eucaristia segundo formas tradicionais, cultivam a devoção mariana, utilizam o Missal Anglicano ou livros litúrgicos inspirados na tradição clássica e procuram conservar a espiritualidade do Movimento de Oxford. A presença de igrejas ligadas ao Movimento Anglicano Contínuo, à *Traditional Anglican Communion* e de outras jurisdições independentes demonstra que existe, de fato, um segmento brasileiro comprometido com essa herança teológica e litúrgica.

O surgimento de diversas jurisdições independentes, muitas vezes pequenas e com reduzido número de comunidades, produziu um cenário de dispersão institucional. Embora muitas compartilhem princípios doutrinários semelhantes, nem sempre existe comunhão canônica ou cooperação efetiva entre elas. Essa realidade dificulta a construção de uma identidade anglo-católica nacional amplamente reconhecida.

Há ainda a questão do reconhecimento externo. Em diversos momentos, grupos anglo-católicos brasileiros encontraram dificuldades para estabelecer relações estáveis com outras províncias anglicanas ou com comunhões internacionais, situação que apenas começou a mudar com a aproximação de algumas dioceses da Igreja Anglicana Tradicional (TAC) e de outras jurisdições do Movimento Anglicano Contínuo, como a Diocese Anglicana de Votorantim.

Outro aspecto muitas vezes mencionado por lideranças tradicionais é o preconceito enfrentado em diferentes ambientes anglicanos. Em alguns contextos de perfil mais evangélico ou reformado, práticas como a celebração voltada para o Oriente litúrgico, o uso de incenso, devoções marianas, imagens, vestes litúrgicas solenes e a valorização da tradição patrística são percebidas com reservas ou interpretadas como excessivamente próximas do catolicismo romano. Isso fez com que comunidades anglo-católicas encontrassem dificuldades para afirmar sua identidade mesmo dentro do universo anglicano.

Essa percepção também aparece nas relações com algumas igrejas vinculadas ao movimento de realinhamento anglicano e à GAFCON. Embora haja convergência significativa em temas morais e na defesa da autoridade das Escrituras, persistem diferenças importantes quanto à espiritualidade, à liturgia e à compreensão da tradição católica do Anglicanismo. Em determinadas situações,

comunidades anglo-católicas relataram resistência à adoção de práticas litúrgicas mais solenes ou à valorização explícita do legado do Movimento de Oxford. Ao mesmo tempo, é importante reconhecer que essa realidade não é uniforme: dentro da própria GAFCON existem dioceses e líderes com maior ou menor abertura à diversidade litúrgica, de modo que não seria correto generalizar essa postura para todas as suas igrejas.

Apesar dessas limitações, os capítulos analisados demonstram que o Anglo-Catolicismo brasileiro apresenta sinais de amadurecimento. A tradução de livros litúrgicos, a publicação de obras clássicas do Movimento de Oxford, a organização de sínodos, a formação de novas dioceses, o fortalecimento de vínculos internacionais e o interesse crescente de jovens clérigos e leigos pela tradição anglicana clássica indicam que esse patrimônio continua vivo e em desenvolvimento.

Assim, a pergunta se "Existe Anglo-Catolicismo no Brasil?" admite uma resposta equilibrada. Sim, ele existe enquanto uma expressão presente em algumas comunidades e Igrejas. Contudo, ainda não alcançou o mesmo grau de consolidação histórica, institucional e cultural observado em outros países de tradição anglicana. Seu desenvolvimento continua sendo marcado por desafios relacionados à fragmentação, à formação de lideranças, à estabilidade institucional e às diferentes compreensões da identidade anglicana presentes no cenário brasileiro. Essas tensões constituem parte importante da história contemporânea do Anglicanismo no Brasil e ajudam a compreender tanto os avanços quanto os limites da presença anglo-católica no país.

Anglo-católicos na Igreja Episcopal Anglicana do Brasil

Apesar de sua relevância no mundo anglicano, a história do Anglo-Catolicismo no Brasil permanece pouco estudada e mal compreendida, muitas vezes fragmentada em memórias dispersas, experiências locais e testemunhos quase esquecidos pela historiografia oficial da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. Em muitos casos, a própria narrativa oficial da IEAB privilegiou outras leituras identitárias do Anglicanismo brasileiro, seja pelo antigo “mito elizabetano” de que a IEAB seria uma Igreja de *via media*, ou relegando o Anglo-Catolicismo a um papel secundário e periférico, mesmo quando sua influência foi decisiva na formação espiritual e litúrgica de diversas comunidades.

A presença de práticas e lideranças de orientação anglo-católicas na Igreja Episcopal Anglicana do Brasil desenvolveu-se de maneira heterogênea, assumindo diferentes características conforme o contexto histórico, regional e eclesial de cada período. Não se tratou de um movimento uniforme, organizado ou contínuo, mas de sucessivas ondas de influência, recepção e adaptação de ideias, práticas e sensibilidades provenientes tanto da tradição anglicana internacional quanto das particularidades do cenário religioso brasileiro.

Esta parte da obra se propõe a apresentar algumas notas históricas destinadas à preservação de uma memória quase esquecida do Anglo-Catolicismo na Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. Sem a pretensão de esgotar o tema, serão analisadas três fases distintas desse desenvolvimento histórico. A primeira corresponde ao período entre as décadas de 1930 e 1960, marcado pela figura de Salomão Ferraz e pelas influências teológicas, litúrgicas e eclesiológicas trazidas por estudantes do *General Theological Seminary*, em Nova York – a exemplo do Reverendo Jaci Maraschin –, que contribuíram para a introdução de crenças e práticas anglo-católicas no contexto brasileiro.

A segunda fase abrange os anos 1980 e 1990, especialmente no Sul do Brasil, período em que determinadas expressões do Anglo-Catolicismo passaram a dialogar intensamente com o catolicismo romano pós-conciliar e com a Teologia da Libertação, produzindo novas leituras pastorais e sociais do Anglicanismo, criando críticas (muitas vezes infundadas), de que estas lideranças poderiam ser consideradas como “católicos liberais”.

Por fim, será examinada a fase compreendida entre as décadas de 2010 e 2020, marcada pela emergência de um Anglo-Catolicismo diversificado, assumindo, em alguns setores do Sudeste, feições mais ativistas e progressistas – como a Paróquia Anglicana de Santos (Santos-SP) e as Paróquias Cristo Rei e Santíssima Trindade (Rio de Janeiro-RJ), enquanto, em parte do Nordeste, consolidou-se uma tendência mais tradicionalista, voltada à recuperação da identidade tradicional anglo-católica e da liturgia praticamente esquecida na Diocese Anglicana do Recife. Nesta última análise serão analisadas as Paróquias da Virgem Maria (Natal-RN) e da Ascensão (Recife-PE).

Seja em sua versão tradicionalista ou inculturada, os clérigos e leigos destas comunidades tinham algo em comum: buscar reafirmar elementos históricos do Anglicanismo diante das mudanças teológicas e culturais de sua época, através das crenças e práticas católicas. Nas

próximas páginas, o leitor perceberá que o Anglo-Catolicismo na IEAB nunca foi um fenômeno monolítico e uniforme, mas multifacetado, marcado por tensões, adaptações e permanências. E, mesmo muitas vezes, sendo apagado da história (escrita ou material) da denominação, permaneceu vivo na memória da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil.

Salomão Barbosa Ferraz pode ser considerado como o primeiro anglo-católico brasileiro e uma figura única no Cristianismo nacional e mundial, uma vez que, trilhou o ministério ordenado em diferentes Igrejas cristãs ao longo de sua vida, passando pelo Presbiterianismo, Anglicanismo e Catolicismo. Várias publicações e estudos já foram feitos sobre sua pessoa²⁰. Embora seja conhecido no meio anglicano e católico independente, recentemente a publicação de uma matéria sobre a vida e obra de Dom Salomão reacendeu a polêmica sobre a sua trajetória, como pastor presbiteriano, sacerdote anglicano, chegar ao cargo de bispo católico romano, sendo ele casado e com sete filhos.²¹

Nascido em na cidade de Jaú, no interior de São Paulo, em 18 de fevereiro de 1880, era filho de um agricultor e pregador presbiteriano leigo chamado Belarmino Barbosa Ferraz, que mais tarde se tornaria pastor. Iniciou a sua caminhada na Igreja Presbiteriana, em 1902. Após divergências com sua denominação de origem – devido à prática do rebatismo de fiéis oriundos da Igreja Católica –, ingressou na Igreja Episcopal, sendo recebido pelo Bispo Lucien Lee Kinsolving e ordenado ao presbiterado em 1917. Desde o começo o seu pastorado teve fortes bases ecumênicas. Ao longo de sua vida, Salomão escreveu vários livros, cartas e artigos para a imprensa secular e religiosa²². Da

²⁰ O principal livro sobre sua vida e obra foi escrito pelo seu filho, Hermes Ferraz, intitulado *Dom Salomão Ferraz e o Ecumenismo* (1995). O autor deste livro também já publicou vários textos sobre sua figura, incluindo um capítulo no primeiro volume da série *Temas de Anglicanismo* (2025).

²¹ Em 23 de março 2026 foi publicada uma entrevista com diversos teólogos e pesquisadores sobre a figura de Dom Salomão Ferraz. A matéria reacendeu o debate e a polêmica sobre padres casados (e no caso de Ferraz, bispos), sendo este assunto um tabu entre os católicos romanos. As reações à matéria republicada nas redes sociais foi mista, mas em geral negativas, devido à grande influência do Catolicismo no país.

²² Dentre as várias publicações de Salomão Ferraz, temos os livros *Princípios e Métodos* (1915); *Manifesto do clero evangélico do Rio de Janeiro* (1922); *Oração da Pedra* (1924); *Manual de Oração* (1925); *Liturgia da Santa Comunhão* (1929); *A Santa Igreja Católica* (1930); *A Fé Nacional* (1932); *Liturgia da Santa Missa* (1934); *a Igreja e a Sinagoga* (1936); e *Maioridade nacional: civil e religiosa* (1941). Também publicou vários artigos, cartas e foi redator em periódicos como *A Espada*, *Aleluia*, *Estandarte*

mesma forma traduziu vários hinos, que estão presentes em diversos hinários brasileiros²³.

Em seus escritos teológicos, ele enfatizava a importância da tradição e dos sacramentos, como ponto de unidade entre as Igrejas. Por conta de tais posições, avançadas demais para a época, Salomão Ferraz se firmou como uma das primeiras lideranças religiosas a promover o Ecumenismo de forma ampla no Brasil. Em seu *Manifesto do clero evangélico do Rio de Janeiro* (1922), uma resposta ao Arcebispo do Rio, Salomão Ferraz defendia uma Igreja que se harmonizasse com as tradições e hábitos piedosos do povo brasileiro, buscando uma maior tolerância entre católicos e protestantes. Como consequência, também criticava o institucionalismo e as disputas pessoais que geravam uma fragmentação na unidade cristã. É uma ironia que, foi justamente por causa dos seus escritos e disputas que o mesmo veio a acentuar a oposição dos anglicanos brasileiros às práticas anglo-católicas.

Na Igreja Episcopal, ligada à comunhão anglicana, ele se tornou diácono e, depois presbítero — ordenado pelas mãos do Bispo Lucien Lee Kinsolving (1862-1929), missionário americano baseado no Brasil. "Nesse período, ele aprofundou as suas visões litúrgicas e sacramentais da Igreja, aderindo à corrente do Anglo-Catolicismo", explica Costa. É uma corrente muito mais parecida com o viés católico do que o protestante, com ênfase ao cerimonial litúrgico, incentivando o uso de incenso, água benta e ornamentos no altar. "Uma contraposição à simplicidade do culto evangélico", compara Costa. Em sua paróquia anglicana, Ferraz implantou determinadas reformas pessoais, enfatizando elementos rituais. Talvez com certo exagero. Como pontua Costa, eram práticas em geral mal-vistas pelas lideranças anglicanas e, gradualmente, o religioso passou a ganhar opositores dentro da denominação (VEIGA, 23 mar. 2026).

Cristão e O Católico Livre. Durante a sua estadia na Bahia, organizou o jornal Imprensa Evangélica, junto com o presbiteriano Matatias Gomes dos Santos, e tempos depois, traduziu o livro O Apóstolo São Paulo (1925), de James Stalker.

²³ No Hinário Presbiteriano têm-se letras de Salomão Ferraz em Divino Instruidor (nº 83), Pequena Vila de Belém (nº 232) e Brilhando por Jesus (nº 362). Já no Hinário Evangélico constam Oráculos Divinos (nº 143) e Brilhando por Jesus (nº 156). E no Hinário Episcopal encontram-se Pequena Vila de Belém (nº 20), Oráculos Divinos (nº 319) e Brilhando por Jesus (nº 339).

Em sua prática religiosa, desde que foi instituído pároco de uma pequena comunidade em São Paulo, o Reverendo Ferraz passou a adotar práticas litúrgicas e cerimoniais que destoavam do padrão evangelical da Igreja Episcopal da época – influenciado pela visão do Seminário de Virgínia, do qual vieram os missionários Lucien Kinsolving e James Morris. As práticas de Ferraz podiam não estar em consonância com a Igreja brasileira, porém estavam em conformidade com o que se fazia em várias paróquias da Igreja dos Estados Unidos.

Com a aposentadoria do Bispo Kinsolving, em 1925 chegou ao Brasil o Bispo William Mathew Merrick Thomas, um ferrenho defensor do Livro de Oração Comum e das práticas estabelecidas na Igreja. Durante seu ministério sob o episcopado de Thomas, Salomão Ferraz promoveu mudanças litúrgicas na sua comunidade, introduzindo textos, orações e práticas que ultrapassavam os limites estabelecidos pelas rubricas do LOC. Publicou ofícios litúrgicos de sua própria pena, como *A Liturgia do Sagrado Coração de Jesus*, uma *Liturgia para a Sexta-Feira Santa* e o *Ofício de Decisão*, destinado às confirmações. Gradualmente, passou a defender posições teológicas mais próximas do Catolicismo, como a doutrina da transubstanciação e o uso do termo “missa” em lugar de “culto”, além de incorporar elementos cerimoniais da liturgia romana²⁴.

Essas mudanças provocaram forte reação dentro da Igreja, inclusive entre seus próprios paroquianos, que levaram a questão ao Concílio Diocesano. O entendimento foi de que alterações litúrgicas dependiam exclusivamente da autoridade episcopal, levando o Bispo Thomas a proibir tais inovações. As tensões entre ambos refletiam não apenas divergências litúrgicas, mas também um conflito teológico mais amplo entre uma visão evangélica e outra de orientação católica dentro do Anglicanismo brasileiro.

Em 1932, Ferraz publicou sua principal obra, *A Fé Nacional*, na qual defendia a união das Igrejas a partir da prática da comunhão e o incentivo à celebração da Eucaristia. No livro, também criticava a fragilidade do cerimonial litúrgico da Igreja, a pouca participação do clero em questões sociais e a forte dependência institucional em relação à Igreja norte-americana, propondo uma identidade e uma autonomia mais amplas para o Anglicanismo brasileiro. Após sucessivos conflitos com sua liderança diocesana, Salomão Ferraz foi declarado fora da comunhão da Igreja Episcopal em 1936.

²⁴ Em 1949, Ferraz organizou e publicou estas liturgias no chamado *Missal Brasiliense*.

No mesmo ano, organizou um congresso reunindo católicos livres, vétero-católicos e dissidentes romanos, iniciativa que resultou na fundação da Igreja Católica Livre, da qual se tornou o primeiro bispo. Junto com a nova denominação, Salomão criou a Ordem de São André – OSA, para agregar os sacerdotes que chegavam à sua Igreja. Em 1945 Dom Salomão Ferraz recebeu a consagração episcopal de Dom Carlos Duarte Costa, o qual acabara de fundar a Igreja Católica Apostólica Brasileira, após a sua dissidência com Roma. Entretanto, divergências internas levaram Ferraz a afastar-se da sua própria denominação. Nos anos seguintes, o bispo aproximou-se progressivamente do Catolicismo Romano, aceitando o primado papal e os dogmas da Igreja.

Em 1959 foi oficialmente recebido pela Igreja Católica Romana pelo Cardeal Motta, que reconheceu suas ordens. Seu caso tornou-se singular na história do Catolicismo, pois, mesmo sendo casado e pai de filhos, foi nomeado Bispo Titular de Eleutherna, encontrou-se com o Papa João XXIII e participou do Concílio Vaticano II como integrante da delegação brasileira. Em 1964, enviou um memorando ao Papa Paulo VI, pedindo que considerasse a integração de padres casados. Faleceu em 1969, aos 89 anos, sendo sepultado como bispo da Igreja Católica Romana no jazigo da Venerável Irmandade de São Pedro dos Clérigos, no Cemitério do Santíssimo Sacramento, na cidade de São.

A partir daqui é preciso considerar que, estes episódios envolvendo Salomão Ferraz e suas mudanças litúrgicas radicais passaram a ecoar como um fantasma dentro da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil até os dias atuais. Ao menor sinal de divergência, tais crenças e práticas são vistas e taxadas como “romanismo” ou “desvios do culto padrão”, gerando dificuldades em compreender, aceitar ou até mesmo permitir o Anglo-Catolicismo na denominação.

O Reverendo Nataniel Duval da Silva (1912-1983), professor de História Eclesiástica, chegou a afirmar que a influência de Salomão Ferraz na vida da Igreja Episcopal foi tão acentuada que poderíamos dividir a história da Igreja Episcopal em antes e depois dele. Se houve um teólogo que se preocupava com a implantação de uma igreja verdadeiramente nacional esse teólogo foi Salomão Ferraz. Suas posições e idéias, às vezes radicais e quase sempre isoladas do contexto do clero nacional, mostravam a postura de um pensador inconformado com a situação de dependência estrangeira da igreja brasileira (KICKHÖFEL, 1995, p. 175).



Salomão Barbosa Ferraz, em sua juventude, como sacerdote anglicano (esquerda), e em idade avançada, como bispo católico (direita). As fotos foram coloridas digitalmente.

A primeira geração de anglo-católicos no Brasil pode ser apontada tendo início com o Reverendo Salomão Ferraz nos anos de 1930, indo até os anos de 1960, quando ocorreu o 1º Congresso Episcopal, em Porto Alegre. Os episódios que se seguem, são fruto da importação de ideias e práticas advindas, principalmente, do *General Theological Seminary*, o seminário da Diocese Episcopal de Nova York.

Nesse mesmo período após a saída do Reverendo Ferraz da Igreja Episcopal, chegou ao país o Bispo Louis Chester Melcher, para pastorear a Diocese Central (com sede no Rio de Janeiro). Ele foi uma importante liderança missionária da Igreja Episcopal no Brasil durante o processo de consolidação institucional do Anglicanismo brasileiro. Devido aos problemas recentes com Salomão Ferraz, o Bispo Melcher buscou fortalecer a identidade da Igreja nacional. Todavia, por causa de sua formação teológica, realizada em *Sewanee*, a Universidade do Sul (no Tennessee), havia uma visão anglo-católica moderada na formação e prática do clero dos anos 40 e 50. O próprio Bispo buscou reafirmar da Liturgia da Igreja brasileira com base no Livro de Oração Comum de 1950 (traduzida do LOC de 1928 dos EUA, a versão mais utilizada por anglo-católicos até hoje). Isso explica porque em 30 anos, a Igreja Episcopal adotaria boa parte das práticas do Reverendo Ferraz.

Melcher reafirmava em seus textos que a Igreja brasileira fazia parte de uma realidade maior e universal, expressa a partir da Comunhão Anglicana. Em outras palavras, ele desejava fortalecer a ideia de uma Igreja nacional, sem perder sua conexão histórica e espiritual com o Anglicanismo mundial. Ao mesmo tempo, reafirmava as origens do Anglicanismo como integrante da Igreja “una, santa, católica e apostólica”, enfatizando a continuidade histórica, sacramental e apostólica da tradição anglicana.

Não somos um grupo de protestantes ou um grupo separado da Igreja Católica Romana. Somos parte da igreja histórica e universal. Temos nossas próprias doutrinas, nossa própria liturgia e uma contribuição própria a dar para melhorar a vida da humanidade. Temos nosso modo particular de ser e fazer as coisas. É nosso dever nos adaptarmos aos costumes litúrgicos universais de nossa grande Comunhão Anglicana (MELCHER, 1956, p. 21).

Tudo isso se torna possível dentro da tradição anglicana porque, historicamente, não existe apenas uma única forma legítima de expressão litúrgica. O problema não está na diversidade ritualística em si, mas na tentativa de transformar devoções pessoais ou preferências individuais em normas absolutas, muitas vezes sem fundamento histórico ou teológico consistente. Na Igreja do Brasil, as tensões litúrgicas acompanharam grande parte de sua história, especialmente em razão das constantes mudanças e influências vindas tanto do Movimento Litúrgico mundial quanto do contato de clérigos brasileiros com diferentes práticas existentes em outras províncias da Comunhão Anglicana, quando eram enviados para estudarem fora em seminários da Inglaterra e dos Estados Unidos.

Desde as experiências mais radicais introduzidas por Salomão Ferraz, no início do século XX, a liturgia tornou-se um dos temas mais delicados da vida eclesial brasileira. Parte dessas dificuldades estava relacionada à própria formação teológica da Igreja no Brasil, marcada por limitações acadêmicas e por um relativo isolamento litúrgico. Embora o Seminário Nacional formasse clérigos preparados para a pregação, o cuidado pastoral e a administração paroquial, havia pouco espaço para debates mais amplos sobre teologia litúrgica e sobre as diferentes tradições ritualísticas presentes na Comunhão Anglicana.

Como consequência, durante muito tempo a IEAB desenvolveu pouca familiaridade com a diversidade de práticas existentes no Anglicanismo mundial, o que muitas vezes gerava resistência diante de qualquer novidade litúrgica ou cerimonial.

As controvérsias surgiram inclusive em comunidades que posteriormente seriam reconhecidas como referências de uma liturgia mais elaborada. Na época do Reverendo John Gaw Meem, por exemplo, a simples colocação de uma cruz no altar da Capela do Redentor, em Pelotas, provocou conflitos entre os paroquianos.

Da mesma forma, o Reverendo Orlando Baptista chegou a trabalhar em iluminuras para uma futura edição do Livro de Oração Comum, iniciativa considerada inovadora no contexto do Anglicanismo latino-americano. Com o passar das décadas, muitas dessas práticas inicialmente vistas com desconfiança acabaram sendo gradualmente aceitas, à medida que os anglicanos percebiam que tais elementos não eram contrários à fé da Igreja, mas expressões históricas preservadas ao longo dos séculos dentro da tradição cristã e anglicana.

Nos anos cinquenta, novas discussões litúrgicas começaram a surgir no Brasil através da atuação do missionário Herman Afonso Di Brandi, capelão do Colégio Cruzeiro do Sul. Di Brandi chegou ao Brasil em 1952 e, dentre as primeiras “inovações” litúrgicas que promoveu, trocou a batina preta e sobrepeliz por vestes litúrgicas tradicionais, colocou velas no altar, um crucifixo na capela e passou a usar incenso em algumas cerimônias. Na época, tais práticas soavam muito ofensivas à maioria do povo da Igreja. O bispo Pithan chegou a proibir o deão Jessé Krebs Appel de utilizar vestes eucarísticas na Catedral da Santíssima Trindade em Porto Alegre. O bispo Melcher escreveu a Di Brandi dizendo que “nós americanos temos que nos adaptar a muitas coisas de que não gostamos. Estamos aqui para ajudar e não para impor a nossa maneira de ser igreja. Introduzir inovações rápidas demais pode destruir a confiança que o povo deposita em nós”. Apesar dessa advertência, Di Brandi influenciou toda uma geração de seminaristas que, nos anos cinquenta estudavam em nosso Seminário de Porto Alegre. Um deles relata que, em seu primeiro trabalho paroquial, já depois de ordenado presbítero, encontrou muitas resistências por parte do povo que não desejava vela sobre o altar, até o dia em que faltou energia elétrica no Templo. O culto

era à noite e ele não teve dúvidas: buscou na sacristia duas grandes velas e iluminou o altar. No domingo seguinte, inquirido por um membro da congregação sobre as velas que permaneciam no altar, ele disse que as manteria acesas para o imprevisto de faltar energia novamente. Assim os domingos foram se sucedendo e o povo foi se acostumando às velas (CALVANI; OLIVEIRA, 2012, p. 190-191).

Episódios como o ocorrido com o Reverendo Herman Afonso Di Brandi, são alguns exemplos das resistências e conflitos com práticas que à época eram vistas como tipicamente anglo-católicas e hoje são adotadas por evangélicas mais radicais.

Em 1960, aconteceu o 1º Congresso Episcopal, realizado em Porto Alegre. Este “conclave”, como foi denominado pelos próprios conferencistas, foi um importante encontro da Igreja Episcopal Brasileira, voltado à reflexão sobre a identidade, a missão e os rumos da denominação em um período de transformações sociais e eclesiais. O evento reuniu bispos, clérigos e lideranças anglicanas para discutir temas ligados à organização institucional, formação do clero, liturgia, evangelização e autonomia da Igreja brasileira em relação à influência norte-americana.

O 1º Congresso Episcopal ocorreu em um contexto de renovação teológica e pastoral que antecedia mudanças mais amplas no Cristianismo ocidental, especialmente às vésperas do Concílio Vaticano II. Entre seus principais debates estavam a necessidade de adaptação da Igreja ao contexto brasileiro, o fortalecimento da identidade nacional da IEAB e a ampliação do diálogo ecumênico. O encontro também refletiu tensões internas entre setores mais evangélicos e correntes de inclinação anglo-católica, particularmente em torno das questões litúrgicas e da compreensão da tradição anglicana.

No prefácio da obra que reúne as teses do Congresso e aponta o propósito do encontro – *A Igreja Episcopal no País do Futuro* (1960) – o Bispo Egmont Machado Krischke²⁵ já descreve o perfil da geração da época, principalmente de membros e clérigos jovens, que buscavam compreender melhor e vivenciar a identidade e espiritualidade da Igreja através de elementos históricos, litúrgicos e teológicos que faziam da Igreja Brasileira parte de algo maior: a Comunhão Anglicana.

²⁵ O Bispo Egmont Krischke foi o primeiro bispo da IEAB a usar capa e mitra.

Inegavelmente, cresce, entre os membros da Igreja Episcopal, a consciência de sua vocação, do seu tipo de culto litúrgico, da sua mensagem e, como consequência, da sua missão no mundo. Mais e mais compreendemos que a própria natureza apostólica da Comunhão Anglicana, por um lado, e suas relações com a Reforma, pelo outro, nos colocam em posição de generalizada simpatia entre as demais corporações cristãs. E bem visível se nos tornou neste Congresso que Deus nos chama agora a utilizar ao máximo esta posição honrosa para estimular o presente movimento ecumênico de aproximação das Igrejas, como é manifesto desejo da cristandade contemporânea (*In: KRISCHKE et al*, 1960, p. 10).

Embora nem todas as propostas tenham sido implementadas imediatamente, o Congresso Episcopal de Porto Alegre consolidou discussões que influenciariam o desenvolvimento teológico, litúrgico e institucional da IEAB nas décadas seguintes. Do ponto de vista teológico, é possível notar algumas mudanças da posição acerca dos sacramentos, como a Eucaristia, que passa a ser celebrada dominicalmente e com toda a reverência possível. Em um texto das teses do Congresso, o Reverendo Jaci Maraschin – talvez influenciado pelo processo de tradução e organização do Hinário Episcopal – publicou um dos textos mais importantes do encontro: *O Sentido e o Valor da Eucaristia na Vida Diária*.

Antes de considerarmos o valor da Eucaristia na vida diária é necessário compreendermos o seu significado e o seu lugar na longa história do Cristianismo. Os muitos títulos que a qualificam apenas indicam a riqueza de seu conteúdo e a impossibilidade teológica de se encontrar uma palavra que transmita o seu significado cabal. Chamemos este Sacramento de Ceia do Senhor ou Missa, Divina Liturgia ou Santa Comunhão, Santa Ceia ou Santa Eucaristia, estaremos apenas dando testemunho da limitada apreensão humana das verdades celestiais e manifestando a nossa imensa necessidade de comunicação (*In: KRISCHKE et al*, 1960, p. 77).

A visão de Maraschin sobre o sacramento da Eucaristia é de reafirmar a doutrina da Presença Real, sem oferecer maiores explicações teológicas ou filosóficas (posição esta que é adotada pela maioria dos

anglo-católicos). Do ponto de vista litúrgico, em uma das fotos do Congresso, o mesmo Reverendo Maraschin é visto como um dos regentes do coral, trajando vestes tradicionais, como a batina, a sobrepeliz inglesa e um barrete. Esse barrete romano apareceu não apenas na sua cabeça, mas na cabeça de tantos outros clérigos da época, incluindo o Bispo Egmont Krischke, que presidiu o Congresso.

Décadas mais tarde, parte deste clero que organizou o Congresso, tomaria rumos completamente diferentes, em sua teologia e práticas, influenciados pela Teologia da Libertação, pelo liberalismo teológico e pelo ativismo progressista que tomaria conta de toda a Província do Brasil. Dom Robinson Cavalcanti, em sua obra *Anglicanismo: Identidade, Relevância e Desafios* (2009) aponta duas gerações de bispos, separando-os entre evangélicos e católicos:

A primeira geração de Bispos brasileiros teve uma origem evangélica e uma influência posterior anglo-católica: Pithan, Simões, Krischke, Kratz, Soria, Ruiz, o que vai acarretando mudanças teológicas e litúrgicas (vestes, celebração dominical da eucaristia etc.) naquela direção, um afastamento do convívio com os outros evangélicos (que era a prática anterior) e um declínio no evangelismo. A segunda geração já reflete nova mudança que estava ocorrendo na PECUSA²⁶, a partir dos anos 1960, com o Anglo-Catolicismo sendo substituído pelo liberal-catolicismo como tendência hegemônica. Com a aposentadoria e/ou a morte da geração anterior, com os primados, primeiro do Revmo. Olavo Ventura Luiz (do “grupo de Santa Maria”), e, a seguir, do Revmo. Glauco Soares de Lima, a, agora Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, vai se direcionando para o liberal-catolicismo, mantidas as exterioridades anglo-católicas com um conteúdo liberal, que afeta a ética e o evangelismo (de “todos os batizados estão salvos” para “todos estão salvos = universalismo”) (CAVALCANTI, 2009, p. 119).

As duas gerações citadas por Dom Robinson Cavalcanti não estão de todo errado. Embora os Bispos Egmont Krischke e Arthur Kratz fossem anglo-católicos, o mesmo não pode ser dito de Athalício Pithan, Plínio Lauer Simões (anos 40 a 60), Olavo Ventura Luiz e

²⁶ Antiga sigla para a Igreja Episcopal dos Estados Unidos (*Protestant Episcopal Church of the United States of America*).

Glauco Soares (anos 80 a 90). Embora Dom Robinson Cavalcanti aponte nomes como os bispos primazes Olavo Ventura Luiz e Glauco Soares, não podemos apontá-los como bispos anglo-católicos, devido apenas ao fato de aderirem a práticas que vinham do Catolicismo da época, fortemente influenciadas pela Teologia da Libertação e o Ecumenismo. Eram o que poderíamos chamar hoje de *liberais*.

Por outro lado, bispos como Dom Arthur Kratz e Dom Luís Osório Pires Prado, que fazem parte desta segunda geração, eram assumidamente anglo-católicos, mas não eram liberais. O período de Kratz é marcado por um conservadorismo que beira ao tradicionalismo católico. Além da comunhão ser recebida de joelhos e na boca pelo fiel comungante, nesta época observava-se o uso do véu pelas mulheres em paróquias e na catedral da Diocese Meridional. Do mesmo modo, o Bispo Kratz, então como Primaz, se opôs de modo enfático à Ordenação Feminina na Igreja até seus últimos dias²⁷. Tal prática aproximava mais o Bispo Kratz do Anglo-Catolicismo tradicionalista do que da ala “católica liberal” apontada por Dom Robinson. Da mesma forma, viam-se práticas semelhantes em outras comunidades do Rio Grande do Sul, como a Igreja Episcopal em Bagé, principalmente na Matriz do Crucificado, então pastoreada pelo seu pároco, o Reverendo Antônio Guedes.

Durante muito tempo, o Reverendo Guedes representou uma posição ao então Reverendo Clovis Rodrigues, que, ao se tornar Bispo da Diocese do Recife, encontrou uma nova disputa com o Deão da Catedral da Santíssima Trindade do Recife, o Reverendo Paulo Garcia. Por muitas vezes, o Bispo Clóvis fazia uma analogia da figura do Reverendo Guedes – líder religioso muito bem quisto na sociedade bageense – com a figura de Garcia – igualmente conhecido e admirado na cidade do Recife.

Embora Clóvis tivesse enfrentado oposição de liderança e estilo de práticas, tanto com Guedes quanto com Garcia – uma vez que Clóvis era fortemente adepto da Teologia da Libertação –, o que diferenciava os dois reverendos das igrejas de Bagé e do Recife, eram as suas as posições litúrgicas. Embora teologicamente conservadores, Antônio Guedes era um típico anglo-católico tradicional, enquanto que Paulo Garcia era um evangelical carismático.

²⁷ Vide o capítulo sobre a história da Ordenação Feminina no Brasil e no mundo, na obra *Temas de Anglicanismo 1* (2025).

Contam os relatos e as fotos da época, que o Reverendo Antônio Guedes – responsável pela construção da Matriz do Crucificado, em Bagé, planejou a Igreja para ser um santuário para uma celebração tradicional. Enquanto o resto da Província aderiu às influências pós-Conciliares do Vaticano II, a comunidade em Bagé por muito tempo manteve uma linha tradicional, com celebração *ad orientem*, liturgia cantada, uso de incenso e outras práticas de um cerimonial tradicional. O próprio Reverendo Guedes utilizava os paramentos completos, com o uso da batina, túnica, estola, casula e o manípulo.

Já na Diocese Anglicana de Pelotas, o seu primeiro epíscopo, Dom Luiz Osório Pires Prado, foi o responsável por preservar uma versão mais tradicional do Anglicanismo na região. Diferente de outras dioceses estabelecidas em perímetros urbanos. A Diocese de Pelotas era uma diocese presente numa vasta área rural, e seus membros oriundos de famílias tradicionais (desde a época do estabelecimento da Igreja pelo Reverendo John Gaw Meem). Por muito tempo, a Diocese de Pelotas foi conhecida por ser uma das mais tradicionais da região, e o seu bispo diocesano, conhecido por sua visão anglo-católica.

Dom Prado foi o responsável por investir na estética interior da Catedral de Pelotas, tal como ela se encontra até hoje. Acima do altar, foi instalado um grande crucifixo com a imagem de Jesus Cristo como Rei do Universo, trajando vestes sacerdotais. Do mesmo modo, o altar ganhou o seu sacrário, uma imagem de São Bento e um ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, a representação da Virgem como a *Theotokos*. Por muito tempo se celebrou *ad orientem* no altar da Catedral, até as mudanças trazidas pelo Livro de Oração Comum de 1987. Inclusive, o próprio bispo Prado possuía uma forte espiritualidade beneditina, sendo um dos apoiadores da futura Ordem de São Bento da IEAB (ainda hoje existente na denominação, e que mantém as práticas anglo-católicas e reúne clérigos e membros com este perfil).

É na transição dos anos 90 para 2000 que ocorre uma guinada teológica na IEAB, principalmente sob o primado de Dom Glauco Soares de Lima, sob o secretariado do então Reverendo Maurício Andrade (futuro bispo da Diocese de Brasília), que a Província brasileira adere a uma agenda cada vez mais progressista, excetuando-se a Diocese Anglicana do Recife, da qual partiria os dois grandes cismas que dividiriam o Anglicanismo brasileiro, e cuja figura principal nesse processo de ruptura seria o próprio Dom Robinson Cavalcanti.

Uma das ironias desse período é que clérigos, que antes tiveram uma formação fortemente anglo-católica, passaram a ter uma postura extremamente liberal e progressista, como foi o caso de Jaci Maraschin. Se no Congresso Episcopal ele era o regente do tradicional coral que cantava os hinos traduzidos do hinário americano e de letras em latim, nos anos 90 e 2000 passou a defender a Teologia Progressista e uma postura em defesa da Pós-Modernidade e seu secularismo agressivo. Isso se mostrava inclusive na forma como o clérigo se apresentava: raramente trajava o colarinho clerical, e defendia um despojamento quase que completo (uma Liturgia literalmente “nua”, incluindo uma sugestão em textos acadêmicos de que clérigos celebrassem assim) e uma subversão da Teologia clássica e seus temas, para uma Teologia crítica que apontava para as mudanças teológicas que a Igreja passava na época: a Inclusividade.

Entre as décadas de 1990 e 2010 a Diocese Anglicana do Rio de Janeiro vivenciou dois avivamentos anglo-católicos em duas de suas mais importantes comunidades: A Paróquia Cristo Rei, em Cidade de Deus, e a Paróquia da Santíssima Trindade, no Méier. Sobre a Paróquia Cristo Rei, a sua origem remonta ao trabalho social iniciado em 1986, através do Reverendo Jorge de Oliveira Macedo, o qual implantou a Igreja Episcopal na Cidade de Deus. Ele tinha ótimos relacionamentos no exterior, e conseguiu os recursos para construir a Igreja, que foi inaugurada no 2º Domingo da Páscoa de 1991, com a presença do Bispo Dom Sydney Alcoba Ruiz, um anglo-católico da DARJ, que durante o seu episcopado teve dificuldades em estabelecer práticas anglo-católicas na diocese, uma vez que esta era marcada por setores mais evangélicos. As mesmas dificuldades e oposições aos anglo-católicos no Rio de Janeiro seriam vivenciadas tempos depois. A Paróquia Cristo Rei se tornou um dos centros do Anglo-Catolicismo na IEAB, com a presença de clérigos ingleses como Nicholas Wheeler e Stephen Taylor.

Entre os anos de 2010-2017, um grupo de clérigos e leigos organizou o *Episcopaz*, uma pastoral de Direitos Humanos, cuja atuação do movimento buscava divulgar na IEAB iniciativas em defesa da paz, da justiça social e da dignidade de todas as pessoas, tomando como base o trabalho realizado em outras paróquias na Comunhão Anglicana, especialmente na Igreja Episcopal dos Estados Unidos. Dentre suas lideranças estavam os Reverendos Eduardo Costa e Luiz Coelho. Entre os leigos estavam Joceni de Almeida, Deyvid Rezende e Nina Boe.

Inicialmente esse grupo, em parte oriundo da Igreja Católica Romana, encontrou na Igreja Episcopal Anglicana do Brasil um espaço seguro e de promoção da defesa dos Direitos Humanos. A partir do núcleo da Trindade, iniciaram campanhas de conscientização sobre questões ligadas aos Direitos Humanos, Direitos das Mulheres e Direitos LGBT+. Foi através do Movimento Episcopaz que os jovens da Trindade do Méier passaram a lançar algumas *bastags* nas redes sociais como #anglicanoscatólicosinclusivos e também a promoção das artes nas paróquias locais, com o Transcendência – Pastoral de Artes. Esse grupo da terceira geração é o que podemos classificar, de fato, nas palavras de Dom Robinson, como *católicos liberais*.

O Reverendo Eduardo Costa, que já era o pároco da Trindade do Méier e tinha uma tendência ao Anglo-Catolicismo, ganhou um reforço na equipe de clérigos, quando o Reverendo Luiz Coelho se tornou auxiliar, em 2013. A partir de então que começaram as reformas na liturgia e na estética da Igreja. Tudo foi feito aos poucos, mas sendo auxiliado por pessoas que vinham de uma tradição mais católica. A liturgia do Méier era bastante anglo-católica. A Paróquia contava com uma equipe de acólitos que se revezava na Liturgia e todas as celebrações – chamadas de missas –, eram lotadas. Com o tempo, o estabelecimento de um padrão era notado. Procissão com turiferário, cruciferário, tocheiros e os clérigos entrando com capas era comum. Da mesma forma se instituiu a figura do sub-diácono, comum em cerimonial de liturgias católicas tradicionais e no Anglo-Catolicismo. Este, junto com o diácono, auxilia o sacerdote aos pés do altar.

As intervenções artísticas na Trindade também foram semelhantes às da Paróquia Cristo Rei, pelo Reverendo Luiz Coelho. Acima da porta principal foi pintada uma réplica do ícone da Trindade de Andrei Rublev. Ao centro do ambão em madeira, em estilo gótico, foi pintado um Cristo Pantocrator com uma Bíblia nas mãos. A cruz processional também recebeu um crucificado pintado. E uma pintura numa capela lateral do Santíssimo Sacramento estava em andamento. No salão anexo da Paróquia, foram pintados em grande escala os três Padres Capadócius: São Basílio de Cesareia, São Gregório de Nazianzo e São Gregório de Nissa.

Na fase final do Anglo-Catolicismo, havia uma minoria da membresia que era evangelical e não gostava do trabalho litúrgico. Por dissidências com outro membro do clero diocesano que desejava ser o pároco local. O Reverendo Luiz Coelho foi transferido para a Paróquia

de São Lucas, onde se encontra até hoje. A última obra artística do Reverendo Coelho foi a pintura de um Cristo Pantocrator no altar. O pároco que ficou no seu lugar, iniciou um processo de desmonte de tudo o que foi construído até então, da liturgia no boletim, à música, e a própria estética da Igreja foi retirada, gerando atritos direto com os membros que estavam à frente da comunidade. Esses conflitos levaram à saída dos membros da equipe de acólitos e da juventude da Paróquia, que nunca mais se reconstruiu como era na sua fase anglo-católica.

Todavia, o trabalho desenvolvido na Santíssima Trindade do Méier gerou novos frutos, e acabou influenciando outra comunidade logo em seguida: A Paróquia Anglicana da Ascensão, localizada no Recife. Esta foi a sua primeira influência, importada do Rio de Janeiro. A segunda influência veio de um estado vizinho, da Paróquia Anglicana da Virgem Maria em Natal, no Rio Grande do Norte.

Embora por muito tempo, a Diocese Anglicana do Recife, tenha sido de orientação evangélica e carismática (liderada por figuras como os Bispos Edmund Sherrill e Robinson Cavalcanti), após a saída deste último da IEAB, a DAR passou a ser pastoreada pelo primeiro bispo anglo-católico do Nordeste, Dom Sebastião Gameleira.

Sebastião Gameleira Soares foi um clérigo da IEAB, oriundo da Igreja Católica Romana. Professor do Instituto de Teologia do Recife (ITER), ele vivenciou a Igreja do Nordeste, durante o arcebispado de Dom Helder Camara, sendo próximo do Arcebispo e das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Formado pela Universidade Gregoriana de Roma, Sebastião deixou a Igreja Católica em 1993 para ingressar na Igreja Anglicana, após a intervenção do Vaticano no ITER devido às suas ênfases sociais e vínculos com os Teólogos da Libertação.

Em uma segunda fase, já consagrado como bispo na IEAB, Dom Sebastião Gameleira ficou reconhecido por sua postura ao mesmo tempo anglo-católica e ativista, pautada na reafirmação da catolicidade da Igreja Anglicana, junto a uma atuação pastoral e produção acadêmica própria de sua formação e por seu compromisso com as causas sociais e a promoção dos direitos humanos na Diocese Anglicana do Recife. O Bispo também foi responsável por incentivar o avivamento católico visto na Paróquia da Virgem Maria, em Natal-RN.

Esse grupo de Natal e Recife pode ser classificado como *católicos tradicionais e carismáticos* (uma vez que as paróquias se localizavam nas periferias das respectivas cidades, e precisavam de certas práticas carismáticas para a população aderir à proposta local da Igreja

Anglicana). O que destacava o trabalho das Paróquias da Virgem Maria (Natal) e da Ascensão (Recife) era o perfil do clero, mais conservador. E nesta última, a missa era tradicional aos domingos (*ad orientem* e com música do hinário ou canto gregoriano) e carismática durante a semana.

A última geração de anglo-católicos na Igreja Episcopal Anglicana do Brasil ficou dividida entre o Sudeste (católicos liberais) e o Nordeste (católicos tradicionais). Com a saída do Reverendo Gecionny Pinto da IEAB, em 2019, a Paróquia da Virgem Maria ficou sob a liderança de um novo pároco que descontinuou a linha anglo-católica estabelecida desde o período do Reverendo Rodson Ricardo.

Do mesmo modo, com a saída do Reverendo Rafael Vilaça da IEAB, no final de 2025, a Paróquia da Ascensão, sob a nova reitoria, não apenas encerrou as atividades de celebração no local, como também o próprio templo que abrigava a histórica Paróquia de 1983, acabou sendo demolido por ordem da administração da Diocese Anglicana do Recife, ato justificado por (ditos) problemas estruturais.²⁸

Podemos dizer que os últimos redutos do Anglo-Catolicismo na IEAB não existem mais. Foram minados de dentro para fora, ou da cúpula para a base, em um esforço (ou será projeto) de desconstrução do trabalho desenvolvido durante anos por seus clérigos. Alguns destes se afastaram da denominação (inclusive alguns nomes bastante conhecidos, os quais foram liberais e ativistas em prol da Inclusividade).

Outros clérigos, por sua vez, saíram da Província brasileira por discordarem da postura militante e ativista da Igreja – e por defenderem limites a esta Inclusividade desvairada. Estes saíram da denominação por cansaço, ora de assistirem ao desmonte e ao boicote a práticas que são comuns – inclusive em outras denominações anglicanas que não são parte da Comunhão Anglicana, e hoje possuem alas anglo-católicas em desenvolvimento –, ora por assistirem paulatinamente o avanço das pautas progressistas tomarem o espaço do próprio *Kerigma*.

A tendência mais comum é a acomodação, em ambos os sentidos: o primeiro, de se acomodar às estruturas da denominação (incluindo bispos, outrora chamados por Dom Robinson Cavalcanti de “católicos liberais”, como o segundo bispo da Diocese Anglicana do Recife, Dom Clovis Erly Rodrigues, embora, assim outros, este também não fosse anglo-católico); o segundo, de buscar evitar o desgaste, como

²⁸ A história do período anglo-católico da Paróquia Anglicana da Ascensão pode ser lida no último capítulo da obra *Temas de Anglicanismo 1* (2025).

tantos clérigos que preferiram silenciar a enfrentar a cúpula da Igreja, hoje tomada pelos mesmos que eram apontados pelo Bispo Robinson em seu livro *Reforçando as Trincheiras*²⁹.

Alguns desses clérigos que se acomodaram – à época, mais jovens – hoje, percebem que o enfrentamento dessas estruturas de poder não compensa – ora porque dependem do salário pago pela denominação, ora porque levaria a um desgaste de relações, da sua própria imagem e também à fragmentação ainda maior da Igreja nacional, que já se encontra em uma crise de membros e de vocações. O que resta é baixar as armas da retórica e os ânimos em querer mudar algo que não é possível, já que está entranhado na cultura provincial.

Resta esperar que as novas gerações que estão ingressando na IEAB, ou aquelas que ainda se mantêm na denominação, possam, por meio do diálogo e do trabalho missionário, resgatar e valorizar o trabalho feito por tantos clérigos e leigos que estabeleceram, em diferentes épocas e das mais variadas formas, a visão e prática católica do Anglicanismo em solo brasileiro.

Anglo-católicos nas novas igrejas anglicanas e episcopais

O surgimento das primeiras igrejas anglicanas e episcopais independentes de orientação anglo-católica ou vinculadas ao Movimento Anglicano Contínuo no Brasil representa um dos capítulos mais recentes da história do Anglicanismo brasileiro³⁰. Esse processo foi marcado pela formação de novas dioceses, pela transmissão da sucessão apostólica episcopal, pela organização de comunidades de perfil anglo-católico e pela busca de preservação da tradição clássica do Anglicanismo. Em vez de constituírem um único movimento uniforme, essas Igrejas nasceram por meio de sucessivas reorganizações institucionais, conservando entre si fortes vínculos pessoais, sacramentais e históricos.

A figura central dessa primeira geração foi Dom James Antônio Roque, considerado o primeiro brasileiro sagrado bispo dentro do

²⁹ A obra, publicada em 2007, é uma visão a partir de Robinson Cavalcanti dos acontecimentos que levaram ao Cisma de 2005, encabeçado pelo próprio bispo.

³⁰ Para mais informações sobre a história, o desenvolvimento e um quadro detalhado das 45 denominações que hoje se encontram estabelecidas no país, consulte a obra *Novas Igrejas Anglicanas e Episcopais no Brasil* (2025), publicada pelo presente autor.

Movimento Anglicano Contínuo internacional, cuja atuação permitiu a constituição das primeiras dioceses e paróquias brasileiras de orientação anglo-católica independentes.

Para se compreender as raízes desse movimento no Brasil é preciso entender o desenvolvimento internacional do Movimento através da Conferência de St. Louis, realizada em 1977, quando bispos, presbíteros e leigos anglicanos reuniram-se para responder às mudanças doutrinárias e disciplinares ocorridas em diversas províncias da Comunhão Anglicana. Entre as principais preocupações estavam a ordenação de mulheres ao sacerdócio e ao episcopado, a revisão dos Livros de Oração Comum e aquilo que os participantes compreendiam como crescente secularização da vida eclesial. O objetivo era preservar a sucessão apostólica, a doutrina sacramental clássica, a liturgia histórica e os fundamentos do Movimento de Oxford.

Dentro desse contexto internacional destacou-se a figura do Bispo Louis Wahl Falk III, cuja trajetória exerceu grande influência sobre o Anglicanismo tradicional. Sagrado bispo em 14 de fevereiro de 1981, na cidade de Des Moines, Iowa, recebeu a imposição das mãos dos Bispos James Orin Mote, Carmino de Catanzaro, William F. Burns, William O. Lewis e William D. J. Rutherford, todos ligados ao Anglicanismo Contínuo norte-americano.

Em 1983 foi eleito Arcebispo da *Anglican Catholic Church* (ACC), tornando-se uma das principais lideranças do movimento. Em 1991 participou da fundação da *Traditional Anglican Communion* (TAC), exercendo posteriormente o cargo de primeiro Primaz da nova comunhão internacional até 2002, consolidando uma rede mundial de igrejas anglicanas tradicionais.

Paralelamente ao desenvolvimento da TAC, iniciou-se também a organização de comunidades anglo-católicas no Chile. Desde 1991 algumas comunidades chilenas passaram a procurar supervisão episcopal dentro da tradição anglicana. Inicialmente solicitaram auxílio à Igreja Anglicana do Chile, porém o Bispo Colyn Bazley recusou-se a assumir tal supervisão. Em 1995 essas comunidades recorreram ao Primaz Maurice Sinclair, da Província do Cone Sul, recebendo igualmente resposta negativa quanto à criação de estruturas especificamente anglo-católicas. Somente em 1996 encontraram apoio pastoral junto aos Bispos William Godfrey e David Hamid, aproximando-se gradualmente de outras jurisdições anglo-católicas internacionais.

A consolidação desse grupo ocorreu quando a Província Anglicana de Cristo Bom Pastor acolheu oficialmente essas comunidades. O Arcebispo Max Broussard tornou-se seu primeiro bispo ordinário, preparando a autonomia institucional posteriormente alcançada pela Igreja Episcopal Anglicana do Chile. Em 2003 foi eleito Bispo Patricio Viveros Robles, consagrado solenemente em novembro de 2004 com participação dos Bispos Max Broussard, Casey Miner, Bruce Taylor, G. J. Hoyos e R. U. Higueta. Em 2006 a igreja chilena tornou-se uma Igreja nacional autônoma, elegendo Patricio Viveros como seu primeiro arcebispo.

Enquanto esses acontecimentos ocorriam internacionalmente, desenvolvia-se também outra vertente tradicional no Brasil. Em 2006 surgiu a Igreja Anglicana Tradicional do Brasil (IATB), após a sagração episcopal de Dom Rui Costa Barbosa. Esta nova igreja estabeleceu vínculos internacionais com a *The Anglican Episcopal Church International* e iniciou um lento processo de organização de comunidades em diferentes estados brasileiros. Surgiram o Santuário Sagrado Coração de Jesus, em Campo Largo; a Missão Anglicana Cristo Libertador, em Vila Velha; a Paróquia Anglo-Católica Santa Mãe de Deus, no Rio de Janeiro; e a Abadia Beneditina da Imaculada Conceição, em Garanhuns, demonstrando desde seus primeiros anos sua identidade anglo-católica e espiritualidade beneditina.

Porém, o verdadeiro marco inicial do Movimento Anglicano Contínuo brasileiro, ocorreu com a atuação do arcebispo colombiano Victor Manuel Cruz-Blanco. Foi ele quem transmitiu ao Brasil a sucessão apostólica e a linhagem episcopal oriunda dos Bispos Albert Chambers, Francisco Pagtakhan e Richard Pae. Cruz-Blanco, então ligado à Província Católica de Rito Anglicano da América Latina, sediada em Quakertown, na Pensilvânia, havia recebido apoio direto de Albert Chambers e mantinha vínculos com a *Anglican Catholic Church*, chegando inclusive a participar da sagração de Mark David Haverland.

Foi nesse contexto que ocorreu a primeira sagração episcopal brasileira do Movimento Contínuo. Em 2013, Dom James Roque recebeu o episcopado pelas mãos de Dom Victor Manuel Cruz-Blanco, tornando-se o primeiro brasileiro sagrado dentro dessa sucessão apostólica. A partir desse momento iniciou-se uma nova etapa para o Anglicanismo tradicional brasileiro, marcada pela criação de estruturas diocesanas próprias e pela formação de um episcopado nacional.

A primeira dessas estruturas foi a Diocese Anglicana do Japi, localizada na circunscrição da cidade de Jundiaí, interior de São Paulo. Ela foi a primeira Diocese do Movimento Contínuo no Brasil. Organizada por Dom James Antônio Roque, utilizava oficialmente o Livro de Oração Comum de 1928 e seguia a orientação anglo-católica. Após sua transformação em Diocese Titular, em 1º de outubro de 2016, deixou de possuir território próprio e povo sob jurisdição direta, permanecendo como uma Diocese Titular semelhante às existentes na Igreja Católica Romana, na Ortodoxia e na Igreja da Inglaterra.

Como primeiro bispo brasileiro do Movimento Contínuo, Dom James Roque tornou-se responsável por transmitir a sucessão episcopal a uma nova geração de líderes. Entre os bispos ordenados por ele estavam Dom José Kennedy de Freitas, Dom Marcos Mattos, Dom Albertino de Sousa Barreiros, Dom Claudinei Rodrigo Ferreira, Dom Itabira Jonas, Dom Francisco de Assis Coelho e Pinho e Dom José Barbosa da Silva. Esses episcopados deram origem, posteriormente, a diversas dioceses independentes ou vinculadas ao Movimento Anglicano Contínuo, formando a primeira geração episcopal brasileira dessa tradição.

Entre essas novas organizações destacou-se a Igreja Anglicana de Confissão Continuada. Sob liderança inicial de Dom José Kennedy de Freitas, a nova igreja nasceu diretamente da primeira geração de sagrações realizadas por Dom James Roque. Um dos primeiros atos de Dom José Kennedy foi sagrar Genival Martins de Oliveira, eleito primeiro bispo primaz da denominação, enquanto ele próprio permaneceu como bispo coadjutor.

A igreja também procurou promover um projeto de convergência entre as diferentes jurisdições do Movimento Contínuo, defendendo autonomia pastoral acompanhada de cooperação institucional entre igrejas ligadas à Comunhão Anglicana, ao GAFCON e às igrejas independentes. Contudo, esse projeto jamais se concretizou, permanecendo apenas como proposta até o falecimento de Dom José Kennedy, em 2021, quando também se encerraram as atividades da própria IACC.

Outro desdobramento importante ocorreu na cidade de Votorantim. A Diocese Anglicana de Votorantim nasceu oficialmente em 9 de janeiro de 2015, após o rompimento do Padre Theodoro A. C. de Oliveira com a Igreja Católica Romana. Sua origem encontrava-se em um mosteiro pertencente à Eparquia Greco-Melquita, então

vinculada ao Bispo Dom Farès Maakaroun. Em fevereiro daquele mesmo ano, Theodoro foi sagrado primeiro bispo diocesano em cerimônia realizada na Catedral Anglicana Santa Mãe de Deus.

O Monsenhor Theodoro A. C. de Oliveira foi ordenado na noite da última segunda-feira (9) bispo da Diocese Anglicana Santa Mãe de Deus Votorantim. A cerimônia, que contou com a presença de centenas de fiéis, foi realizada no Santuário Theodoro Mártir, na Barra Funda, em Votorantim. Participaram da ordenação o Arcebispo Metropolitano da Província Católica de Rito Anglicano da Colômbia Dom Victor Manuel Cruz-Blanco, o Bispo da Diocese Anglicana do Japi, da cidade de Jundiá, Dom James Roque e o Abade Nullius da Abadia Cisterciense S. Raphael, de Aparecida de Goiânia/ GO Dom Rafael Ribeiro Campos. Após receber imposição das mãos, ele recebeu a mitra, sinal de autoridade, anel episcopal e o cajado. Ao final da cerimônia, o agora bispo, disse estar preparado para os novos desafios. “As dificuldades sempre existem na formação da nova diocese, em sua organização, mas Deus e Nossa Senhora nos darão a força necessária. Não estamos para impor, para condenar, para excomungar, mas para guiar e servir ao povo de Deus”, afirmou. O colombiano Dom Victor Cruz-Blanca também comentou a respeito. “Ele representa o personagem da igreja católica dentro da nova diocese de Votorantim” (GOUVEA, 18 fev. 2015).

A Diocese Anglicana de Votorantim rapidamente iniciou sua expansão missionária. Em maio de 2016 estabeleceu a Missão Anglicana da Natividade, no Rio Grande do Norte, sob liderança do Reverendo Rodson Ricardo de Souza, e ordenou Frei James Tavares de Melo. Entre 7 e 10 de outubro daquele mesmo ano realizou seu primeiro sínodo diocesano, reunindo representantes brasileiros, um distrito missionário do Chile e clérigos da Alemanha. Em 1º de outubro de 2017 ocorreu outro momento decisivo: a criação da Província Anglicana de Cristo Salvador, tendo Dom Theodoro Oliveira como seu primeiro bispo primaz. Ainda nesse período, Dom James Roque e Dom Theodoro receberam a visita do bispo alemão Frederick Haas.

Durante o segundo concílio da Diocese de Votorantim foi eleito o Reverendo James Tavares de Melo para suceder Dom Theodoro no episcopado diocesano. Sua sagração ocorreu em 14 de outubro de 2018, na Catedral Santa Mãe de Deus, tendo como

sagrantes Dom Theodoro Oliveira, Dom James Antônio Roque, Dom Frederick Haas e Dom Rafael Ribeiro Campos.

Paralelamente ao Movimento Contínuo desenvolveram-se no estado de São Paulo, outras denominações, como a Igreja Anglicana Episcopal do Brasil (IAEB), vinculada juridicamente à Igreja Episcopal Anglicana do Chile. Entre suas principais lideranças destacaram-se Dom Fernando Nobile, cuja trajetória percorreu diversas expressões do Anglicanismo brasileiro antes de integrar a igreja chilena. Depois de atuar na IEAB, na Diocese Anglicana do Recife e posteriormente de forma independente, foi consagrado bispo em 20 de novembro de 2018 por Dom Josué Sousa Torres, com participação de Dom Ricardo Lorite, Dom Josué Augusto e Dom Cassio Prado. Em julho de 2023 foi oficialmente instituído bispo diocesano da Diocese Sul/Sudeste da IAEB por Dom Patricio Viveros Robles, contando ainda com a presença de Dom James Tavares.

A Paróquia Anglicana de São Jorge, fundada em Rio Claro em 2012 pelo Reverendo Juliano Bernardino Godoy é uma das mais atuantes da denominação. Sua trajetória ministerial percorreu a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, a Diocese Anglicana de Votorantim e finalmente a Igreja Episcopal Anglicana do Chile, onde passou a integrar oficialmente seu clero em 2017. A comunidade tornou-se conhecida pela manutenção de forte espiritualidade anglo-católica e pela preservação de um altar dedicado a Nossa Senhora de Walsingham.

Já a Igreja Anglicana Tradicional do Brasil consolidou-se como outra importante expressão do Anglicanismo tradicional brasileiro. Sob a liderança do primaz Dom Rui Costa Barbosa, organizou dioceses em São Paulo, Rio de Janeiro e Pará, desenvolveu vida monástica através da Abadia Beneditina da Imaculada Conceição, em Garanhuns, e estruturou seu episcopado com Dom Cristiano Alves, Dom Frei José da Santa Cruz, Dom Iago e o bispo eleito Hélio Augusto.

Em 2018 iniciou-se outro importante capítulo do movimento anglo-católico brasileiro. Um grupo de clérigos do estado do Rio Grande do Norte deixou a Diocese Anglicana de Votorantim e organizou a futura Diocese Anglicana do Natal. O Padre Albertino de Sousa Barreiros foi eleito bispo da nova jurisdição, sendo sagrado em 15 de julho de 2019 na capela da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. A cerimônia foi presidida por Dom James Antônio Roque, que também coordenou a instalação oficial da Diocese. Dessa forma, a

sucessão apostólica da linha de Arthur Chambers, foi passada ao clero da Igreja do Rio Grande do Norte.

Após sua organização, a Diocese Anglicana do Natal iniciou aproximação internacional com a Igreja Anglicana Tradicional (TAC). Em 2021 o Reverendo Rodson Ricardo de Souza e o Reverendo Melque Ambrósio estabeleceram contato com o Arcebispo Michael Gill da TAC de Johannesburg, na África do Sul, iniciando diálogo com a denominação. Em reunião virtual participaram ainda os Bispos Shane Janzen, Juan Garcia, Albertino de Souza e representantes da Secretaria Geral da Igreja. Nessa ocasião foram apresentados os cânones da TAC, enfatizando-se o uso uniforme do Livro de Oração Comum de 1928 e da celebração litúrgica *ad orientem*.

Em maio de 2025, durante o Sínodo Geral realizado em Columbus, Geórgia, concretizou-se a filiação definitiva das duas dioceses brasileiras à TAC. No mesmo período, uma nova comunidade aderiu à Igreja Anglicana Tradicional. A Paróquia da Misericórdia (então filiada à Igreja Episcopal Carismática do Brasil) passou a integrar a Diocese Anglicana do Natal. Sob a liderança do Reverendo Elias Alves, esta igreja na cidade de Olinda vem desenvolvendo uma liturgia alta, com destaque especial para o cântico coral, o cerimonial *ad orientem*, e a devoção a santos como São Patrício e a Virgem Maria, sob o título de Nossa Senhora de Walsingham.

No ano de 2026, devido à necessidade pastoral local, o Reverendo Elias foi eleito como bispo auxiliar da Diocese Anglicana do Natal, por ocasião da reunião do Colégio Episcopal da TAC. Ele será o primeiro bispo brasileiro a ser consagrado pela TAC, em cerimônia a ser realizada em setembro de 2026, na Inglaterra. Hoje, no Brasil, a TAC é a melhor expressão do Movimento Anglicano Contínuo no país, agregando clérigos anglo-católicos que vieram de outras Igrejas locais³¹.

A Igreja Episcopal Carismática do Brasil (IECB) –, estabelecida no país em 2003, após a saída do então Reverendo da IEAB, hoje Bispo Dom Paulo Garcia – embora faça parte do Movimento de Convergência, e tenha por identidade principal a tradição evangélica-carismática, desde o seu início atraiu muitos membros oriundos do

³¹ Dom Albertino foi ordenado presbítero na Igreja Católica Romana, posteriormente ingressando no Anglicanismo; os Reverendos Rodson, Gecciony, Nazareno e Júnior foram ordenados na IEAB; O Cônego Dimirson na Igreja Católica Brasileira; o Reverendo Elias Alves pela IECB; e os Reverendos Melque, Valério e Jessé foram ordenados pelo Bispo Albertino.

catolicismo romano. Atualmente, alguns clérigos do Recife e do interior de Pernambuco, estão buscando se aprofundar e conhecer melhor a tradição anglo-católica.

O Bispo Missionário para o Rio Grande do Sul, Dom Luís Fernando, é, sem dúvida o melhor expoente desse novo momento de renovação identitária que a denominação está vivendo, enfatizando a tradição litúrgico-sacramental do Movimento de Convergência. Na região Sul, o mesmo vem divulgando e promovendo práticas anglo-católicas, a exemplo do que é visto na Paróquia da Ascensão de Cristo (Cachoeirinha-RS) e na Paróquia São Miguel e Todos os Anjos (Caxias do Sul-RS), com o uso de imagens, incenso e até adoração eucarística, através de um processo de catequese de seus membros.

Uma curiosidade sobre esta denominação, é que, embora seja uma Igreja de orientação evangélica no Brasil, em seus boletins litúrgicos no país ou nas suas missões no estrangeiro, quando as celebrações são feitas em inglês o termo utilizado para se referir aos seus clérigos é *Father*, literalmente *Padre*.

Avanços, estagnações e retrocessos

Dentre as principais estagnações que podemos perceber, está a falta de ímpeto missionário, seja por parte dos leigos que compõem as comunidades, mas principalmente por parte dos próprios clérigos anglo-católicos. E a cultura de “portas abertas” ainda prevalece, ao invés do “ide”, numa esperança que em algum momento, pessoas cheguem à comunidade por algum tipo de interesse. Pela experiência vivida na Paróquia Anglicana da Ascensão no Recife – mais uma vez tomada como modelo de comunidade anglo-católica –, é necessário criar um plano de missão e uma agenda de atividades semanais para a igreja do bairro. Não importa a sua localização – se na periferia ou em bairros nobres, se no interior ou nos grandes centros –, a Missão é o coração da expansão e sustentabilidade da igreja em longo prazo.

Se, por exemplo, a paróquia se localiza na periferia, é necessário que a equipe paroquial se organize para evangelizar na rua, de porta em porta, com material de evangelização – a semelhança dos *Tracts* do Movimento de Oxford, só que em linguagem popular, explicando desde a Igreja até os sacramentos, e a importância da comunidade eclesial naquela comunidade local. Aqui, torna-se indispensável que o clero

identifique-se como tal, com colarinho clerical ou batina, uma vez que, ao redor, outras denominações como as Igrejas pentecostais, habitam a favela e fazem um trabalho evangelístico muito mais forte e eficaz.

Se, por outro lado, a igreja se localiza em um bairro nobre ou centro comercial, é imprescindível a presença dos sacerdotes na porta destes estabelecimentos – uma vez que se torna impossível a entrada em primeiro momento nos condomínios. Seja em lojas, ou até mesmo na porta dos grandes shoppings, a presença e a circulação de homens do clero junto com a equipe é um fator para chamar a atenção para a Igreja. Parafraseando um bispo evangelical – Dom Robinson Cavalcanti –, o uso do colarinho clerical no espaço público é uma oportunidade de dar testemunho da fé ao público que frequenta este local. Seja nas ruas ou em locais fechados, as ações de evangelização são imprescindíveis para atrair um novo público e possíveis futuros membros às paróquias de orientação anglo-católica.

Do mesmo modo, a inserção da Igreja no meio universitário é algo urgente no Brasil. Seja em instituições públicas ou privadas, a presença do clero – trajado quando possível, com o colarinho clerical – e no caso dos leigos – com uma cruz ou crucifixo no pescoço –, torna estes objetos um sinal visível da fé invisível. O uso desses adereços ou sacramentais não são irrelevantes em ambientes muitas vezes dominados pelo ateísmo acadêmico ou o secularismo pós-moderno. Eles funcionam principalmente como sinais de identidade e demarcação do espaço, diante do Sagrado.

Um exemplo que podemos trazer hoje, é o caso da Universidade Federal de Pernambuco. Antigamente, no meio anglicano, tinha-se a pessoa de Dom Robinson Cavalcanti, cuja foto do Departamento de Ciência Política no prédio do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH), ainda permanece na parede, exibindo o colarinho clerical. Hoje, outra figura bastante conhecida no meio religioso e acadêmico recifense é o Padre Jurandir Dias. Sacerdote católico e professor de Latim na UFPE, ele é responsável pelo Oratório de Nossa Senhora do Rosário, que celebra a Missa Tridentina na cidade. Uma particularidade deste clérigo, é que o mesmo costuma caminhar de batina pela Universidade “mais atéia do Brasil”³², e em várias ocasiões,

³² Embora pareça ser um exagero utilizar estes termos para se referir à UFPE, o autor deste livro aponta que a aversão ao Cristianismo é histórica e latente nesta Universidade pública.

teve a oportunidade conversar com alunos, mudando suas perspectivas sobre a fé cristã e sua própria identidade como *desigrejados* e ex-católicos. Hoje o Oratório do Rosário é constituído, principalmente, por jovens. Estes são alguns exemplos da realidade local do autor desta obra que servem de inspiração para outros clérigos e leigos se motivarem a imitá-los e, uma vez no espaço público, estarem prontos para “responder a todo aquele que pedir a razão da esperança” (1 Pedro 3:15).

Outro problema na missão diz respeito à “identidade”. Uma paróquia ou missão anglo-católica não é uma paróquia ou missão católica romana. Por mais que a cultura brasileira esteja impregnada pela história do Catolicismo Romano no país, os sacerdotes anglicanos precisam reafirmar a identidade anglicana, antes mesmo da própria identidade anglo-católica da comunidade. Por isso a catequese, formação dos leigos, e eventos culturais são fundamentais para que não haja confusão sobre a origem e identidade desta ou daquela Paróquia.

Aos olhos do brasileiro médio, é difícil diferenciar uma comunidade anglicana de uma comunidade católica romana ou até mesmo de uma comunidade católica brasileira. E por muitas vezes, sacerdotes católicos romanos alertaram fiéis católicos a não freqüentarem as comunidades anglicanas (de orientação anglo-católica), utilizando a mesma retórica aplicada a paróquias da Igreja Católica Brasileira (de que se trata de uma “Igreja falsa”, ou de “não são sacerdotes de verdade” ou que os “sacramentos não são válidos”. Ou do lado dos fiéis, como já foi questionado por alguns: “Quando virá o bispo fulano de tal?” (referindo-se ao ordinário católico romano).

É preciso reafirmar a identidade anglicana dentro do Anglo-Catolicismo brasileiro, e isto passa obrigatoriamente pelo uso de paramentos anglicanos, celebração do rito segundo os manuais litúrgicos anglicanos, seja o LOC ou os Missais Anglicanos traduzidos (ao invés do uso do Missal Romano) e, também a promoção de festas, devoções a santos de tradição anglicana (como Nossa Senhora de Walsingham). Todo esse conjunto de práticas, que passa obrigatoriamente pelo tripé Teologia-Liturgia-Pastoral, ajuda aos fiéis a distinguirem a Tradição que estão conhecendo e, conhecendo melhor, a amarem a Igreja em que estão comungando. Porque não se ama aquilo que não se conhece.

Entre os principais desafios enfrentados na atualidade pelos anglo-católicos, sejam eles moderados ou tradicionais, estão as divergências em torno de questões teológicas, morais e antropológicas

que ganharam espaço no debate nas últimas décadas do Anglicanismo. A partir da segunda metade do século XX, muitas províncias da Comunhão Anglicana passaram a revisar seus posicionamentos sobre temas como o aborto, o divórcio, a sexualidade, o casamento cristão e a ordenação de pessoas em relacionamentos homoafetivos.

Para os anglo-católicos, sejam eles de orientação moderada ou tradicional, essas mudanças não representam apenas adaptações pastorais, mas envolvem aspectos centrais da antropologia cristã e da continuidade da doutrina recebida da Igreja antiga. Entre essas questões, a defesa da vida desde a concepção ocupa lugar de destaque, sendo muitas vezes considerada um dos compromissos éticos mais importantes da tradição anglo-católica, em continuidade com a posição histórica do cristianismo sobre a dignidade da vida humana. A relativização ou a defesa aberta do aborto, seja no contexto inglês, americano ou brasileiro, não pode ter apoio de alguém que se afirme como cristão (seja anglicano, anglo-católico ou de qualquer tradição espiritual). A própria Teologia da Encarnação, com sua prática em defesa da vida humana em seu aspecto pleno – espiritual e social –, passa obrigatoriamente por uma postura de buscar meios para transformar a mentalidade individual do crente e coletiva da sociedade (Romanos 12:2) e abominar suas ideologias atuais contrárias à vida (Deuteronômio 30:19).

Outro ponto de tensão diz respeito à compreensão do matrimônio. Os anglo-católicos tradicionais continuam afirmando o casamento como uma união permanente entre um homem e uma mulher, entendendo-o como vocação sacramental e imagem da união entre Cristo e sua Igreja. Embora reconheçam a realidade pastoral das separações e das famílias marcadas por sofrimento, sustentam que a fragilidade crescente das relações afetivas e a relativização da indissolubilidade matrimonial refletem transformações culturais que desafiam a ética cristã clássica. Da mesma forma, defendem o modelo histórico da família cristã e expressam preocupação com mudanças nas concepções de sexualidade e identidade que, em seu entendimento, entram em tensão com a interpretação tradicional das Escrituras, da tradição patrística e do ensinamento histórico da Igreja.

Essas diferenças tornaram-se particularmente visíveis em diversas províncias da Comunhão Anglicana, onde debates sobre ética sexual, casamento e ordenação passaram a produzir profundas divisões eclesásticas. Em alguns contextos, clérigos e leigos identificados com

posições teológicas tradicionais relataram dificuldades para exercer seus ministérios ou permanecer em determinados espaços institucionais, entendendo que suas convicções passaram a ser vistas como incompatíveis com as novas orientações adotadas por parte das lideranças.

No contexto brasileiro, essas tensões também se fizeram presentes na Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, onde sacerdotes conservadores (anglo-católicos ou evangélicos), manifestaram publicamente críticas a determinadas mudanças doutrinárias e pastorais da denominação. Seja na época de Salomão Ferraz, ou em tempos recentes, estes episódios lembraram os processos abertos contra os Reverendos Arthur Tooth, Thomas Dale e Richard Enraght, ou as perseguições veladas sofridas por clérigos das décadas seguintes.

Ao mesmo tempo em que essas tensões provocaram divisões, conversões e o surgimento de novos movimentos anglicanos, elas também revelaram a necessidade de uma reflexão mais profunda sobre a identidade do Anglo-Catolicismo no século XXI. Preservar o patrimônio teológico e litúrgico recebido do Movimento de Oxford e promover a tradição católica anglicana exige mais do que conservar formas externas de culto; requer uma compreensão clara da fé da Igreja, a prática da missão, em primeiro lugar, por parte dos clérigos, e uma promoção de novas vocações sacerdotais, de modo a renovar e reforçar as trincheiras anglicanas, em um mundo cada vez mais marcado pelo relativismo e pela fragmentação religiosa.

Como uma tradição cristã ainda em descobrimento no Brasil, o Anglo-Catolicismo é uma corrente ainda mais desconhecida pelo público em geral, sendo necessário desfazer mitos, visões distorcidas e apresentar o Patrimônio Anglicano em sua riqueza e profundidade, de modo que o brasileiro possa entender que ser católico está muito além de Roma ou da Ortodoxia, mas que é possível ser plenamente católico nas diferentes Igrejas Anglicanas e Episcopais, espalhadas pelo Brasil.

PARTE **V**

SER ANGLO-CATÓLICO NO SÉCULO XXI

O Anglo-Catolicismo na atualidade

Atualmente, o Anglo-Catolicismo está dividido em três ramos: O tradicional, o moderado e o liberal. Entre os tradicionais, podemos subdividi-los em três grandes grupos: *The Society*, paróquias ligadas à Igreja Episcopal e os do Movimento Anglicano Contínuo.

No ano de 2010 foi criada na Igreja da Inglaterra *The Society under the patronage of Saint Wilfrid and Saint Hilda*, uma associação de bispos, sacerdotes e leigos anglo-católicos para promover o ensino, a prática e a liturgia católica tradicional. Ela também é responsável por oferecer a supervisão episcopal para paróquias que não concordam com a Ordenação Feminina na Igreja (principalmente de bispas), uma vez que administram sacramentos como a Ordenação e a Confirmação. Busca-se também manter a sucessão apostólica da Igreja, através da ordenação sacerdotal e a sagração episcopal apenas de homens.

Desde agosto de 2025, A Sociedade é liderada por um Conselho de Bispos, formado por Jonathan Baker, Bispo de Fulham (Presidente); Stephen Race, Bispo de Beverley; Philip North, Bispo de Blackburn; Martin Warner, Bispo de Chichester; Will Hazlewood, Bispo de Lewes; Paul Thomas, Bispo de Oswestry; e Luke Irvine-Capel, Bispo de Richborough.



Os Bispos Jonathan Baker e Paul Thomas são os principais líderes da *The Society*.

A Sociedade é apoiada pelo Movimento Avançando na Fé (*Forward in Faith*), fundado em 1992 em resposta à aprovação, pelo Sínodo Geral da Igreja da Inglaterra, da ordenação de mulheres ao sacerdócio. Inicialmente ele funcionou como um órgão guarda-chuva para diversas associações e grupos de orientação anglo-católica. Atualmente *A Sociedade* é administrada por seu diretor, possuindo em torno de 400 paróquias associadas, e milhares de clérigos ligados aos bispos do Conselho.

Entre as paróquias mais conhecidas vinculadas à *The Society*, estão a *St. Alban the Martyr* (Holborn, Londres), considerada uma das igrejas mais emblemáticas do Ritualismo inglês. Foi reconstruída por William Butterfield e tornou-se um dos principais centros do Anglo-Catolicismo desde o século XIX. Outra paróquia é a *All Saints Margaret Street*, a mais famosa igreja anglo-católica da Inglaterra. Seu edifício vitoriano, é um ícone da arquitetura neogótica e da liturgia ritualista. E foi a responsável por difundir procissões nas ruas de Londres.

Outras igrejas ligadas à *The Society* são a *St. Peter London Docks*, do East End londrino, conhecida por combinar a tradição litúrgica anglo-católica com intenso trabalho pastoral e social, e a *St. Silas*, uma das principais igrejas ligadas à tradição da Sociedade da Santa Cruz (SSC). Juntamente com elas, a *St Bartholomew the Great* marca presença por ser a paróquia mais antiga de Londres ainda em funcionamento. Embora anterior ao Movimento de Oxford, esta histórica igreja medieval mantém uma sólida tradição anglo-católica e integra o conjunto de paróquias sob os cuidados pastorais da associação.

Além dessas, outras paróquias preservam as práticas anglo-católicas, como a celebração da Missa segundo o cerimonial tradicional. Muitas delas mantêm estreita relação com a Sociedade da Santa Cruz e continuam representando a principal expressão institucional do Anglo-Catolicismo tradicional dentro da Igreja da Inglaterra.

O segundo grupo de anglo-católicos tradicionalistas está ligado à Igreja Episcopal dos Estados Unidos. Na Igreja americana não há um movimento organizado como na Inglaterra, restringindo-se a algumas paróquias tradicionais, como a *St. Timothy Episcopal Church*, em Winston-Salem, Carolina do Norte, que segue uma linha semelhante às comunidades tradicionais da Igreja da Inglaterra. Padres como Steve Rice (seu atual Reitor), Luke Klingstedt (o Cura local), e Jeremy Haselock (Cônego Honorário Associado), desenvolveram um trabalho de reforma da Paróquia, não apenas na sua estrutura arquitetônica, mas

no estilo da comunidade, que se tornou anglo-católica tradicionalista, com a celebração de missas solenes, missas baixas e a promoção de Guildas como a Sociedade de São José de Arimateia (*Society of St. Joseph of Arimathea*), que criou um cemitério no jardim da Paróquia, para o sepultamento de natimortos ou fetos vítimas do aborto.

Outra famosa paróquia tradicional é a *St. Paul's Episcopal Church*, em Washington D.C., conhecida por ser uma das primeiras igrejas anglo-católicas dos Estados Unidos. Fundada em 1866, a igreja passou a celebrar semanalmente a Santa Eucaristia, e após 1893, esta passou a ser diária. Desde 1935, a igreja passou a celebrar também o ofício de Vésperas e a Bênção do Santíssimo Sacramento..

Uma celebração recente mostra a força da tradição anglo-católica nesta comunidade, quando, em 2022, o então Bispo Presidente, Michael Curry, participou de uma missa solene, em celebração do 50º aniversário de ordenação sacerdotal do Reverendo Llyod Alexander Lewis. Ao final da celebração, o Bispo Curry, de origem evangelical, deu a Bênção com o Santíssimo Sacramento, paramentado segundo o costume anglo-católico, ladeado por dois diáconos ajoelhados.



Bispo Michael Curry em procissão e dando a Bênção com o Santíssimo Sacramento.
(Fonte: St. Paul's Episcopal Church, Washington, 2022)

O terceiro grupo de anglo-católicos tradicionalistas pode ser encontrado no Movimento Anglicano Contínuo, através de Igrejas como a *Anglican Province of America* (APA), *Anglican Catholic Church* (ACC) e a *Traditional Anglican Church* (TAC), junto com outras dioceses ligadas ao Congresso de St. Louis de 1977.

Já entre os moderados, podemos citar algumas Dioceses inteiras, como a Igreja Episcopal em Porto Rico, liderada pelo Bispo Rafael Morales, cuja identidade pessoal do ordinário e de sua diocese é fortemente marcada pelas práticas e liturgia anglo-católica, ao mesmo tempo em que a igreja local possui fortes traços da espiritualidade carismática e inculturada com os costumes portoriquenhos, incluindo a devoção aos santos, de modo especial a Nossa Senhora de Guadalupe. As missas são geralmente animadas com cânticos contemporâneos e uma liturgia alta, com procissões, incenso e paramentos completos.

A Diocese de Porto Rico conta com um seminário, rádio e uma rede hospitalar e capelania que é atendida por seminaristas, clérigos e leigos. Como parte da cultura eclesial da Igreja Episcopal, Porto Rico aderiu à ordenação feminina, ao presbiterato e ao diaconato. Todavia, a Diocese Episcopal de Porto Rico não adere à Teologia Liberal e o ativismo progressista que é visto no resto da Província estadunidense.

Outro exemplo de sacerdote anglo-católico é o padre portoriquenho Alberto Cutié. Originalmente ordenado sacerdote católico romano pela Arquidiocese Católica de Miami, o Padre Cutié se desfilou de Roma em 2009, após assumir um relacionamento com sua atual esposa, Ruhama Canellis, com quem teve dois filhos. Ao ingressar na Igreja Episcopal, foi recebido como sacerdote episcopal e instituído como pároco da paróquia em 29 de maio de 2010, pelo Bispo da Diocese da Flórida, Leo Frade. Cutié atualmente é reitor da *Saint Benedict's Episcopal Church*, em Plantation, Flórida. De linha mais conservadora na teologia e visão política (contrária ao regime cubano, do qual seus pais foram exilados), o mesmo não se opõe publicamente às posturas progressistas da denominação, podendo ser um exemplo de sacerdote moderado.

Ao mesmo tempo, é possível ver paróquias, lideranças e grupos anglo-católicos que podem ser considerados como liberais ou ativistas. O melhor exemplo desse terceiro ramo está presente principalmente na Igreja Episcopal dos EUA. Dioceses de origem anglo-católica e de linha tradicional, como a Diocese Episcopal Nova York, hoje abrigam paróquias como a *St. Ignatius of Antioch*, a *St. Thomas Fifth Avenue* e a *Trinity Wall Street*, que são igrejas que preservaram a identidade anglo-católica, mas que, partir dos anos 2000, aderiram à Teologia Inclusiva. É o que poderia se chamar de “conservador na teologia e liberal nos costumes”. Nestas Igrejas, a Liturgia é seguida conforme a prática tradicional, especialmente na *St. Ignatius of Antioch* e na *St. Thomas*.

Todavia, percebe-se a presença de clérigos e membros dessas paróquias em eventos pró-diversidade, como a Parada do Orgulho LGBT.

Do mesmo modo, a *Trinity Wall Street* se tornou um dos centros de promoção dessa teologia progressista na Diocese de Nova York. Pela sua posição histórica, geográfica e financeira, esta paróquia passou a promover pautas e ações afirmativas não só em comunidades da Igreja Episcopal dos EUA, mas em outras Províncias da Comunhão Anglicana (a exemplo da IEAB). O poderio econômico, juntamente com os interesses ideológicos dos paroquianos mais abastados da Trinity, tornou a Igreja de Wall Street um exemplo de como o Progressismo se tornou a pauta principal entre anglo-católicos em uma Diocese histórica e com tradição, como Nova York.

Outro exemplo é a histórica Catedral de São João, o Teólogo (*St. John, The Divine*), se tornou um dos centros dessa promoção, com eventos caricatos e até mórbidos, como o Mês do Orgulho (*Pride Month*, organizado em junho), desfiles de moda local e o *Halloween Extravaganza and Procession of the Ghouls*, uma festa de Halloween dentro da grande igreja, com o desfile de fantasias caracterizando monstros e demônios, numa cerimônia que – para muitos – mais parece um sacrilégio ou profanação do espaço sagrado da Catedral, que deveria servir ao culto.

Como se percebe, o quadro atual é bastante dividido e até mesmo delicado. O espectro anglo-católico, hoje, é composto por vários níveis³³, passando por dioceses, paróquias e lideranças que se enquadram em uma linha mais tradicional, outras moderadas e outras no extremo liberal-ativista, que muitas vezes foge da identidade cristã.

O Tripé Escritura-Tradição-Razão

Entre as maiores contribuições da Igreja Anglicana para a Teologia cristã encontra-se o método hermenêutico tradicionalmente associado ao teólogo inglês do século XVII, Richard Hooker, muitas vezes apontado como o tripé “Escritura, Tradição e Razão”. Embora o próprio Hooker nunca tenha sistematizado essa expressão nesses termos, a sua obra *Das Leis da Política Eclesiástica* (*Of the Laws of Ecclesiastical Polity*) estabeleceu os fundamentos de uma abordagem teológica que marcaria a identidade anglicana.

³³ Para mais informações sobre esses espectros anglicanos e suas classificações, vide a obra *Anglicanismo e Episcopalismo – Volume 2* (2026), do presente autor.

Para Hooker, as Sagradas Escrituras ocupam o lugar supremo como regra da fé, mas sua correta interpretação deve ser realizada em continuidade com a tradição recebida da Igreja e mediante o uso da razão iluminada pela graça. Esse equilíbrio tornou-se uma das características mais distintivas do Anglicanismo clássico e foi posteriormente reafirmado pelos teólogos da *High Church* e pelo Movimento de Oxford.

A centralidade das Escrituras nunca significou, para Hooker, a adoção do princípio de uma leitura individualista ou desvinculada da história da Igreja. Pelo contrário, a Palavra de Deus deve ser compreendida à luz da comunidade que a preservou, transmitiu e interpretou desde os tempos apostólicos. A Bíblia nasceu no interior da Igreja e foi reconhecida por ela como Escritura inspirada; por isso, sua interpretação não pode ignorar o testemunho dos Padres da Igreja, dos Concílios Ecumênicos e da tradição cristã recebida ao longo dos séculos. Essa compreensão preserva a Igreja tanto do subjetivismo quanto da fragmentação doutrinária.

Ao mesmo tempo, Hooker recusava a ideia de que a tradição possuísse autoridade independente ou superior às Escrituras. A tradição é entendida como a memória viva da Igreja, responsável por transmitir fielmente o depósito da fé apostólica, e não como um conjunto de costumes arbitrários ou de inovações acumuladas ao longo do tempo. A verdadeira tradição deve sempre ser confrontada com as Escrituras e com o consenso da Igreja antiga, evitando tanto um *antiquarianismo* quanto o surgimento de práticas que contradigam a fé recebida.

A razão, por sua vez, ocupa papel igualmente importante. Para Hooker, Deus concedeu ao ser humano a capacidade racional para compreender, organizar e aplicar as verdades reveladas às diferentes circunstâncias da vida da Igreja. A razão não substitui a Revelação, tampouco cria novas doutrinas; ela serve como instrumento para interpretar corretamente as Escrituras, discernir a tradição e responder aos desafios apresentados por cada época. Dessa forma, a razão permanece subordinada à Revelação e não acima dela.

Esse equilíbrio protege o Anglicanismo de três riscos permanentes. O primeiro consiste na interpretação isolada das Escrituras, desprovida de qualquer referência à tradição histórica da Igreja. Quando a Bíblia é lida exclusivamente a partir das convicções individuais, sem considerar o testemunho da Igreja dos primeiros séculos, multiplicam-se interpretações contraditórias e surgem novas

divisões confessionais. A experiência da própria Reforma demonstrou como a ausência de um horizonte interpretativo comum favoreceu a proliferação de inúmeras correntes teológicas divergentes.

O segundo risco encontra-se na absolutização de tradições particulares que se afastam daquilo que muitos teólogos chamam de Grande Tradição da Igreja. Nem toda prática antiga possui automaticamente autoridade normativa. Ao longo da história surgiram costumes locais, devoções e interpretações que precisam ser constantemente confrontados com a fé apostólica preservada pelas Escrituras, pelos Credos e pelos primeiros Concílios Ecumênicos. O verdadeiro desenvolvimento da tradição nunca rompe com suas raízes, mas as aprofunda.

O terceiro perigo se manifesta quando a razão deixa de servir à fé para tornar-se seu critério hermenêutico absoluto. Em determinados contextos contemporâneos, algumas correntes teológicas passaram a interpretar a Revelação quase exclusivamente a partir de categorias filosóficas, sociológicas ou ideológicas próprias da modernidade e da pós-modernidade, a exemplo do que acontece entre os liberais e ativistas e as diferentes formas de teologias inclusivas ou progressistas. Nesses casos, a autoridade das Escrituras e da tradição eclesial corre o risco de ser substituída por paradigmas culturais transitórios, fazendo com que a Igreja adapte continuamente sua doutrina às mudanças da sociedade em vez de anunciar profeticamente o Evangelho.

Esses desafios tornaram-se particularmente evidentes durante a segunda metade do século XX e o início do século XXI. Em diversas províncias da Comunhão Anglicana, questões relacionadas à ética, ao ministério ordenado, à autoridade das Escrituras e à identidade da Igreja passaram a ser debatidas a partir de pressupostos hermenêuticos distintos. Enquanto alguns grupos insistiam na continuidade com a tradição histórica da Igreja, outros defendiam revisões doutrinárias fundamentadas, sobretudo, em teorias oriundas de novas compreensões culturais e antropológicas chanceladas por acadêmicos pós-modernos.

Diante desse quadro, o legado de Richard Hooker permanece atual. Seu método recorda que nenhum dos três elementos pode ser isolado dos demais. Escritura sem tradição pode transformar-se em interpretação privada; tradição sem Escritura pode degenerar em tradicionalismo; razão sem ambas pode conduzir ao racionalismo teológico. O equilíbrio entre esses três pilares continua sendo um dos maiores patrimônios intelectuais do Anglicanismo.

O Movimento de Oxford compreendeu profundamente essa herança. John Keble, Edward Bouverie Pusey e John Henry Newman, em sua fase anglicana, recorreram constantemente aos Padres da Igreja, aos Concílios antigos e à tradição litúrgica para demonstrar que a Igreja da Inglaterra permanecia inserida na continuidade da Igreja Católica histórica. Longe de representar uma inovação, o Tractarianismo procurava recuperar precisamente o equilíbrio entre Escritura, tradição e razão que caracterizara o pensamento clássico anglicano.

Os tractarianos também compreenderam que a razão possui limites. Ela é indispensável para a investigação teológica, mas não pode redefinir arbitrariamente aquilo que a Igreja recebeu dos apóstolos. A Revelação constitui um dom confiado à Igreja, e não um objeto permanentemente reconstruído conforme as preferências intelectuais de cada geração. Por isso, o verdadeiro desenvolvimento doutrinário ocorre por aprofundamento, jamais por ruptura com o depósito da fé.

Nesse sentido, o Cristianismo possui uma dimensão autenticamente conservadora. Não se trata de conservadorismo político ou ideológico, mas da responsabilidade de conservar aquilo que foi confiado por Cristo aos apóstolos e transmitido às gerações seguintes. A própria palavra *tradição* deriva do latim *traditio*, isto é, “aquilo que foi entregue”. A missão da Igreja não consiste em reinventar continuamente sua fé, mas em guardar, anunciar e transmitir fielmente o Evangelho recebido. Essa compreensão encontra sólido fundamento nas Escrituras. São Paulo exorta Timóteo a guardar “o bom depósito” (2 Timóteo 1.14) e afirma que a Igreja do Deus vivo é “coluna e baluarte da verdade” (1 Timóteo 3.15). Essas expressões revelam que a comunidade cristã possui a responsabilidade de preservar a integridade da fé apostólica, servindo como testemunha permanente da verdade revelada por Cristo ao mundo.

Por essa razão, a autoridade da Igreja não deriva do reconhecimento concedido pelo Estado nem das transformações culturais de cada época. Sua missão foi recebida do próprio Cristo e exercida na sucessão apostólica, na proclamação da Palavra, na celebração dos sacramentos e no ensino da doutrina cristã. A relação entre Igreja e sociedade deve ser marcada pelo diálogo, mas nunca pela submissão da verdade revelada às conveniências políticas ou ideológicas do momento.

Esse princípio esteve no centro das preocupações do Movimento de Oxford. O célebre sermão de John Keble sobre a

Apostasia Nacional, pregado em 1833, denunciava precisamente o crescente intervencionismo do Estado britânico nos assuntos internos da Igreja da Inglaterra. Para Keble e seus companheiros, a Igreja não poderia tornar-se simples departamento do governo nem permitir que decisões políticas determinassem sua doutrina, sua liturgia ou sua missão espiritual.

A mesma preocupação permanece atual. Em diferentes contextos contemporâneos, Igrejas cristãs enfrentam pressões provenientes do ambiente político, cultural e jurídico para modificar aspectos fundamentais de sua doutrina ou de sua disciplina. A tradição anglicana recorda que a liberdade da Igreja constitui condição indispensável para o cumprimento de sua missão profética. Defender essa liberdade não significa recusar o diálogo com a sociedade, mas preservar a autonomia necessária para permanecer fiel ao Evangelho.

Ao mesmo tempo, essa fidelidade exige discernimento pastoral. A Igreja não existe para conservar costumes meramente humanos, mas para conservar a fé apostólica enquanto anuncia Cristo a cada nova geração. O equilíbrio entre continuidade e renovação sempre caracterizou o melhor da tradição anglicana. Mudanças legítimas podem ocorrer nas formas pastorais, na linguagem e na organização eclesial, desde que não comprometam a substância da fé recebida.

Por isso, o tripé Escritura–Tradição–Razão continua oferecendo um dos instrumentos mais seguros para a reflexão teológica anglicana. Ele impede tanto o fundamentalismo bíblico quanto o tradicionalismo acrítico e o racionalismo desvinculado da Revelação. Mais do que um simples método acadêmico, representa uma espiritualidade de discernimento, humildade e fidelidade à Igreja de todos os tempos.

Num momento em que o Anglicanismo continua enfrentando importantes debates internos, recuperar o pensamento de Richard Hooker e a herança do Movimento de Oxford significa reafirmar que a verdadeira renovação nunca nasce da ruptura com a tradição apostólica, mas do retorno constante às fontes da fé cristã. Somente uma Igreja enraizada nas Escrituras, iluminada pela tradição e guiada por uma razão submetida à verdade revelada poderá permanecer fiel à sua vocação de anunciar Cristo ao mundo.

Assim como os teólogos de Oxford defenderam a liberdade da Igreja diante das interferências do Estado no século XIX, também os anglicanos do século XXI são chamados a preservar a independência

espiritual da Igreja para que ela continue exercendo sua missão de ensinar, santificar e evangelizar. Permanecer fiel ao depósito da fé não significa resistência ao tempo presente, mas compromisso permanente com a verdade do Evangelho, confiada pelos apóstolos à Igreja, “coluna e baluarte da verdade” (1 Timóteo 3.15).

Diante desse cenário, as últimas partes desta obra buscarão contribuir para a construção de perspectivas e orientações para o futuro do Anglo-Catolicismo no Brasil. Serão apresentadas propostas concretas nos campos da Teologia, da Liturgia e da Pastoral, buscando fortalecer uma identidade anglo-católica autenticamente anglicana e enraizada na realidade eclesial brasileira. Do mesmo modo como os tractarianos, será utilizada uma abordagem histórica, olhando para figuras do passado que contribuíram para a construção das Igrejas no Brasil, buscando uma solução viável para problemas reais e propondo, inclusive, ao final deste livro, um Manifesto, para inspirar as futuras gerações de anglo-católicos no país.

Teologia, Liturgia, Pastoral e a Solução Salomônica

O futuro do Anglo-Catolicismo no Brasil dependerá da capacidade dos clérigos de implantarem comunidades enraizadas na Tradição anglicana e, ao mesmo tempo, sensíveis à realidade brasileira. A história demonstra que as comunidades mais sólidas são aquelas que conseguem transmitir uma identidade clara em sua Teologia, Liturgia Pastoral, formando os seus membros para além da mera participação na missa dominical. Como foi visto anteriormente, a implantação de paróquias anglo-católicas exige planejamento, formação e continuidade, evitando tanto a improvisação quanto a simples reprodução de modelos estrangeiros desconectados da realidade nacional e local.

Uma inspiração importante para essa proposta encontra-se em Dom Salomão Ferraz, na sua obra *A Fé Nacional* (1932). Ao defender um catolicismo verdadeiramente brasileiro, Ferraz argumentava que a Igreja deveria conservar integralmente a fé recebida da tradição cristã, mas expressá-la por meio da Teologia prática, instruindo o povo brasileiro. Embora escrevesse antes de sua entrada na Igreja Romana, sua reflexão oferece elementos úteis para pensar um Anglo-Catolicismo brasileiro: fiel à Grande Tradição da Igreja, sem tornar-se mera reprodução do catolicismo romano ou de suas expressões inglesas.

Partindo dessa perspectiva, os pilares “Teologia, Liturgia e Pastoral” são necessários à implantação de paróquias anglo-católicas: Uma teologia sólida conduz naturalmente a uma liturgia reverente; uma liturgia bem celebrada inspira uma pastoral que engaja as pessoas na vida da Igreja e às impulsiona a fazerem missão entre os seus e no mundo. Como resultado dessa pastoral, a igreja local forma um ciclo permanente de crescimento espiritual e o senso de uma família.

O primeiro passo consiste na formação teológica da comunidade. Não existe Anglo-Catolicismo consistente sem catequese permanente. Durante muito tempo, diversas comunidades anglicanas brasileiras concentraram seus esforços quase exclusivamente na celebração dominical, negligenciando a formação doutrinária de seus membros. O resultado foi o surgimento de comunidades frias, e sem os membros conhecerem a própria fé e tradição. A catequese aos moldes anglo-católicos, neste ponto, não difere de nada da romana, ao passo que deve apresentar ao povo a história da Igreja e o desenvolvimento do Anglicanismo. As bases da fé cristã, com seus dogmas e doutrinas devem ser apresentadas aos membros, do mais novo ao mais antigo (em idade ou pertença). Comunidades bem formadas tornam-se menos vulneráveis a desvios teológicos e ideológicos.

O segundo grande pilar é a celebração litúrgica. O patrimônio litúrgico constitui uma das maiores riquezas do Anglicanismo e não pode ser reduzido a uma simples questão estética. A Liturgia é a primeira escola de teologia da Igreja, pois é nela que a fé é professada, ensinada e celebrada de forma cotidiana. A maneira como uma comunidade celebra acaba moldando sua compreensão acerca de Deus, da Igreja e dos sacramentos.

Ao mesmo tempo, convém evitar dois extremos igualmente prejudiciais. O primeiro consiste em uma liturgia excessivamente empobrecida, mal celebrada ou improvisada, incapaz de manifestar a transcendência do culto divino. O segundo é um ritualismo puramente estético, preocupado apenas com detalhes cerimoniais, desvinculado da vida espiritual da comunidade. Aqui o cerimonial ganha a sua liberdade, e a tradição anglo-católica sempre procurou unir na celebração a solenidade inglesa, a simplicidade evangélica e um senso de pertencimento à comunidade local, com a participação dos leigos na liturgia, junto aos sacerdotes. A inclusão das crianças e jovens na liturgia é uma forma de trazer outras gerações à comunidade local.

Da mesma forma, a questão social jamais pode transformar a Liturgia cristã em instrumento de propaganda política ou de militância ideológica. O altar permanece o lugar do sacrifício e da ação de graças da Igreja, não um espaço para a promoção de agendas partidárias ou de projetos circunstanciais.

O patrimônio litúrgico anglicano oferece recursos suficientes para celebrar com dignidade mesmo em comunidades pequenas e com poucos recursos financeiros. O uso reverente do Livro de Oração Comum ou de outros livros litúrgicos autorizados, a centralidade da Palavra de Deus e o cuidado nas pregações, o canto congregacional ou de cânticos históricos – que reflitam a pertença da comunidade –, o cuidado com o espaço litúrgico e a observância das rubricas – a velha regra do “ler no preto e fazer no vermelho” (*read the black, do the red*) são um bom começo para preservar a tradição católica no Anglicanismo.

O cerimonial também deve ser compreendido como um rico instrumento pedagógico. O uso correto das vestes litúrgicas, da cruz processional, e de elementos como o incenso, gestual durante a celebração e a disposição dos símbolos cristãos no espaço sagrado cumprem uma função catequética. Quando bem utilizados e explicados à comunidade, tornam-se verdadeiros meios de evangelização, conduzindo os fiéis à contemplação do mistério celebrado.

O terceiro pilar corresponde à ação pastoral. Uma comunidade anglo-católica não pode limitar sua existência ao templo ou à missa. Desde o Movimento de Oxford, passando pelos “Padres da Favela” e sua Ordens Religiosas, pelas ações de missionários espalhados pelo mundo, a beleza da santidade expressa pela Liturgia sempre esteve intimamente ligada ao Serviço Pastoral e à Evangelização.

Nesse contexto, a visitação dos membros assume papel central. O sacerdote deve conhecer seu povo, deve ter “cheiro de ovelha”, visitando regularmente os membros (sãos e enfermos), administrando os sacramentos de cura e reconciliação, acompanhando as famílias, orientando os catecúmenos e permanecendo presente nos momentos mais importantes da vida destes. A tradição anglo-católica nunca separou o altar da casa, nem a celebração da missão. Por isso, o centro dessa pastoral continua sendo a Santa Eucaristia.

Toda a vida da Igreja converge para o altar e dele retorna fortalecida para a missão. Por essa razão, comunidades anglo-católicas maduras deveriam buscar celebrar a Eucaristia regularmente, não apenas aos domingos, mas também durante a semana. Sempre que

possível, a celebração ao menos duas vezes por semana — no Domingo, Dia do Senhor, e em um dia útil — fortalece o ritmo espiritual da comunidade, favorece a frequência aos sacramentos e consolida uma espiritualidade verdadeiramente eucarística.

Dom Salomão Ferraz, em *A Fé Nacional*, reafirma a celebração da Eucaristia como o cerne da identidade católica e da vida da Igreja.

E isto explica, em parte os motivos que nos levam a considerar o banquete eucarístico como sendo da mais alta importância, mas em lugar sagrado, no alto, a que todos os batizados tenham livre acesso, devidamente aparelhados, fora do alcance de imposições autoritárias, ou das prevenções demagógicas de seitas. E daí o empenho em firmar, a todo custo, a verdadeira doutrina sacramental, que é alta, sem dúvida - alta pela fé integral que exige de todos os que do Altar se acercam, alta pelos requisitos morais e espirituais que reclama dos convivas. É a única região em que pode ser selado, com segurança, entre os fiéis, o pacto de uma santa unidade católica, no sentido amplo em que o vocábulo aqui se emprega (FERRAZ, 1932, p. 226).

Ao redor da Eucaristia organizam-se todas as demais atividades pastorais: catequese, grupos de oração, formação bíblica, ação social, visitação, direção espiritual e obras de misericórdia. A Missa não representa o encerramento da missão da Igreja, mas seu ponto de partida ou de “Ide”: A comunidade é reunida pelo Senhor para ser novamente enviada ao mundo como testemunha do Evangelho.

A implantação de paróquias anglo-católicas no Brasil exige visão de longo prazo. Não se trata apenas de abrir novas comunidades, mas de formar gerações de cristãos conscientes de sua identidade, comprometidos com a missão da Igreja e profundamente enraizados na tradição apostólica. Inspirado pela proposta de Dom Salomão Ferraz de uma fé verdadeiramente nacional, esse caminho busca demonstrar que é possível construir um Anglo-Catolicismo brasileiro que una fidelidade doutrinária, riqueza litúrgica e vigor missionário. Quando Teologia, Liturgia e Pastoral permanecem harmoniosamente integradas, a paróquia deixa de ser apenas um local de culto e transforma-se em uma verdadeira escola de santidade, evangelização e testemunho cristão, capaz de conservar o depósito da fé e transmiti-lo com autenticidade às futuras gerações.

Por um Anglo-Catolicismo anglo-brasileiro

O desenvolvimento do Anglo-Catolicismo no Brasil continua sendo um projeto em construção. Apesar de o Anglicanismo possuir mais de 130 anos de missão voltada ao público brasileiro, sua expressão anglo-católica permanece restrita a um número muito pequeno de paróquias, comunidades e clérigos. Essa realidade não decorre de um único fator, mas da combinação de dificuldades institucionais, limitações na formação teológica, resistência de parte das lideranças e do desconhecimento da própria tradição anglicana. Em muitos casos, o Anglo-Catolicismo ainda é visto como uma curiosidade histórica ou uma simples preferência litúrgica, quando, na realidade, constitui uma das principais correntes teológicas do Anglicanismo mundial.

Grande parte desse cenário pode ser explicada pela formação oferecida aos futuros ministros. Em muitos seminários e cursos de Teologia, o estudo da história do Movimento de Oxford, da Patrística, da tradição litúrgica anglicana e dos teólogos da *High Church* ocupa espaço reduzido ou inexistente. Como consequência, inúmeros sacerdotes chegam ao ministério sem conhecer adequadamente a riqueza da própria tradição que receberam, reproduzindo modelos litúrgicos e pastorais importados de outros segmentos do cristianismo.

Outro obstáculo reside na própria estrutura de algumas denominações anglicanas brasileiras. Em determinadas dioceses, comunidades que desejam aprofundar uma identidade anglo-católica encontram pouca abertura para desenvolver plenamente sua espiritualidade e seu patrimônio litúrgico. Em outros casos, a resistência decorre simplesmente de divergências teológicas ou da percepção equivocada de que qualquer aproximação com a tradição católica representaria um abandono da identidade anglicana. Essas tensões dificultam a consolidação de uma expressão anglo-católica autenticamente brasileira.

Entretanto, o contexto religioso brasileiro apresenta características particularmente favoráveis ao desenvolvimento dessa tradição. Durante mais de quatro séculos, o Brasil foi profundamente moldado pela espiritualidade, pela cultura e pela religiosidade católica. Mesmo entre pessoas que hoje pertencem a outras denominações cristãs, permanece um imaginário religioso marcado pelo calendário litúrgico, pelas festas dos santos, pela devoção mariana, pela reverência

aos sacramentos e pela riqueza simbólica do culto. O Anglo-Catolicismo dialoga naturalmente com essa herança cultural, sem abrir mão da identidade anglicana.

Ao mesmo tempo, observa-se certo desgaste em relação a modelos religiosos excessivamente influenciados por práticas de consumo, entretenimento e espetacularização da fé. Em diferentes segmentos da sociedade brasileira, cresce o interesse por formas de culto mais contemplativas, historicamente enraizadas e teologicamente consistentes. Nesse contexto, a tradição anglo-católica oferece uma alternativa capaz de unir reverência litúrgica, profundidade doutrinária e compromisso pastoral, sem depender de estratégias típicas do mercado religioso contemporâneo.

Isso não significa propor um retorno nostálgico ao passado ou reproduzir modelos europeus de maneira acrítica. O desafio consiste justamente em construir um Anglo-Catolicismo verdadeiramente anglo-brasileiro, capaz de conservar a tradição histórica do Anglicanismo enquanto dialoga com a realidade cultural, social e religiosa do Brasil. A inculturação sempre fez parte da história da Igreja, e o próprio Anglicanismo desenvolveu diferentes expressões nacionais ao longo de sua expansão pelo mundo.

Nesse sentido, torna-se particularmente relevante a contribuição de Dom Salomão Ferraz. Antes de sua incorporação à Igreja Católica Romana, Ferraz procurou desenvolver uma reflexão sobre a necessidade de um catolicismo genuinamente brasileiro, livre de simples reproduções estrangeiras, sejam elas pela versão episcopal americana ou por sua matriz romana. Em sua obra *A Fé Nacional* (1932), defendeu que a Igreja deveria dialogar profundamente com a cultura nacional sem romper com a tradição cristã histórica, oferecendo uma reflexão que permanece atual para o Anglicanismo brasileiro.

Essa preocupação também se manifestou na publicação do *Missal Brasiliense* (1949). Embora elaborado em outro contexto eclesástico, o missal representa um importante esforço de adaptação da tradição litúrgica ocidental à realidade brasileira. Com as devidas revisões históricas, teológicas e linguísticas, essa obra pode servir como inspiração para o desenvolvimento de um missal anglicano brasileiro, preservando a riqueza da tradição católica do Anglicanismo em linguagem acessível e culturalmente próxima da população.

Construir um Anglo-Catolicismo brasileiro não significa criar uma cópia da liturgia romana nem reproduzir integralmente modelos

ingleses. Significa assumir a herança anglicana em toda a sua amplitude, utilizando os recursos litúrgicos, musicais, arquitetônicos e pastorais próprios dessa tradição, mas permitindo que eles dialoguem com a cultura, a arte e a religiosidade nacionais. Trata-se de uma continuidade criativa, e não de uma ruptura ou de uma simples imitação.

A experiência pastoral de algumas comunidades demonstra que esse caminho é plenamente possível. Entre elas, a Paróquia Anglicana da Ascensão no Recife, destacou-se entre 2021 e 2024, como um importante marco do desenvolvimento do Anglo-Catolicismo no Brasil, mostrando que uma comunidade localizada na periferia de uma grande cidade pode cultivar uma liturgia solene, sólida formação doutrinária e intensa vida sacramental sem perder sua inserção social na favela e alcançar sua missionária entre o povo, o que a fez crescer numericamente em tempo recorde.

Essa experiência também demonstra que não existe incompatibilidade entre liturgia tradicional e compromisso com os mais pobres. Desde o século XIX, muitos sacerdotes anglo-católicos compreenderam que a beleza do culto deveria caminhar ao lado da transformação social. O exemplo dos chamados Padres da Favela ingleses e norte-americanos mostra que o cerimonial mais elaborado pode coexistir com uma intensa atuação em bairros operários, periferias urbanas e regiões marcadas pela exclusão social.

No contexto brasileiro, essa perspectiva oferece uma alternativa às polarizações tantas vezes observadas entre uma liturgia ritualizada, desvinculada da realidade social local, e modelos pastorais que acabam reduzindo o culto cristão a mero instrumento de militância política ou ideológica. O patrimônio anglo-católico demonstra que é possível unir o cerimonial litúrgico com a ação social da Igreja, a evangelização popular e uma sólida formação doutrinária em um mesmo projeto.

Outro desafio consiste na formação do próprio clero. Muitos sacerdotes interessados no Anglo-Catolicismo acabam construindo sua identidade apenas pela observação de práticas isoladas ou por influência das redes sociais, sem um estudo aprofundado da história, da teologia e da espiritualidade anglicanas. Essa formação fragmentada muitas vezes produz comunidades que reproduzem elementos externos do Ritualismo sem compreender seus fundamentos históricos e doutrinários.

Por essa razão, torna-se indispensável investir seriamente no estudo da Patrística, dos teólogos carolinos, do Movimento de Oxford,

da história litúrgica inglesa, do Livro de Oração Comum, da música sacra, da espiritualidade anglicana e da tradição patrística. O cerimonial deve ser consequência da teologia, e não seu substituto. A beleza da liturgia somente alcança seu verdadeiro significado quando nasce de uma compreensão profunda da fé da Igreja.

Nunca é demais reafirmar que o Anglo-Catolicismo não constitui uma versão mais leve do Catolicismo Romano nem um “catolicismo sem papa”. Essa percepção, infelizmente ainda difundida tanto entre católicos quanto entre alguns anglicanos, ignora a história da Tradição anglicana. O Anglo-Catolicismo desenvolveu uma identidade própria, marcada pela fidelidade às Escrituras, à sucessão apostólica, aos credos históricos, ao patrimônio litúrgico e ao equilíbrio característico da *via media*, apresentado pelos formulários anglicanos (mesmo que reinterpretados à luz dos Tratados para os Tempos). Do mesmo modo, a aproximação teológica ecumênica com Roma e a Ortodoxia não significa que o Anglo-Catolicismo seria uma ponte para se alcançar um Ordinariato Pessoal para o Brasil ou o estabelecimento ou criação de um Rito Oriental no Anglicanismo.

Essa identidade também se manifesta visualmente. O uso de elementos próprios da tradição anglicana – como a batina anglicana de frente fechada, a sobrepeliz inglesa, o capelo, a estola utilizada segundo os costumes anglicanos e as casulas em formato "Y", amplamente defendidas por Percy Dearmer – contribui para distinguir o clero anglicano de outras tradições cristãs. Essa diferenciação não representa mero gosto estético, mas expressa uma identidade eclesial construída ao longo de séculos.

Percy Dearmer demonstrou, em *The Parson's Handbook* (1899), que o resgate da tradição litúrgica inglesa não exigia a simples reprodução dos costumes romanos. Pelo contrário, defendia que a Igreja da Inglaterra possuía um patrimônio cerimonial próprio, baseado nas antigas rubricas, nos usos medievais ingleses e na continuidade histórica do Anglicanismo. Essa perspectiva permanece especialmente relevante para o contexto brasileiro, onde muitas vezes se confunde identidade anglo-católica com romanização.

Outro aspecto a ser refletido consiste na produção de literatura nacional, algo que este livro (e outros já publicados) se propõe a fazer. O desenvolvimento de um Anglo-Catolicismo brasileiro dependerá também do conhecimento desta tradição do Anglicanismo. Para isso, o desenvolvimento de novos estudos, a publicação de livros, traduções, e

obras devocionais e de espiritualidade anglo-católicas devem ser produzidos por autores brasileiros, dialogando diretamente com outras tradições já estabelecidas no país, inclusive, quebrando a lacuna de um século desde as publicações de Dom Salomão Ferraz.

Da mesma forma, é necessário investir na formação musical, arquitetônica e artística das comunidades. A tradição anglicana sempre valorizou a beleza como instrumento de evangelização. O uso do órgão, aliado ao canto congregacional ou com corais de qualidade, a promoção da arte e da arquitetura sacra e a boa condução da Liturgia constituem parte integrante da experiência espiritual anglo-católica e podem ser desenvolvidos de maneira criativa dentro da realidade brasileira.

Um verdadeiro Anglo-Catolicismo anglo-brasileiro deverá permanecer fiel à tradição recebida sem deixar de dialogar com a cultura nacional. Não se trata de importar um modelo pronto, mas também é preciso lembrar que não é possível ser anglicano, desprezando todo o patrimônio recebido pelos nossos Pais na Fé, sejam eles ingleses, americanos e também brasileiros. Por isso a proposta anglo-brasileira. De matriz britânica, mas de raiz nacionalista.

Que a herança litúrgica, sacramental e teológica do Anglicanismo, a partir de seu ramo anglo-católico, floresça em solo brasileiro, formando comunidades profundamente enraizadas na fé da Igreja antiga e, ao mesmo tempo, plenamente inseridas na realidade do país. Somente assim será possível consolidar uma expressão anglicana autenticamente nacional, consciente de sua história, segura de sua identidade e capaz de oferecer ao Brasil uma contribuição original para a vida cristã contemporânea.

CONCLUSÃO

Toda obra de cunho histórico corre o risco de transformar o passado em um simples objeto de curiosidade. O estudo do Movimento de Oxford, porém, demonstra exatamente o contrário. Conhecer sua origem, seus principais líderes, seus textos teológicos e contemplativos e as consequências para as Igrejas Anglicanas e Episcopais espalhadas pelo mundo, significa conhecer um dos maiores movimentos de renovação espiritual história do Cristianismo ocidental³⁴. Muito mais do que um movimento de reação às circunstâncias políticas da Inglaterra do século XIX, o Tractarianismo representou um retorno às fontes da fé cristã, redescobrimdo as ligações da Igreja Anglicana com Igreja dos primeiros séculos, as verdades defendidas pela teologia Patrística, a sucessão apostólica, a centralidade da Santa Eucaristia e a beleza da Liturgia como elementos fundamentais da vida da Igreja.

Ao longo desta obra procurou-se demonstrar que o Movimento de Oxford não pode ser reduzido a um capítulo isolado da história do Anglicanismo. Seu impacto alcançou praticamente todos os aspectos da vida eclesial. No campo teológico, recuperou o estudo dos Padres da Igreja, fortaleceu a compreensão sacramental da vida cristã e reafirmou a identidade católica do Anglicanismo. No campo litúrgico, devolveu dignidade ao culto público da Igreja, restaurando práticas antigas, recuperando o calendário litúrgico, o canto sacro, o uso dos paramentos, o simbolismo do espaço sagrado e a centralidade da celebração eucarística. No campo pastoral, inspirou ordens religiosas, missões urbanas, escolas, hospitais e uma intensa vida paroquial que unia contemplação e serviço ao próximo.

Também se buscou demonstrar que o verdadeiro legado do Movimento de Oxford nunca foi apenas estético. Embora muitos ainda hoje identifiquem e reduzam o Anglo-Catolicismo apenas pela riqueza do cerimonial, pelo uso das vestes litúrgicas ou pela solenidade das

³⁴ No século XIX e XX, o Cristianismo experimentou diferentes movimentos de renovação da espiritualidade católica a partir de diferentes Tradições. No século XIX, o principal foi o Movimento de Oxford no Anglicanismo. No Catolicismo Romano foi o Movimento Litúrgico, iniciado em 1830, com a restauração monástica na Abadia de Solesmes, na França, liderada por Dom Prosper Guéranger. E no século XX, no Luteranismo, sem dúvida, foi o movimento de Renovação da Igreja, liderado pelo Padre Gunnar Rosendal, na Igreja da Suécia. Todos eles tiveram um elemento comum que os uniu e que transformou profundamente suas respectivas Igrejas: A Liturgia.

celebrações, esses elementos sempre foram compreendidos como uma expressão visível de uma realidade muito mais profunda e invisível. A beleza da liturgia nasce da beleza da fé; o cerimonial encontra seu fundamento na doutrina; os símbolos somente possuem sentido quando conduzem ao mistério de Cristo. A tradição anglo-católica nunca compreendeu a liturgia como espetáculo, mas como a linguagem pela qual a Igreja glorifica a Deus e forma espiritualmente o seu povo.

Esse patrimônio, frequentemente denominado nos textos como *Patrimônio Anglicano*, constitui uma das maiores riquezas do Cristianismo contemporâneo. Nele se encontram séculos de reflexão teológica, desenvolvimento litúrgico, espiritualidade, música sacra, arquitetura, poesia, hinologia, direção espiritual e vida pastoral. Trata-se de um patrimônio que pertence não apenas aos anglicanos, mas à história da própria Igreja. Preservá-lo não significa cultivar nostalgia ou apego ao passado, mas reconhecer que a tradição continua sendo uma fonte viva da qual novas gerações podem beber para enfrentar os desafios do presente.

Entre todas as expressões desse patrimônio, talvez nenhuma seja tão abrangente quanto a espiritualidade anglicana. Ela consegue reunir, em notável equilíbrio, a centralidade das Escrituras, a riqueza da liturgia, a profundidade da tradição patrística, a disciplina da oração diária, o amor aos sacramentos e o compromisso missionário. É precisamente essa espiritualidade que traduz, de maneira concreta, tudo aquilo que o Anglicanismo possui de mais precioso. Antes mesmo de ser percebido através do cerimonial, o Anglo-Catolicismo é reconhecido pela forma como conduz homens e mulheres a uma vida de oração, santidade, serviço e comunhão com Cristo.

No Brasil, entretanto, ainda existem importantes desafios para que essa herança seja plenamente conhecida e valorizada. Apesar de mais de um século de presença do Anglicanismo entre os brasileiros, grande parte de seu patrimônio histórico permanece pouco estudada, e não raramente o próprio Anglo-Catolicismo continua sendo objeto de incompreensões, caricaturas ou interpretações superficiais. Em muitos casos, a formação insuficiente do clero, a escassez de bibliografia em língua portuguesa e o predomínio de leituras exclusivamente confessionais dificultaram a construção de uma identidade anglicana mais consciente de suas próprias raízes históricas.

Apesar dessas dificuldades, é possível perceber sinais de esperança. Nos últimos anos, observa-se um interesse crescente pelo

estudo da história da Igreja, da Patrística, do Movimento de Oxford, da liturgia clássica e da espiritualidade sacramental. Jovens clérigos e leigos têm redescoberto a riqueza do Livro de Oração Comum, da oração diária, do calendário litúrgico, da música sacra e da tradição teológica anglicana. Esse movimento de redescoberta demonstra que o futuro do Anglicanismo dificilmente será construído pelo esquecimento de sua história, mas justamente pelo reencontro com ela.

Esse retorno às raízes, contudo, não significa um desejo de retroceder na história nem de reconstruir artificialmente um passado idealizado. Trata-se, antes, de reconhecer que a identidade anglicana possui fundamentos muito anteriores à Reforma Inglesa. O próprio Movimento de Oxford insistiu repetidamente que o Anglicanismo somente compreende plenamente a si mesmo quando se reconhece herdeiro da Igreja antiga, da tradição patrística, dos Concílios Ecumênicos e da fé professada pelos primeiros cristãos. Nesse sentido, as raízes do Anglo-Catolicismo ultrapassam os acontecimentos do século XVI e mergulham diretamente na tradição viva da Igreja indivisa.

Talvez esse seja o maior desafio das próximas décadas: formar comunidades capazes de unir fidelidade à tradição e dinamismo missionário, beleza litúrgica e compromisso pastoral, profundidade teológica e simplicidade evangélica. O *Patrimônio Anglicano* não foi recebido para permanecer às discussões acadêmicas. Ele precisa ser celebrado, vivido e transmitido às novas gerações. A Tradição somente permanece viva quando continua produzindo discípulos, formando santos e conduzindo pessoas ao encontro com Jesus Cristo.

Que as novas gerações de anglicanos e episcopais brasileiros encontrem na riqueza da Tradição um fundamento seguro para viver a fé cristã em suas respectivas denominações, e que, sustentados pela graça de Deus, continuem anunciando ao Brasil e ao mundo a beleza da santidade, para a maior glória de Deus.

REFERÊNCIAS

BETTENSON, H. *Documentos da Igreja Cristã*. São Paulo: ASTE, 2001.

CALVANI, Carlos Eduardo Brandão; OLIVEIRA, Vera Lúcia Simões de. *Nossa identidade: história e teologia anglicanas*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

CAVALCANTI, Robinson. *Anglicanismo: identidade, relevância, desafios*. Recife: s.n., 2009.

CHURCH, R. W. *The Oxford Movement – Twelve Years: 1833-1845*. Chicago: The University of Chicago Press, 1970

CHURCH TIMES. “Nazareth Of England” – *Opening of Our Lady's Shrine at Walsingham*. By a Special Correspondent. 23 out. 1931.

COELHO FILHO, Luiz Carlos Teixeira. *Elementos de liturgia anglicana: compilação e análise das declarações da Consulta Internacional de Liturgia Anglicana*. Porto Alegre: Editora e Livraria Anglicana, 2020.

CORBIN, Chris. *O God Earth and Altar*. 06 jan 2020, Earth and Altar. Disponível em: <https://earthandaltarmag.com/posts/o-god-of-earth-and-altar>. Acesso em: 23 mai. 2026.

FERRAZ, Salomão. *A Fé Nacional*. São Paulo: O.S.A., 1932.

FERRAZ, Salomão. *Reforma Disciplinar*. Roma, 07 de outubro de 1964.

GOUVEA, Eduardo. *Padre Theodoro é ordenado bispo de diocese anglicana*. Gazeta de Votorantim, 18 fev. 2015. Disponível em: www.gazetadevotorantim.com.br/noticia/12337/padre-theodoro-e-ordenado-bispo-de-diocese-anglicana.html. Acesso: 23 mai. 2026.

IHU UNISSINOS. *Ecumenismo a portas fechadas*. 03 fev. 2015. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/539562-ecumenismo-a-portas-fechadas>. Acesso em: 23 mai. 2026.

KICKHÖFEL, Oswaldo. *Notas para uma história da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil*. Porto Alegre: IEAB, 1995.

KRISCHKE, Egmont M. *et al. A Igreja Episcopal no país do futuro*. Porto Alegre: Publicadora Ecclesia, 1960.

LEE, Charles E. *Souvenir of the First Anglo-Catholic Congress*. Compiled by Charles Edward Lee. London: W. Knott for Congress Publishing, 1920.

MELCHER, Louis Chester. *Atas do 7º Concílio da Diocese Central*, 1956.

MICHAEL, Mark. *Archives: Anglo-Catholic Congress Meets, July 1920*. The Living Church, 20 jul. 2020. Disponível em: <https://livingchurch.org/history/archives-anglo-catholic-congress-meets-july-1920/>. Acesso: 23 mai. 2026.

NEWMAN, John Henry. *Apologia Pro Vita Sua, Being a History of His Religious Opinions*. Oxford: Clarendon Press, 1967.

NEWMAN, John Henry. *Lectures on the Prophetic Office of the Church*, 2nd ed. J. G. F. & J. Rivington, & J. H. Parker, 1838.

OLIVEIRA, Vera Lúcia Simões de. *História do Anglicanismo na Inglaterra*. São Paulo: Fonte Editorial, 2017.

PATTERSON, M. W. *A History of the Church of England*. London: Longmans, Green & Co., 1937.

THE WASHINGTON POST. *Episcopal Rebels Get 4 Bishops For New Church*. 28 jan. 1978. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/archive/politics/1978/01/29/episcopal-rebels-get-4-bishops-for-new-church/257d1937-c83c-456c-b879-22d8112ed76b/>. Acesso em: 02 jun. 2025.

VEIGA, Edison. *A curiosa história do bispo católico casado e pai de sete filhos*. BBC Brasil, 23 mar. 2026. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cewzqqq09elo>. Acesso em: 25 mar. 2026.

WALKER, W. *História da Igreja Cristã*. 4. ed. São Paulo: ASTE, 2015.

Anexo A

Manifesto Anglo-Católico Brasileiro

*Enviai vossa luz, vossa verdade,
Elas serão o meu guia.
Que me levem ao vosso monte santo,
Até a vossa morada.
Então irei aos altares do Senhor,
Deus da minha alegria.
Vosso louvor cantarei ao som da harpa,
Meu Senhor e meu Deus.*

(Salmo 43:3-4)

A missão da Igreja nasce do mandato do próprio Senhor Jesus Cristo: “Ide, portanto, e fazei discípulos de todas as nações” (Mateus 28:19). Desde Pentecostes, a Igreja existe para anunciar o Evangelho, celebrar os santos sacramentos e conduzir homens e mulheres ao conhecimento da Verdade. Essa Verdade, porém, não é uma ideia, uma filosofia ou um sistema religioso. A Verdade é uma Pessoa: Jesus Cristo, o Filho de Deus, que declarou: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (João 14:6). Toda a vida da Igreja, sua teologia, sua liturgia e sua missão só encontram sentido na proclamação de Cristo crucificado, ressuscitado e glorificado, para que o mundo creia e tenha vida em seu Santo Nome.

Ao longo de dois mil anos, a Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica recebeu dos Apóstolos o depósito da fé para guardá-lo, proclamá-lo e transmiti-lo integralmente às futuras gerações. A Igreja não é senhora da verdade, mas sua fiel guardiã. Como ensina o apóstolo São Paulo, ela é “a coluna e baluarte da verdade” (1 Timóteo 3:15). Cada geração é chamada não a reinventar a fé conforme o espírito de seu tempo, mas a conservar aquilo que recebeu, enriquecendo a vida da Igreja pela santidade, pela fidelidade doutrinária e pelo testemunho do Evangelho.

Foi esse espírito que inspirou o Movimento de Oxford, iniciado em 1833, quando John Keble, Edward Bouverie Pusey, John Henry Newman, e tantos outros recordaram à Igreja da Inglaterra sua

identidade católica e apostólica. Diante das crescentes interferências do Estado na vida e na doutrina da Igreja, os Padres de Oxford reafirmaram que a verdadeira renovação da Igreja somente poderia nascer do retorno às Escrituras, às fontes patrísticas, à sucessão apostólica, aos sacramentos e à dignidade da vida cristã. Seu legado permanece vivo onde quer que cristãos compreendam que a reforma da Igreja acontece pela fidelidade à Tradição e não pela ruptura com ela.

Enquanto reverenciamos a memória desses santos homens, pioneiros do Renascimento Católico dentro do Anglicanismo, igualmente rendemos graças a Deus por aqueles que mantiveram acesa essa mesma chama em solo brasileiro. Recordamos, com especial gratidão, a memória de Dom Salomão Ferraz, primeiro grande teólogo e bispo do Anglo-Catolicismo brasileiro, cuja obra *A Fé Nacional* (1932) nos demonstrou que é possível professar integralmente a fé católica com um jeito de ser autenticamente brasileiro, sem renunciar ao patrimônio histórico do Anglicanismo, nem reduzir a sua identidade a uma simples e distorcida imitação de outras tradições cristãs.

A memória da Igreja de Cristo deve ser preservada e repassada. Lembramos dos bispos, sacerdotes, diáconos e leigos que, ao longo das últimas décadas, conservaram a sucessão apostólica, a celebração da Santa Eucaristia, a dignidade da liturgia, a espiritualidade contemplativa e a identidade católica entre anglicanos e episcopais brasileiros. Muitos permaneceram firmes mesmo diante de incompreensões, perseguições, crises institucionais e das mudanças culturais dos nossos tempos. Graças ao seu testemunho silencioso e perseverante, a herança do Movimento de Oxford continuou viva, formando novas gerações.

+ **C**remos que pertencemos a uma tradição verdadeiramente católica, fundada pela revelação das Sagradas Escrituras, interpretadas à luz da Tradição milenar da Igreja e da reta Razão humana, conforme ensinaram os grandes mestres anglicanos. Confessamos a autoridade da Bíblia e dos Três Credos Ecumênicos, a continuidade do episcopado com a sucessão apostólica, a eficácia dos sacramentos e a centralidade da Eucaristia como fonte e ápice da vida cristã. Permanecemos unidos à herança dos Padres da Igreja, dos grandes teólogos ingleses medievais, dos teólogos carolinos e dos líderes do Movimento de Oxford.

+ **A**firmamos que o Anglo-Catolicismo não constitui um caminho intermediário entre Roma e Genebra, nem uma tentativa de copiar outras tradições eclesiais. Ele é a própria expressão da identidade católica do Anglicanismo, que conserva integralmente o patrimônio da Igreja antiga. Como anglo-católicos devemos dar testemunho da Fé católica e apostólica que professamos e que continua a florescer no através de nossa tradição. Devemos ler a história da Igreja do modo mais universal possível, reconhecendo os pontos positivos da Reforma.

+ **R**econhecemos que a identidade e a vocação do Anglo-Catolicismo possuem um chamado específico para o Brasil. Nosso povo conserva uma sensibilidade religiosa desde a fundação da Terra de Santa Cruz. A liturgia, o respeito pelas tradições e um sincero desejo de conhecer a Deus são inatos. Por isso, desejamos contribuir para o surgimento de um Anglo-Catolicismo autenticamente brasileiro, fiel à Tradição apostólica, de ímpeto missionário e plenamente inserido na cultura nacional, sem abrir mão da integridade da Fé que vem dos nossos Pais.

+ **D**enunciamos que o mundo contemporâneo atravessa uma profunda crise espiritual, moral e cultural. O secularismo, o relativismo, o individualismo, juntamente com a banalização da vida humana, o enfraquecimento da família, a fragmentação da experiência da fé pelo pluralismo religioso, e a crescente substituição da Verdade revelada por ideologias passageiras desafiam a missão da Igreja. Em meio a esse quadro atual, cremos que o Evangelho permanece como resposta permanente para as inquietações humanas de todos os tempos.

+ **R**ejeitamos toda tentativa de submeter a Igreja e a doutrina cristã aos modismos culturais, às pressões ideológicas ou às conveniências políticas. A missão da Igreja consiste em anunciar a Verdade com caridade, conservar fielmente o depósito da fé e conduzir todos os povos à salvação em Cristo Jesus. A Igreja existe para transformar o mundo pelo Evangelho, e não para ser transformada por ele.

+ **D**efendemos a vida na sua integralidade, da concepção até a morte natural, rejeitando todas as práticas e discursos contrários a ela. Comprometemos-nos a denunciar toda forma de atentado contra o

maior dom de Deus, em uma sociedade marcada pela cultura da morte e pela apologia de diferentes métodos de assassinato. Assim, como anglo-católicos, devemos nos posicionar contrários ao aborto, à pena de morte, e às diversas formas de cessação não natural da vida.

+ **A**nunciamos que a missão da Igreja, nestes tempos difíceis, deve ser o resgate da Fé legada pelos apóstolos, através da missão entre o povo de Deus (conversão dos já batizados) e da proclamação da Verdade àqueles que ainda não nasceram da água e do espírito (evangelização dos não-cristãos) buscando a formação de novas comunidades enraizadas em uma contínua catequese para a vida diária, no estudo das Escrituras e, de modo especial, na vida sacramental, pela santa comunhão do Corpo e do Sangue de nosso Senhor Jesus Cristo.

+ **P**romovemos uma pastoral inseparável da missão da Igreja. A vida de nossas comunidades deve brotar do acolhimento ao próximo, da prática da visitação, do cuidado dos pobres e dos enfermos, testemunhando que a fé celebrada no altar deve produzir frutos concretos de santidade e caridade na sociedade atual.

+ **P**reservamos o costume milenar da Igreja de celebrar a Liturgia de forma digna, reverente e segundo a tradição anglicana, compreendendo que a beleza do culto manifesta a beleza da santidade de Deus. A Santa Eucaristia continua sendo o coração da vida cristã, fonte de toda evangelização, de toda missão e de toda ação pastoral. Do altar nasce a Igreja; ao altar ela continuamente retorna para encontrar força na missão de anunciar Cristo ao mundo; e para o altar nos voltamos, na certeza de que é de lá que vem o nosso socorro (Salmo 121).

+ **R**eafirmamos nosso compromisso com o diálogo respeitoso e aberto com as Igrejas que conservam a Fé e a Ordem católica e apostólica. A unidade dos cristãos deve ser buscada na verdade, na caridade e no reconhecimento mútuo da ação de Deus, jamais ao preço da renúncia ao patrimônio doutrinário e litúrgico que recebemos. Quanto a outras denominações cristãs, mantemos a unidade em torno do Batismo, pelo qual podemos nos chamar de irmãos em Cristo Jesus. Todavia, nosso compromisso deve ser sempre mostrar que a Igreja de Cristo nasceu católica, incentivando os mesmos irmãos a buscarem estas raízes.

+ **C**onclamamos clérigos e leigos a assumirem a renovação da Igreja com ardor missionário e consciência da responsabilidade de conservar, viver e transmitir a herança do Anglo-Catolicismo no Brasil. Não somos chamados a preservar antiguidades, mas a edificar comunidades vivas e missionárias, enraizadas na Fé católica e apostólica, sendo capazes de anunciar Cristo às novas gerações através da verdade teológica, da beleza da liturgia, da razão simples e da santidade de vida.

+ **C**onfiamos nossa missão e vocação às orações da Bem-Aventurada Virgem Maria, venerada pelo povo cristão sob vários títulos e, de modo especial na tradição anglicana, como Nossa Senhora de Walsingham, cujo santuário na Inglaterra tornou-se, ao longo dos tempos, símbolo da continuidade da Fé católica e apostólica no Anglicanismo. Sob seu exemplo maternal, desejamos perseverar na fidelidade ao Evangelho de seu Filho, certos de que toda verdadeira renovação da Igreja nasce da obediência a Cristo e da humilde disposição de fazer tudo aquilo que Ele nos disser.

Que as novas gerações encontrem nestes doze fundamentos identificação e inspiração para a sua caminhada em nossas comunidades que, muitas vezes sendo pequenas, são capazes de transformar a Igreja em uma verdadeira família, uma comunidade de amigos de Jesus. Que as Igrejas Anglicanas e Episcopais permaneçam fieis à missão confiada pelo próprio Deus. Que a chama acesa pelo Movimento de Oxford, preservada por tantos bispos, sacerdotes e leigos brasileiros, continue iluminando o caminho do Anglicanismo em nossa pátria. E que Cristo seja conhecido, amado e adorado até o dia de sua gloriosa vinda.

Por Cristo, com Cristo e em Cristo.

Recife, 06 de agosto de 2026.

Solenidade da Transfiguração de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Anexo B

Ícone e Oração dos Padres de Oxford



Diante do ícone, começar fazendo o sinal da cruz.

P. Louvai o Senhor porque ele é bom.

R. **Porque sua misericórdia dura para sempre.**

P. Homens piedosos, bendizei o Senhor.

Louvai-o e glorificai-o.

R. **Porque sua misericórdia dura para sempre.** (Daniel 3:89-90)

P. Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo.

R. **Como era no princípio, agora e sempre. Amém.**

Leitura:

Vocês são a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo eleito de Deus, para anunciar as grandezas daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz. Antes vocês não eram povo, mas agora são povo de Deus; antes não tinham recebido misericórdia, mas agora a receberam. (1 Pedro 2:9-10)

Coleta:

Concedei-nos, ó Deus, que em todos os momentos de provação possamos conhecer a vossa presença e obedecer à vossa vontade; que, seguindo os exemplos dos vossos servos John Keble, Edward Pusey e John Newman, possamos com integridade e coragem realizar o que nos confiais fazer e suportar o que nos confiais passar; por Jesus Cristo, nosso Senhor, que convosco e com o Espírito Santo vive e reina, um só Deus, pelos séculos dos séculos. Amém.

Nota do Autor: Se forem comemorados coletivamente, sugiro 14 de julho como a data apropriada, por ser o aniversário do sermão de John Keble *Apostasia Nacional*, em 1833, considerado o início do Movimento de Oxford. Na Igreja Episcopal dos Estados Unidos e na Igreja da Inglaterra, o dia de festa de Pusey é 18 de setembro, o de Keble é 14 de julho na Inglaterra e 29 de março nos EUA, e o de Newman é 11 de agosto na Inglaterra e 21 de agosto nos EUA. As datas nos Calendários dos Santos variam entre as Igrejas, de modo que estes dias são uma sugestão para as orações e devoções pessoais.